

São Paulo

2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

*Estruturas e Artefatos:
o culto heróico em sítios gregos
da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a.C.).*



Volume I

Camila Diogo de Souza

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**

***Estruturas e Artefatos:
o culto heróico em sítios gregos
da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a.C.).***

Camila Diogo de Souza

Volume I

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia no
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de mestre.**

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

**São Paulo
2005**

DEDICATÓRIA

À Valéria Cristina de Oliveira Melo
(*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Neste momento decisivo em que finalizo uma etapa e inicio outra, já não há palavras da Língua Portuguesa que consigam expressar todos os meus agradecimentos àqueles que estiveram sempre do meu lado neste passo tão importante para mim, ao qual dediquei e continuarei devotando grande parte da minha vida. Assim, prefiro apenas expressar meus sinceros agradecimentos,

À minha orientadora, Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata, pela orientação, por todo conhecimento e, também, pelos momentos de compreensão, amizade, dedicação, confiança e incentivo desde os idos de 1999, quando comecei minha Iniciação Científica.

À Profa. Haiganuch Sarian, pela grande experiência e sabedoria com que me auxiliou durante todo o mestrado e os primórdios do doutorado, pelo apoio e pela ajuda num dos momentos mais importantes e felizes da minha vida, a viagem para a Grécia.

Ao Prof. Álvaro Hashizume, pelos valiosos conselhos, apoio e incentivo desde a qualificação e durante a FIEC em São Paulo.

À Profa. Maria Beatriz Borba Florenzano, por todos os importantes conhecimentos e experiência durante esses anos, com os cursos e com o grupo de discussão.

Ao Prof. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, pelas várias vezes em que me auxiliou a enxergar mais longe no horizonte do conhecimento e do aprendizado da vida durante o curso.

Ao Prof. Istvan Jancsó, pelo mais importante apoio no início de tudo.

À Profa. Maria Isabel pelo apoio desde a Iniciação Científica, inclusive pela indicação da Menção Honrosa e da participação do seminário nas universidades norte-americanas.

À Profa. Erika Marion Robran-Gonzalez, pela excelente oportunidade de trabalho de análise cerâmica no laboratório e de campo nas escavações em Tocantins.

Aos Professores Águeda Vilhena Vialou, Denis Vialou, Levy Figuti e Paulo de Blassis pelo aprendizado e pelas experiências de campo.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – pelo suporte financeiro durante dois anos que viabilizou as conquistas dessa pesquisa de mestrado e pelas proveitosas considerações do parecerista em relação ao meu tema de pesquisa.

Aos funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia.

Por fim, essencialmente, à minha família, por ter sempre me apoiado financeiramente, mas, principalmente com todo carinho, compreensão, paciência e incentivo sem os quais eu jamais seria quem sou: meu pai Dalton Diogo de Souza, minha mãe Vera Aparecida Liveraro de Sousa, minha irmã Karina Diogo de Sousa e sua nova “familhinha”, de quem sinto muitas saudades devido às distâncias geográficas, meu avô Jorge Liveraro e minha avó Ylídia Dovighes Liveraro, pelas adoráveis conversas e sem os quais eu dificilmente teria realizado o sonho de ir para a Grécia e, claro, ao meu eterno e amado companheiro de todos os momentos, inclusive dos últimos, Gabriel de Carvalho Godoy Castanho, incluindo sua família que me escutou tantas vezes: Yara (pela ajuda da última hora), Olavo, Pablo, D. Lourdes.

Apesar de não termos laços sanguíneos, também gostaria de agradecer ainda nesta categoria:

À minha sempre amiga Valéria Cristina de Oliveira Melo, simplesmente um ser humano maravilhoso, que me acompanhou durante anos, sempre torcendo e me animando com seu jeitinho despreocupado e feliz de viver, que nunca desanimou e me ensinou a maior lição da minha vida. Infelizmente, não posso lhe agradecer com um grande, forte e último abraço, que fiquei devendo, mas você vai estar sempre no meu coração e nos meus pensamentos... Sinto muito sua falta e sempre vou sentir... Muito obrigada a sua mãe, Lia e seus irmãos.

À Carolina Kesser Barcellos Dias, minha outra “irmã mais velha” e companheira de tantas escavações, congressos, aulas (inclusive de grego), conversas intelectuais e neuróticas, terapias, tristezas, alegrias, angústias, pelo incentivo, pela aprendizagem de vida e, claro, pelas nossas aventuras e descobertas na “nossa Grecinha” que marcaram nossas vidas pra sempre e que pudemos compartilhar juntas sabendo o que tudo aquilo significa para nós... Agradeço também a sua mãe, Eliana, seu pai, Seu José e sua irmã, minha xará, pelo carinho e pela força.

À Paula Falcão Argolo pelas experiências de vida que passamos juntas, num dos momentos mais difíceis da minha vida, pela força e alegria da carioca atrapalhada mais querida...

Aos meus muito e sempre caros amigos: Cíntia, Luciane, Valerie, André, Ana e Sandro, Rodrigo, Gisele, Mandy, Claudia, Jackson, Gabi, Orion, Japonês, Tiago, Fábio Joly, Breno, Gilberto, Vagner, Adriano, René, Leandro.

Obrigada por tudo!

ÍNDICE

Resumo

Introdução	01
-------------------------	-----------

Capítulo 1 – A “Idade Obscura”: conceitos, periodização e características.

<i>As evidências literárias e a documentação material.....</i>	05
<i>Os sub-períodos: características.....</i>	13
- Submicênico.....	13
- Protogeométrico e Geométrico Antigo.....	16
- Geométrico Médio.....	20
- Geométrico Tardio.....	23

Capítulo 2 – Fontes Textuais e Imagéticas: a configuração da sociedade heróica.

<i>Homero e a Idade do Ferro. A busca do referente histórico.....</i>	33
<i>As representações dos rituais funerários nos vasos geométricos. Cenas heróicas ou históricas?.....</i>	52

Capítulo 3 – O Culto Heróico na Idade do Ferro: o estado atual da questão.

<i>O Culto Heróico segundo a Épica e a Documentação Arqueológica.....</i>	66
<i>O Culto Heróico e o Mito Hesiódico das Cinco Raças.....</i>	82
<i>O Culto Heróico e a Analogia Etnográfica: novas perspectivas de interpretação.....</i>	91
<i>Discussão.....</i>	94

Capítulo 4 – Catálogo.

Abreviaturas do Catálogo.....	95
Parte 1 – Catálogo (Texto).....	105
<i>Introdução.....</i>	105
A) <i>Thermos</i>	107
B) <i>Lefkandi</i>	112
C) <i>Asine</i>	121
D) <i>Erétria</i>	127
Parte 2 – Catálogo (Pranchas) – Volume II.	

Capítulo 5 – Thermos, Lefkandi, Asine e Erétria. Interpretando os dados arqueológicos.

A) *Thermos*..... 133

B) *Lefkandi*..... 141

C) *Asine*..... 165

D) *Erétria*..... 174

Considerações Finais 187

Bibliografia..... 195

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar aspectos da natureza das práticas rituais realizadas em determinadas estruturas absidais* de grande porte em sítios gregos da Idade do Ferro. Muitos autores afirmam que nessas estruturas as práticas rituais funerárias assumem as características de um verdadeiro culto heróico. Contudo, também observam que na grande maioria dos casos, é difícil estabelecer uma distinção clara entre as evidências que denotam funções sagradas e aquelas que denotam funções profanas.

Para tentar entender melhor essas limitações de funções e também as próprias características dos aspectos religiosos da Idade do Ferro, selecionamos quatro sítios onde essas estruturas absidais são encontradas e datadas entre os séculos XI e VIII a.C.: o *Mégaron A* e o *Mégaron B* em Thermos, na Etólia, o edifício Toumba em Lefkandi, na ilha da Eubéia, os Edifícios C, D e S em Asine, na região da Argólida e o Edifício A (ou *Daphnephoreion*) e o Templo D em Erétria, também localizada na ilha da Eubéia.

Pretendemos realizar um estudo desses casos, relacionando o exame dos aspectos arquitetônicos com a análise da cultura material associada a essas estruturas. Comparando os dados entre si, objetivamos levantar algumas considerações sobre a natureza dessas práticas rituais, relacionando-as com a documentação textual e imagética disponível. Objetivamos por fim, indicar algumas questões a respeito da importância e das implicações dessas práticas rituais no contexto sócio-político, principalmente nos séculos IX e VIII a.C.

Palavras-Chave: culto heróico, Idade do Ferro, estruturas absidais, analogia etnográfica, práticas rituais funerárias.

* A forma arquitetônica absidal é composta por uma construção retangular com uma das extremidades em semicírculo.

ABSTRACT

This research aims to analyze the aspects of ritual practices that took place in monumental apsidal structures* in Greek sites of Iron Age (1100 to 700BC). Many authors believe that these funerary practices are dressed up as a real hero cult. Though, they also observe that generally is really difficult to establish a clear distinction between the sacred and the profane functions fulfilled by these structures.

We have chosen four sites where these structures can be found and dated to the 11th to 8th BC in order to understand better the interaction between the sacred and the profane activities, investigating the religious aspects of the Greek Iron Age: *Megaron A* and *Megaron B* in Thermos, the Toumba building in Lefkandi, Buildings C, D e S in Asine and Building A (or *Daphnephoreion*) and Temple D in Eretria.

We intend to link the exam of architectural aspects to the archaeological material associated with the apsidal structures. Our purpose is to establish a comparative analysis between the archaeological data, the written and the image sources available for this period, providing considerations about the meaning, and the implications of the religious nature of these sites related to the rise of the *polis*.

Key Words: hero cult, Iron Age, apsidal structures, ethnographical analogy, funerary practices.

* This typology is a kind of building which has a rectangular plan with one of the ends in a semi-circle shape.

Referências das Figuras no Texto:

FIGURA 1	Jarro Submicênico encontrado no Túmulo 98 no Cemitério do Cerâmico, Atenas. J. Whitley, <i>Style and Society in Dark Age Greece</i> . Cambridge, 1991, Plate 10.
FIGURA 2	Inumação em um típico túmulo em <i>cista</i> . Submicênico (por volta de 1100 a.C.), Sepultura 46, Cemitério do Cerâmico, Atenas, enterramento feminino. A. M. Snodgrass, <i>The Dark Age of Greece</i> . New York, 2000, fig. 58, p. 148.
FIGURA 3	A) Ânfora Protogeométrica com alças no pescoço encontrada no Túmulo 17 no Cemitério do Cerâmico e B) Ânfora Protogeométrica com alças na pança encontrada no Túmulo 15 no Cemitério do Cerâmico. J. Whitley, <i>Style and Society in Dark Age Greece</i> . Cambridge, 1991, Plates 14 e 15. C) Vasos Protogeométricos encontrados em sepulturas em Argos. Foto, arquivo pessoal. 11/2004, Museu de Argos, Grécia e D) Verso do vaso no centro da figura C. Detalhe da decoração protogeométrica.
FIGURA 4	Desenvolvimento Cronológico dos marcadores fúnebrários nas sepulturas da Idade do Ferro no Cemitério do Cerâmico, em Atenas. A. M. Snodgrass <i>The Dark Age of Greece</i> . New York, 2000, fig. 59, p. 149.
FIGURA 5	Phítos do final do Submicênico e início do Protogeométrico (por volta de 1050 a.C.) contendo a inumação de um adulto encontrado em Micenas, no interior da muralha da cidade. Foto, arquivo pessoal. 11/2004, Museu de Micenas, Grécia.
FIGURA 6	Cratera, marcador de Túmulo com cena de <i>próthesis</i> encontrado em Atenas, datado do final do século IX a.C. J. M. Davison <i>Attic Geometric Workshops</i> . Roma, 1968, fig. 138.
FIGURA 7	Cratera do Geométrico Tardio encontrada no Túmulo 45 em Argos. Foto, arquivo pessoal. 11/2004, Museu de Argos, Grécia.
FIGURA 8	<i>Pyxis</i> do Geométrico Tardio, encontrado no Santuário da Ártemis Braurônia. Foto, arquivo pessoal. 11/2004, Museu de Brauron, Grécia.
FIGURA 9	A) Ânfora com representação de <i>próthesis</i> feminina do Grupo do <i>Dípylon</i> . Atenas NM 804. Foto, arquivo pessoal. 11/2004. Museu Nacional de Atenas, Grécia. B) Detalhe da cena de <i>próthesis</i> . C) Cratera com cena de <i>próthesis</i> masculina do Grupo de <i>Dípylon</i> . Paris. Louvre A 517. G. Ahlberg, <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 4. D) Cratera com cena de <i>ekphorá</i> masculina. Atenas NM 990. J. M. Davison, <i>Attic Geometric Workshops</i> . 1968, fig. 1.
FIGURA 10	A) Ânfora com representação de <i>próthesis</i> masculina do Geométrico Tardio do Grupo do vaso Atenas 894 encontrada no santuário da

	Ártemis Braurônia. Foto, arquivo pessoal. 11/2004. Museu de Brauron, Grécia. B) Detalhe da cena de <i>próthesis</i> .
FIGURA 11	Armadura de bronze encontrada em uma cremação masculina, datada do Geométrico Tardio II, em Argos. Foto, arquivo pessoal. 11/2004. Museu de Argos, Grécia.
FIGURA 12	Enócoa do <i>Dípylon</i> com versos hexâmetros. Fotos, arquivo pessoal. 10/2004. Museu Nacional, Atenas, Grécia.
FIGURA 13	Primeiros registros do alfabeto grego na taça encontrada em Pitecussa, datada do final do século IX e início do VIII a.C. em versos jâmbico e hexâmetros.
FIGURA 14	Ânfora com representação de <i>ekphorá</i> feminina. Atenas NM 803. Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 53.
FIGURA 15	Detalhe da decoração da cratera com cena de <i>próthesis</i> masculina. Paris. Louvre A 522. Ahlberg, G. <i>PEGGA</i> , 1971, fig. 5.
FIGURA 16	Jarro com cena de <i>próthesis</i> feminina. Dresden, Staatliche Kunstmmlungen ZV 1635. Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 23.
FIGURA 17	Cratera com cena de <i>próthesis</i> masculina. New York. Metropolitan Museum 14.130.14. Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 25.
FIGURA 18	A) Ânfora com representação de <i>próthesis</i> masculina. Oxford. Ashmolean Museum 1916.55. B) Detalhe da cena de <i>próthesis</i> . Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 33.
FIGURA 19	Ânfora com representação de <i>próthesis</i> masculina. Hamburg. Museum for Kunst und Gewerbe 1966.89. Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 43.
FIGURA 20	Jarro com quatro cenas de <i>próthesis</i> masculinas (A , B , C e D). London BM 1912.5.22.1. Referência: G. Ahlberg <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . 1971, fig. 45.

INTRODUÇÃO.

“(…) primeiro, a pira inteira apagar com o roxo-fúlgido vinho, enquanto reste força ao fogo; depois, é recolher os ossos do herói Pátroclo, discernindo-os bem, pois claramente distinguem-se: jazem no centro da fogueira; os outros, longe, bem no extremo da pira estão, eqüinos e homens, confusos e robustos. Sob dupla camada de gordura, os ponhamos dentro de uma urna de ouro, até que o Hades a mim mesmo encubra. Uma tumba não muito grande, e sim quanto convenha, erguei para guardá-los.”

Ilíada, XXIII: 237-247.

A figura do herói (*héros*) sempre ocupou uma posição de destaque no mundo grego nas fontes literárias, imagéticas e na documentação arqueológica. Os primeiros registros textuais que surgem definindo o conceito do termo *herói* no mundo grego são a *Ilíada* e a *Odisséia*, em que essa figura aparece caracterizada como um guerreiro destacado e as obras de Hesíodo, principalmente *Os Trabalhos e os Dias*, segundo a qual o herói é definido como um ser semi-divino, porém mortal. No trecho citado, notamos a presença de um conjunto de atitudes tomadas quando um desses grandes personagens da épica encontra a morte. Cremá-lo, depositá-lo na urna funerária e enterrá-lo numa sepultura de tamanho conveniente à magnificência do herói são algumas das ações que formam o conjunto de rituais funerários executado em sua memória.

As evidências arqueológicas do século VIII a.C. indicam que, em um determinado momento, as diferentes comunidades gregas começaram a praticar esses rituais funerários de maneira sistemática e recorrente em locais especificamente construídos para perpetuar a memória dos heróis. O estabelecimento desse culto heróico tornou-se um dos alicerces da religião grega nas diversas *póleis* durante os Períodos Arcaico e Clássico. Desde o século XIX, estabelecer as relações entre as origens do culto heróico e a documentação escrita e procurar as primeiras formas através das quais os gregos começaram a cultuar seus heróis têm sido temas recorrentes em estudos sobre

a Idade do Ferro (séculos XI ao VIII a.C.). Mas, de fato, quem eram os heróis? Quais as origens do culto heróico? Quais os motivos que impulsionaram os gregos em um determinado momento a cultuar os heróis? Quais as implicações desse culto nos aspectos político e social no momento em que foi criado?

Pesquisas recentes revelam que as atividades rituais funerárias em honra aos heróis podem ter tido início muito antes do que se imaginava, na “Idade Obscura” por volta do século X e IX a.C. Investigá-las, pode trazer inúmeras contribuições para a análise das interações entre o espaço sagrado e profano e da própria origem do templo grego. Todavia, não é somente nos aspectos religiosos da “Idade Obscura” que o estudo do culto heróico pode trazer inovações ou questões; suas interações com os âmbitos social, cultural e político constituem um ponto bastante complexo e rico, principalmente no processo de origem da *pólis*.

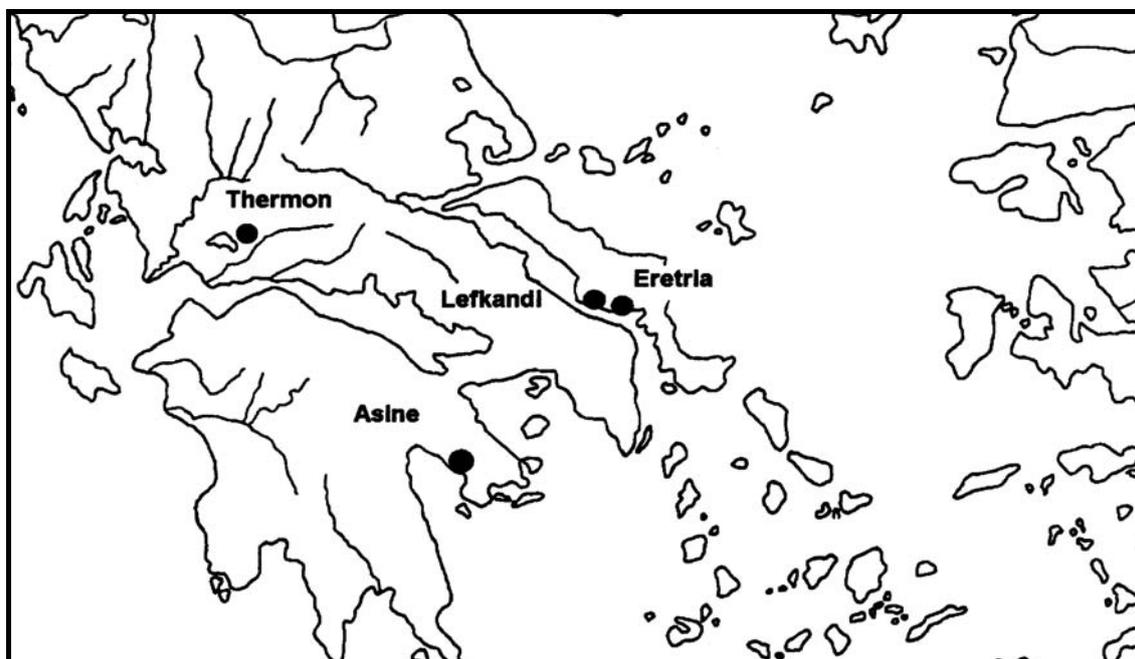
A presente pesquisa visa analisar aspectos da natureza das práticas rituais realizadas em determinadas estruturas absidais¹ de grande porte em sítios gregos da Idade do Ferro. Muitos autores afirmam que nessas estruturas as práticas rituais funerárias assumem as características de um verdadeiro culto heróico, particularmente denominado como “culto ao chefe”. Contudo, também observam que na grande maioria dos casos, é difícil estabelecer uma distinção clara entre as evidências que denotam funções sagradas e aquelas que denotam funções profanas.

Para tentar entender melhor essas limitações de funções e também as próprias características dos aspectos religiosos da Idade do Ferro, selecionamos quatro sítios onde essas estruturas absidais são encontradas e datadas entre os séculos XI e VIII a.C.: o Mégaron A e o Mégaron B em Thermos, na Etólia, o edifício Toumba em Lefkandi, na ilha da Eubéia, os Edifícios C, D e S em Asine, na região da Argólida e o Edifício A (ou *Daphnephoreion*) e o Templo D em Erétria, também localizada na ilha da Eubéia (**Mapa 1**).

Pretendemos realizar um estudo desses casos, relacionando o exame dos aspectos arquitetônicos com a análise da cultura material associada a essas estruturas. Comparando os dados entre si, objetivamos levantar algumas considerações sobre a natureza dessas práticas rituais, relacionando-as com a documentação textual e imagética disponível. Objetivamos por fim, indicar algumas questões a respeito da

¹ A forma arquitetônica absidal é composta por uma construção retangular com uma das extremidades em semicírculo – vide **Pranchas 1, 3, 4, 10, 11, 37, 42 e 45** para visualizar os casos selecionados. Trata-se de uma forma arquitetônica, cujas origens recuam à Idade do Bronze e, durante a Idade do Ferro, constitui o tipo de construção mais recorrente, onde provavelmente ocorriam as práticas rituais mencionadas.

importância e das implicações dessas práticas rituais no contexto sócio-político, principalmente nos séculos IX e VIII a.C.



MAPA 1 – Localização dos sítios selecionados.

Inicialmente, realizaremos uma contextualização do tema inserindo-o nas características culturais, econômicas, políticas e sociais das comunidades da Idade do Ferro, indicando quais as fontes textuais disponíveis para o estudo desse período, discutindo como essas fontes consolidaram a denominação “Idade Obscura” e como a arqueologia contribuiu em grande parte no estudo desses aspectos. Procuraremos centrar essa contextualização nas práticas mortuárias mais comuns de cada subperíodo da Idade do Ferro e nos aspectos arquitetônicos.

Posteriormente, já no Capítulo 2, traçaremos as linhas através das quais o estudo das fontes textuais (as obras épicas atribuídas a Homero e o mito Hesiódico das Cinco Raças em *Os Trabalhos e os Dias*), relacionadas com as evidências materiais, configurou as noções de “Idade Heróica” e sociedade heróica, tendo a Proto-história grega como referente histórico. Discutiremos o alcance da épica e das fontes imagéticas no conhecimento das comunidades da Idade do Ferro, ressaltando quais as consequências da transcrição dos poemas no contexto sócio-político do século VIII, relacionando-os com a veiculação da imagem funerária, através das representações de *próthesis* e *ekphorá* nos vasos atenienses marcadores de túmulos.

No capítulo seguinte, abordaremos a análise historiográfica em torno do culto heróico, definindo, em linhas gerais, como se encontra o estado atual da questão. Procuraremos analisar os elementos retratados nos poemas homéricos que estabelecem relações com o culto heróico praticado no século VIII a.C., inclusive abordando as definições de *héros* nas fontes textuais e os desdobramentos do culto heróico, destacando a análise da documentação arqueológica. Numa segunda etapa, analisaremos o mito hesiódico, explicitando suas diferentes abordagens que tentam encontrar uma correspondência entre o culto heróico e as raças de Hesíodo. Por fim, discutiremos a questão da analogia etnográfica, que propõe, a partir da comparação com modelos antropológicos, uma nova perspectiva de interpretação dos aspectos econômicos, políticos e sociais das comunidades da Idade do Ferro, relacionando-a ao culto heróico.

Inseridos nessa problemática da definição do “culto heróico”, apresentaremos no Capítulo 4 o catálogo de dados dos sítios selecionados, a fim de realizar uma revisão, no próximo capítulo, sobre as interpretações apresentadas por alguns autores, contrapondo com as nossas interpretações da documentação arqueológica sistematizada no *corpus* documental. Finalmente, a partir de uma comparação entre os casos e com a contextualização exposta anteriormente, pretendemos levantar algumas considerações e questionamentos sobre a natureza das práticas rituais durante a Idade do Ferro, inseridas no contexto de origem da *pólis*.

CAPÍTULO 1 – A “Idade Obscura”: conceito, periodização e características.

As evidências literárias e a documentação material.

O intervalo de tempo que abrange os séculos XI ao VIII a.C. compreende um período da Proto-história grega denominado, durante décadas, de “Idade Obscura”. Hoje, vários pesquisadores têm se debruçado sobre o estudo de diferentes aspectos desse período, ressaltando sua diversidade material e cultural e sua importância sócio-política para a consolidação da sociedade grega dos períodos posteriores, utilizando, preferencialmente, o termo de “Idade do Ferro”. Contudo, justificar o emprego, o abandono ou a substituição da expressão “Idade Obscura” em nossa pesquisa requer, no mínimo, um breve levantamento das origens e das premissas que fundamentaram seu emprego e que caracterizaram essa “obscuridade”.

Logo de início, percebemos que essa denominação está relacionada de forma intrínseca com a trajetória das fontes literárias atribuídas a Homero e Hesíodo. A *Ilíada* e a *Odisséia*, desde muito tempo, constituem alvo de grandes discussões acadêmicas que ainda se encontram distantes de um ponto final. Os temas de tais debates são formados por uma gama de questões polêmicas e, aparentemente, insolúveis, que englobam inclusive a atribuição de datas para o momento em que as obras foram escritas. Todavia, o foco de atenção e preocupação dos pesquisadores está fundamentado no problema do referente dos poemas, que configura a tão debatida “Questão Homérica”. Este referente é expresso através de dois elementos: o estabelecimento da autoria das obras e, principalmente, a identificação de qual (ou quais) período(s) histórico(s) elas retratam.

Distintamente de Homero e dos poemas épicos atribuídos a ele, Hesíodo e suas obras, a *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*, não constituem alvos de controvérsias, nem no que se refere à existência de sua pessoa, nem à autoria de seus poemas. Hesíodo teria vivido na Beócia, provavelmente entre 700 e 650 e teria sido agricultor.² *Os Trabalhos e os Dias* constitui um poema dirigido a Perses, seu irmão³ e o objetivo do poeta é falar do mundo humano, dos mortais, explicitando suas falhas, seus limites, sua organização e seus deveres. Já a *Teogonia* trata do mundo dos imortais, dos deuses, indicando sua origem e sua genealogia.

² SNODGRASS, A. M. *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC.* New York, 2000, p. 3-4.

³ HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*. Ver “Invocação”, v. 10.

Até aproximadamente o terceiro quartel do século XIX, as obras épicas eram concebidas como documentos históricos transparentes, verossímeis e inquestionáveis para o conhecimento do período que antecedia os Jogos Olímpicos, em 776 a.C., evento considerado como atestado de existência da cidade-Estado grega e, portanto, do início do Período Arcaico. Além disso, também não existia qualquer dúvida sobre a autoria das obras. Homero constituía um personagem, cuja existência histórica era inquestionável. Havia uma vaga periodização, referente à época que antecedia os jogos, estabelecida a partir das obras de Tucídides e de Heródoto.⁴ Os anos anteriores a 776 eram considerados como um período homogêneo, simultaneamente conturbado e marcado por grandes lutas e feitos heróicos, relatados fielmente na *Ilíada* e na *Odisséia*.

O ano de 1874 marca novos rumos para a interpretação das obras épicas e também para a relação delas com o conceito de “Idade Obscura”. Heinrich Schliemann descobre parte de uma civilização caracterizada por grandes palácios, imensas muralhas e ricos enterramentos, como os túmulos de Atreu e Clímnestra. Era o mundo micênico que começava a ser investigado e passava a ser identificado com a sociedade heróica retratada nos poemas épicos. Alguns anos mais tarde, em 1890, com a publicação das pesquisas de Petrie sobre cerâmica micênica encontradas em contextos egípcios da décima oitava e décima nona dinastias, foi possível estabelecer uma data para o final do mundo micênico, por volta de 1200. Definia-se, assim, o conceito de “Idade Heróica”, datada entre 1600 e 1200 a.C.

Todavia, os pesquisadores encontravam-se diante de um problema: como explicar o fosso temporal existente entre a reivindicada “Idade Heróica” e o início do Período Arcaico, isto é, entre 1200 a 776? É neste momento que, ainda durante o século XIX, surge e se consolida a denominação “Idade Obscura”, fundamentada na relação de subordinação da cultura material em relação à Filologia, presente na grande maioria dos estudos arqueológicos, históricos e antropológicos.⁵ No início, houve um desinteresse pela “Idade Obscura”, pois todas as atenções estavam voltadas para o Período Micênico, caracterizado como a “Idade Heróica”. Muitos autores consideravam a “Idade Obscura”

⁴ TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso* 1.12. HERÓDOTO, *História*. II.145. Tucídides não menciona as datas específicas para este período, apenas refere-se às invasões dóricas e à Guerra de Tróia indicando uma relação cronológica entre os dois eventos: “*Os dórios, também, ocuparam o Peloponeso oitenta anos após a guerra, juntamente com os heráclidas*”. Já Heródoto, relaciona o evento da Guerra de Tróia com o momento em que o próprio autor vivia, no início do século V, datando a Guerra oitocentos anos antes; isto nos leva a datá-la por volta de 1300 a.C.

⁵ MORRIS, I. “Periodization and the heroes: inventing a Dark Age”. GOLDEN, M.; TOOHEY, P. (eds.) *Inventing Ancient Culture. Historicism, periodization, and the ancient world*. London, 1997. Cap. 6, p. 96-131.

como a verdadeira “Idade Média” da história da Grécia Antiga e atribuíam o início desse período ao advento das invasões dóricas nos séculos XIII e XII a.C.⁶

Essa situação só começa a sofrer mudanças significativas no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando houve a intensificação das etapas de campo devido a um processo de “aflorescimento” dos vestígios arqueológicos em consequência da guerra. Além disso, em 1952, Michael Ventris decifra parte da escrita micênica, a Linear B, concluindo, a partir de indícios seguros, que, pelo menos a economia dos palácios micênicos era completamente distinta daquela apresentada na sociedade heróica dos poemas de Homero.

Ainda na década de 50, M. I. Finley, com a publicação do livro *O Mundo de Ulisses*, inicia uma nova fase na periodização da “Idade Obscura”⁷ Sua obra foi responsável pela adoção de uma primeira forma historicamente sistematizada de periodização da Proto-história grega, pela separação entre os poemas épicos e o Período Micênico e pelo estabelecimento da relação entre a “Idade Obscura” e a “Idade Heróica” retratada na *Ilíada* e na *Odisséia*. A “Idade Obscura” passava a ser considerada como um momento complexo; um mundo de heróis em que o *oikos*, a competitividade, a troca de presentes, a guerra, a honra, a força, a virtude e uma rede de alianças políticas entre a aristocracia constituíam a base da organização social.⁸ “*Pela primeira vez, o período pós-Micênico era importante dentro da narrativa histórica maior (da histórica da Grécia)*”.⁹

No final dos anos 50 e início dos 60 do século XX, a separação entre a História e a Arqueologia, principalmente engendrada pela Filologia, estava praticamente consolidada. Contudo, neste momento, um outro problema intrigava os estudiosos: quando as obras épicas haviam sido escritas e adquirido o formato que chegou até

⁶ Como por exemplo, a obra de TSOUNTAS; MANATT, 1897: 365 Apud MORRIS, I. *ibid* p. 114: “A migração dórica marca o início de longos anos obscuros, a época medieval da Grécia”, trecho original em inglês; “*the Dorian migration marks the beginning of a long dark ages, the medieval epoch of Greece*”.

⁷ FINLEY, M. I. *O Mundo de Ulisses*. Portugal e Brasil, 1965 (1ª edição de 1954) e *Early Greece. The Bronze and Archaic Ages*. London, 1970. O autor dedica 15 páginas à “Idade Obscura” tentando diferenciar o mundo descrito por Homero daquele presente na Idade do Bronze e identificar, portanto, que a grande maioria dos costumes apresentados nos poemas épicos integra as sociedades presentes na “Idade Obscura”. Esta era a verdadeira Idade dos Heróis. “Em síntese, os poemas Homéricos conservam uma quantidade de ‘coisas’ Micênicas – lugares, instrumentos e carros de batalha – mas pouco da cultura e das instituições Micênicas (...) Este retrato, sugiro, é em geral aquele pertencente à Idade Obscura”, trecho original em inglês; “*In sum, the Homeric poems retain a certain measure of Mycenaean ‘things’ – places, arms and weapons, chariots – but little of Mycenaean institutions or culture (...) That picture, it is suggested, is in general one of the Dark Age*” p. 81.

⁸ *Id. Ibid.*, p. 90, 171, 182-83.

⁹ *Id. Early Greece. The Bronze and Archaic Ages*. London, 1970, p. 117. Trecho original: “*For the first time, the post-Mycenaean period was important within a larger historical narrative*”.

nossos dias? Em 1960, Albert B. Lord¹⁰ publicou suas pesquisas sobre o tema da poesia oral e, em 1971, Adam Parry¹¹ coletou e editou os estudos de seu pai, Milman Parry, sobre a teoria da composição oral “formular”, introduzindo a noção da oralidade como eixo norteador das obras épicas. A datação das obras no século VIII a.C. tornou-se um ponto de acordo preliminar entre os pesquisadores, contudo a “Questão Homérica” estava longe de ser respondida.

O interesse pela “Idade Obscura” aumenta e os dados arqueológicos passam a constituir a principal fonte de conhecimento a respeito das estruturas sociais, políticas e econômicas desse período e não mais as obras épicas. Um dos primeiros exemplos desse tipo de estudo é publicado em 1961 por Chester G. Starr.¹² O livro traz algumas idéias cruciais que foram seguidas por vários pesquisadores, como por exemplo, a noção de que, durante a “Idade Obscura”, houve momentos marcados pela dicotomia “continuidade” e “descontinuidade”. Starr sugere que este momento da história grega é caracterizado por profundas mudanças e contrastes regionais que configuram a complexidade das estruturas sociais das comunidades da “Idade Obscura”. O autor também introduz a noção de que houve uma verdadeira ruptura, um momento de grande e profundo desenvolvimento e transformações culturais, políticas e econômicas de caráter decisivo que determinam a “Idade da Revolução”¹³ na história da Grécia Antiga, entre 750 e 650 a.C., caracterizado como o “Renascimento Grego”.

Todavia, apesar dos avanços no que se refere ao estudo das evidências arqueológicas na periodização da “Idade Obscura”, a obra de Starr é marcada por um profundo idealismo e fundamentada em teorias evolucionistas e raciais que permeavam interpretações e hipóteses sócio-políticas nas áreas das Ciências Humanas na metade do século XX. Na parte I do livro, Capítulo 2, o autor dedica algumas poucas páginas ao significado das invasões dos dórios durante os séculos XII e XI a.C., indicando quais teriam sido suas contribuições no desenvolvimento da história da Grécia. Logo de início, Starr parece atribuir a “obscuridade” que dominou a Grécia em 1200 às invasões de povos bárbaros que adentravam em terras mais civilizadas.¹⁴ Contudo, o autor conclui afirmando que os dórios tiveram grande importância para a história grega, pois a

¹⁰ LORD, A. B. *The Singer of Tales*. Harvard, 1960.

¹¹ PARRY, A. *The Making of Homeric Verse*. Oxford, 1971.

¹² STARR C. G. *The Origins of Greek Civilization. 1100-650 B.C.* New York, 1961.

¹³ Id. Ibid. Ver a Part III – “The Age of Revolution”, p. 187-385.

¹⁴ Id. Ibid. p. 73. “De várias formas, a invasão foi uma catástrofe, devido ao fato de ter trazido destruição em grande escala e ter arruinado uma estrutura política relativamente avançada”, trecho original em inglês; “*In many ways the invasion was a catastrophe, for it brought wide-scale destruction and broke down a relatively advanced political structure*”,.

“Idade Obscura” foi um período vital na emergência da civilização grega e que o significado dos dórios foi “*dar fim*” na Idade Micênica.¹⁵

Uma outra periodização, fundamentada na história da arte, aparece nos trabalhos de Vincent Desborough e J. N. Coldstream.¹⁶ As evidências arqueológicas compunham, em primeiro plano, os elementos de sistematização da periodização da “Idade Obscura”, dividida em períodos de acordo com os estilos decorativos da produção cerâmica. Todavia, esses estilos fundamentam-se, principalmente, na tipologia cerâmica ateniense e a preocupação central dos autores restringe-se a uma análise tipológica, descritiva e cronológica da decoração de vasos cerâmicos, sem uma investigação mais cuidadosa das diversificadas estruturas sociais, econômicas e políticas que as diferentes comunidades da “Idade Obscura” abrangiam. Suas obras, entretanto, configuram-se grandes e importantes manuais de referência, essenciais nos estudos da “Idade Obscura”.

Ainda no início da década de 60, na França, Jean-Pierre Vernant e Vidal Naquet fundam as principais bases da análise antropológica estruturalista aplicada aos estudos dos primórdios da História da Grécia. Vernant, a partir das pesquisas de G. Dumézil e Lévi-Strauss, publicou uma obra essencial sobre os estudos da poesia hesiódica e sua relação com os valores e estruturas sociais do final da “Idade Obscura” e do início do Período Arcaico.¹⁷

Um outro pesquisador de grande importância para a periodização e os estudos da “Idade Obscura” é John Boardman.¹⁸ Suas pesquisas, assim como as de Coldstream e Desborough, envolvem história da arte, a partir do estudo de diferentes estilos decorativos nos vasos cerâmicos, principalmente atenienses, como elemento característico dos períodos da “Idade Obscura”. Entretanto, Boardman se preocupa em estudar características gerais das estruturas funerárias de diferentes regiões da Grécia, realizando uma investigação geral sobre as estruturas sociais, desde o Período Micênico até o Helenístico, demonstrando que, durante a “Idade Obscura”, os costumes funerários variam bastante não só temporalmente, mas regionalmente.

¹⁵ Id. Ibid. p. 69-74.

¹⁶ DESBOROUGH, V. R.d'A. *Protogeometric Pottery*. (Tese), 1952; *The Greek Dark Ages*. Ernest Benn Limited, 1972 e ainda *The Last Mycenaeans and Their Successors*. Oxford, 1964. COLDSTREAM, J. N. *Greek Geometric Pottery*. (Tese), 1968 e *Geometric Greece*. London, 1976.

¹⁷ Ver principalmente, VERNANT, J-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Sarian, H. (trad.), São Paulo, 2002.

¹⁸ BOARDMAN, J. *Greek Art*. London, 1964 e BOARDMAN, J.; KURTZ D. C. *Greek Burial Customs*. London, 1971.

Anthony Snodgrass, através de um estudo sobre armas de ferro utilizadas durante a “Idade Obscura” principalmente presentes em contextos funerários, realiza uma análise regional dos dados arqueológicos e propõe uma nova periodização para a “Idade Obscura”, levando em consideração as especificidades de cada região.¹⁹ As obras de Snodgrass também constituem um verdadeiro marco nas pesquisas sobre a “Idade Obscura” e na tentativa de respostas para a “Questão Homérica”. Snodgrass reaproxima não somente História e Arqueologia, mas utiliza a comparação antropológica, principalmente, como um recurso relevante para interpretar os poemas homéricos e entender as características sociais das comunidades deste período.

O autor ressalta que houve apenas um momento inicial de “obscuridade”, logo após a derrocada do sistema palacial micênico, em que os dados arqueológicos dos enterramentos se apresentam bastante escassos. Houve uma relativa queda populacional e do número de sítios arqueológicos devido a um período de intensas migrações que teria abalado todas as esferas da vida. No século XIII, havia cerca de 320 sítios ocupados, enquanto no século XI, apenas 40. Somente no final do século X e início do IX, a quantidade de sítios começa a aumentar rapidamente, contando 110 e 220 no século VIII. Este último aumento é visto por Snodgrass, da mesma forma que para C. Starr, como uma verdadeira “*explosão populacional*”,²⁰ que integra um processo de “Revolução”, caracterizando o “Renascimento Grego” durante o século VIII, um período de profundas mudanças no âmbito cultural (como a adoção de formas e estilos decorativos orientalizantes na produção de vasos cerâmicos), no campo econômico (com o advento da agricultura sedentária) e principalmente no âmbito político (com a centralização política e, conseqüentemente, o surgimento da *pólis*).

Em 1970, os papéis já estavam completamente invertidos, a importância da “Idade Obscura” como um período decisivo para a compreensão dos demais momentos da história grega estava consolidada. Muitos pesquisadores dirigem suas atenções para estudar a documentação material, agora considerada como complexa, rica e associada às obras épicas. A investigação da Proto-história grega, fundamentada na Arqueologia, permitiu não só a adoção de uma periodização para a “Idade Obscura”, mas também a identificação do Período Micênico como um momento marcado pela utilização do

¹⁹ A obra de Snodgrass sobre a “Idade Obscura” é vasta (vide Bibliografia Geral), mas uma das mais famosas e mais importantes para a discussão em questão é: SNODGRASS, A. M. *DAG*, 1971. O autor estabelece um quadro cronológico em que os diferentes sub-períodos estabelecidos por V. Desborough e J. N. Coldstream co-relacionam-se com as diferentes regiões gregas, ver pp. 134-35.

²⁰ Id. *Ibid.*, p. 364, 367.

bronze para a fabricação de utensílios em geral e, em contrapartida, a “Idade Obscura” como um período marcado pela utilização do ferro em larga escala para a produção de instrumentos de batalha, principalmente. Isto ocasionou a adoção de novas denominações para ambos os períodos; agora, em primazia, identificados como Idade do Bronze e Idade do Ferro respectivamente.

Ao lado de A. Snodgrass, R. Hägg, O. Murray, G. Nagy e C. Renfrew integravam os principais estudos da Escola Britânica na área de Arqueologia Clássica sobre a “Idade Obscura” e suas relações com os poemas homéricos. As teorias antropológicas e as pesquisas de campo baseadas na investigação de grandes áreas a partir da análise de superfície – o *Survey* – abrem novos horizontes e perspectivas de estudo das estruturas sociais das comunidades da Idade do Ferro.

Na França, no início da década de 80, F. de Polignac consegue aproximar as teorias histórico-estruturalistas de Vernant e a arqueologia social de Snodgrass através do estudo inovador e influente sobre a relação entre a religião grega e a formação da *pólis* no final da “Idade Obscura” e no início do Período Arcaico.²¹ Em seu livro, o autor dedica-se principalmente ao desenvolvimento desse processo na análise nas colônias gregas, pois nestes locais, a separação entre o espaço sagrado e o espaço profano se deu de forma clara e exemplar, segundo “modelo bipolar” proposto por Polignac, através do estabelecimento de santuários urbanos e extra-urbanos.²²

Walter Burkert, também na década de 80, assume uma postura diferenciada dos demais pesquisadores mencionados até então, atribuindo grande importância ao papel do Oriente Próximo enquanto fonte responsável pelas grandes mudanças sócio-culturais do século VIII, principalmente, aquelas expressadas através dos estilos decorativos dos vasos cerâmicos.²³ Burkert argumenta a favor de uma abordagem geográfica maior para os estudos que envolvam comunidades da “Idade Obscura”, pois nesta época as fronteiras entre o mundo grego e o Oriente seriam bastante imprecisas, pouco sustentáveis e móveis.

A influência e a importância dessas idéias são perceptíveis através da grande quantidade de pesquisadores que passam a se dedicar ao estudo dos aspectos sociais, econômicos, políticos e religiosos das comunidades da “Idade Obscura”,

²¹ De POLIGNAC, F. *La Naissance de la Cité Grecque*. Paris, 1984. Futuramente, o autor re-edita a obra com uma tradução em inglês, integrando as críticas e observações feitas pelos pesquisadores da “Idade Obscura” e do Período Arcaico: *Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State*. Chicago, 1995.

²² Id. *Ibid.*, p. 18-21.

²³ BURKERT, W. *The Orientalizing Revolution. Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age*. 3ª. Edição. Cambridge, 1995.

complementando e criticando as obras de Coldstream, Desborough, Snodgrass, Polignac, Burkert, entre outros, a partir da introdução de abordagens Pós-Processualistas, como por exemplo, J. Whitley, I. Morris, J. Hall, C. M. Antonaccio, C. Sourvinou-Inwood, A. M. Ainian, C. Morgan, Sarah Morris. As análises desses e demais autores sobre os diferentes aspectos da Idade do Ferro serão abordadas e revistas no presente estudo no momento oportuno.

A analogia etnográfica tornou-se um elemento bastante produtivo e inovador nas interpretações dos registros arqueológicos das comunidades desse período.²⁴ A Idade do Ferro torna-se ponto central para o entendimento do processo de origem e formação da *pólis* grega, principalmente, durante o século VIII a.C. Com as mudanças do conceito de “Idade Obscura”, suas divisões tornaram-se mais flexíveis, acompanhando o desenvolvimento estilístico das diferentes regiões da Grécia. Nesta pesquisa, utilizaremos as seguintes divisões gerais:

- ❖ **Submicênico** – 1125 a 1050
- ❖ **Protogeométrico** – 1050 a 900
- ❖ **Geométrico Antigo** – 900 a 850
- ❖ **Geométrico Médio** – 850 a 800
- ❖ **Geométrico Tardio**

{	800 a 750 – Geométrico Tardio I
{	750 a 700 – Geométrico Tardio II

O Geométrico Tardio é também denominado de “Renascimento Grego”, Período Orientalizante, ou ainda, de Alto Arcaísmo. Alguns autores consideram que este subperíodo se estende até por volta de 650 a.C. Para tratarmos dos casos selecionados para estudo, os sítios de Lefkandi, e Erétria na Eubéia e Asine na Argólida, adotamos uma adaptação desses subperíodos, estabelecida por Snodgrass e específicas para essas áreas. Para a região da Etólia (Thermos) não há cronologia específica, portanto utilizaremos a mais geral indicada anteriormente:

²⁴ Por exemplo o artigo de WHITLEY, J. “Social Diversity in Dark Age Greece” *BSA* Vol. 86, (1991), p. 341-365, que será examinado no Capítulo 3 desta dissertação.

Argólida1075-1050 – **Submicênico**1050-900 – **Protogeométrico**900-775 – **Geométrico Médio**775-700 – **Geométrico Tardio****Eubéia**1025-975 – **Submicênico**975-850 – **Protogeométrico**850-775 – **Geométrico Médio**775-700 – **Geométrico Tardio***Os sub-períodos: características.***- Submicênico.**

De forma sintética e bastante genérica o Período Submicênico é marcado pelas conseqüências do declínio do sistema palacial micênico aliadas às invasões de povos vindos do norte da Europa. Atualmente, vários autores criticam a idéia segundo a qual os dórios teriam sido os grandes responsáveis pelo fim da sociedade micênica, atribuindo um peso maior ao processo interno de derrocada do sistema palacial.²⁵

Muitas cidades são completamente destruídas pelas invasões e também por acidentes naturais, como incêndios, sendo completamente abandonadas. Outras resistem, permanecendo habitadas, como Atenas, na Ática, Lefkandi, Erétria e Cálcis na ilha da Eubéia, Argos e Asine, na Argólida, por exemplo. Há grandes levas migratórias principalmente para a costa da Ásia Menor, ocasionando uma queda significativa na densidade demográfica, principalmente nas regiões do Peloponeso e da Messênia.²⁶ A atividade pastoril começa a se intensificar frente ao sistema agrícola de redistribuição micênico. Uma das maiores transformações é evidenciada na produção cerâmica. O estilo naturalístico micênico cede lugar às linhas paralelas retas, ou onduladas, pontilhados e grandes espaços sem pintura ou preenchidos em preto e as formas também

²⁵ Como Klaus Kilian na Arqueologia e John Chadwick na Lingüística. Ver referências em: HALL, J. "Approaches to Ethnicity in Early Iron Age Greece" SPENCER, N. (ed.) *Time, Tradition and Society in Greek Archeology. Bridging the "Great Divide"*. London, 1995, p. 6-17.

²⁶ SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 31.

seguem uma classificação específica (**Figura 1**).²⁷ Atesta-se diferenças, muitas vezes, acentuadas entre os motivos decorativos e as formas dos vasos cerâmicos mais recorrentes de uma região para a outra.

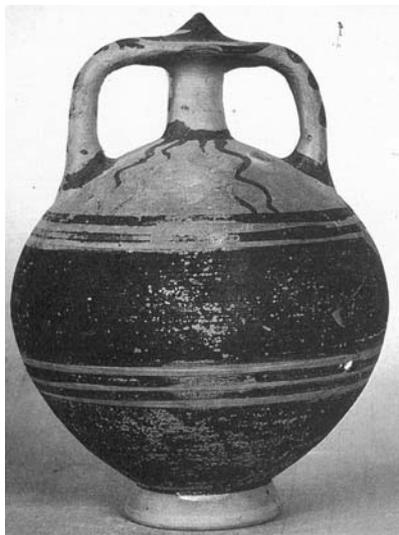


FIGURA 1 – Jarro Submicênico encontrado no Túmulo 98 no Cemitério do Cerâmico, Atenas.

Examinando as características das estruturas arquitetônicas, percebemos que essa diversidade regional é relativamente pequena durante o Submicênico. Em geral, os edifícios apresentam dimensões pequenas quando comparadas com as medidas dos palácios micênicos e com algumas construções dos períodos posteriores. No que diz respeito às edificações residenciais, podemos notar uma preferência pelas formas arredondadas, ovais e absidais, que também eram bastante comuns, durante todo o Período micênico, para edifícios profanos ao redor do complexo do palácio.²⁸

Neste período, é muito difícil a identificação segura de vestígios arquitetônicos com funções sagradas. Não há qualquer registro material que sustente a hipótese de construções de natureza especificamente sagradas e, dessa forma, alguns autores concluem que não há delimitação e nem especialização dos espaços profano e sagrado, ambos aparecem imbricados. Na grande maioria das vezes, o espaço sagrado estaria inserido no próprio espaço doméstico.²⁹

Já em relação às práticas funerárias, essas diferenças regionais apresentam uma variabilidade maior. Na Ática, mais especificamente no Cemitério do Cerâmico, 106,

²⁷ Id. *Ibid.*, p. 34-40, figs. 3-9. DESBOROUGH, V. *GDA*, 1972, p. 68-74, plate 9.

²⁸ AINIAN, A. M. “From ruler’s dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)” *SIMA* Vol. CXXI, 1997.

²⁹ AINIAN, A. M. *SIMA* CXXI, 1997; De POLIGNAC, F. *CTO*, 1995.

das 109 sepulturas datadas deste período, correspondem a inumações, apenas três delas são cremações e podem ser consideradas como as ocorrências mais antigas de cremações na Ática.³⁰ Essas inumações correspondem, na maioria dos enterramentos, a túmulos individuais de adultos (masculinos e femininos) em *cistas* (**Figura 2**), mas também há um grande número de túmulos familiares em câmaras e, mais raramente, em *tholoi*, característicos do Período Micênico.³¹



FIGURA 2 – Inumação em um típico túmulo em *cista*. Submicênico (por volta de 1100 a.C.), Sepultura 46, Cemitério do Cerâmico, Atenas, enterramento feminino.

Os enterramentos infantis também constituem inumações, em alguns casos, túmulos em *cistas*, outros, quanto menor a idade da criança, em *píthoi*. Na Argólida também há, durante esse período, uma maioria esmagadora de túmulos individuais em *cistas*, sendo um pouco posteriores em relação aos enterramentos individuais atenienses. As primeiras ocorrências desse tipo de sepultura foram identificados em Argos.³² Já na Eubéia, a situação apresenta-se um tanto diferenciada. Em Lefkandi, na área mais central do assentamento, foram detectadas cerca de 11 inumações em *píthoi*, encontradas sob os pisos de residências e datadas do final do Heládico Tardio III C e do início do

³⁰ SNODGRASS, A. *DAG*, 2000, p. 144.

³¹ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, 1997, p. 29; SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 147-51; DESBOROUGH, V. *GDA*, 1972, p. 64-5. COLDSTREAM, J. N. *GG*, 1976, p. 119-23.

³² SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 151-54.

Submicênico, que é um pouco posterior em relação ao Submicênico na Ática e na Argólida.³³

O mobiliário funerário desses enterramentos também apresenta uma certa variação, contudo, em geral o número de artefatos em bronze constitui a maioria dos objetos detectados, tanto àqueles relacionados ao vestuário e adornos, como fíbulas, anéis, colares, braceletes, quanto aos armamentos, em menor número, como adagas, escudos.³⁴ Já aparecem objetos em ferro, contudo, em pequeno número. Há também um número acentuado de artefatos cerâmicos, inclusive de origem micênica, como estatuetas de terracota em Φ (*phi*) Ψ (*psi*) e vasos com motivos do Heládico Médio e do Heládico Tardio III. Não há grandes diferenças entre as sepulturas de adultos e de infantes e nem em relação ao sexo, masculino ou feminino. A quantidade e a qualidade dos artefatos encontrados nos túmulos dos períodos posteriores é relativamente baixa, assim como o número de sepulturas deste período também é pequeno. Fato que se deve às levas migratórias, à conseqüente queda demográfica e a um momento caracteristicamente conturbado de reorganização da vida, em todos seus aspectos.

- Protogeométrico e Geométrico Antigo.

Conforme podemos observar na cronologia dos subperíodos da Idade do Ferro para as diferentes regiões da Ática, Argólida e da Eubéia, o Geométrico Antigo é um período característico da Ática. As demais regiões possuem características semelhantes ao Protogeométrico dessa região, que possui uma duração um pouco mais longa. Nesses locais, as características estilísticas da decoração cerâmica mudam diretamente para os motivos do Geométrico Médio. Daí, tratarmos os aspectos desses dois períodos de forma simultânea.

Genericamente, os motivos decorativos e as formas da cerâmica desse período são mais variados, incluindo diferentes formas geométricas, como círculos e semicírculos concêntricos, listas diagonais formando losangos, quadrados formando xadrez e triângulos (**Figura 3**).³⁵ Aliás, este último motivo encontra-se bastante

³³ Id. *Ibid.*, p. 159-60.

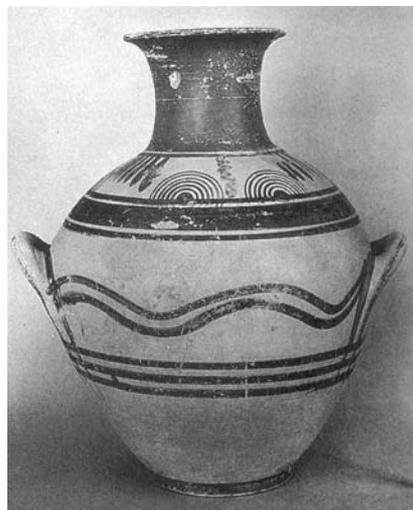
³⁴ DESBOROUGH, V. *GDA*, 1972, p. 65-79, plates 8, 10 e 13.

³⁵ SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 45-6. WHITLEY, J. *Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C.* Cambridge, 1991, p. 97-116. COLDSTREAM, J. N. *GG*, 1976, p. 20-47.

difundido na Ática e na Eubéia, em Lefkandi encontramos uma grande quantidade de vasos com semicírculos concêntricos (**Prancha 29a** - Catálogo).



A



B



C



D

FIGURA 3 – A) Ânfora Protogeométrica com alças no pescoço encontrada no Túmulo 17 no Cemitério do Cerâmico, B) Ânfora Protogeométrica com alças na pança encontrada no Túmulo 15 no Cemitério do Cerâmico, C) Vasos Protogeométricos encontrados em sepulturas em Argos e D) Verso do vaso no centro da figura C. Detalhe da decoração protogeométrica.

Os edifícios continuam apresentando dimensões relativamente pequenas e é interessante notar que os aspectos arquitetônicos deste período possuem uma leve variação em relação ao anterior, com a introdução de uma maior quantidade de residências retangulares.³⁶ Contudo, é ainda neste período que são edificadas e

³⁶ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, 1997, p. 124.

utilizadas três das construções absidais selecionadas para o nosso estudo: *Mégaron A* e o *Mégaron B* em Thermos, na Etólia e o “*Herôon*” na colina Toumba em Lefkandi, na Eubéia. As duas últimas configuram-se construções absidais de proporções monumentais. Exceções dentro de todo o mundo grego neste período, elas vêm intrigando os pesquisadores da Idade do Ferro e questionando muitas das premissas estabelecidas sobre os aspectos religiosos e políticos desse período, como examinaremos mais adiante.

O Protogeométrico / Geométrico Antigo, em geral, são caracterizados principalmente pela disseminação e pelo crescimento do uso do ferro para a produção de artefatos domésticos (objetos de tocador, utilitários para cozimento, entre outros) e instrumentos de batalha. A quantidade de objetos em ouro e bronze nas sepulturas diminui sensivelmente e este fato é visto por alguns autores como um momento de isolamento da Grécia, em que o contato comercial e cultural com o Oriente declina e há uma certa “escassez” do bronze.³⁷

Todavia, é essencial lembrarmos que alguns dos enterramentos do Cemitério Toumba e do “*Herôon*” em Lefkandi apresentam mobiliário funerário bastante rico, incluindo objetos importados do Oriente (**Pranchas 25 a 29** - Catálogo); dados que nos levam a questionar esse isolamento comercial e cultural, indicando que, provavelmente, a Eubéia teria sido uma região de contato praticamente ininterrupto com Chipre, a Ásia Menor, a Fenícia e outras localidades à leste durante toda a Idade do Ferro.³⁸

Em relação às práticas mortuárias, a variabilidade regional aumenta. Em Atenas, em particular, as sepulturas são, na esmagadora maioria, cremações para adultos (cujas cinzas são colocadas em urnas funerárias) e inumações em *píthoi* para crianças. Os túmulos começam a ser marcados com pequenos montículos de terra ou, ainda, pedras (**Figura 4**).³⁹

Na Argólida, a inumação adulta e infantil individual em túmulos em *cista* permanece como prática preferencial.⁴⁰ Contudo, apesar de aparecerem em menor número, os enterramentos adultos em covas simples e em *píthoi* também estão presentes em Argos e Micenas, principalmente. Neste último assentamento, foram encontrados os primeiros enterramentos de adultos em *píthoi* no interior das muralhas da antiga cidade

³⁷ SNODGRASS, A. *DAG*, 2000, p. 228-68.

³⁸ Vide Catálogo de Lefkandi, Capítulo 4 e as interpretações propostas no capítulo seguinte.

³⁹ BOARDMAN, J.; CURTZ, D.C. *Greek Burial Customs*. London, 1971. SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 149-51.

⁴⁰ COLDSTREAM, J. N. *GG*, 1976, p. 35.

micênica, onde, aliás, localizam-se a maior parte dos enterramentos dos períodos subsequentes (**Figura 5**).⁴¹

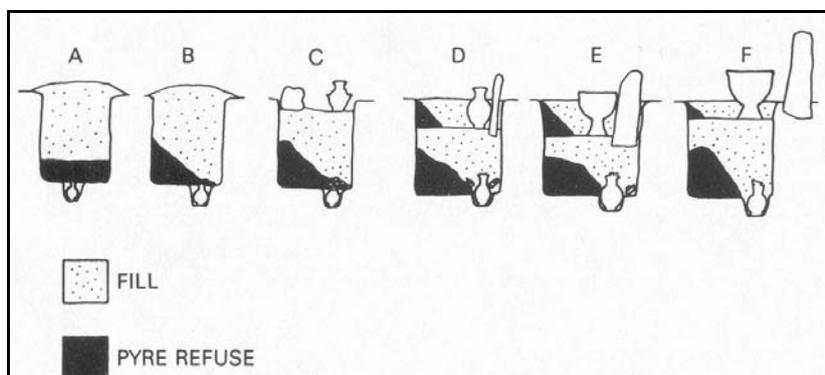


FIGURA 4 – Desenvolvimento Cronológico dos marcadores funerários nas sepulturas da Idade do Ferro no Cemitério do Cerâmico, em Atenas.

Legenda:

A, B e C – Protogeométrico e Geométrico Antigo.

D – Geométrico Médio.

E – Geométrico Tardio I.

F – Geométrico Tardio II.

Na Eubéia, observamos algumas diferenças de comunidade para comunidade. Em Lefkandi, durante o Protogeométrico, já aparecem as primeiras cremações individuais de adultos em túmulos em *cista* contendo a urna funerária e a pira nas proximidades da sepultura, às vezes, em seu próprio interior. Raros são os casos de inumações para adultos, já para os enterramentos infantis permanecem as inumações em *píthoi*. No interior do “*Herôon*”, na colina Toumba em Lefkandi, foi encontrado um dos mais suntuosos enterramentos da Idade do Ferro. No centro da Sala Principal, uma cremação masculina e inumação feminina em um túmulo em *cista*, acompanhado do esqueleto de quatro cavalos e vários apetrechos de batalha e de toucador. Provavelmente, as sepulturas eram marcadas por uma cratera com decoração geométrica (**Prancha 12** - Catálogo), utilizada também para libações. Além disso, um outro tipo de marcador funerário também pode ter sido utilizado neste caso, quando o edifício foi destruído e soterrado formando uma colina de 4m de altura.⁴²

⁴¹ SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 151-54.

⁴² A análise mais detalhada dos enterramentos e da própria estrutura absidal segue nos Capítulos 4 e 5.



FIGURA 5 – *Phítos* do final do Submicênico e início do Protogeométrico (por volta de 1050 a.C.) contendo a inumação de um adulto encontrado em Micenas, no interior da muralha da cidade.

É interessante notar, que se trata de um caso único não só na comunidade de Lefkandi, mas na Eubéia como um todo e, talvez, em toda Grécia durante o Protogeométrico. Cálcis, porém, no mesmo período, apresenta ainda uma grande quantidade de inumações de adultos de ambos os sexos em túmulos em *cista*. Já em Erétria, foram encontrados os dois tipos de práticas mortuárias, com um discreto aumento no número de inumações de adultos.⁴³

- Geométrico Médio.

Durante o Geométrico Médio, percebemos uma mudança significativa nos motivos decorativos dos vasos cerâmicos, tornando-se cada vez mais diversificados. É neste momento que as representações geométricas de figuras animais e humanas, presentes tanto na decoração dos vasos funerários quanto nos artefatos que integram o mobiliário funerário, começam a aparecer e se generalizar em várias regiões, principalmente na Ática, na Argólida e na Eubéia. Por exemplo, uma das primeiras representações de um centauro encontrado nos túmulos e no Cemitério Toumba, em Lefkandi (**Prancha 25** - Catálogo) e um dos primeiros marcadores funerários de grandes dimensões encontrado em Atenas com cena de *próthesis* (**Figura 6**).

⁴³ Id. Ibid., p. 159.

As formas e as dimensões das estruturas arquitetônicas se tornam mais variadas de região para região. Há um aumento na quantidade de residências retangulares, porém o tipo absidal ainda constitui a forma mais utilizada para esse propósito. Essas construções adquirem maiores dimensões.⁴⁴ Alguns autores ressaltam que, usualmente, essas construções maiores denotam o início da especialização dos usos dos espaços profano e sagrado, podendo, até mesmo, identificar os primeiros espaços utilizados especificamente para culto, classificado como “culto heróico”.⁴⁵



FIGURA 6 – Cratera, marcador de Túmulo com cena de *próthesis* encontrada em Atenas, datado do final do século IX a.C.

A quantidade e a qualidade dos artefatos depositados nos túmulos aumenta significativamente. A deposição dos objetos em ferro (principalmente, armamentos) torna-se generalizada nas diferentes regiões da Grécia. Contudo, há um relativo aumento dos instrumentos em bronze e ouro em relação ao período anterior; fato interpretado por alguns estudiosos como uma retomada e um processo de intensificação

⁴⁴ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, 1997, p. 42-3.

⁴⁵ Os principais autores que tratam sobre o tema são: A. M. Ainian, C. M. Antonaccio, C. Bérard, J. N. Coldstream, L. R. Fanell, R. Hägg, C. Morgan, I. Morris, F. de Polignac, I. Ratinand-Lachkard, A. M. Snodgrass, J. Whitley (vide Bibliografia Geral). Conforme já apontamos na Introdução, é exatamente sobre esta premissa que se encontra a problemática deste trabalho, que será abordada de duas formas, a análise historiográfica e o estudo arqueológico detalhado de quatro casos emblemáticos selecionados sobre este tema: as estruturas absidais nos sítios de Thermos, Lefkandi, Asine e Erétria.

do contato com o Oriente.⁴⁶ Percebe-se uma maior distinção entre o mobiliário funerário presente nos enterramentos adultos (em relação aos masculinos e femininos) e nos enterramentos infantis.

Em Atenas, a prática da inumação para adultos volta a crescer, todavia, ainda é superada pelo número de cremações, principalmente de indivíduos do sexo masculino.⁴⁷ Apesar da existência de um dos primeiros marcadores funerários de grande porte, em geral, as inumações e as cremações masculinas e femininas são marcadas por vasos cerâmicos de pequenas dimensões, acompanhados, ou não, de um tipo de lápide.⁴⁸ Nas cremações, a pira, na maioria das ocorrências, encontra-se no próprio túmulo, ao lado oposto onde está depositada a urna funerária. No final do Geométrico Médio, nestes casos, percebemos determinados padrões de enterramento que distinguem as sepulturas femininas e as masculinas através da relação entre a urna funerária e o vaso que marca o túmulo, compondo o seguinte esquema:

A) Cremações:

- 1) Ânfora como marcador funerário → cremação feminina em ânforas com alças no ombro ou na pança enquanto urnas funerárias.
- 2) Cratera com pedestal ou ânfora com alça no pescoço → como marcadores funerários de cremação masculina em ânforas com alças no pescoço enquanto urnas funerárias.

Já para as inumações, em menor número, podemos estabelecer o seguinte esquema como padrão de enterramento:

B) Inumações:

- 1) Crateras como marcadores funerários → inumações masculinas.
- 2) Ânforas ou jarros como marcadores funerários → inumações femininas.

Os enterramentos infantis, inumações em *píthoi* na totalidade dos casos encontrados no Cemitério do Cerâmico, não apresentam marcadores funerários, entretanto, o mobiliário funerário, muitas vezes, possui um maior número de artefatos em relação aos enterramentos de adultos.

⁴⁶ MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece*. Massachusetts, 2000, p. 210; 238-50.

⁴⁷ WHITLEY, J. *SSDAG*, 1991.

⁴⁸ MORRIS, I. *Burial and Ancient Society. The Rise of the Greek City-State*. Cambridge, 1987, p. 18-20.

Na região da Argólida, as inumações individuais em túmulos em *cista* ainda permanecem como os tipos mais recorrentes de enterramentos para adultos, incluindo também sepultamentos em covas simples e em *píthoi*. Em Nauplia, no início do Geométrico Médio, há evidências de um enterramento em túmulo em *cista*, em que o corpo de um indivíduo do sexo masculino adulto apresenta-se parcialmente cremado. Alguns autores afirmam que se trata de um experimento isolado, pois somente no final do século IX e já no início do século VIII a.C., são detectadas inúmeras cremações para adultos, principalmente, do sexo masculino, superando o número de inumações, em destacados sítios como Argos, Asine e Micenas.

Já na área da ilha da Eubéia, notamos que as cremações, principalmente masculinas, constituem a maioria das evidências das práticas mortuárias em Lefkandi, nos cinco cemitérios da área total do assentamento de Xerópolis. Erétria apresenta um desenvolvimento das práticas funerárias bastante semelhantes ao de Atenas neste período, evidenciando um aumento no número de inumações, aliado a um grande número de cremações.

- Geométrico Tardio.

Finalmente, o Geométrico Tardio pode ser subdividido em Geométrico Tardio I e II, equivalentes, de forma geral, a primeira e a segunda metade do século VIII a.C. No que diz respeito ao estilo da decoração dos vasos cerâmicos, suas formas e dimensões, há uma acentuada variabilidade nos três aspectos, aliada ainda às suas funções, profanas e/ou sagradas. Durante o Geométrico Tardio I, a representação estilizada das figuras humana e animal torna-se recorrente na decoração dos vasos (**Figuras 7 e 8**), destacadamente nos marcadores funerários de grandes dimensões em Atenas, principalmente, com cenas dos rituais de *próthesis* (**Figura 9 – A, B e C**) e *ekphorá* (**Figura 9 - D**). Já no Geométrico Tardio II, as cenas funerárias continuam aparecendo em grande quantidade nos vasos cerâmicos, entretanto, esses apresentam medidas menores e estão associados ao mobiliário funerário das sepulturas de adultos, apenas uma pequena quantidade é utilizada como marcador de túmulo (**Figura 10**).



FIGURA 7 – Cratera do Geométrico Tardio encontrada no Túmulo 45 em Argos.



FIGURA 8 – *Pyxis* do Geométrico Tardio encontrado no Santuário da Ártemis Braurônia.

Os aspectos arquitetônicos desse período são também marcados por algumas mudanças importantes. A forma retangular passa a constituir o tipo mais recorrente de construção com propósitos profanos e sagrados e, neste último caso, ela adquire grandes proporções, atestando a existência dos primeiros templos gregos, por exemplo, o Templo D em Erétria, um *hekatopedon*. É apenas neste momento, segundo alguns estudiosos, que se concretizou o processo de delimitação e especialização do espaço sagrado, integrando os três elementos básicos que formam o santuário grego “clássico”: o altar, o templo (a edificação monumental contendo a estátua do Deus ou Deusa e as oferendas) e o períbolo (o muro que marca e individualiza a área sagrada).⁴⁹

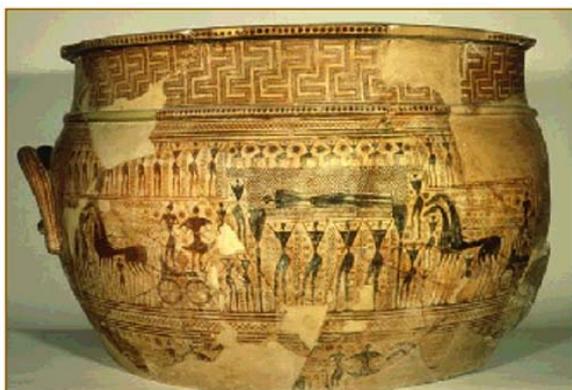


A



B

⁴⁹ De POLIGNAC, *CTO*, 1995, p. 16.

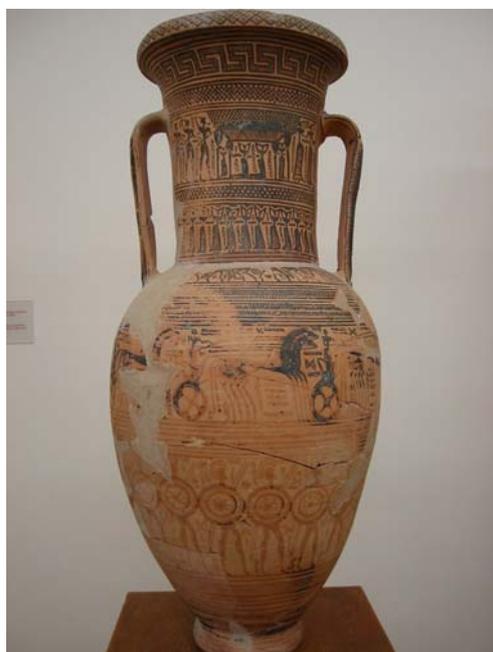


C

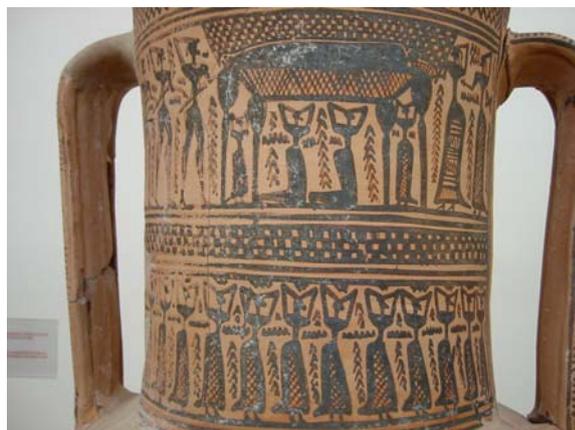


D

FIGURA 9 – A) Ânfora com representação de *próthesis* feminina do Grupo do *Dípylon*. Atenas NM 804. B) Detalhe da cena de *próthesis*. C) Cratera com cena de *próthesis* masculina do Grupo de *Dípylon*. Paris. Louvre A 517. D) Cratera com cena de *ekphorá* masculina. Atenas NM 990.



A



B

FIGURA 10 – A) Ânfora com representação de *próthesis* masculina do Geométrico Tardio do Grupo do vaso Atenas 894 encontrada no santuário da *Ártemis Braurônia*. B) Detalhe da cena de *próthesis*.

Em Atenas, durante o Geométrico Tardio I, a cremação permanece como a principal prática funerária para adultos e o número de inumações diminui, sendo a prática recorrente apenas para crianças. Na segunda metade do século VIII, a situação é inversa, nota-se um aumento significativo na quantidade de sepulturas contendo inumações de adultos. O mobiliário funerário da totalidade dos túmulos também é bastante rico, contudo, percebemos uma diferença na quantidade e na qualidade dos artefatos depositados no Geométrico Tardio I em relação ao II, conforme se observa nas tabelas que seguem:

TABELA 1

Média do Número de Artefatos por Enterramento de Adultos em Atenas.

Período	Vasos Cerâmicos	Metal
Submicênico	1.3	1.7
Protogeométrico	4.9	1.8
Geométrico Médio*	6.9	2.8
Geométrico Tardio	6.8	0.8

Cf. I. Morris, 1987, Tabela 9, p. 141.

Apesar do aumento do número de enterramentos durante o Geométrico Tardio II (**Tabela 2**), há uma queda no número de sepulturas com marcadores funerários. Conforme já foi mencionado, a maioria dos vasos, incluindo aqueles com cenas de *próthesis*, foi encontrada no interior dos túmulos, como parte do mobiliário funerário. Notamos também que na segunda metade do século VIII o mobiliário funerário torna-se mais escasso, havendo uma queda expressiva na quantidade de artefatos de metais, principalmente no que diz respeito a instrumentos de batalha (**Tabela 2**). Entretanto, a quantidade de artefatos cerâmicos encontrados nas sepulturas (**Tabela 1**) permanece praticamente estável, havendo até um pequeno aumento em alguns casos. As oferendas totais em argila continuam, também, bastante numerosas, como vasos para bebidas, tigelas com tampas, figurinhas de terracota, inclusive centauros, cavalos e pássaros.

TABELA 2**Número de Enterramentos e Artefatos associados em Atenas.**

<i>Período</i>	No. de Sepulturas	Armamentos	Ouro/Prata	Marfim	Bronze
Submicênico	171	3	8	1	44
Protogeométrico	194	16	7	0	41
Geométrico Médio*	77	22	37	4	39
Geométrico Tardio I	68	8	27	0	25
Geométrico Tardio II	141	0	14	8	13

Cf. J. Whitley, 1991, Tabela 11, p. 183.

I. Morris atribui essas mudanças no Geométrico Tardio II ao processo de surgimento da *pólis* ateniense.⁵⁰ J. Whitley e A. M. Snodgrass concordam com Morris, afirmando que, na segunda metade do século VIII, a ostentação dos funerais e das sepulturas diminui, na medida em que o número de túmulos aumenta, devido ao acirramento do conflito entre as forças aristocráticas e as forças isonômicas que caracterizam o ideal de *pólis*.⁵¹

Na Argólida a situação é um pouco diferenciada, pois durante todo o século VIII as cremações ainda constituem a prática funerária mais comum para os indivíduos adultos, os infantis permanecem como inumações em *píthoi*. O número das sepulturas aumenta significativamente, assim como a quantidade e a qualidade do mobiliário funerário, principalmente em Argos, Asine, Micenas, Nauplia e Lerna. Os marcadores funerários nessa região, em poucas sepulturas, são constituídos por montículos de terra e pedras, não formando um padrão de enterramento. Todavia, os túmulos masculinos contendo armamentos de ferro e de bronze aparecem em grande número e com mobiliário funerário bastante diversificado, por exemplo, a armadura “hoplítica” de

* I. Morris e J. Whitley consideram o Geométrico Antigo e o Geométrico Médio como um único período.

⁵⁰ MORRIS, I. *BAS*, 1987, p. 173-77; 204-5.

⁵¹ WHITLEY, J. *SSDAG*, 1991, p. 180. SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 431-36.

bronze encontrada na sepultura de um guerreiro em Argos, datada da segunda metade do século VIII a.C.



FIGURA 11 – Armadura de bronze encontrada em uma cremação masculina, datada do Geométrico Tardio II, em Argos.

É sabido através da tradição literária que Argos foi um importante centro militar e político na região da Argólida durante o Período Arcaico, pois sob o comando do poderoso rei *Pheidon*, teria dominado não só a Argólida, destruindo importantes comunidades como Asine e Nauplia, mas também conquistado a porção leste do Peloponeso. Heródoto⁵² menciona um enorme exército proveniente de Argos que lutava com o (também numeroso) exército espartano para retomar a região da Tiréia, pertencente à Argólida, mas que havia sido apropriada pelos lacedemônios durante o final do Período Arcaico e o início do Período Clássico. Na *Ilíada*, Argos aparece, ao lado de Tirinto, Hermione, Asine e Micenas, como um centro fornecedor de um grande número de guerreiros, heróis e naus para lutarem a favor dos aqueus contra os troianos.⁵³

Com a descoberta da armadura “hoplítica”, alguns autores, influenciados em grande parte pela documentação textual, interpretaram os contextos funerários do Geométrico Tardio em Argos como uma proeminência militar e política dessa

⁵² HERÓDOTO, *História*, I.82, p. 92-93.

⁵³ HOMERO, *Ilíada*, II.559-580, p. 98-101.

comunidade em relação aos demais assentamentos da Argólida, já durante a Idade do Ferro, principalmente no século VIII a.C., momento em que esta superioridade estaria inserida no contexto de formação da cidade-Estado grega.⁵⁴

Durante o Geométrico Tardio na Eubéia, também há registros textuais e arqueológicos de conflitos e disputas político-militares entre duas comunidades destacadas, Cálcis e Erétria, ocasionando a destruição e o abandono de um outro grande e importante assentamento durante toda a Idade do Ferro, Lefkandi. Neste último sítio, as práticas mortuárias mais comuns ainda constituem cremações durante todo o século VIII, com uma elevação na quantidade de inumações para adultos. No Cemitério Toumba, os enterramentos cessam ainda por volta da metade do século IX, dessa forma, tais evidências são coletadas a partir do exame dos outros quatro cemitérios, cujos últimos túmulos datam do final do século VIII e limiar do século VII, quando o assentamento de Xerópolis também é abandonado.⁵⁵

Em Erétria e Cálcis as ocorrências são similares, contudo há quase uma relação de igualdade entre as cremações e inumações para adultos em Erétria ainda durante o século VII a.C. O mobiliário funerário no Geométrico Tardio também é bastante rico e diversificado, principalmente nas sepulturas dos guerreiros, mas também há uma grande quantidade de objetos cerâmicos, em ferro, bronze e ouro nos enterramentos femininos e infantis. Quanto aos marcadores funerários, há poucos casos em que foram encontrados possíveis montículos de terra, pequenas pedras e, mais raro, vasos cerâmicos.

Quanto aos aspectos econômicos e culturais, percebemos que há a intensificação da prática agrícola, do contato com o Oriente e o “surgimento” da escrita, tendo como fato mais significativo a difusão dos poemas atribuídos a Homero. Atualmente, muitos estudos têm tido cautela em relação ao termo “surgimento”.⁵⁶ O alfabeto grego não foi “criado” e nem “surgiu” de repente no século VIII com a formulação escrita de obras de grande porte (28.000 versos hexâmetros), a *Ilíada* e a *Odisséia*. É necessário distinguir os sistemas de escrita que se configuram silabários, como é o caso da Linear B, das escritas alfabéticas, como por exemplo, a cuneiforme fenícia, existente desde o século

⁵⁴ COURBIN, P. *La Céramique Géométrique de l'Agolide*, I Paris, 1966; HÄGG, R. “Die Gräber der Argolis in Sumykenischer, Protogeometrischer und Geometrischer Zeit” *BOREAS* 7:1, Lage und Form der Gräber, Uppsala, 1974; e, ainda, em estudos mais gerais, COLDSTREAM, J. N. *GG*, 1976. SNODGRASS, A. *MDAG*, 2000.

⁵⁵ A exposição mais detalhada das evidências arqueológicas encontra-se no Capítulo 4 – Catálogo e no capítulo seguinte, em que há a revisão historiográfica sobre os casos selecionados e nossas considerações sobre a análise do material catalogado.

⁵⁶ Por exemplo: HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. SERRA, J. Ordep (trad.) São Paulo, s/ data.

XIV a.C.⁵⁷ O primeiro caso constitui um silabário plenamente vocalizado, já os registros cuneiformes, formam um sistema de escrita sem vogal.⁵⁸

Apesar da Linear B ter desaparecido por volta do final do século XII e início do XI, provavelmente o conhecimento da escrita nunca tenha se perdido durante a Idade do Ferro. Há evidências arqueológicas que revelam o contato dos gregos com a escrita já no século X a.C. Uma tigela de bronze contendo uma inscrição fenícia, encontrada em um contexto funerário do final do século X em Cnossos, demonstra que este contato nunca se perdeu por completo.⁵⁹ Além disso, os gregos estavam em constante contato com Chipre durante os séculos IX ao VIII, onde um silabário também era utilizado durante a “Idade Obscura”.⁶⁰

Os registros epigráficos mais antigos da escrita grega já evoluída com letras traçadas da mesma forma que a fenícia, em ordem regressiva, da direita para esquerda datam aproximadamente do final do século IX e da primeira metade do VIII. São eles; uma enócoa encontrada em Atenas (**Figura 12**) e uma taça eubóica encontrada em Pitecussa (**Figura 13**). A inscrição da enócoa é metrificada em verso hexâmetro, onde se lê: “àquele que dentre todos os dançarinos dançar com mais graça”. Já na taça, o primeiro verso é jâmbico; “De Nestor sou a taça de bom beber” e os dois seguintes são hexâmetros; “Quem quer que beba desta taça imediatamente o”, “arrebatará o desejo de Afrodite, a de bela coroa”.⁶¹

Esses dados revelam que o alfabeto grego teria se originado já no século IX a.C. e, durante o século VIII, foi sendo aprimorado.⁶² Além disso, essas evidências também nos levam a uma outra consideração importante sobre a data da confecção escrita da *Ilíada* e da *Odisséia*. A maioria dos autores data os poemas do século VIII.⁶³ Com os estudos de M. L. West indicando que as representações na *Ilíada* e na *Odisséia* não são mais tardias que a metade do século VII, foi estabelecido um *terminus ante quem* para

⁵⁷ Id. Ibid., p. 69, 77-81. Os silabários são denominados dessa forma por representarem sílabas. Os alfabetos representam unidades de som mínimas, os fonemas, formando um conjunto de combinações de sentido (as palavras) muito maior que os silabários.

⁵⁸ Id. Ibid., p. 68.

⁵⁹ MORRIS, I. “The Use and Abuse of Homer.” *ClasAnt* Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138, especialmente p. 121-22.

⁶⁰ SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 330-32.

⁶¹ HAVELOCK, E., op. cit., p. 197-201.

⁶² SARIAN, H. “A Escrita Alfabética Grega: uma invenção da *pólis*? A contribuição da arqueologia” *Clássica*, v. 11/12, n. 11/12, 1998/1999, p. 159-77.

⁶³ POWELL, B. B. *Homer and the Origins of the Greek Alphabet*. Cambridge, 1991, p. 186-220. O autor data a obra da primeira metade do século VIII. JANKO, R. *Homer, Hesiod, and the Hymns: Diachronic Development in Epic Diction*. Cambridge, 1982. Janko atribui a datação na segunda metade do século VIII. MORRIS, I. “The Use and Abuse of Homer.” *ClasAnt* Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138. Morris utiliza a mesma datação de Janko para as obra homéricas, p. 93.

elaboração escrita das obras.⁶⁴ Heródoto data Homero e Hesíodo 400 anos antes de seu tempo, isto quer dizer; por volta de 850 a.C.⁶⁵ Todavia, esta data constitui-se incongruente para o período em que Hesíodo viveu e também pode ser questionada no caso de Homero. O *terminus post quem* é estabelecido por volta de 775-750 a.C., quando foram encontradas as primeiras inscrições formadas pelo alfabeto grego já evoluído. A datação mais aceita atualmente para a *Ilíada* é entre 750-725 e para *Odisséia*, um pouco posterior, entre 743-713.⁶⁶



A

B

FIGURA 12 – Enócoa do *Dípylon* com versos hexâmetros.

⁶⁴ WEST, M. L. “The Rise of the Greek Epic” *JHS* 108 (1988), p. 151-72. Id. “The Descent of Greek Epic: A Reply” *JHS* 112 (1992), p. 173-75. Id. “The Date of the *Iliad*” *MusHelv* 52 (1995), p. 203-19, especialmente p. 204.

⁶⁵ HERÓDOTO *História* 2.53.2.

⁶⁶ Esta data foi estabelecida por JANKO, R. op. cit., p. 228-31 e é aceita por MORRIS, I. op. cit., p. 93. O *terminus post quem* constitui ponto de acordo no artigo de MORRIS, I., “The Use and Abuse of Homer.” *ClasAnt* Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138, especialmente, p. 92-4 e na obra de SNODGRASS, A. M. “An Historical Homeric Society?” *JHS* 94 (1974), p. 114-25. Id. *DAG*, 2000.

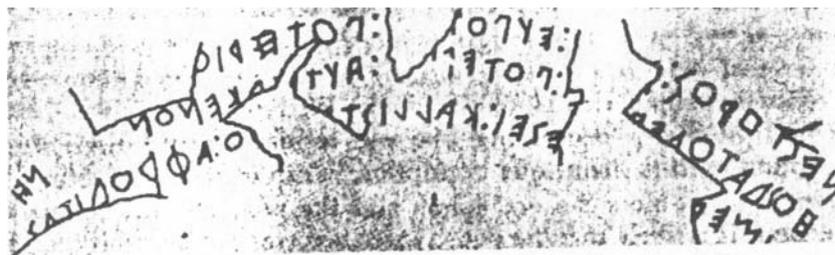


FIGURA 13 – Primeiros registros do alfabeto grego na taça encontrada em Pitecussa, datada do final do século IX e início do VIII a.C. em versos jâmbico e hexâmetros.

A partir dessas breves caracterizações da Idade do Ferro, podemos concluir que o “isolamento” e a “obscuridade” da Grécia durante este intervalo de quase quatro séculos são questionáveis e até mesmo insustentáveis. O contato com as comunidades do Oriente Próximo pode ter diminuído com a derrocada do Sistema Palacial Micênico e as migrações, contudo não deve ter jamais cessado por completo. Concordando com W. Burkert, as relações entre as comunidades da Idade do Ferro com o Oriente devem ser repensadas e analisadas mais detalhadamente. Da mesma forma, os aspectos religiosos também precisam ser investigados com mais cuidado, revendo inclusive os laços entre o surgimento das grandes estruturas arquitetônicas delimitadas como espaço de culto aos deuses e heróis épicos e o surgimento da *pólis*.

A transcrição, o alcance e a importância da difusão dos poemas épicos atribuídos a Homero inserem-se neste processo de transformações e, enquanto documentos textuais devem ser considerados fontes de conhecimento das comunidades da Idade do Ferro. Esta relação constitui o foco principal da “Questão Homérica”. Refletirmos sobre este debate, é fundamental para entendermos a relação entre o registro escrito e as evidências arqueológicas na configuração do “culto heróico”.

CAPÍTULO 2 – Fontes Textuais e Imagéticas: a configuração histórica da sociedade heróica.

Homero e a Idade do Ferro. A busca do referente histórico.

Apesar da atribuição de uma data mais ou menos segura e consensual ao aparecimento da forma escrita dos poemas épicos (durante o século VIII a.C.), o debate acerca da “Questão Homérica”, até hoje, constitui um ponto de grandes divergências entre os historiadores e arqueólogos da Grécia Antiga. Essa “questão”, conforme já foi assinalado, abrange três problemáticas principais: a existência de Homero, a elaboração das duas obras pelo mesmo e único rapsodo e a busca do referente histórico dos poemas.

Gregory Nagy argumenta que o nome Homero pode não ter sido o verdadeiro nome do poeta que ditou ou transcreveu os poemas épicos, pois seu significado pode estar relacionado à ocupação do indivíduo e não a um nome próprio: “aquele que agrupa [os cantos]”.⁶⁷ Richard Janko, a partir de um estudo de lingüística, acredita que os poemas são criações de um único poeta.⁶⁸ Já A. Snodgrass e I. Morris afirmam que, para realizar uma tarefa desse porte, escrever 28.000 versos metrificados, seria necessário o auxílio de vários rapsodos e escribas.⁶⁹ Entretanto, independente da discussão em torno da autoria dos poemas relacionada com a existência de Homero, o foco de debate está centrado na busca do referente histórico que teria originado da sociedade heróica retratada pelo poeta(s).

Desde as publicações de A. Parry e A. B. Lord, a tradição oral, enquanto elemento fundamental na composição das obras épicas, tornou-se ponto quase unânime entre os homeristas.⁷⁰ Lord afirma que os poemas são “*textos ditados oralmente*”; frutos de *performances* orais em que o poeta recita blocos, expressões e cenas típicas *lembradas* a partir da linguagem e das estruturas da tradição cultural a qual está

⁶⁷ NAGY, G. *The Best of the Archaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore, London, 1979, p. 297; trecho original em inglês: “he who fits [the song] together”. O termo grego para Homero é “Ὅμηρος (*Hómeros*) que, segundo Nagy, trata-se de uma composição construída Indo-Européia. No início teria sido utilizada a forma **homo-ar-os** que, posteriormente, teria se transformado em **hom-aros** e finalmente originou **hómeros**. Ver especialmente p. 297-300.

⁶⁸ JANKO, R. “The Homeric Poems as Dictated Texts” *CIQ* Vol. 48, no. 01 (1998), p. 1-13, especialmente p. 1.

⁶⁹ SNODGRASS, A. M. “An Historical Homeric Society?” *JHS* 94 (1974), p. 114-25. MORRIS, I. “The Use and Abuse of Homer.” *ClasAnt* Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138, especialmente p. 121-22.

⁷⁰ PARRY, A. *The Making of Homeric Verse*. Oxford: The Oxford University Press, 1971; LORD, A. B. *The Singer of Tales*. Harvard, 1960; Id. *The Singer Resumes the Tale*. Ithaca, New York, 1995. A última obra constitui uma resposta do autor às críticas e também uma nova análise de suas idéias, mal interpretadas por muitos autores, segundo Lord.

inserido.⁷¹ Segundo Parry, essas *lembranças* atuam como *fórmulas*, cuja essência permanece a mesma, mas as formas vão sendo modificadas e acrescidas a cada *performance*.⁷² O próprio momento em que os poemas são escritos, através do ditado da composição oral pelo poeta, constitui uma nova *performance*, que, segundo Lord, não significa o fim da tradição oral, mas sim uma nova maneira dos rapsodos *memorizarem* a tradição. A *memorização* constitui, neste evento, o meio pelo qual a tradição oral é transmitida, com o suporte da escrita e não mais das *performances* orais.⁷³

É a partir da noção de composição oral de A. Parry e A. B. Lord, que inúmeros estudiosos dedicaram-se em levantar respostas para a “Questão Homérica”, ocasionando, fundamentalmente, duas linhas interpretativas divergentes. A primeira delas foi inaugurada por M. I. Finley, argumentando a favor da idéia de unicidade e historicidade dos poemas épicos e propondo que a *Ilíada* e a *Odisséia* refletem o sistema social dos séculos X e IX a.C.⁷⁴ O segundo viés, reivindicado por A. M. Snodgrass, indica que a sociedade heróica teria sido resultante de um amálgama de aspectos político, econômico, cultural e social de vários períodos distintos da Proto-história da Grécia.

No que diz respeito à cultura material e à estrutura social retratada nas obras épicas passíveis de proporcionar uma ou várias datas para a existência histórica da sociedade heróica, podemos resumi-las em cinco grandes categorias: artefatos em geral, edifícios, costumes funerários, relações de poder político-social e aspectos econômicos. Os artefatos podem ser divididos em duas outras categorias fundamentais para a grande maioria dos pesquisadores: armamentos, de um lado, e objetos utilitários e ornamentais, de outro.

Em relação aos armamentos, verificamos que o bronze constitui o metal utilizado para a fabricação da totalidade dos escudos, armaduras, espadas, lanças, elmos, entre outros. Dentre esses, observa-se uma grande quantidade de tipos diferentes (quanto à forma, principalmente, mas, também, à quantidade e à matéria-prima complementar de confecção dos armamentos) de escudos, lanças, elmos, espadas que apontam para a existência de diferentes momentos históricos, de acordo com os registros arqueológicos. Podemos esquematizar os artefatos e os períodos correspondentes da seguinte forma:

⁷¹ LORD, A. B., *The Singer Resumes the Tale*. Ithaca, 1995, p. 11, 20, 197-200.

⁷² PARRY, A., op. cit.

⁷³ LORD, A. B., op. cit., p. 181.

⁷⁴ FINLEY, M. I. *O Mundo de Ulisses*. Portugal, 1965, p. 65.

- Elmo de presa de javali, lança simples e única e escudo em oito de corpo inteiro → Período Micênico, intervalo entre os séculos XIV e XII a.C.
- Elmo com “chifres”, escudo circular, dois ou três pares de lanças, espadas com lâminas longas → Idade “Obscura”, intervalo entre os séculos XI ao IX a.C. Características que ainda permanecem durante o século VIII a.C., somando-se táticas proto-hoplíticas.

É essencial ressaltarmos que este esquema é apenas um recurso para visualizar que a relação das referências materiais em Homero com os registros arqueológicos indica períodos históricos distintos presentes na obra, sem denotar, contudo, que a segunda linha interpretativa defendida por Snodgrass corresponda à resposta mais adequada para a “Questão Homérica”. Podemos levantar um ponto fundamental, logo de início, que fragmenta essa aparente regularidade entre o documento escrito e o registro material. O ferro é utilizado nos poemas épicos apenas para pequenos objetos e artefatos utilitários ligados às atividades do pastoreio,⁷⁵ fato completamente distinto das características da Idade do Ferro evidenciadas pela Arqueologia, para todos os seus sub-períodos, conforme foi exposto no capítulo anterior. O ouro, a prata e outros metais que aparecem nos poemas, na grande maioria das vezes, estão relacionados aos artefatos ornamentais, como jóias e, com menor frequência, na confecção dos armamentos.

No que diz respeito aos aspectos arquitetônicos, notamos que os edifícios também apresentam aspectos característicos de diferentes períodos. As residências, em algumas passagens, são extremamente complexas, com escadas, compartimentos superiores e com telhados retos, definindo características semelhantes às residências da Idade do Bronze. Em outros momentos dos poemas, elas são bem mais simplificadas, geralmente térreas e telhados com inclinação; aspectos semelhantes aos vestígios da Idade do Ferro. Já em relação aos edifícios sagrados, há num total de seis menções na *Ilíada* e duas na *Odisséia* de locais em que se desenvolvem práticas rituais em homenagem aos deuses.⁷⁶ Todavia, não se tratam de construções complexas que caracterizem templos, são raras menções de locais fechados e a grande maioria,

⁷⁵ Uma das poucas passagens da *Ilíada* em que há menção do uso do ferro, aparece no canto XXIII: 826-49.

⁷⁶ HOMERO, *Ilíada*, I: 39; VI (quatro vezes mencionando um templo dedicado a Atena em Tróia); V: 446 (referindo-se a um templo dedicado a Apolo); *Odisséia*, VI: 9-10; XII: 346-47 (Odisseu promete um templo para Hélios *Hypérion*).

caracterizada como cavernas ou locais abertos naturais, sem qualquer indício de edificação arquitetônica.

Outra categoria exaustivamente tratada pelos autores corresponde aos costumes funerários. Nesta, não há divergências e nem sugestão de períodos diferenciados, pois a prática mortuária mencionada no texto homérico para a totalidade dos guerreiros mortos corresponde à cremação, que constitui a prática funerária mais recorrente em grande parte dos assentamentos da Idade do Ferro. A cremação, nos poemas, constitui o tipo de enterramento por excelência dos heróis homéricos, como Pátroclo, Aquiles, Ajax e Heitor. Contudo, a cremação é apenas uma das etapas do ritual funerário desses grandes guerreiros.

Segundo J. Boardman e R. Garland o ritual funerário, em várias cidades-Estado gregas durante o Período Arcaico e Clássico, era marcado por três momentos essenciais.⁷⁷ O primeiro consistia na confirmação da morte, na preparação do defunto e na própria exposição, acompanhada da lamentação do morto: era a *próthesis* propriamente dita.⁷⁸ O ritual de preparação constituía na purificação do corpo através do banho. A água adquiria grande importância neste processo, era responsável não apenas pela purificação do corpo do morto, mas também dos participantes dos rituais funerários. Trata-se de eliminar os vestígios da poluição (*miasma*)⁷⁹, associada à morte.

Nesses rituais, para a purificação dos participantes, principalmente os parentes do morto, a água era conservada em um tripode de bronze que ficava, em geral, na entrada da casa, já como um sinal de morte. É interessante que o tripode de bronze também simbolizava o prestígio social do morto e sua linhagem familiar. Há algumas cenas de *próthesis* e *ekphorá* em que o tripode está presente indicando o caráter de contexto funerário da decoração, da poluição característica desse rito de passagem (a morte), seu respectivo processo de purificação e o prestígio do morto. Além disso, o tripode de bronze também está presente nas obras épicas, funcionando como prêmio, nos jogos atléticos e fúnebres realizados em homenagem aos grandes heróis mortos.⁸⁰

Após o banho, o morto era besuntado com óleos, vestido e adornado com flores, ramos, instrumentos de batalha, jóias. Este processo de purificação, segundo R.

⁷⁷ BOARDMAN, J.; KURTZ, D. C. *Greek Burial Customs*. London, 1971, p. 142. GARLAND, G. *The Greek Way of Death*. New York, 1985, p. 21.

⁷⁸ Do grego: **Πρόθεσις** – exposição.

⁷⁹ GARLAND, G., Ibid. e PARKER, R. *Miasma. Pollution and Purification in Early Greek Religion*. New York, 1996.

⁸⁰ Por exemplo, os jogos fúnebres realizados por Aquiles em honra a Pátroclo, como corrida de carros e lutas, cujos prêmios incluíam tripodes de bronze. *Ilíada*, XXIII.

Garland, era realizado pelas mulheres mais velhas e, geralmente, parentes do morto. A seguir, o morto era colocado em um esquife, podendo ser guarnecido com travesseiros e coberto com uma mortalha. Inicia-se aí, a exposição e lamentação do defunto, que se caracterizava não apenas pelas lágrimas, mas também por gritos, lacerações e, principalmente, o gesto de conduzir as mãos à cabeça em sinal de tristeza e desespero. Também poderiam ocorrer cantos fúnebres acompanhados de danças e até mesmo de discursos, feitos por amigos e parentes.

No segundo momento, era realizado o traslado do corpo até o local de enterramento. Trata-se do conjunto de rituais integrantes da *ekphorá*, o cortejo fúnebre.⁸¹ As lamentações, cantos, danças também podiam estar presentes neste rito, seguindo o carro condutor que transportava o morto. Por fim, chegando ao local de enterramento, o corpo podia ser inumado ou então era cremado numa pira e suas cinzas eram depositadas dentro de urna funerária, enterrada numa cova. Na maioria das vezes, essas práticas mortuárias eram seguidas de libações, banquetes e rituais de sacrifícios, além da realização de jogos fúnebres como corridas de carros, jogos atléticos e lutas, seguidos de premiações.

Na *Iliada*, a preparação e a purificação do corpo do herói Heitor⁸² são seguidas de nove dias de exposição.⁸³ A lamentação está sempre presente no ritual de *próthesis* das obras épicas e é exercida por um grande número de pessoas, tanto mulheres, quanto indivíduos do sexo masculino.⁸⁴ Na *Odisséia* a duração da *próthesis* e da *ekphorá* de Aquiles é de 17 noites e dias.⁸⁵ O cortejo fúnebre é realizado com grande suntuosidade e seguido por uma grande multidão sempre em lamentação, chorando, cantando e dançando.⁸⁶

No caso dos heróis homéricos, todos são cremados na pira, suas cinzas são depositadas numa urna, geralmente, de ouro que é enterrada no túmulo onde se realizam libações, ofertas de objetos, comida, cantos, danças, banquetes fúnebres e discursos. Finalmente, ergue-se um monumento na sepultura em homenagem ao herói.⁸⁷ Um dos

⁸¹ Do grego: Ἐκφορά – transladação do féretro, cortejo fúnebre.

⁸² HOMERO, *Iliada*, XXIV: 583-89.

⁸³ Id. Ibid. XXIV: 784.

⁸⁴ Id. Ibid. XXIV: 775. A lamentação é praticada por uma “*multidão*”. Contudo, podemos notar que os indivíduos do sexo masculino possuem grande peso no gesto de lamentação desde a exposição até o enterramento das cinzas do herói morto; Id. Ibid. XXIV: 793-95.

⁸⁵ Id. *Odisséia*, XIV: 48-58.

⁸⁶ Como nos versos 48 a 58 da *Odisséia*, quando se dá o traslado do corpo de Aquiles.

⁸⁷ Id. *Iliada*, XXIV: 789-99. Os versos descrevem todo o ritual de cremação do corpo de Heitor na pira, a deposição de suas cinzas numa urna de ouro, o enterramento da mesma, seguido de libações e deposição de oferendas para finalmente, erguer um monumento em homenagem ao herói.

rituais funerários mais suntuoso na *Ilíada* é o de Pátroclo.⁸⁸ Além das libações e da construção do monumento, são realizadas diversas modalidades de Jogos Fúnebres organizados por Aquiles em honra a Pátroclo, por exemplo, corrida de carros e lutas. Também são ofertados diversos sacrifícios de animais (cavalos e cães, além de bois, ovelhas, cervos/veados) e humanos em honra ao morto. Há distribuição de prêmios e banquetes. A purificação dos participantes é feita com a água conservada no trípode de bronze. Todos esses rituais são sempre acompanhados de lamentações e da grande suntuosidade da participação dos chefes aqueus na exposição e no cortejo fúnebre.

Podemos concluir que o ritual funerário era utilizado como símbolo de riqueza, prestígio e poder na sociedade heróica retratada nos poemas homéricos e, dessa forma, começamos a definir a outra categoria utilizada pelos autores para responder à “Questão Homérica”: o poder político-social. O termo mais freqüentemente utilizado pelo rapsodo(s) para aqueles que tomam as decisões na *Ilíada* e na *Odisséia* é *basiléus* (do grego: Βασιλεύς – plural: *basiléis* – βασιλείς), cujas diferentes traduções dos pesquisadores proporcionam diferentes interpretações sobre o sistema de governo predominante na sociedade heróica.

O termo teria derivado de uma denominação semelhante nos tabletes da Linear B do Período Micênico – qa-si-re-we – destinada aos “sub-reis” das comunidades subordinadas ao *wanax* – wa-na-ka (o rei micênico). É interessante notar, todavia, que o termo *anax* (do grego: ἄναξ) também aparece algumas vezes nas obras épicas para designar os mesmos governantes que são denominados de *basiléis*. Por exemplo, a passagem em que o rapsodo refere-se a Agamêmnon na *Ilíada* (II: 284; 402) como *anax* e um pouco depois como *basiléus* (III: 170; 179). Talvez, este fato não se explique segundo uma diferença nos significados dos termos, mas sim, devido à métrica, à necessidade do rapsodo de formar sempre versos hexâmetros.

F. de Polignac acredita que o termo *basiléus* refere-se aos chefes dos *oïkoi* dos grandes heróis das épicas, como o *oïkos* de Odisseu em Ítaca, na *Odisséia*.⁸⁹ O *oïkos* corresponde à casa do chefe, que abriga a família mais próxima do *basiléus*, seus fiéis companheiros, seus escravos, rebanhos e tesouros. Para o autor, o *basiléus* das obras homéricas é o “mestre do *oïkos*”, líder de um grupo guerreiro aristocrático, cujo domínio está apoiado nos valores pessoais, nas riquezas e nas relações com outros *basiléis*. R. Drews argumenta que o termo *basiléus*, quando utilizado no singular na

⁸⁸ Id. *Ilíada*, XXIII.

⁸⁹ De POLIGNAC, F. *CTO*, 1995, p. 6-8.

Iliada e na *Odisséia*, significa “rei”, porém, nos momentos em que esses indivíduos aparecem reunidos em assembleias ou outras ocasiões (como a reunião dos 108 pretendentes à mão de Penélope na *Odisséia*), o grupo dos *basiléis* define um grupo aristocrático local.⁹⁰ Dessa forma, para o autor, o termo *basiléus* jamais denotaria “rei” configurando um sistema monárquico. A. M. Ainian, entretanto, discorda de Polignac e de Drews, afirmando que o *basiléus* em Homero configura um monarca de algum tipo.⁹¹

Alguns autores fazem uma simples transposição do sistema político-social representado nos poemas homéricos para os observados nas comunidades da Idade do Ferro. Aparentemente o sistema político descrito por Homero também é caracterizado por um amálgama de resquícios micênicos o que contribuía para a impressão de heterogeneidade e anacronismo. Todavia, uma análise mais detalhada dos poemas mostra que esse sistema político-social apresenta homogeneidade e coerência que podem ser resumidas pela seguinte fórmula: as pessoas escutam, os anciãos propõem e o *basiléus* executa.⁹² As instituições sociais e políticas parecem operar acima das fronteiras étnicas, lingüísticas e geográficas.⁹³ Apesar das conquistas e dos valores individuais, os laços de sangue e a hereditariedade constituem o pilar de sustentação da sucessão do poder político e social dos *basiléis*, configurando assim, um tipo de sistema monárquico.

Distintamente dos poemas, as comunidades da Idade do Ferro, principalmente entre os séculos XI e X a.C., são caracterizadas por uma marcante diversidade social.⁹⁴ Durante a Idade do Ferro, o significado do termo *wanax* enquanto rei / monarca supremo, chefe dos *basiléis*, pode ter desaparecido. Esses últimos podem ter reunido funções políticas, militares e religiosas, estabelecendo várias monarquias. Esses “reinos” da “Idade Obscura” seriam bem menores em relação aos micênicos e o surgimento da *pólis* só teria sido possível com a abolição dessa espécie de monarquia em favor do estabelecimento de um regime aristocrático. Este processo teria ocorrido de forma gradual e não uniforme; em Esparta o “rei” reteve as funções religiosas, já em Atenas, as funções foram divididas entre os polemarcas (militares), os arcontes (políticas) e os *basiléis* (religiosas). Durante o Alto Arcaísmo (século VIII a.C.) essa

⁹⁰ DREWS, R. *Basileus: the Evidence to Kingship in Geometric Greece*. New Haven, London, 1983, p. 100-15.

⁹¹ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, 1997, p. 358-62. Id. “Early Greek Temples: Their Origin and Function.” *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 105-19, especialmente p. 118-19.

⁹² CARLIER, P. *La Royauté em Grèce avant Alexandre*. Strasbourg: AECR, 1984, p. 504.

⁹³ WHITLEY, “Social Diversity in Dark Age Greece” *BSA* Vol. 86, (1991), p. 341-365, especialmente, p. 342; 351; 362.

⁹⁴ Id. *Ibid.*

transição é demonstrada não só pelos vestígios arqueológicos, mas também, pelos documentos escritos. As instituições descritas nas obras homéricas correspondem a uma realidade histórica, na medida em que são familiares ao(s) poeta(s) e ao seu auditório, pois fazem parte das experiências cotidianas.⁹⁵ Daí, a aparente ambigüidade do sistema político-social e a impressão de anacronismo dos poemas.

Por último, nos resta definir as características da economia descrita na épica. A principal atividade econômica das comunidades mencionadas é o pastoreio. Entretanto, há outras três atividades que também constituem os meios essenciais de obtenção de artigos básicos e de riquezas: o comércio marítimo, principalmente com os fenícios, a pilhagem da guerra e o sistema de troca de presente entre os *basiléis*.⁹⁶ Tais atividades não são exclusivas de um período histórico específico, questionando a premissa da unicidade e historicidade dos poemas, defendida por M. Finley.

Finley afirma que as “discrepâncias” (por exemplo, a utilização do bronze para os instrumentos de batalha) são, na verdade, frutos da tradição oral, características que eram transmitidas de geração em geração, que compunham o contexto poético das rapsódias recitadas em determinadas ocasiões nas comunidades da Idade do Ferro e que teriam permanecido no momento da transcrição. A grande maioria dos elementos utilizados por Homero, entretanto, estaria conectada com a sociedade dos séculos X e IX (por exemplo, o pastoreio, a cremação, a troca de presentes, o comércio marítimo etc.). Finley recusa a alternativa dos poemas retratarem as instituições sociais do século VIII a.C., data da produção escrita das obras, devido à ausência de elementos essenciais característicos da sociedade e desta época; por exemplo, a ausência da escrita, da *pólis* configurada, da colonização e de indivíduos representantes dos dialetos jônico e dórico.

Snodgrass critica a noção de unidade histórica das obras homéricas afirmando que o maior problema para os pesquisadores que defendem tal posição é identificar com certeza a qual período específico pertenceria a sociedade homérica. Suas idéias são detalhadamente discutidas e argumentadas em um importante artigo, publicado em 1974, na revista *The Journal of Hellenic Studies* intitulado “An Historical Homeric Society?”.⁹⁷ Para Snodgrass, não existe uma resposta única e correta para essa questão, o alcance de possíveis conclusões está no estudo das instituições descritas nos poemas.

⁹⁵ CARLIER, P. Op. cit., p. 503-05.

⁹⁶ FINLEY, M. I. *O Mundo de Ulisses*. Portugal, Brasil: Livraria Martins Fontes, 1965. , p. 107-62.

⁹⁷ SNODGRASS, A. M. “An Historical Homeric Society?” *JHS* 94 (1974), p. 114-25, p. 114-25.

Dessa forma, o autor seleciona como objeto de análise nos poemas a instituição do casamento associado às formas de transmissão de propriedade. Snodgrass utiliza a analogia etnográfica como recurso metodológico, segundo o artigo de J. R. Goody,⁹⁸ que retira suas conclusões a partir de um estudo geral sobre 863 sociedades da África e da Eurásia realizado por G. P. Murdock no *World Ethnographic Atlas*. Goody centra sua análise nos aspectos de hereditariedade, propriedade e casamento presentes nessas sociedades, dividindo os modos de transmissão de propriedade em dois: divergente e homogêneo.

Snodgrass retoma e sintetiza essas duas formas de transmissão de propriedade formuladas por Goody, indicando que na categoria divergente a família nuclear constitui a unidade social básica em qualquer grupo e é através do núcleo familiar que se desenvolve o sistema de dote ou dote indireto no casamento. Neste momento, a propriedade é distribuída aos filhos de ambos os sexos. As características sócio-culturais de uma sociedade que apresenta esse tipo de transmissão são: monogamia, complexa estratificação por casta, complexa terminologia de parentesco para definir os parentes próximos e mais distantes, residência alternativa para o casal, tanto em grupos (ambilocal), quanto independentemente (neolocal), ao invés de residir com a família da esposa (uxorilocal) ou do marido (virilocal) e por fim, endogamia.

Na categoria homogênea, a propriedade é distribuída aos filhos do mesmo sexo, na maioria das vezes, para os homens e primogênitos. Configuram-se sociedades com livre escolha de esposa, poligâmicas, possuem terminologia classificatória bastante simples para os laços de parentesco e não há estratificação social complexa. Além disso, são sociedades patrilineares ou matrilineares, cuja base é formada por grandes grupos familiares. Todavia, podem estabelecer núcleos familiares menores dentro desses grupos e utilizam o pagamento de bens no ato do casamento.

Comparando esses dados do estudo etnográfico de Goody com as formas de transmissão de propriedade presentes nos poemas épicos, Snodgrass conclui que a “sociedade homérica” apresenta os dois tipos de transmissão de propriedade, fato que denotaria a utilização de elementos sócio-culturais de, no mínimo, dois períodos diferentes da história grega.⁹⁹

⁹⁸ GOODY, J. R. “Inheritance, Property and Marriage in Africa and Eurasia.” *Sociology*. Vol. 3 (1969), p. 55-76.

⁹⁹ SNODGRASS, A. “An Historical Homeric Society?” *JHS* 94 (1974), p. 114-25, p. 119-21.

A partir da análise dos instrumentos utilizados pelos personagens heróicos nos poemas, Snodgrass demonstra a impossibilidade da existência de uma “sociedade homérica” unitária e histórica. O uso exclusivo do bronze para artigos militares e para objetos ofertados nos locais sagrados (delimitados ou não) desqualifica qualquer tentativa de datar o sistema social homérico da “Idade Obscura”, principalmente nos séculos X e IX, conforme reivindica Finley, pois neste período a dependência do ferro alcança seu auge. Soma-se ainda, o fato de que o ferro não era um metal desconhecido para Homero, pois como vimos, ele aparece nas obras utilizado apenas para a confecção de instrumentos utilitários.

Essas aparentes irregularidades são explicadas, para Snodgrass, devido ao fato dos poemas serem frutos da recitação oral. De um lado, podemos identificar na épica elementos resultantes do “arcaísmo”, que determina a presença de artefatos e costumes de períodos recuados, como a própria utilização do bronze. De outro lado, encontram-se os elementos familiares a Homero, resultantes de um passado recente e do próprio presente do rapsodo. Dessa forma, Snodgrass define dois modelos históricos prováveis que compõem ambas as obras homéricas: a “Idade das Migrações” (entre a queda das cidades micênicas por volta de 1200 e 1000) e o conjunto dos séculos IX e VIII.¹⁰⁰

Para o autor, é preciso reconhecer os exageros nos poemas, combinações artificiais, frutos da licença poética que contradizem os dados arqueológicos. Por exemplo, os drásticos sinais de diminuição da população e de um certo momento de isolamento da Grécia durante o início da “Idade Obscura” atestados pela Arqueologia, mas que jamais são admitidos na sociedade heróica construída por Homero. Destarte, Homero teria sido um poeta oral que dependeu de outros poetas orais, seus predecessores, transmitindo as histórias dos heróis durante séculos e acrescentando elementos da criatividade poética, independentemente da confirmação de sua autoria.

Outros três autores que seguem as interpretações de Snodgrass argumentando a favor de vários períodos como referencial para a composição dos poemas homéricos são E. S. Sherratt, G. E. Mylonas e J. M. Hurwit. Sherratt propõe realizar uma “análise arqueológica” dos textos homéricos, a princípio, independente da problemática da autoria dos poemas e totalmente engajada na noção e nas implicações da poesia oral.¹⁰¹ Sherratt faz um levantamento exaustivo das cinco categorias tratadas acima,

¹⁰⁰ Id. Ibid., p. 121.

¹⁰¹ SHERRATT, E. S. “‘Reading the Texts’: Archaeology and the Homeric Question.” *Ant* Vol. 64 (1990), p. 807-24.

distribuindo os dados em um quadro cronológico¹⁰². A partir da análise desse quadro, a autora conclui que três períodos contribuíram em maior ou menor grau para a formação dos textos homéricos, justamente devido ao fato dos poemas serem frutos da poesia oral: o período pré-Palacial e Palacial Antigo, aproximadamente os intervalos entre os séculos XVI e XIV, o período pós-Palacial, dos séculos XII ao VIII, o intervalo da “Idade Obscura” e, finalmente, o final do século VIII.

A autora associa todas essas informações ao fato de que, provavelmente Homero tenha sido um rapsodo que viajava pelo mundo grego para apresentar sua *performance* em grandes festivais. Dessa maneira, as origens e a residência do poeta se tornam imateriais e começamos a entender como os poemas se tornaram possessões pan-helênicas. Sherratt conclui afirmando que a presença de elementos de tais períodos não se faz ao acaso, mas sim é motivada por razões político-ideológicas de um momento específico, o final do século VIII a.C.; época de grandes mudanças e competitividade entre grupos de elites emergentes, ansiosas para definir e glorificar sua imagem e seu estilo de vida. A ausência de elementos dos séculos VII e VI nos poemas demonstra que o papel da tradição épica enquanto instrumento ativo para a definição do herói havia acabado. “*Apenas aqueles elementos da tradição que, devido às razões técnica e contextual, são os mais resistentes à reestruturação, conservam vestígios da criação anterior*”.¹⁰³

G. E. Mylonas, após um longo texto em que discorre sobre as práticas de enterramento na *Ilíada* e na *Odisséia*, comparando-as com as características gerais dos costumes funerários micênicos, enfatiza as similaridades, indicando que elas são mais numerosas e que não haviam recebido consideração devida até então pelos demais pesquisadores da “Questão Homérica”.¹⁰⁴ Mylonas considera que a maior diferença entre os dados arqueológicos e as evidências literárias é a prática de enterramento: da inumação, dominante durante toda Idade do Bronze e a da cremação, prática exclusiva para os personagens integrantes das obras. Contudo, essa diferença não atrapalha em nenhum aspecto as conclusões do autor, de que existem inúmeras características nos poemas heróicos, que atuam como reminiscências das práticas rituais micênicas.

¹⁰² Id. Ibid. p. 817.

¹⁰³ Id. Ibid. p. 821; trecho original em inglês: “*Only those elements of the tradition which, for the technical or contextual reasons, are the most resistant to restructuring preserve remnants of previous creation*”.

¹⁰⁴ MYLONAS, George E. “Homeric and Mycenaean Burial Customs.” *AJA* Vol. 52 no. 1 (1948), p. 56-81.

O elemento de maior ligação entre a sociedade heróica e a sociedade micênica é expresso pelo fato do “espírito” dos micênicos e do seu correspondente, a *psyché* dos heróis, permanecerem sensíveis, conscientes até que seu corpo fosse totalmente destruído, seja pela degradação da inumação, seja através da destruição pelo fogo. Para o autor, através da execução de ambas as práticas de enterramento, há a crença de que, enquanto a carne não se decompõe, o “espírito” no caso micênico, ou a *pyché* no caso homérico, não completa sua viagem para o mundo dos mortos e, portanto, pode retornar integrando o mundo dos vivos. O medo e o perigo de contaminação – *miasma* – levam à adoção de práticas rituais fúnebres, não só o enterramento, que auxiliem o morto em sua jornada até o mundo dos mortos e o separe definitivamente do mundo dos vivos.

Mylonas acredita, dessa forma, que a cremação teria sido um meio mais eficaz que a inumação para completar essa jornada, pois o corpo era degradado mais rapidamente e o “espírito” ou a *pyché* alcançava o mundo dos mortos de uma forma mais eficaz. Todavia, a grande quantidade de madeira necessária para queimar os mortos, acarretava um alto custo e este deve ter sido o motivo pelo qual a prática da inumação volta a se tornar a prática preferencial utilizada pelos gregos durante os demais períodos, após a “Idade Obscura”. Além disso, Mylonas afirma que a idéia de que a cremação foi introduzida por povos nórdicos de tribos Indo-Européias no final da Idade do Bronze deve ser abandonada. Para o autor, foram os guerreiros que retornaram da Guerra de Tróia que introduziram a prática da cremação na Grécia Continental.

As demais reminiscências listadas por Mylonas estão relacionadas com o elo principal: a construção de uma porta temporária nos túmulos em *tholoi* ou em câmaras e a colocação de uma pilha de pedras sobre os túmulos dos heróis; o enterramento ou cremação de alguns objetos pessoais do morto junto com seus restos; festas funerárias com a execução de sacrifícios refeições rituais e libações no túmulo do morto e a execução de jogos fúnebres os quais, segundo Mylonas, podem ser originários do período micênico¹⁰⁵.

Jeffrey M. Hurwit concorda com Snodgrass, Sherratt e Mylonas afirmando que é difícil argumentar a favor de uma “sociedade homérica” histórica e unitária.¹⁰⁶ Para o autor, três períodos colaboraram para a formação dos poemas épicos: a Grécia

¹⁰⁵ Id. Ibid. p. 77. Algumas cenas em *stelai* encontradas no Cemitério Royal em Micenas contendo corridas de carros de guerra, devido ao fato de terem sido encontradas em contexto funerário, são interpretadas por Mylonas como representações de jogos fúnebres e não de batalhas, conforme outros pesquisadores haviam defendido.

¹⁰⁶ HURWIT, J. M. Art, Poetry, and the Polis in the Age of Homer. LANGDON, S. (ed.) *From Pasture to Polis: Art in the Age of Homer*. Columbia, London, 1994, p. 14-42.

Micênica, por volta de 1200, a “Idade Obscura” central (os séculos XI, X e IX) e o século VIII, principalmente a segunda metade, em que os poemas foram transcritos. O objetivo de Homero em retratar alguns elementos de períodos tão abrangentes é recriar um mundo heróico que parecesse real da forma mais precisa possível para seus ouvintes. Para isso, o poeta utilizou recursos resultantes da poesia oral, como os “arcaísmos” e, também, elementos que são frutos da imaginação do poeta, como os exageros míticos que originaram duas obras monumentais e seletivas, acima de tudo.

Hurwit parte da premissa de que uma composição oral totalmente espontânea não pode ser verdadeira; devia haver inúmeros ensaios para cada performance apresentada ao público, contendo vários trechos decorados e transmitidos de longa data. Todavia, nenhuma *performance* era jamais cantada da mesma forma duas vezes e os poemas que chegaram até nossos dias, nada mais são que derivados daquela *performance* específica no momento da transcrição.

Eric A. Havelock e Ian Morris, retomando a linha interpretativa que argumenta a favor da unidade histórica para a sociedade heróica descrita nos poemas épicos, reivindicam que as instituições dos poemas derivam do mundo em que Homero e seus ouvintes viveram, isto quer dizer, o final do século VIII.¹⁰⁷ O primeiro autor afirma que “*os poemas relatam essencialmente uma sociedade em que ambos os aspectos, material e político, são contemporâneos à data da composição final*”.¹⁰⁸

Morris indica que poesias orais e heróicas, como são os casos da *Ilíada* e da *Odisséia*, descrevem guerras e eventos ocorridos algumas centenas de anos antes do tempo em que o poeta e seus ouvintes viveram e que a *performance* constitui elemento essencial na construção da poesia oral, proporcionando mudanças constantes até o momento em que a poesia é fossilizada pela escrita. Os elementos descritos pelo poeta oral integram uma tradição re-criada que só faz sentido no seu mundo e de seus ouvintes.¹⁰⁹ Contudo, também era necessário separar os dois mundos, deixar claro que a “Idade Heróica” era diferente do período em que eles viviam e para isso, o poeta utiliza recursos da chamada “*distância épica*”, quer dizer, termos e elementos “arcaizantes” como as armas de bronze, os carros de batalha, os capacetes de presa de javali, as riquezas exageradas, o grande número de pessoas, os monstros, os rios e cavalos que

¹⁰⁷ MORRIS, I. “The Use and Abuse of Homer.” *ClasAnt* Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138. HAVELOCK, E. A. *The Greek Concept of Justice*. Cambridge, 1978.

¹⁰⁸ HAVELOCK, E. A. op. cit., p. 56; trecho original em inglês: “*the poems essentially report a society which both in material and political aspects is contemporary with their final date of composition*”.

¹⁰⁹ MORRIS, I. op. cit., p. 88.

falam e, principalmente, o homem-herói que na “Idade Heróica” era melhor em todos os âmbitos.¹¹⁰

Morris critica Finley, quando este autor exclui o século VIII como provável data de referência das estruturas sociais dos poemas épicos, devido à ausência de instituições essenciais que se apresentavam na época que o poeta viveu, mas não foram inseridas nas obras. Para Morris, os exemplos mencionados por Finley são absurdos, principalmente, a ausência da *pólis*. É essencial ressaltarmos que, no final do século VIII, a cidade-estado ainda não estava totalmente consolidada. A ausência dos representantes de dialetos jônico, ou dórico e das armas em ferro também não constituem argumentos seguros para excluir o século VIII, pois nos séculos X e IX (momento utilizado por Finley para datar a “sociedade heróica”), tais elementos já integravam as características culturais das comunidades da “Idade Obscura”, principalmente, a utilização do ferro para confecção de instrumentos de batalha. Morris atribui à “distância épica” a ausência de tais aspectos nos poemas, assim como da colonização.

O autor também é contra os argumentos apresentados por Snodgrass no artigo “An Historical Homeric Society?” para comprovar a utilização de dois períodos distintos como referente das obras épicas. A sociedade homérica se enquadraria na categoria descrita por Goody como praticante da transmissão de propriedade do tipo divergente, que aliás constitui o meio de devolução da propriedade característico das maiores civilizações da Eurásia. Além disso, Morris acredita serem incongruentes as inconsistências discutidas por Snodgrass no que diz respeito às propriedades do casamento em Homero. Para Morris, o casamento nos poemas se dá exclusivamente entre os *aristoí*, geralmente um homem de uma comunidade e a mulher de uma outra, como um importante instrumento para o estabelecimento de alianças políticas entre líderes e *basiléis*. O dote serve para preservar o status e a riqueza doméstica e constitui, assim como no modo de transmissão divergente, o principal meio pelo qual se dá a instituição do casamento nos poemas homéricos.

É interessante notar que alguns autores preocupam-se em discutir uma outra questão relacionada com o processo de transcrição dos poemas épicos, inserindo este evento no contexto maior das transformações do século VIII, como a produção das representações figuradas na decoração cerâmica do Geométrico Tardio e a própria

¹¹⁰ Id. Ibid., p. 89.

origem e formação da *pólis* grega. Para I. Morris, os gregos sentiram uma necessidade de desenvolver um sistema de escrita alfabética e de escrever uma quantidade enorme de poesia transmitida oralmente, apenas na segunda metade do século VIII. O alfabeto teria sido “inventado”, dessa maneira, para transcreever a *Ilíada* e a *Odisséia*. Segundo o autor, a motivação foi ideológica, com fins políticos, acompanhando as mudanças na estrutura social que ocorriam na segunda metade do século VIII. Morris conclui que os poemas épicos devem ser interpretados como artefatos arqueológicos e se constituem em instrumentos de legitimação de poder utilizados pelos *aristoí*, assim como as representações de *próthesis* e *ekphorá* nos marcadores funerários atenienses. Poucas imagens, de acordo com o pesquisador, conseguiriam realizar tal tarefa tão bem quanto aquela formada pela sociedade da “Idade Heróica” descrita por Homero.

Jeffrey M. Hurwit apresenta alguns pontos em comum e outros completamente divergentes com Morris para a produção artística literária e figurativa do século VIII, associando-as ao processo de surgimento da *pólis*.¹¹¹ O surgimento das representações figuradas e da tradição épica escrita teriam feito parte de um mesmo processo complexo de definição da identidade grega integrando os primórdios da emergência da *pólis*. Todavia, o autor aponta para uma diferença entre os dois tipos de manifestações artísticas: as imagens seriam propriedades da aristocracia, constituindo um símbolo aristocrático; já os poemas seriam de domínio de todos, da *pólis* e por isso alcançaram o status pan-helênico. Contudo, o autor conclui que ambas, arte e poesia, tornaram o mundo dos heróis mais acessível e constituíram-se em instrumentos de descoberta desse passado heróico, utilizado para definir e elevar o presente.

E. Havelock também acredita que houve uma motivação para a transcrição dos poemas épicos, mas afirma que o motivo foi mnemônico. Os signos alfabéticos ofereciam recursos para a memorização, muito mais eficazes às pressões psicológicas que a simples *performance* oral.¹¹² Tal conclusão o autor retira das observações feitas pelos próprios escritores antigos posteriores a Homero, como Píndaro e Ésquilo.

Assim, esta apresentação das principais abordagens sobre a “Questão Homérica” nos permite a elaboração de algumas considerações e questionamentos. Percebemos que essa discussão fundamenta-se no problema das definições de “continuidades” e “rupturas” entre as características da civilização micênica e da Idade do Ferro, que

¹¹¹ HURWIT, J. M. Art, Poetry, and the Polis in the Age of Homer. LANGDON, S. (ed.) *From Pasture to Polis: Art in the Age of Homer*. Columbia, London, 1994, p. 14-42.

¹¹² HAVELOCK, E. op. cit. p. 181.

teriam originado a sociedade grega do Período Arcaico. A grande maioria dos autores analisados, restringe-se ao estudo dos instrumentos e das instituições descrita pelo rapsodo como base para a identificação do referencial histórico. Esse tipo de leitura resulta como interpretação, a alternativa proposta por Snodgrass: os poemas homéricos retratam vários períodos da Proto-história da Grécia. Contudo, podemos indicar, em primeiro lugar, que tal premissa reforça a hipótese das obras épicas enquanto frutos da tradição oral.

Nota-se que os poemas épicos eram, em sua origem, versos cantados, transmitidos durante séculos e recitados em determinadas ocasiões festivas que provavelmente reuniam certos grupos de indivíduos de uma comunidade e conjugavam danças e banquetes. Na revisão historiográfica realizada, esta interpretação constitui um ponto bastante difundido entre os autores, entretanto podemos indagar: Em quais comunidades da Idade do Ferro esses versos eram recitados? Os versos eram iguais ou semelhantes em todos os locais onde eram cantados?

Quando refletimos sobre tais questões, percebemos que as dúvidas sobre as obras épicas podem ser bem maiores e mais complexas do que imaginamos. Os poemas homéricos transformaram-se numa referência pan-helênica, conhecida pelas diferentes *póleis* gregas nos Períodos Arcaico e Clássico. Dessa forma, é provável que pelo menos aquelas fórmulas orais indicadas por A. Parry eram difundidas pelos assentamentos da Idade do Ferro e, portanto, havia um contacto não só comercial, mas acima de tudo cultural. Podemos sugerir que um dos papéis dos poemas teria sido propiciar mobilidade e contatos entre as comunidades, ocasionando a impressão de unicidade e homogeneidade da épica. Essa mobilidade e intercâmbio cultural chocam-se com o proposto “isolamento” e “obscuridade” característicos da Idade do Ferro, segundo algumas obras produzidas na primeira metade do século XX.

Essa noção de unidade pan-helênica dos poemas gerou a adoção de substantivos adjetivados pelo termo “homérico” que, aparentemente, desprezam e até mesmo negam a existência do amálgama de elementos históricos presente nas obras épicas e também a diversidade da cultura material nas comunidades da “Idade Obscura”. Dessa forma, muitos autores utilizam as formas generalizadas como a “sociedade homérica”, a “Idade Homérica”, o “mundo homérico”, as “instituições homéricas” como estruturas históricas e pretensamente reais, passíveis de localização no tempo e no espaço.¹¹³

¹¹³ Os primeiros livros e artigos que utilizaram o termo “sociedade homérica” como um conceito unitário e histórico foram: KIRK, G. S. *The Songs of Homer*. 1962; FINLEY, M. *O Mundo de Ulisses*. 1965;

É interessante notar que todas as tentativas de identificação do referente histórico dos poemas homéricos, seja ele constituído por um único período ou por vários, não conseguem dar conta e encerrar as evidências arqueológicas apresentadas em cada período. M. Finley, por exemplo, localizando a “sociedade homérica” nos séculos X e IX a.C., não explica a ausência do ferro para os instrumentos de batalha; já A. M. Snodgrass, apesar de criticar a interpretação de Finley, afirmando que tais séculos constituem o período menos indicado pelas suas características para a configuração da “sociedade homérica”, também utiliza períodos da “Idade Obscura” como referencial para os poemas.

Tanto Snodgrass, quanto Sherratt, Mylonas e Hurwit, centram suas análises da “Questão Homérica” na busca de elementos de “continuidade” e de “ruptura” com as características culturais micênicas que configurem as sociedades da “Idade Obscura” descritas pela “sociedade homérica”. Utilizar os termos “continuidade” e “ruptura” de forma antitética e/ou complementar pode gerar significados equivocados e extremados para caracterizar um período tão conturbado e já denominado de forma pré-conceituosa como “Idade Obscura”.

Argumentamos em termos da coexistência de uma tradição e de transformações que, em associação, contribuíram para formar as características essenciais das comunidades da Idade do Ferro, que, aliás, não deve ser examinada como um conjunto homogêneo. A palavra tradição é entendida aqui como o conjunto dos elementos culturais que se inscrevem na *memória coletiva* de uma sociedade e são aplicados *conscientemente (ou não)* aos diferentes aspectos da vida cotidiana.¹¹⁴ De um outro lado, entendemos as transformações como aqueles traços que resultam das inovações culturais, introduzidas via trocas culturais e comerciais com outras sociedades, ou por meio de processos criativos e adaptativos às novas condições político-sociais e geográficas.

ANDREWES, A. *The Greeks*. 1967 e ADKINS, A. *JHS* Vol. 91, no. 1, 1971. A partir de então, o adjetivo homérico passou a qualificar qualquer aspecto que os autores quisessem investigar nos poemas épicos.

¹¹⁴ A expressão memória coletiva sempre foi alvo de grandes debates entre os historiadores das mentalidades (principalmente aqueles que seguem a Nova História), os antropólogos, filósofos, sociólogos e os psicanalistas. Não pretendemos entrar nessa longa discussão e, portanto, preferimos uma forma mais simplificada de conceituar o termo. A memória coletiva é o conjunto de recordações, conscientes ou não, de uma experiência vivida e/ou mitificada, por uma coletividade viva, cuja identidade faz parte integrante os sentimentos do passado. HALBWACHS, M. *Mémoires Collectives*. Paris, 1950; YATES, F. *The Art of Memory*. Paris, 1975 (edição traduzida), original francês de 1968; LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, 1989; ARIÈS, P. “A História das Mentalidades” LE GOFF, J., CHARTIER, R. E REVEL, J. (direção) *A Nova História*. Coimbra, 1978, p. 455-79.

O conjunto de elementos culturais da *memória coletiva* pode ser apreendido de forma *consciente* e *não-consciente*. Os elementos *não-conscientes* são aqueles imperfeitamente compreendidos ou mesmo ignorados pelos indivíduos de uma sociedade, para quem aparecem como fatos adquiridos. Trata-se do domínio dos lugares-comuns, dos códigos de conveniência e da moral, dos conformismos, dos interditos, das expressões aceitas, impostas ou rejeitadas, dos sentimentos. Já os aspectos *conscientemente* apreendidos são definidos como *comportamentos tradicionalistas*.¹¹⁵ Esses elementos são utilizados de forma ativa e *consciente* por indivíduos ou grupos de uma sociedade para obtenção de vantagens e para atingir fins políticos e sociais.

Propomos que os poemas épicos possuem características das três categorias, da tradição, das transformações e dos comportamentos tradicionalistas. Aos elementos da última categoria seriam incluídos, por exemplo, o uso do bronze, dos escudos em oito como representações essenciais na configuração da figura do herói. Integrado ao quadro de transformações do século VIII, os poemas épicos também se utilizavam do passado para atingir fins sociais: formar a sociedade heróica.

Dessa forma, as respostas à “Questão Homérica” produzem resultados mais interessantes se pensarmos em termos dessas três categorias e não na identificação do(s) possível (possíveis) e provável (prováveis) período(s) o(s) qual (quais) as obras retratam. O debate centrado na autoria das obras (saber se Homero existiu ou não e se foi ele que escreveu ou ditou os dois poemas ou apenas a *Ilíada* ou a *Odisséia*) também não responde ao âmago da “Questão Homérica” e pouco auxilia no estabelecimento da relação da *Ilíada* e da *Odisséia* com a “Idade Obscura”. Discutir essas questões nos leva a uma total recusa de qualquer elemento que possa identificar uma unidade nos poemas épicos. Contudo, podemos falar de uma “sociedade homérica” se pensarmos em termos da trilogia tradição – transformação – comportamentos tradicionalistas que, aliás, fundamenta a natureza das obras homéricas.

Os comportamentos tradicionalistas presentes nos poemas também nos remetem a uma outra questão essencial a respeito dos motivos pelos quais os cantos recitados oralmente adquiriram, em um momento específico, a forma escrita. A transcrição dos poemas envolveu dispêndio de tempo significativo por parte do(s) rapsodo(s), constituindo-se em um evento marcante e intencional. Soma-se a isto, a necessidade de

¹¹⁵ DUNCAN, J. S. *The City as a Text. The Politics of Landscape in Interpretation in the Kandyen Kingdom*. Cambridge, 1990, especialmente p. 24.

um domínio completo da escrita pelo(s) responsável (responsáveis) pela transcrição. Como afirma E. Havelock “*escrever nessa escala pressuporia um hábito já desenvolvido ao ponto da arte*”.¹¹⁶

Devemos considerar ainda que, em muitas sociedades de tradição oral, o poeta sabe ler e escrever, porém não faz uso dessa habilidade para composição escrita, continuando a praticar livremente a *performance* oral.¹¹⁷ Provavelmente, este era o caso de Homero, pois certamente o rapsodo já dominava a escrita, no mínimo, algum tempo antes da transcrição das obras.¹¹⁸ É a partir dessas reflexões que alguns autores afirmam, com razão, que houve uma motivação, seja de caráter ideológico ou mnemônico, que levou o rapsodo a transformar os versos cantados em poemas escritos.

Em síntese, independente do fato de defenderem a existência de um único ou vários período(s) histórico(s) como referência(s) para os poemas épicos, todos os autores identificam a *Ilíada* e a *Odisséia* como resultantes da composição oral, o que justificaria a presença e ausência das instituições, dos instrumentos, das estruturas sociais e de outros elementos que compõem a “sociedade homérica”.

É interessante notar que a poesia oral cantada e encenada durante séculos é caracteriza exatamente nos termos da tradição – transformação – comportamentos tradicionalistas. Cada *performance* traz elementos culturais guardados na memória do poeta e de seus ouvintes de forma consciente e não-consciente. Aqueles elementos caracterizados como “arcaizantes” e as estruturas conservadas intencionalmente que caracterizam a denominada “distância épica”, juntos, permitem conhecer o período em que determinada *performance* está sendo executada (no caso dos poemas, trata-se do momento em que eles foram imortalizados pela escrita).

Reconhecer que as obras trazem elementos culturais da sociedade micênica ou da “Idade Obscura” denominada central, séculos XI, X e IX, tão bem identificados por Finley, Snodgrass, Sherrat, Mylonas e Hurwit, não significa que os poemas épicos nos fornecem dados sobre o processo de funcionamento dessas sociedades. Podemos sugerir, então, que estudando as obras épicas entenderemos as angústias, os conflitos, as idealizações e transformações do próprio tempo em que Homero (ou quem quer que seja

¹¹⁶ HAVELOCK, E. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. SERRA, J. Ordep (trad.) São Paulo, s/ data, p. 181.

¹¹⁷ LORD, A. B. op. cit.

¹¹⁸ Se esta afirmação estiver correta, voltamos novamente a discussão sobre o “surgimento” do alfabeto grego, reivindicado por muitos autores, apenas no final do século VIII. Podemos sugerir, dessa forma, que o advento da escrita na Grécia é muito mais antigo do que se imaginava, provavelmente remontaria ao século IX a.C. Ver discussão mais detalhada no Capítulo 1, nas páginas anteriores.

o poeta oral que ditou ou transcreveu os poemas) e seus ouvintes viveram, vale dizer, o século VIII a.C. Transformações essas projetadas na *Iliada* e na *Odisséia* e nas demais fontes documentais produzidas neste período.

Dessa forma, discutiremos a seguir em que medida as fontes imagéticas também contribuem para o entendimento deste período. Nossa análise visa o estudo das representações de *próthesis* e *ekphorá* nos vasos funerários atenienses, os quais, em grande medida, ainda hoje, são entendidos como cenas heróicas, cujo referente se centra nos poemas homéricos.

As representações dos rituais funerários nos vasos geométricos. Cenas heróicas ou históricas?

No Capítulo anterior analisamos os rituais e as práticas funerárias comuns no mundo grego dos Períodos Arcaico e Clássico. Também explicitamos que essas práticas foram representadas e veiculadas através da imagem em imensos vasos cerâmicos que eram utilizados para marcar as sepulturas ou para serem enterrados junto com o restante do mobiliário funerário, prática esta atestada principalmente em Atenas durante todo o século VIII a.C. Quatro grandes grupos de pintores e suas respectivas oficinas são reconhecidos pelas cenas de *próthesis* e *ekphorá* nos vasos funerários e podem ser divididos de acordo com os subperíodos do Geométrico Tardio na Ática:¹¹⁹

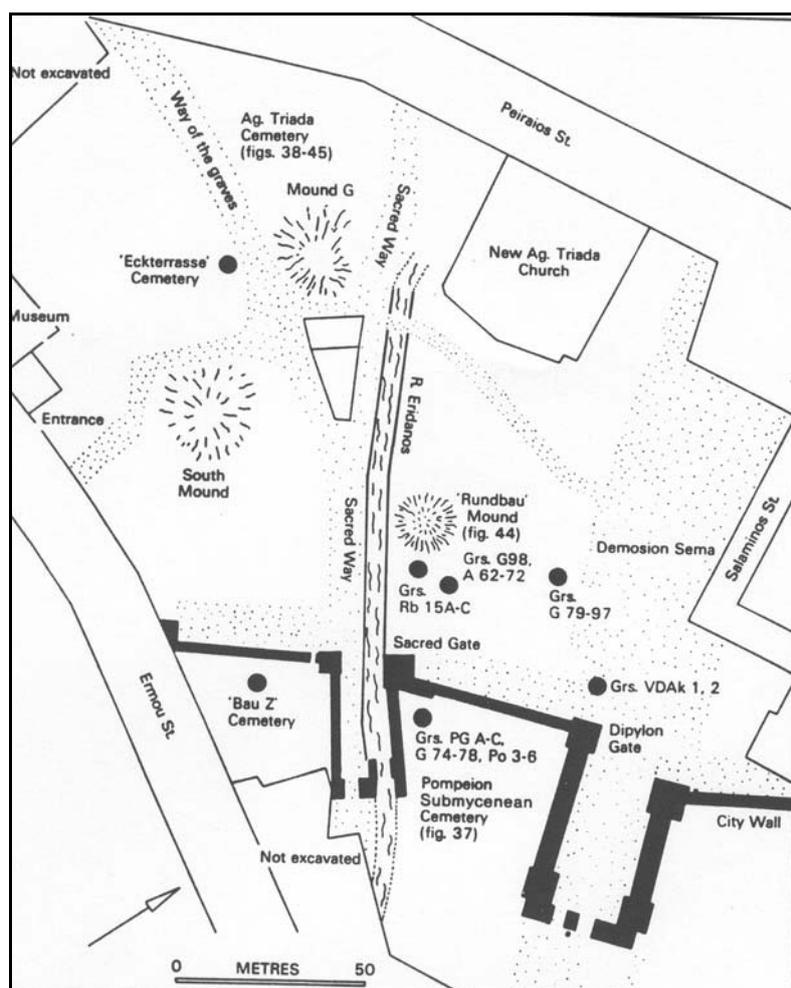
- Geométrico Tardio I:

1) Grupo do *Dípylon*.¹²⁰ Esta denominação é atribuída aos vasos associados aos enterramentos da primeira metade do século VIII situados próximos ao *Portão Dípylon*, na área do Cemitério do Cerâmico e nas Ruas Pireus e Kriezis. Foram identificados também ao norte e sul do Eridanos (ver **Mapa 2**).¹²¹ A maioria dos vasos pertencentes a este grupo é constituída por crateras e ânforas. A maior quantidade de vasos com representações de *próthesis* e *ekphorá* desempenhando função de marcadores de túmulos e apresentando dimensões humanas, entre 1,00 e 1,50m de altura, pertence a este grupo.

¹¹⁹ DAVISON, J. M. *Attic Geometric Workshops*. Roma, 1968.

¹²⁰ Id. *Ibid.*, p. 21-34.

¹²¹ BOARDMAN, J.; KURZ, D. C. *Op. cit.*, p. 49-50.



MAPA 2 – Área do Cemitério do Cerâmico em Atenas. I. Morris, *Burial and Ancient Society*. 1987, fig. 62, p. 232.

As cenas funerárias desse grupo possuem motivos figurativos bastante específicos que podem, até mesmo, ser definidos como padrões gerais do grupo. As cenas de *próthesis* masculinas (por exemplo, vide Capítulo 1, **Figura 9 - C**) e femininas (Capítulo 1, **Figura 9 - A e B**) e da única cena de *ekphorá* feminina (**Figura 14**) aparecem sempre na pança do vaso. As figuras humanas são estilizadas, o tronco em forma de triângulo, totalmente preenchido pela pintura e sem vestimentas. Os carros de batalha possuem dois pares de rodas, são puxados por dois cavalos e conduzidos por um guerreiro portando elmo e espada e outro guerreiro, que acompanha o condutor na parte traseira da biga, portando elmo, escudo em oito, um par de lanças e uma espada presa à cintura. A representação figurada desse guerreiro define uma categoria tipológica denominada pelos estudiosos¹²² de “guerreiro do *Dípylon*” (**Figura 15**).

¹²² O escudo em oito (8) é uma representação bastante característica do Grupo do *Dípylon* e do Grupo posterior (o do Hirschheld). A denominação “guerreiro do *Dípylon*” se tornou um termo comum utilizado



FIGURA 14 - Ânfora com representação de *ekphorá* feminina. Atenas NM 803.



FIGURA 15 – Detalhe da decoração da cratera com cena de *próthesis* masculina. Paris. Louvre A 522.

por diversos autores, como AHLBER, G. *Próthesis and Ekphorá in Greek Geometric Art*. Goteborg, 1971; COLDSTREAM, J. N. GG, 1976; DAVISON, J. M. Op. cit.; BOARDMAN, J.; KURTZ, D. C. Op. cit. e SNODGRASS, A. *Homer and the Artists. Text and Picture in Early Greek Art*. Cambridge, 1998.

2) Grupo do Hirschfeld.¹²³ Os vasos atribuídos a este grupo são datados do mesmo período e concentram-se no mesmo local onde foram encontrados os do *Dípylon*. Apresentam poucas variações de motivos em relação ao grupo anterior. Uma primeira diferença bastante visível, é a decoração plástica ondulada nas alças, no pescoço e na pança das ânforas. As cenas de *próthesis* masculinas e femininas (**Figuras 16, 17 e 18**) e da cena de *ekphorá* masculina (Vide Capítulo 1, **Figura 9 - D**) já não se desenvolvem exclusivamente na pança, mas algumas se apresentam no pescoço. O morto e as figuras humanas, em atitude de lamentação, aparecem muitas vezes, de olhos abertos. Os escudos em oito não são totalmente preenchidos pela pintura, alguns possuem decorações diferenciadas, como listas paralelas formando ou não losangos.

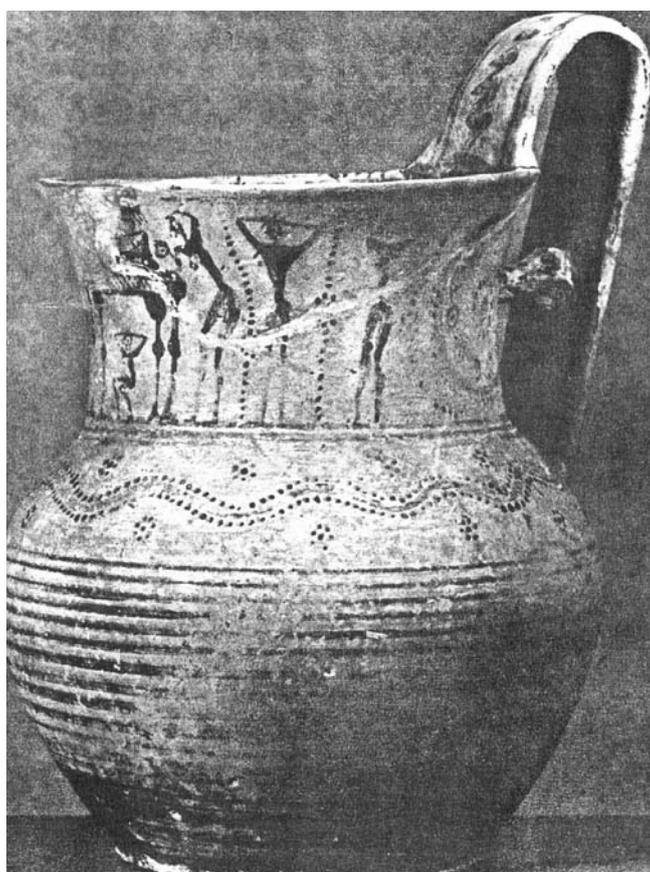


FIGURA 16 – Jarro com cena de *próthesis* feminina. Dresden, Staatliche Kunstmmlungen ZV 1635.

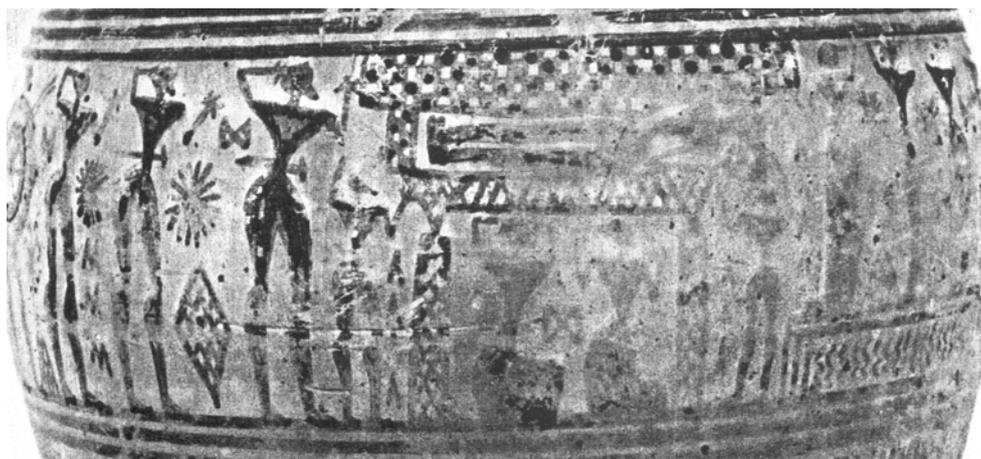
¹²³ DAVISON, J. M., op. cit., p. 36-40.



FIGURA 17 – Cratera com cena de *próthesis* masculina. New York. Metropolitan Museum 14.130.14.



A



B

FIGURA 18 – A) Ânfora com representação de *próthesis* masculina. Oxford. Ashmolean Museum 1916.55. B) Detalhe da cena de *próthesis*.

- Geométrico Tardio II:

3) Grupo do Vaso Atenas 894.¹²⁴ Este grupo recebe a denominação do Vaso Atenas 894, devido às características específicas do seu estilo decorativo e motivos geométricos. O número de vasos que possui representações de *próthesis* deste Grupo é pequeno em relação à quantidade total de vasos produzidos, mas grande em relação aos números de vasos com tais cenas nos dois grupos anteriores. São vasos bem menores (variando entre 0,40 e 0,70m de altura) e um pouco posteriores, da segunda metade do século VIII, início do período Orientalizante.

A maioria dos vasos se encontra enterrada com os indivíduos, integrando parte do mobiliário funerário e alguns funcionam como marcadores de túmulos das sepulturas localizadas na área da Agora e do cemitério do Cerâmico.¹²⁵ O estilo decorativo e os motivos diferem bastante em relação aos dois Grupos anteriores: as cenas de *próthesis* desenvolvem-se sempre no pescoço do vaso; o defunto e as figuras, em gesto de lamentação, possuem cabelos compridos e vestem indumentárias longas decoradas, totalmente preenchidas ou com linhas paralelas formando losangos; o carro de batalha aparece apenas com uma roda, indicando que possuía um par, ou ainda, com duas (que formariam as quatro rodas similares ao padrão anterior), puxado por dois, três e até quatro cavalos e conduzidos por apenas um guerreiro portando elmo, às vezes,

¹²⁴ DABISON, J. M. Op. cit., p. 41-4.

¹²⁵ WHITLEY, J. SSDAG, 1991, p. 162-6.

vestimentas longas e uma espada; o outro guerreiro encontra-se em pé no chão, em terra, portando elmo, o escudo, circular e decorado com outros elementos figurativos, ou totalmente preenchidos e duas lanças. Em alguns vasos, aparecem os dois tipos de escudos juntos: um guerreiro portando escudo redondo (**Figura 19**) e outro portando escudo em oito, como os do “guerreiro do *Dípylon*”. Não há representações de *ekphorá* nos vasos desse Grupo e nem *próthesis* femininas.



FIGURA 19 – Ânfora com representação de *próthesis* masculina. Hamburg. Museum for Kunst und Gewerbe 1966.89.

4) Grupo do Vaso Atenas 897.¹²⁶ Este grupo recebe o nome em função da classificação do Vaso Atenas 897. Os vasos são datados do mesmo período e com poucas variações em relação ao grupo anterior (**Figura 20**), também foram encontrados associados a enterramentos (em grande parte, enterrados) situados nos mesmos locais que o grupo Atenas 894. Também não há representações de *ekphorá* nos vasos deste grupo.

Essas representações de *próthesis* e *ekphorá* nos vasos funerários atenienses do Geométrico Tardio constituem, desde muitas décadas, o objeto central de muitos estudos iconográficos e iconológicos relativos ao final da Idade do Ferro. No que diz respeito aos estudos iconográficos, os autores se preocupam com a descrição exaustiva das figuras humanas e animais e dos motivos figurativos geométricos que formam as cenas, procurando “decifrá-los” ou “identificá-los” com formas reais, existentes.



A

¹²⁶ DAVISON, J. M. Op. cit., p. 45-47.



B



C



D

FIGURA 20 – Jarro com quatro cenas de *próthesis* masculinas (A, B, C e D). London BM 1912.5.22.1.

Esses trabalhos puramente iconográficos constituem o tipo mais comum de leitura das cenas e se preocupam com a identificação do sexo do morto e das figuras em gesto de lamentação. Buscam também decifrar os motivos geométricos como os

triângulos representando pedras, as suásticas enquanto símbolo de movimento dos carros de batalha, as figuras de tamanho reduzido interpretadas como crianças, entre vários outros.

Os estudos iconológicos versam, em sua grande maioria, sobre as tentativas de interpretação das cenas, buscando identificar o referente histórico ou mítico da representação ritual funerária. As questões cercam sempre a mesma problemática complexa: o que essas cenas representam? Qual (quais) o(s) seu(s) sentido(s)? Elas se referem aos grandes feitos míticos relatados na *Ilíada* e na *Odisséia* e seus grandes heróis ou às ações do indivíduo morto, representado no vaso e identificado aos restos mortais enterrados no respectivo túmulo em que se encontrou o vaso?

Podemos dividir as interpretações desses tipos de estudo em dois grandes grupos: aqueles que classificam as cenas como “típicas” e outros que as definem como “particulares”. As “típicas” podem ser entendidas como representações de episódios míticos da *Ilíada* e da *Odisséia*, ou ainda como reproduções gerais dos rituais funerários do cotidiano.¹²⁷ De outro lado, as “particulares” são dessa forma denominadas pois retratariam o momento específico do ritual fúnebre em homenagem ao morto enterrado na sepultura marcada pelo grande vaso.¹²⁸

Para que possamos situar melhor essa discussão, é necessário lembrar que a arte do período Geométrico, também denominada de “Arte Representacional”, se configura por abstrações, desenhos estilizados, esquemáticos que, como toda imagem, possuem uma mensagem. No caso das representações de *próthesis* e *ekphorá* a mensagem possui

¹²⁷ Os autores definem uma certa diferença entre as cenas “típicas” que se referem a feitos míticos específicos retratados na *Ilíada* e na *Odisséia* e aquelas que são “típicas” por serem imagens gerais dos rituais fúnebres executados pela categoria social aristocrática em Atenas. Snodgrass, por exemplo, afirma que as cenas são “típicas”, pois se configuram “Arte Representacional”, contendo elementos narrativos que formam composições padrões do cotidiano, mas sem espaços para individualizações. Contudo, o autor reconhece em alguns exemplares, verdadeiras reproduções de episódios míticos. SNODGRASS, A. M. *Homer and the Artists. Text and Picture in Early Greek Art*. Cambridge, 1998, p. 12-66. Coldstream define a “Arte Representacional” das cenas de *próthesis* e *ekphorá* como impessoal, atemporal. Trata-se de imagens que possuem uma linguagem “formular” que, segundo o autor, não podem ser míticas nem “particulares”, porém em raros casos, é possível identifica-las com algum episódio homérico específico. COLDSTREAM, J. N. GG. J. Boardman também utiliza o termo “Arte Representacional” para ressaltar o caráter “típico” da imagem, representando uma narrativa geral, atemporal e também sem indicações de espaço. Todavia, o autor afirma que há elementos de individualização nas cenas que são formados pelos detalhes de certas figuras, mantido ao mínimo dos motivos geométrico. BOARDMAN, J. *Greek Art*. London, 1964; BOARDMAN, J.; KURTZ, D. C. op. cit. Já Zervos, afirma que as cenas são referências diretas aos episódios épicos. ZERVOS, C. *La Civilisation Hellénique. Tome I – XIe-VIIIe* S. Paris : Éditions “Cahiers D’Art”, 1969.

¹²⁸ Ahlberg, por exemplo, acredita que os rituais das cenas referem-se aos rituais da vida cotidiana, específicos do morto sepultado no túmulo marcado pelo vaso. Dessa forma, para a autora, são cenas “particulares” que se relacionam a uma pessoa, a um local e a um tempo em específico, pois as imagens que se referem aos eventos míticos específicos retratados nas obras homéricas são raras e praticamente impossíveis de serem identificadas na arte geométrica. AHLBERG, G. op. cit.

destaque na ação executada, sem preocupações com especificações de espaço e tempo. São imagens que representam uma categoria social ateniense bastante definida no século VIII a.C.: os “homens bons” (*agathoi*), a elite dirigente que teria condições financeiras para encomendar vasos de tais proporções e com tais funções.

Dessa forma, essas imagens não tratam de um momento histórico particular, mas sim funcionam como símbolos, emblemas gerais com funções específicas, são imagens estereotipadas. Tal afirmação nos leva a refletir sobre uma questão bastante pertinente que diz respeito ao papel e aos efeitos dessas imagens na sociedade que as visualiza. H. Sarian ressalta que a maioria dos marcadores funerários apresentava as cenas de *próthesis* e *ekphorá* na pança, a qual corresponde ao “*melhor espaço no corpo do vaso, o espaço mais visível ao nível das alças*”.¹²⁹ Apenas naqueles vasos atribuídos aos grupos do Atenas 894 e do Atenas 897, as cenas de *próthesis* se desenvolvem no pescoço. Contudo, a maioria desses vasos não foi utilizada como marcador de túmulo mas sim, enterradas junto com os restos mortais do indivíduo, constituindo parte do mobiliário funerário e, portanto, as cenas não estavam visíveis.

O elemento visibilidade não se restringe à imagem, mas também se estende aos aspectos técnicos de produção do próprio vaso e do conjunto de imagens que integram a decoração do vaso: ambos são feitos em partes. Ahlberg e Snodgrass afirmam que o pintor utiliza uma determinada perspectiva de visão para representar as figuras humanas, fato que explicaria a presença de figuras humanas embaixo ou acima do caixão, dos cavalos ou outros motivos figurativos. Na verdade, esses indivíduos estariam atrás do morto ou do carro de batalha, sendo pintados como se o pintor estivesse observando a cena de um nível acima ou abaixo em relação à mesma, tentando encaixar todos os personagens na representação decorativa do vaso.

Contudo, tais considerações são incompatíveis com as próprias definições da “Arte Representacional” geométrica. Não há perspectiva nas imagens, não por incapacidade do artista-artesão, mas por escolha. Com a representação estilizada, o pintor capta os elementos essenciais, substanciais dos rituais fúnebres otimizando a transmissão dos significados da mensagem da imagem, tornando-os inteligíveis para o observador coevo.

O referente da imagem, ponto imprescindível no debate das cenas de *próthesis* e *ekphorá*, não pode estar centrado, dessa forma, no indivíduo enterrado no túmulo, pois

¹²⁹ SARIAN, H. “Culto Heróico, Cerimônias Fúnebres e a Origem dos Jogos Olímpicos”. *Clássica*, São Paulo, v. 9/10, (1996-1997), p. 45-60, especialmente, p. 54.

na “Arte Representacional” não há espaço para individualização. As cenas funerárias representam uma categoria social e não indivíduos específicos. Ahlberg afirma erroneamente que a cerimônia de *próthesis* por definição se caracteriza por um evento mais privado, familiar em relação à *ekphorá*. Tal premissa, para os dois momentos fúnebres, é inconsistente não só com os conceitos etimológicos¹³⁰, mas com a própria questão da visibilidade das cenas nos marcadores de túmulos, conforme especificamos alguns parágrafos acima. Todavia, elas também não se referem a um evento mítico específico, pois dessa forma, a imagem não constitui representação, mas sim reprodução e seu sentido seria imanente, próprio. As evidências textuais não devem ser tratadas, portanto, como a fonte de referência da produção das imagens, pois o documento visual passa a ter valor apenas de ilustração do texto.

Dessa forma, independentemente da problemática da distinção individual, coletiva ou heróica do morto representado nas cenas, estas eram imagens para serem lembradas, para tornar viva a *timé* (honra) e a fama daquele guerreiro (enquanto categoria social) que se encontrava enterrado sob a marca do vaso. Através da guerra, da riqueza, da linhagem familiar e principalmente da morte, que a *areté* (virtude) e o status social dos *aristoi* eram re-afirmados e vivificados pela imagem funerária. Esta, imortalizava a lembrança dos rituais funerários grandiosos, como diz Jean-Pierre Vernant.¹³¹ J. Whitley complementa indicando que a imagem funerária, portanto, era a representação coletiva da morte, própria da aristocracia ateniense.¹³²

As cenas de representações de *próthesis* e *ekphorá* denotam a grandiosidade e o prestígio das grandes famílias aristocráticas que, durante o século VIII, lutavam para fixar e reafirmar seu poder na constituição da *pólis* Ateniense. As transformações desse período constituíram um processo lento, gradual, sentido nas práticas sociais, como por exemplo, nos enterramentos. Muitos dos anseios dessas famílias eram exteriorizados por elementos figurativos das cenas nos marcadores funerários. Por exemplo, os escudos em oito nas representações de *próthesis* e *ekphorá* dos vasos atribuídos aos grupos do *Dípylon* e do Hirschfeld indicam o grande interesse pelo passado através da afirmação da descendência micênica, enquanto base de confirmação do status social e das honras

¹³⁰ Do grego: **Πρόθεσις** – exposição e **Ἐκφορά** – transladação do féretro, cortejo fúnebre. H. Murachco **Língua Grega**. Vol. II, Prática. Vocabulário Grego-Português, p. 616; 506. O ato de expor do morto e, principalmente, de transportar o morto até o local de enterramento só existe pelo exercício do ato público, literalmente são práticas para mostrar, exibir, por para fora, tornar externo.

¹³¹ VERNANT, Jean-Pierre, *Mortals and Immortals*. New Jersey, 1991, p. 30.

¹³² WHITLEY, J. op. cit., p. 182-83.

heróicas.¹³³ Destarte, os efeitos das cenas de *próthesis* e *ekphorá* da decoração dos vasos funerários datados do Geométrico Tardio integram esses anseios das grandes famílias atenienses através da imagem enquanto forma simbólica e coletiva de registro do poder e prestígio.

Em síntese, percebemos que durante o Geométrico Tardio, houve uma série de manifestações culturais essenciais, como a compilação das obras épicas, utilização da representação figurada nos grandes vasos funerários com cenas de *próthesis* e *ekphorá* em Atenas, a intensificação do contato comercial e cultural com o Oriente e, principalmente no âmbito religioso, a difusão do “culto heróico” em seus diferentes desdobramentos (o “culto às tumbas”, o “culto heróico” propriamente dito) e a construção dos grandes santuários urbanos e extra-urbanos.

Essas manifestações certamente constituíram-se em fundamentos político-ideológicos no processo complexo de origem e formação da *pólis* grega, o qual só pode ser entendido a partir do estudo da relação entre essas fontes documentais. É a partir dessa premissa e das reflexões e questões levantadas até aqui, que podemos entender a figura do herói e o culto em sua homenagem, através da análise da documentação textual e do registro material.

¹³³ SARIAN, H. op. cit., p. 46; 51-2.

CAPÍTULO 3 – O Culto Heróico na Idade do Ferro: o estado atual da questão.

O Culto Heróico segundo a Épica e a Documentação Arqueológica.

O termo culto heróico surgiu fundamentado na tradição filológica, a partir do termo grego ἥρωσ (*héros*) – herói – presente na *Ilíada*, na *Odisséia* e nas obras de Hesíodo, em especial *Os Trabalhos e os Dias*. Durante os Períodos Arcaico, Clássico e Helenístico, o culto heróico configurava-se como um conjunto de práticas rituais (por exemplo, sacrifícios, libações, banquetes fúnebres e deposição de oferendas), atestadas em edificações erguidas especificamente em homenagem a importantes heróis épicos e históricos (os *Heroa*), em grandes e importantes *póleis*. Tais práticas rituais eram executadas com certa frequência, periodicidade e sistemática, inseridas nos calendários religiosos das cidades-Estado e da Grécia como um todo. Todavia, qual era o significado do termo *héros*? Quais as prerrogativas necessárias para que se institucionalizasse um culto em homenagem à memória de um herói?

Nos estudos fundamentados nas evidências literárias, podemos perceber duas correntes distintas sobre o significado do termo *héros* nos poemas atribuídos a Homero. A primeira argumenta que o herói homérico não constitui objeto de culto nas próprias obras épicas e, portanto, o termo *héros* denota apenas o “guerreiro”, sem qualquer conotação religiosa.¹³⁴ Outros autores, entretanto, afirmam a existência do culto heróico nos poemas épicos, a partir expressão *hemithéon génos andrón* (raça de homens semideuses) utilizada uma única vez por Homero e com frequência por Hesíodo.¹³⁵

Em Hesíodo, a raça dos Heróis é sempre tratada como *hemíttheoi* (semideuses) e diferencia-se dos heróis das épicas homéricas, pois em *Os Trabalhos e os Dias* aqueles guerreiros que lutaram na Guerra de Tróia correspondem aos indivíduos da raça de Bronze e não de Heróis. Os heróis da poesia hesiódica, para alguns autores, constituem objetos de culto. Outros, porém, argumentam a favor das demais raças (a de Ouro, Prata ou ainda a de Bronze) como seres que, após a morte, teriam recebido rituais em sua

¹³⁴ Por exemplo, M. L. West sugerindo que Homero baseou-se em histórias da tradição jônica sobre a Guerra de Tróia, na qual os heróis eram apenas guerreiros destacados, já Hesíodo, fundamentado na tradição da Grécia continental, segundo a qual os heróis não tinham nenhuma relação com os heróis da Guerra de Tróia, definiu esta raça como semideuses que eram honrados após a morte. West ainda complementa indicando que quando o mito hesiódico surgiu, Homero já havia se tornado uma referência pan-helênica e, dessa forma, Hesíodo conciliou as duas raças (os guerreiros da Guerra de Tróia e os heróis semideuses) em momentos e referentes metálicos diferentes, a raça de Bronze e a raça dos Heróis. WEST, M. L. *Hesiod's Works and Days*. Oxford, 1978, p. 373.

¹³⁵ HOMERO, *Ilíada*. 12.23. Em grego: ἡμιθέων γένος ἄνδρῶν.

homenagem. Os detalhes dessas análises do mito hesiódico serão analisados mais adiante, neste capítulo.

Um dos primeiros trabalhos que se fundamenta na análise filológica e na segunda hipótese mencionada acima, ressaltando o caráter religioso do termo *héros* em Homero e em Hesíodo, é a obra de Erwin Rohde,¹³⁶ publicada em 1898, para quem o termo *héros* derivava, em sua origem, de uma forma de culto aos ancestrais, realizado localmente. A categoria dos heróis se restringia aos heróis épicos e aos fundadores míticos ou históricos de cidades e, enquanto tal, não deixava de ser também ancestrais. Sua definição do culto aos ancestrais inclui a prática de ofertar objetos para venerar os mortos; dessa forma, o culto heróico possuía as mesmas características do culto aos ancestrais. Rohde acreditava que o culto aos ancestrais teria servido de modelo e foi o verdadeiro ponto de origem para a crença e para o culto dos heróis; bastava o ancestral se tornar famoso em toda a Grécia, ser pan-helênico, para tornar-se um verdadeiro herói.¹³⁷

Outra grande e influente obra que estabeleceu definitivamente os laços entre os poemas épicos e a existência histórica do culto heróico foi o livro de L. R. Farnell, publicado em 1921.¹³⁸ A categoria culto heróico abrangia práticas rituais a heróis épicos, históricos e epônimos ocorridas, principalmente, durante a Idade Arcaica. Notamos uma preocupação em estabelecer diferenças entre estas práticas institucionalizadas e práticas rituais familiares, que, segundo Farnell, não constituem culto heróico. Diferentemente de Rohde, esses rituais familiares não constituem alvo de culto aos ancestrais e, muito menos, correspondem à origem do culto heróico. Deve-se falar em “*vigília religiosa*” aos ancestrais, que se distingue claramente do culto em homenagem aos heróis, devido ao fato de ser anônima e, cujo poder e popularidade se restringem às esferas puramente locais.¹³⁹

Além disso, o culto heróico e o culto aos ancestrais teriam sido praticados no mesmo período, durante os séculos VII e VI a.C. Dessa maneira, Farnell afirma que a origem do culto heróico não pode ter sido as práticas rituais que configuravam a vigília religiosa aos ancestrais. Essa “guarda religiosa” aos mortos se deve a dois sentimentos:

¹³⁶ ROHDE, E. *Psyche: The Cult of Souls and Belief in Immortality Among the Greeks*. W. B. Hillis (trad.) New York, 1925. Original: *Psyche: Seelencult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*. Freiburg, 1898.

¹³⁷ Id. *Ibid.*, p. 25.

¹³⁸ FARNELL, L. R. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford, 1921.

¹³⁹ Id. *Ibid.*, p. 344. Farnell utiliza o termo *tendance* para se referir à prática de rituais em homenagem aos mortos reivindicando ancestralidade.

o medo e a afeição, que levavam os gregos pós-homéricos a cultuar seus ancestrais.¹⁴⁰ Contudo, o ponto central na obra de Farnell é alcançado quando o autor conclui afirmando que a existência histórica de tais práticas de culto deve-se, essencialmente, à difusão dos poemas épicos entre 700 e 650 a.C.¹⁴¹

O primeiro trabalho arqueológico a investigar o culto heróico foi o de Carl W. Blegen¹⁴² que, após vinte anos de pesquisa, publicou em 1937 um levantamento dos vestígios materiais de um cemitério datado da Idade do Bronze, em Prosymna, nas proximidades do Heraion Argivo. Blegen constatou que nas mais de 50 câmaras que foram abertas, acima de 15 continham depósitos pós-micênicos nas proximidades, quer dizer, oferendas bem posteriores à época dos enterramentos, principalmente, de cerâmica, mas também de metal, geralmente encontradas no chão da câmara e, mais raramente, no *drómos* (o corredor). Em treze desses túmulos, as oferendas começaram a ser depositadas na segunda metade do século VIII. Blegen conclui que as tumbas jamais haviam sido esquecidas e que existia uma espécie de culto praticado pelas famílias do século VIII, cujos ancestrais estariam enterrados nos túmulos da Idade do Bronze. Assim, para o autor, haveria uma “continuidade racial” entre a civilização micênica e os gregos da “Idade Obscura” na região nordeste do Peloponeso.

Todavia, havia um grande fosso entre os séculos XII e VIII, período em que não foram detectadas oferendas nos túmulos. Este problema foi resolvido por Blegen por uma associação errônea de dois potes, datados do século IX, encontrados em Dendra e Tebas, associados aos enterramentos isolados e interpretados pelo pesquisador como oferendas em túmulos micênicos. Para Blegen, esses achados constituíam evidências de práticas de culto aos ancestrais, porém não havia relação com a difusão dos poemas épicos e nem com o culto heróico. Tratava-se apenas de cultos locais concebidos por familiares que buscavam conservar a memória e os laços sangüíneos com os indivíduos mortos nos túmulos micênicos.

Wace também iniciou, no final da década de 20 do século XX, um trabalho parecido em Micenas, porém um outro passo no tema do culto heróico só foi alcançado, somente quando, em 1950, J. M. Cook¹⁴³ entrou para a equipe auxiliando nas escavações na área do santuário de Agamêmnon. Os pesquisadores perceberam que os depósitos de oferendas não antecediam a segunda metade do século VIII e concluíram

¹⁴⁰ Id. Ibid., p. 354.

¹⁴¹ Id. Ibid., p. 340, 342.

¹⁴² BLEGEN, C. W. *Prosymna*. Cambridge, 1937.

¹⁴³ COOK, J. M. *BSA* Vol. 48, 1953.

que tais evidências constituíam sinais de práticas rituais que ocorreram, não devido a uma expressão familiar no sentido da preservação da memória nem dos laços sanguíneos com seus ancestrais mortos, mas sim devido ao fato de que, justamente neste período (no final do século VIII), os poemas homéricos estavam começando a circular pelas comunidades gregas da “Idade Obscura”, inspirando os homens da Argólida a reverenciar um passado distante identificado como a “Idade Heróica”.

Cook estabeleceu, dessa forma, a associação entre os depósitos de oferendas do século VIII em túmulos micênicos e os poemas homéricos, identificando-os a não só uma espécie de culto aos ancestrais, mas acima de tudo, de culto heróico. Utilizando as idéias da difusão dos poemas épicos estabelecida por Farnell e a relação entre o culto aos ancestrais e o culto heróico de Rohde, Cook concluiu que os gregos do século VIII viam os mortos da Idade do Bronze como seus ancestrais e, também, como os heróis, cujos grandes feitos estavam sendo retratados nas obras épicas.

Mylonas, em um artigo publicado em 1948, afirma que é possível identificar a presença de culto aos mortos nos próprios poemas homéricos. Verifica-se na *Ilíada* e na *Odisséia* que um príncipe guerreiro excepcional, cujos atos foram marcados por bravura durante sua vida, pode ter recebido um tratamento diferenciado após a morte. Tal característica, conclui o autor, aparece em Homero para apenas alguns dos grandes heróis destacados.¹⁴⁴

T. H. Price, em 1973, preocupa-se em estabelecer a diferença entre culto aos mortos, definido como o conjunto de ritos e cerimônias funerários realizados logo após a morte do indivíduo e o culto heróico, entendido como as práticas rituais funerárias que eram continuamente repetidas durante um longo período de tempo.¹⁴⁵ O culto aos mortos seria aquele realizado por familiares e não aparece no registro arqueológico ou literário. Porém, já o culto heróico é atestado pela arqueologia e também pela documentação textual, por exemplo, o sacrifício feito por Odisseu ao mundo subterrâneo e a importância topográfica dos túmulos dos heróis nas obras.¹⁴⁶

Todavia, é apenas em 1976, com a publicação de um artigo na revista *The Journal of Hellenic Studies* intitulado “Hero-Cults in the Age of Homer” sob autoria de J. N. Coldstream¹⁴⁷ que o estudo arqueológico do culto heróico recebe devida

¹⁴⁴ MYLONAS, George E. “Homeric and Mycenaean Burial Customs.” *AJA* Vol. 52 no. 1 (1948), p. 56-81.

¹⁴⁵ PRICE, T. H. “Hero-Cult and Homer.” *Historia*. Vol. 22 (1973), p. 129-44.

¹⁴⁶ HOMERO, *Odisséia*, X: 527; XI. *Ilíada*, XI: 166-69.

¹⁴⁷ COLDSTREAM, J. N. “Hero-Cults in the Age of Homer” *JHS* Vol. 96, (1976), p. 8-17.

sistematização. Coldstream faz um minucioso levantamento dos depósitos de oferendas (datadas da segunda metade do século VIII) em túmulos da Idade do Bronze nas regiões da Argólida, Messênia, Beócia, Ática, nas ilhas de Delos e Kephallenia. Essas regiões teriam sido importantes centros micênicos, inclusive no final da Idade do Bronze, a ilha de Kephallenia teria constituído um importante centro de refúgio no século XII e que, dessa maneira, a continuidade em preservar a memória dos heróis antepassados teria sido uma ação plausível. Contudo, Coldstream lembra que há também outras regiões que foram destacados centros micênicos e que não apresentam depósitos de oferendas do século VIII em túmulos da Idade do Bronze, como a Tessália, a Lacônia, a Acaia e as ilhas de Rodes e Creta.

O problema se soluciona quando as formas de enterramento nessas áreas são examinadas. Na área central da Grécia, abrangendo a Ática, Beócia, Coríntia, Argólida, Elis e, também, na Messênia as mudanças nas formas de enterramento vieram rapidamente. No final da Idade do Bronze, já existia uma preferência por cremações individuais. Dessa forma, nessas áreas, havia um “*sentimento de estranheza*” para com os antigos enterramentos familiares micênicos, em *tholos* ou em câmara. É esse sentimento que teria levado os gregos pós-micênicos a ofertarem objetos nos túmulos da Idade do Bronze.

Em outras regiões da Grécia a situação é um pouco diferente, na Tessália havia alguns enterramentos individuais de túmulos em *cistas* nos séculos X e IX, mas eram infantis. As formas usuais para adultos eram túmulos em *tholoi* ou em câmaras cortadas na rocha. Muitas câmaras eram re-utilizadas e muitas outras foram propositalmente construídas, como em Cnossos. Dessa forma, nesses locais, os gregos pós-micênicos não estranharam os vestígios grandiosos de uma civilização do passado e não sentiram a necessidade de reverenciar os mortos. Isto explicaria o fato de não haver depósitos de oferendas nessas áreas.

Para Coldstream, os gregos pós-micênicos estavam constantemente em contato com riquezas da civilização micênica e descobriram acidentalmente os túmulos familiares da Idade do Bronze. O esplendor diante de tais construções monumentais, aliado à circulação e difusão das obras homéricas, levou as comunidades do século VIII a reverenciar qualquer traço daquela civilização remota, identificada como heróica. Não há qualquer reivindicação de laços reais, sanguíneos com os heróis mortos, o culto heróico (entendido, portanto, como deposição de oferendas durante o século VIII em túmulos micênicos) era realizado por pessoas comuns que ofereciam reverências

privadas e que prestavam homenagem a homens pertencentes a uma Idade mais gloriosa que a deles, como em Hesíodo, quando a raça de Ferro homenageia seus predecessores, a raça de Heróis, aquela que conquistou sua glória em batalhas implacáveis e guerras pavorosas.

Coldstream ainda trata de outros casos que são atestados pela Arqueologia e aparecem nomeadamente nos poemas épicos de Homero, como Agamêmnon em Micenas, Amphidamas em Cálcis, Erecteu e Academos em Atenas e Odisseu em Ítaca. O autor chama atenção para o fato de que as evidências de práticas rituais nesses locais são anteriores ao século VIII e conclui que tais ocorrências se devem ao fato de que, muito provavelmente, Homero já tinha familiaridade com o culto heróico em homenagem a esses personagens antes de compilar as obras.

Coldstream dá os primeiros passos para a consagração da outra linha de abordagem contra a difusão dos poemas épicos como elemento fundamental e essencial para a prática do culto heróico no século VIII a.C. Os pesquisadores que seguiram esses novos caminhos procuram, em primeiro lugar, fundamentar seus estudos em dados arqueológicos, porém não deixam de enfatizar a necessidade de relacioná-los com a História e com a Antropologia. Os significados do termo *culto heróico* passaram a ser mais abrangentes adquirindo, muitas vezes, outras denominações, dependentes das especificações das ocorrências materiais. Podemos afirmar que todos eles, em maior ou menor grau, entendem os desdobramentos do culto heróico como um componente político-ideológico no contexto de transformação do século VIII a.C., principalmente, no que diz respeito ao processo de formação da *pólis* grega.

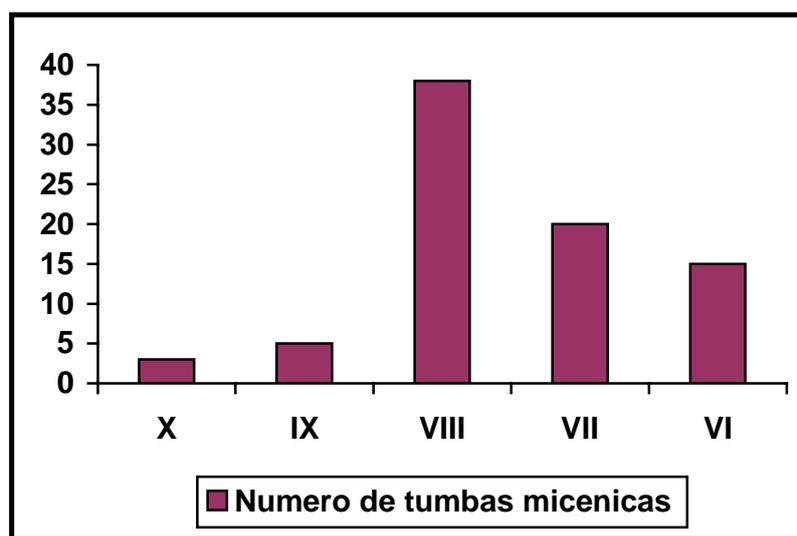
A. Snodgrass¹⁴⁸ é um dos primeiros estudiosos a estabelecer tal relação, a partir das mudanças econômicas ocorridas em algumas regiões da Grécia durante o século VIII, com a passagem de um sistema pastoril para uma economia de base agrícola. A difusão dos poemas épicos, para Snodgrass, não constituiu fonte de inspiração para o tipo de culto heróico anônimo praticado nos túmulos micênicos, mas apenas para aqueles cultos diretamente dirigidos aos heróis nomeados nas obras como Agamêmnon, Menelau, Amphidamas e Academos. Assim como Hadzisteliou-Price, Snodgrass também procura distinguir a prática do culto heróico do culto aos mortos. O primeiro é entendido como o exercício de rituais, como a deposição de objetos e a realização de sacrifício, praticado em um determinado intervalo de tempo e por um grupo de adeptos

¹⁴⁸ SNODGRASS, A. "Les Origines du Culte des Héros dans la Grèce Antique." GHERARDO, Gnoli; VERNANT, Jean-Pierre *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés Anciennes*. Cambridge, 1982, p. 107-119.

que pode alcançar até mesmo toda a comunidade; trata-se de homenagens sistemáticas aos heróis nomeados nas épicas homéricas, ou então, aos micênios realizadas principalmente durante o século VIII. O culto aos mortos consiste na deposição de oferendas pelos parentes e amigos próximos de pessoa recentemente falecida, durante um curto intervalo de tempo, geralmente uma única vez, imediatamente após a morte do indivíduo como parte dos rituais funerários.¹⁴⁹

GRÁFICO 1

Número de sepulturas da Idade do Bronze contendo depósitos da Idade do Ferro.



Referência: I. Morris, *Archaeology as Cultural History*. Massachusetts, 2000, fig. 7.4(a) e (b), p. 268-69.

A proliferação das oferendas nas tumbas da Idade do Bronze, principalmente na segunda metade do século VIII (**Gráfico 1**), teria sido impulsionada por dois fatores: pela lembrança histórica que os gregos da Idade do Ferro tinham dos micênicos e pelo estímulo visual fornecido através dos vestígios materiais de uma civilização monumental. Contudo, para Snodgrass, esses fatores isoladamente não servem para explicar as causas que teriam originado os depósitos, pois os gregos pós-micênicos estavam em constante contato com tais vestígios durante toda a “Idade Obscura” e, somente por volta de 750, o interesse em venerar tal civilização é despertado. As origens se encontram, portanto, no desenvolvimento de determinadas “condições

¹⁴⁹ Id. *Ibid.*, p. 108.

essenciais”, proporcionadas pelas mudanças ocorridas durante o século VIII. O passado micênico se torna dessa forma, um “*passado usável*” e oferecia um modelo de vida prático. Os gregos da Idade do Ferro sabiam claramente e de forma consciente à qual época queriam identificar à “Idade Heróica”.¹⁵⁰

Em locais como a Ática e a Argólida, principalmente durante a segunda metade do século VIII, o grande aumento populacional teria favorecido a formação de uma camada de camponeses livres e levado a um processo de disputa pela ocupação de terras, seja em novos lotes agrícolas, seja em lotes já existentes. O problema da conquista de terra e do confronto entre o pequeno e o grande proprietário levou à adoção de um recurso bastante natural: estabelecer laços com um habitante antigo do território, mesmo que a ancestralidade fosse fictícia, inventada. Se possível, o nome era dado ao morto, se não, ficava simplesmente denominado como “o herói”, o herói “local”; enfim, o homem que ofereceria proteção e seria homenageado e cultuado próximo de seu túmulo.

Esses cultos começaram no nível local como cultos não oficiais, devido à iniciativa de populações preocupadas com a posse de territórios aráveis. As oferendas, sem serem espetaculares não eram negligenciáveis: cerâmica, bronze, sacrifícios de bois ou, principalmente, cervos e ovelhas inteiros. Em algumas comunidades, os heróis se tornaram suficientemente importantes para serem venerados pela cidade como um todo. As áreas que não apresentam este tipo de depósitos, como a Tessália, a Lacônia e Creta, correspondem às regiões em que essa camada de camponeses livres não teria se desenvolvido e a utilização do passado não teria sido uma atitude necessária.

François de Polignac centra o estudo do culto heróico na análise do âmbito religioso das transformações do século VIII a.C.¹⁵¹ A religião e suas expressões rituais atuam como agente mediador da fundação do território e, em consequência, no processo de constituição da identidade e da soberania da *pólis* em processo de emergência neste período. Polignac parte da afirmação de Snodgrass, segundo a qual a construção do templo urbano monumental pode ser considerada o “*certificado de nascimento*” da *pólis*¹⁵² e complementa com um estudo exaustivo sobre os demais tipos de santuários, principalmente, os extra-urbanos. A presença desses santuários e a prática de culto heróico atestam o nascimento da cidade-estado tanto quanto a existência do templo urbano.

¹⁵⁰ Id. Ibid., p. 110.

¹⁵¹ De POLIGNAC, F. *Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State*. Chicago, London, 1995.

¹⁵² SNODGRASS, A. M. *Archaeology and the Rise of the Greek State*. Cambridge, 1977, p. 26 apud De POLIGNAC, F. Ibid., p. 20.

A construção de tais espaços sagrados e o exercício destes cultos demonstram uma mudança no comportamento religioso, que integra o quadro de transformações ocorridas no final do período Geométrico Tardio. Teria ocorrido uma mudança significativa na percepção do espaço que levaria a uma especialização de funções: o espaço sagrado começa a ser delimitado e segregado do espaço profano, o que até então não acontecia.¹⁵³ Polignac afirma que as obras épicas são marcadas pela ausência de uma distinção clara entre os espaços sagrado e profano.¹⁵⁴ A especialização dos espaços é acompanhada também de uma especialização dos objetos. O número de oferendas começa a diminuir nos túmulos e passam a ter exclusivamente um uso votivo nos santuários, adquirindo novos significados e novas formas.

Polignac divide o culto heróico em três tipos. O primeiro deles inclui as práticas rituais em homenagem aos fundadores de cidades, sejam eles históricos, incluindo os fundadores de colônias (*oikistés - oikistaí*), míticos, lendários ou ainda, inventados. Esse tipo de culto heróico geralmente é praticado por toda comunidade em santuários urbanos. O segundo tipo é caracterizado pelo processo de “heroicização”, isto é; práticas rituais que conferem status excepcional ao indivíduo recentemente falecido. A “heroicização” estaria diretamente relacionada com o momento de transformação da sociedade grega no final do Geométrico Médio e do Geométrico Tardio. Trata-se, na visão do autor, de um processo político-ideológico de apropriação do passado.

Polignac argumenta que a monumentalização dos túmulos, expressa na presença das grandes ânforas e crateras enquanto marcadores funerários em Atenas decoradas com as cenas *próthesis* e *ekphorá* associadas às cenas de batalhas e pela presença de grandes construções - os *heroa* - em homenagem a indivíduos anônimos, geralmente cremados, enterrados com distintos objetos de batalha de grande riqueza e ainda acompanhados pelo sacrifício de cavalos nestes sepultamentos, indica o surgimento de novos costumes funerários que testemunham o desejo de certo *basiléis* (entendidos como príncipes) de serem assimilados aos heróis épicos, através da adoção do modelo do “funeral homérico” transmitido, principalmente, pela *Ilíada*. É dessa maneira que Polignac afirma que esses *basiléis* da “Idade Obscura” se tornam os “*primeiros heróis*” anônimos a serem enterrados e cultuados, anunciando a assimilação com os heróis das épicas e expressando, portanto, a natureza excepcional de sua posição social na comunidade local.

¹⁵³ Id. Ibid., p. 18-9.

¹⁵⁴ Id. Ibid. p. 16.

O terceiro tipo de culto heróico corresponde aos depósitos de oferendas do século VIII em túmulos micênicos. Polignac argumenta que, independentemente do fato dos túmulos micênicos terem sido descobertos de uma forma acidental, escavados ou conhecidos de longa data, a coincidência entre o aumento dos depósitos e a difusão dos poemas épicos está distante de uma relação causal estrita.

No culto aos túmulos micênicos, Polignac afirma que ambos, tanto os poemas épicos, quanto as evidências arqueológicas, testemunham um interesse pela “Idade Heróica”, apenas assumindo formas distintas de expressão cultural. Os heróis dos poemas assumem dimensões universais, pan-helênicas, já a veneração dos túmulos antigos levou ao estabelecimento de um culto em homenagem a um herói local que poderia ser livremente “reinterpretado”. Dessa forma, a transformação de um túmulo micênico em local de culto, envolvendo práticas institucionalizadas exercidas por um grupo organizado ou por toda comunidade, constitui símbolo de soberania no processo de origem da *pólis*, assim como a construção de um santuário de fronteira ou, ainda, um urbano. Todavia, para Polignac existe uma diferença entre esta prática de culto formal nos túmulos micênicos e o simples exercício de práticas rituais em homenagem aos mortos, envolvendo apenas familiares. Este tipo de “culto” é caracterizado, na visão do autor, como um simples culto aos mortos e, nele, não há apropriação político-ideológica do passado.

James Whitley¹⁵⁵ ressalta a necessidade de estudos que relevem as diferenças locais do culto heróico. Debatendo as conclusões de Coldstream, Whitley argumenta que a difusão dos poemas épicos pode ter auxiliado na prática do culto heróico, mas não naquela exercida nos túmulos micênicos, por duas razões simples. A primeira devido ao fato de serem cultos anônimos; caso os poemas os tivessem influenciado, muito provavelmente, seriam cultos em homenagem a heróis mencionados nas obras homéricas. A segunda, porque não há nenhum elemento fornecido pelos poemas que possa fazer com que os habitantes da Ática e da Argólida, por exemplo, associem os enterramentos micênicos em *tholoi* ou em câmaras aos heróis do ciclo épico. Os enterramentos dos heróis épicos são, aliás, bastante distintos daqueles praticados na Idade do Bronze, conforme pudemos observar no capítulo anterior.¹⁵⁶

¹⁵⁵ WHITLEY, J. “Early States and Hero Cults: a re-appraisal.” *JHS* Vol. 108, (1988), p. 173-82.

¹⁵⁶ Whitley ressalta a enorme diferença entre as práticas fúnebres micênicas e homéricas. Conforme foi explicitado no capítulo 2, os enterramentos descritos nas obras épicas são cremações e as cinzas dos heróis são depositadas em urnas funerárias de ouro ou bronze e sepultadas com apetrechos de batalha e outros ricos objetos. O túmulo, muitas vezes, é marcado por montículos de terra. Já os túmulos micênicos

O autor examina em particular os casos da Ática e da Argólida. Afirma que seguramente há depósitos pós-micênicos nas sepulturas micênicas em Menidhi, Thorikos e Alikí Glyphadha. Os dois primeiros em túmulos em *tholoi* e o último em câmara. Erecteu e Academos na Acrópole ateniense, para o autor, não constituem casos de culto heróico estabelecido no final do século VIII, pois as informações nos relatórios de escavações apresentam-se confusas e os significados de tais casos ainda não estão claros. Já em Eleusis, há sete túmulos em *cistas* do Heládico Tardio III que foram cercados no século VIII por um muro e há também a presença de oferendas do Geométrico Tardio na área. Há um crescimento exorbitante no número de sítios nessa região, de três no Submicênico para seis no século X e para mais de vinte e oito no século VIII.

Conforme vimos, Snodgrass vê esse aumento como um processo de reassentamento e re-colonização interna da Ática pela própria cidade de Atenas. Contudo, segundo Whitley, o modelo fornecido por Snodgrass segundo o qual o campesinato livre assegura seu título de terra através do culto heróico não funciona aqui, pois seria esperado que nos novos assentamentos o número de depósitos fosse maior e essa situação não ocorre. São nos assentamentos mais antigos, como Menidhi e Eleusis, ocupados desde o Protogeométrico que são encontrados os depósitos. Nestes dois sítios, o culto heróico parece mais ter sido uma prática aristocrática e não do campesinato livre. Apenas em Alikí é que aparentemente a escala, a qualidade, a data e a natureza das oferendas parece indicar uma prática dos agricultores reclamando terras desocupadas do período micênico.¹⁵⁷

Dessa forma, seria mais plausível entender o culto heróico na Ática como uma reação das comunidades antigas aos novos assentamentos. Estabelecendo uma ligação com o passado heróico, essas comunidades estavam resgatando a antiguidade da ocupação da área e afirmando seu poder político e social, frente às novas comunidades em crescimento. Tratava-se de uma reclamação dos verdadeiros habitantes da Ática, os verdadeiros herdeiros da “Idade Heróica”, glorificados pelos poemas épicos. Resgatando esses laços, essas comunidades escolhiam enfatizar suas ligações locais, sua autoctonia.

são, na grande maioria, inumações familiares em túmulos em *tholoi* ou em câmaras e raramente sepulturas individuais em *cistas*. Id. Ibid., p. 174-75.

¹⁵⁷ Id. Ibid., p. 177.

O caso da Argólida, segundo Whitley, é bastante distinto do da Ática, onde a deposição de oferendas em tumbas micênicas está concentrada em três grandes comunidades: Argos, Micenas e Prosymna. A situação militar nessa região é bastante delicada, pois desde o período micênico há cidades soberanas e independentes que lutam para conquistar o poder do território, como é o caso de Argos, que no Período Arcaico destrói as cidades de Asine e Nauplia. Além disso, o crescimento populacional na Argólida não acompanha o grande aumento do número de sítios.

Whitley enfatiza que nas comunidades dessa região se estabeleceram santuários urbanos e extra-urbanos claramente definidos conforme o “*modelo bipolar*” de Polignac com dois propósitos: estabelecer os limites territoriais das cidades e auxiliar a integrar as áreas mais distantes do centro urbano. O culto heróico surge com as mesmas funções desses santuários, só que praticados por cidadãos e não por agricultores que reivindicavam terra para cultivar e se estabelecer. Dessa forma, os significados das oferendas nas tumbas micênicas nessa região se expressam através do contexto religioso, mas totalmente intrincado no processo político-ideológico de formação da cidade-estado, estabelecendo uma relação de benefício com um “*passado usável*”. O estudioso conclui indicando que a circulação dos poemas épicos não está, em nenhum momento, relacionada com as origens da deposição de oferendas em túmulos micênicos nas duas regiões examinadas acima, nem na Ática e nem na Argólida.

Gregory Nagy,¹⁵⁸ em um estudo exaustivo dos termos utilizados na poesia épica, entende o culto heróico a partir das afirmações de Rohde, indicando que, na verdade, ele possui sua origem no culto aos ancestrais. Nagy afirma que jamais a circulação e a difusão dos poemas épicos influenciaram a prática da deposição de oferendas em túmulos micênicos, pois os heróis da épica são marcados pela glória, pelo renome – *kléos* – e não pela *timé* – honra sagrada obtida após a morte. O atributo *kléos*, segundo Nagy, em nenhum momento está associado a qualquer caráter religioso. Além disso, os heróis dos poemas são pan-helênicos, enquanto o culto realizado nos túmulos micênicos é de caráter local.¹⁵⁹

Ian Morris¹⁶⁰ interpreta o culto heróico como uma manifestação político-ideológica ambígua dos gregos do século VIII, totalmente inserida no contexto de

¹⁵⁸ NAGY, G. *The Best of the Archaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore, London, 1979.

¹⁵⁹ Id. *Ibid.*, p. 115-16.

¹⁶⁰ MORRIS, I. “Tomb Cult and the ‘Greek Renaissance’: the Past in the Present in the 8th century B.C.” *Ant* Vol. 62, (1988), p. 750-61.

origem da *pólis*, que conseguiu conciliar tanto o novo “*ideal igualitário*” formador da cidade-estado, quanto os velhos ideais heróicos aristocráticos que protegiam e defendiam as leis e costumes antigos.¹⁶¹ Morris entende o culto heróico como uma variedade de rituais praticados em homenagem a três categorias de “heróis”: formando um único grupo, aos épicos, aos fundadores de colônias “heroicizados” e às figuras epônimas ou históricas; aos mortos recentes, identificados a um segundo grupo e o terceiro grupo de heróis que corresponde aos indivíduos anônimos dos túmulos do período Micênico (entre 1600 a 1200 a.C.). Os três tipos de culto heróico começam durante a “Idade Obscura”, mas se tornam generalizados apenas no século VIII.

O mais antigo deles é o culto aos mortos recentes, correspondente ao segundo tipo de culto heróico descrito por Polignac, o processo de “heroicização”. Morris argumenta que a categoria que abrange este grupo é formada por ricos enterramentos, geralmente cremações de indivíduos do sexo masculino cujas cinzas são colocadas no interior de uma urna funerária de bronze, acompanhados de armamentos, jóias, objetos importados, sacrifício de cavalos e são marcados por vasos, pedras ou montículos de terra.¹⁶² Esses enterramentos começaram por volta do ano 1000 e cessam por volta de 700, com picos entre 900-850 e 750-700. Esta categoria inclui os túmulos atenienses demarcados pelos grandes vasos decorados com as cenas de *próthesis* e *ekphorá*. Tais enterramentos seriam, na verdade, guerreiros “heroicizados”, ao invés de “príncipes”; exemplos de uma tradição em “heroicizar” os mortos que caracterizam as mudanças políticas do final do século VIII, em direção a um grupo (aristocrático) de cidadãos no poder, definindo as futuras estruturas sociais e políticas dos Períodos Arcaico e Clássico.¹⁶³

“Heroicizar”, de acordo com Morris, significa conferir status de semideus ao morto através do seu funeral, seguindo o modelo “homérico”. Cultuar esses mortos recentes, agora heróis, constituía uma forma através da qual os gregos da Idade do Ferro tornaram seu “*passado usável*”,¹⁶⁴ visando neutralizar o poder individual de um grande homem e proporcionando os alicerces religiosos para a cidade-estado como um todo.¹⁶⁵ O outro tipo é o culto heróico propriamente dito que abrange desde os famosos heróis

¹⁶¹ Id. Ibid., p. 752; 757; 759.

¹⁶² Id. “Iron Age Greece and the Meanings of ‘princely tombs’”. *Les Princes de la Protohistoire et l’Émergence de l’État*. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples (1994). Naples, p. 57-80, 1999, p. 57.

¹⁶³ Id. Ibid., p. 60.

¹⁶⁴ Id. Ibid., p. 66.

¹⁶⁵ Id. Ibid., p. 70.

homéricos às figuras lendárias “heroicizadas” ou históricas que fundaram cidades matrizes ou colônias. Este tipo de culto heróico tende a ser muito mais duradouro que os demais e, geralmente, é praticado em estruturas arquitetônicas monumentais.

Morris denomina o último tipo de culto heróico de culto às tumbas e afirma que é evidenciado pela Arqueologia desde 950, pelo menos, mas que somente a partir de 750, houve um processo de redefinição e utilização deste culto enquanto fonte de poder e conflito, devido ao grande aumento dos depósitos nos túmulos da Idade do Bronze (**Gráfico 1**). O culto às tumbas é dividido em “*forte*” e “*fraco*”, de acordo com a quantidade e a qualidade das oferendas e ainda segundo a duração das atividades rituais nos túmulos da Idade do Bronze. Morris também considera em sua análise a distribuição do culto às tumbas e dos dialetos da língua Grega clássica, a partir de um mapa elaborado por J. Whitley.¹⁶⁶ Aqueles que falavam dialeto dórico e que, muito provavelmente, descendiam dos povos invasores do norte da Europa não consideravam com heróis nem os guerreiros dos poemas homéricos e, menos ainda, os indivíduos enterrados nos túmulos micênicos como seus ancestrais, apesar de encontrarmos inúmeros casos de culto às tumbas na área da Messênia. Essas ocorrências são explicadas como uma forma de perpetuar tradições locais face à ocupação espartana, pois os messênios foram conquistados pelos espartanos em duas guerras durante os séculos VIII e VII a.C.

Na região da Ática o culto às tumbas possuiu um significado diferente, pois os atenienses, já no século VII, teriam se declarado como os mais antigos jônicos, os habitantes originais da Grécia.¹⁶⁷ A prática do culto serviu, dessa forma, para legitimar os laços com o passado, apropriando-se dele segundo as necessidades das pessoas no presente. Morris conclui que, independente dos dialetos, o culto às tumbas era praticado por famílias aristocratas que reafirmavam seu status social e político se voltando para a “Idade Heróica”. Este fato não invalida o caráter ambíguo do culto, pois enquanto sua prática fundamentava a idéia de comunidade, o “*ideal isonômico*” de *pólis*, também proclamava a superioridade e os privilégios da elite.¹⁶⁸

¹⁶⁶ Id. “Tomb Cult and the ‘Greek Renaissance’”. *Ant* Vol. 62, (1988), p. 756-7. Ver Figure 3. *Dialect regions and tomb cults*.

¹⁶⁷ Id. *Ibid.*, p. 756.

¹⁶⁸ Id. *Ibid.*, p. 758.

Carla M. Antonaccio¹⁶⁹ também prefere a expressão culto às tumbas para referir-se aos depósitos de oferendas datadas do Geométrico Tardio em túmulos micênicos, justamente para diferenciá-lo do uso do termo *culto heróico*, largamente relacionado com os rituais realizados em santuários formais dedicados a heróis epônimos, míticos ou históricos. Em seu livro, *An Archaeology of Ancestors*, a autora enumera algumas razões pelas quais os dois tipos de cultos devem ser considerados separadamente. A primeira delas está no fato dos santuários de heróis épicos serem fundados em sítios micênicos, mas jamais nos túmulos. O segundo motivo se deve ao fato do culto às tumbas ser anônimo, não apresentar grandes construções, envolver oferendas modestas e, também, por apresentar poucas ocorrências, sendo, em muitos casos, uma única.¹⁷⁰

Ambos os cultos estabelecem uma relação com o passado, mas *usam* esse passado de formas diferenciadas. Antonaccio questiona a relação direta feita por Snodgrass, Whitley, Morris e Polignac entre a prática de tais cultos e a origem da *pólis* grega. A prática do culto às tumbas não cessa com a emergência da *pólis* (**Gráfico 1**) e há dificuldades mesmo em encontrar evidências que identifique os depósitos nos túmulos micênicos ao estabelecimento de um verdadeiro culto e, acima de tudo, a um culto heróico.¹⁷¹ Todavia, Antonaccio concorda que o século VIII foi um período de crise e conflitos e que não teria sido apenas mera coincidência o aumento peculiar na prática de culto às tumbas e também do culto heróico neste momento. O culto heróico certamente deve ter tido motivações que tentavam legitimar o presente através da utilização do passado, definindo de um lado, a identidade da comunidade local e, ao mesmo tempo, através do ritual e da poesia épica, o estatuto de “ser” pan-helênico.

Já o culto às tumbas era praticado em diferentes locais, utilizava diferentes formas e estabeleceu laços distintos com o passado, se comparado com o culto heróico. O culto às tumbas possui similaridades com o culto aos ancestrais; venerando os túmulos da Idade do Bronze, a comunidade como um todo ou um grupo aristocrático reivindicava a ancestralidade através dos laços com os antigos mortos micênicos. Todavia, na verdade, esses gregos pós-micênicos não possuíam consangüinidade, qualquer grau real de parentesco com os indivíduos da Idade do Bronze.¹⁷² Esta atitude possui uma conotação ideológica, pois os membros da “elite” poderiam reivindicar

¹⁶⁹ ANTONACCIO, C. M. “Contesting the Past: Hero Cult, Tomb Cult, and Epic in Early Greece.” *AJA* Vol. 98, (1994), p. 389-410.

¹⁷⁰ Id. *An Archaeology of Ancestors. Tomb Cult and Hero Cult in Early Greece*. London, 1995.

¹⁷¹ Id. Op. cit. p. 403, 404.

¹⁷² Id. *Ibid.*, p. 400.

laços de prestígio com ancestrais e legitimar seu poder através do culto, porém apenas em nível local. A autora faz uma crítica a noção de que a difusão dos poemas teria sido o fator impulsionador do culto às tumbas e do culto heróico. Antonaccio afirma que os monumentos micênicos sempre foram conhecidos durante a toda a Idade do Ferro, porém nem sempre foram usados com propósito político-ideológico pelos gregos pós-micênicos.

A. M. Ainian¹⁷³ realiza um estudo arqueológico exaustivo sobre a prática de culto em homenagem a indivíduos anônimos em grandes estruturas durante a “Idade Obscura”, denominando-o de culto ao chefe.¹⁷⁴ Ainian dedica toda sua obra ao estudo das diferentes formas arquitetônicas e aos vestígios encontrados no interior delas, que possam identificá-las a espaços de culto, ou defini-las como residências. A pesquisa do autor inclui toda Grécia continental e as ilhas e está dividida segundo as categorias arquitetônicas (edifícios e estruturas internas retangulares, absidais, ovais, circulares) presentes nas áreas do mundo grego. Ainian relaciona todos esses dados com as evidências literárias centradas nos poemas épicos atribuídos a Homero e se preocupa exclusivamente com o culto ao chefe. O autor menciona que exclui de seu estudo qualquer outro tipo de culto que a expressão culto heróico possa denotar, como aquele associado aos túmulos pré-históricos micênicos ou ainda aos heróis épicos dos ciclos míticos e fundadores históricos ou míticos de cidades.¹⁷⁵

Ainian, na verdade, não concorda nem com a primeira linha de pensamento, que entende a difusão do culto heróico como resultado da circulação e difusão dos poemas épicos e nem com a segunda linha exposta neste trabalho, que considera o fator político-ideológico como elemento fundamental para o desenvolvimento da prática de culto heróico, principalmente no século VIII a.C. O autor utiliza idéias de cada uma das vias, indicando-as não como opostas, mas como premissas complementares. Os poemas homéricos não só demonstram que houve um grande interesse consciente do homem do final da Idade do Ferro pelo passado glorioso, heróico, mas também que as obras épicas teriam auxiliado, em grande parte, a difundir esse interesse.¹⁷⁶

¹⁷³ AINIAN, A. M. “From ruler’s dwellings to Temples. *Achaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)*” *SIMA* Vol. CXXI, 1997.

¹⁷⁴ O culto ao chefe seria correspondente ao chamado culto aos mortos recentes por Ian Morris e ao processo de “heroicização” de Polignac.

¹⁷⁵ Id. *Ibid.*, p. 351.

¹⁷⁶ Id. *Ibid.*, p. 356-57.

O culto ao chefe, presente já durante a Idade do Ferro Antiga, estaria intimamente ligado às origens e às funções do templo grego arcaico.¹⁷⁷ Ainián atribui este nome devido ao tipo de poder político que teria se configurado nas comunidades da Idade do Ferro que praticavam esse culto. O termo empregado por Homero para se referir aos líderes políticos e sociais (*basiléis*) é entendido como monarcas que governavam pequenas comunidades e territórios e estavam distante de serem vistos como divinos, atuando mais como uma espécie de sacerdotes.¹⁷⁸ Analisando as evidências arqueológicas, o pesquisador afirma que os *basiléis* eram, portanto, encarregados de organizar e dirigir as atividades religiosas da comunidade, acompanhadas de sacrifícios e refeições rituais, geralmente desenvolvidas em suas próprias residências, que, em alguns casos, possuíam dimensões monumentais. Ainián acrescenta ainda que em Homero, os *basiléis* eram, ainda, heróis e que tais atividades rituais possuíam acesso restrito à elite e aos mais velhos da comunidade.¹⁷⁹

Ainián conclui que, com o tempo, esses pequenos chefes locais foram perdendo poder até a completa abolição de qualquer traço de sistema monárquico, em favor do estabelecimento do regime aristocrático; processo gradual ocorrido em grande maioria das comunidades na Grécia no final do século VIII a.C. Em muitos casos, com a morte do *basiléus* (rei), a aristocracia estabelece um culto em sua homenagem motivada por objetivos político-ideológicos: queria fundamentar os laços com seu ancestral heróico local, garantindo e legitimando o poder político, a propriedade da terra e o prestígio social. Dessa forma, esses locais de culto residenciais são substituídos por templos que homenageiam deuses e heróis pan-helênicos. Segundo Ainián, estaria aí a origem do processo de sinecismo entre a *ásty* e a *khóra* e, conseqüentemente, de formação da cidade-estado.

O Culto Heróico e o Mito Hesiódico das Cinco Raças.

Nesta parte, trataremos da importância de um dos trechos de *Os Trabalhos e os Dias*, o mito das Cinco Raças, para a análise arqueológica do tema do *herói* e do *culto heróico*, analisando as diferentes posições dos pesquisadores a respeito do mito

¹⁷⁷ Id. "Early Greek Temples: Their Origin and Function." *Early Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986, Stockholm, Paul Astroms Forlag, 1988, p. 105-19.

¹⁷⁸ Id. *Ibid.*, p. 118. Ver também: Id. *Op. cit.*, Chapter IV – The Literary Evidence. Part 1 – Homeric Questions, p. 358-62.

¹⁷⁹ Id. *Ibid.*, p. 118-19.

hesiódico. Contudo, para apresentarmos e entendermos os argumentos de tais análises faz-se necessária, inicialmente, uma síntese descritiva do mito. Hesíodo nos conta que “da mesma origem nasceram deuses e homens” (v. 108).¹⁸⁰ Os primeiros homens, da raça de Ouro, “viviam em Olímpias moradas” (v. 110) no tempo em que Cronos reinava. Não envelheciam, não se preocupavam com o trabalho, pois viviam tranquilos com a abundância dos frutos da terra e de seus pródigos bens. Entretanto, a raça de Ouro foi coberta pela terra por vontade de Zeus, tornando-se *dáimones epikhthónioi*.¹⁸¹

A segunda raça criada é a raça de Prata, “bem inferior” (v. 127) à primeira, marcada pela *Hýbris*,¹⁸² pois “nem aos imortais queriam servir nem sacrificar aos venturosos” (v. 135-6) viviam cem anos como crianças junto de suas mães e quando chegavam à adolescência, morriam. Dessa forma, Zeus “encolerizado (...) também esta raça sob a terra ele os ocultou” (vv. 138-140), tornando-se *dáimones*, só que *hypokhthónioi*.¹⁸³ Todavia, também esta raça ainda merecia *timé*.¹⁸⁴

A terceira raça, a de Bronze, era marcada pela guerra, pela violência, pela força excessiva e destrutiva e acabou sucumbindo “por suas próprias mãos” (v. 152). Não comiam o trigo, suas armas e casas eram de bronze e “com bronze trabalhavam: negro ferro não havia” (v. 151). O destino dessa raça foi deixar a luz do sol e descer “ao úmido palácio do gélido Hades; anônimos” (vv. 153-4).

A quarta raça é formada pelos Heróis que “Zeus Cronida fez mais justa e mais corajosa” (v. 158). São chamados de *hemíttheoi* - ‘ημίθεοι -, geração que viveu anteriormente à de Hesíodo na Terra, que lutaram e morreram nas grandes guerras, em

¹⁸⁰ Tradução utilizada neste trabalho: HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias* (Primeira Parte), Lafer, Mary de C. N. (Trad., Introdução e comentários) Biblioteca Pólen, 4ª. edição, São Paulo: Iluminuras, 2002.

¹⁸¹ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. v. 122-23. No grego: δαίμονες (...) ἐπιχθόνιοι. Há um problema nos termos em português utilizados para tradução da palavra *dáimones*. Na obra de Jean-Pierre Vernant, *dáimones* aparece como demônios, mas sem qualquer conotação pejorativa, apenas para indicar as almas dos mortos. Dessa forma, o termo completo *dáimones epikhthónioi* é traduzido por demônios **sobre** a Terra. VERNANT, Jean-Pierre *Mito e Pensamento entre os Gregos*. SARIAN, H. (trad.) 2ª. edição. São Paulo, 2002. Já no dicionário presente na obra de Murachco, *dáimones* é traduzido por divindades, numes, gênios e, portanto, o termo inteiro significa divindades **sobre** a Terra. MURACHCO, H. *Língua Grega. Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Volume II, Prática. São Paulo, 2001, p. 486. Nesta Dissertação de Mestrado optamos por utilizar a tradução da autora Haganuch Sarian, pois o termo **demônio** segundo a Etimologia grega tem significado de “**espírito**”, entidade sobrenatural cuja natureza existencial corresponde a um mundo **intermediário** entre o **mundo mortal** e o **mundo humano**, dicionário Houaiss.

¹⁸² Do grego: ὕβρις – soberba, excesso. A autora Mary Lafer prefere traduzir o termo por “violência provocada por paixão”, “ultraje”, “golpes desferidos por alguém” ao invés utilizar as palavras “desmedida” e “violência”, mais usuais entre os estudiosos. Adotaremos o sentido mencionado como **soberba** ou **excesso**.

¹⁸³ Id. Ibid. v. 141. No grego: ὑποχθόνιοι – **sob** a Terra.

¹⁸⁴ Do grego: τιμή – honra. Nesses versos, o termo parece estar associado a honras culturais, daí a conotação religiosa.

Tebas e em Tróia. Foram confinados numa terra distante e alguns “heróis afortunados” (v. 171) habitam a “Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo” (v. 170).

A quinta raça, a de Ferro, constitui a raça a qual Hesíodo faz parte e, logo nos primeiros versos, o poeta lamenta: “antes não tivesse eu entre os homens da quinta raça, mais cedo tivesse morrido ou nascido depois” (vv. 173-4). Esta raça é marcada pela labuta e pelas “árduas angústias (que) os deuses lhe darão” (v. 178), chegando o dia em que “contra o mal força não haverá” (v. 201) e todos os homens perecerão.

Jean-Pierre Vernant¹⁸⁵ contribui com uma das mais importantes e influentes análises desse mito hesiódico. Em primeiro lugar, para Vernant, o mito traz uma seqüência de raças que, simbolizadas pelos metais, apresenta uma hierarquia ordenada por uma decadência, do mais precioso para o menos precioso: ouro, prata, bronze e ferro. Esta lógica, segundo Vernant, reflete os estágios da raça humana na concepção oriental, por exemplo no sonho de Nabucodonossor no Livro de Daniel do Antigo Testamento.¹⁸⁶ Entre as raças de Bronze e Ferro Hesíodo acrescenta uma quinta, a raça dos Heróis, que não possui correspondente metálico, destrói o paralelismo entre raças e metais e interrompe o movimento contínuo de decadência, pois ela é superior tanto à que a antecede (a de Bronze) quanto à que a sucede (a de Ferro). Contudo, a inserção dela no mito não constitui um elemento estranho ou mal integrado à estrutura geral do mito, “*mas uma peça essencial sem a qual o equilíbrio do conjunto estaria rompido*”.¹⁸⁷

Fundamentado nas idéias de E. Rohde¹⁸⁸, segundo a qual o essencial da estrutura do mito hesiódico está no destino póstumo das raças e de G. Dumézil¹⁸⁹ sobre a interpretação trifuncional do mito, Vernant constrói uma interpretação estrutural do mito, fundamentada em duas bases principais. A primeira delas corresponde à noção de que as raças de Hesíodo não obedecem a uma ordem cronológica linear, mas cíclica: as

¹⁸⁵ VERNANT, Jean-Pierre *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Sarian, Haiganuch (trad.) 2ª. edição. São Paulo, 2002. Especificamente o Capítulo 1 – Estruturas do Mito, p. 25-132.

¹⁸⁶ “*Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e seus braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila. Estavas olhando, quando uma pedra, sem intervenção de mão alguma, (Lit.: “sem as mãos”) destacou-se e veio bater na estátua, nos pés de ferro e de argila, e os triturou. Então se pulverizaram ao mesmo tempo o ferro e a argila, o bronze, a prata e o ouro, tornando-se iguais à palha miúda na eira de verão: o vento os levou sem deixarem traço algum. E a pedra que havia atingido a estátua tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira.*”, Dn 2, 31-35, **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2000.

¹⁸⁷ VERNANT, J-P. *Ibid.*, p. 34.

¹⁸⁸ *Id. Ibid.*, p. 29.

¹⁸⁹ *Id. Ibid.*, p. 54.

Idades se sucedem formando um ciclo completo, argumentada a partir da lamentação de Hesíodo por “não ter nascido depois” (v. 174). A segunda interpretação do autor fundamenta-se no jogo de lógica, de complementaridade e oposição entre os conceitos de *Díke* e *Hýbris*.¹⁹⁰ Esta lógica ordena e atribui significado à construção do mito e o divide em três níveis funcionais.

O primeiro, expresso pelas raças de Ouro e Prata, define o plano da soberania, do *basiléus* descendente de Zeus, através do qual se dão as atividades jurídico-religiosas. Só que na raça de Ouro o *basiléus* é entregue à *Díke*, enquanto na raça de Prata, se define pela *Hýbris*. Ambas mantêm solidariedade no destino póstumo, se tornam *dáimones*, só que a primeira é *epikhthónioi* e a segunda *hypokhthónioi*, se completando e opondo ao mesmo tempo. Além disso, ambas recebem honras, *timé*.

O segundo plano, explicitado pelas raças de Bronze e dos Heróis, caracteriza o da função militar realizada pelos guerreiros. Neste nível a lógica da *Díke* e da *Hýbris* se inverte, pois a raça de Bronze é dominada pela *Hýbris* e a raça dos Heróis é entregue à *Díke*. Para Vernant, ambos também recebem o mesmo destino após a morte, sem honras, *timé*, havendo uma pequena diferença. Hesíodo deixa claro que a raça de Bronze, apesar de aterrorizadora, cai no esquecimento do anonimato, enquanto na raça dos Heróis, alguns afortunados vão para a Ilha dos Bem-Aventurados, onde vivem por toda a eternidade uma vida semelhante a dos deuses.

O terceiro plano, segundo Vernant, é formado pela raça de Ferro que é dúbia, possui os dois lados ao mesmo tempo, a *Díke* e a *Hýbris* juntas e, portanto, é caracterizado pela função do trabalho, da fecundidade, exercida principalmente pelo agricultor. O autor defende que esses três planos caracterizam o próprio processo de maturidade e degradação do homem: Ouro e Prata, a jovialidade da adolescência; Bronze e Heróis, a vitalidade da vida adulta e Ferro, ao envelhecimento.

Em oposição às idéias de Vernant estão, essencialmente, aqueles estudiosos que defendem uma seqüência cronológica linear e histórica para as quatro raças metálicas.¹⁹¹ Nesta linha de pensamento, em oposição a Vernant, geralmente a raça dos

¹⁹⁰ A *díke* é entendida como o oposto da *hýbris*. Do grego: δίκη – a justiça, equilíbrio, prudência, circunspeção, moderação.

¹⁹¹ Por exemplo: GRIFFITHS, J. Gwyn “Archaeology and Hesiod’s Five Ages.” *Journal of the History of Ideas*. Vol. 17, p. 109-19, 1956. “A ordem de seu esquema é cronológica. O mais significativo é que a seqüência ouro, prata, bronze e ferro é atestada pelo registro arqueológico em muitas regiões”; trecho original em inglês: “The order of his scheme is chronological. What is more, the sequence gold, silver, bronze and iron is one which the archaeological record attests in many areas”, p. 112. O autor ainda complementa indicando que Hesíodo não mencionou o cobre e que a menção de uma Idade de Ouro e outra de Prata é fruto da mistura entre Mito e História.

Heróis é vista como “alienígena”, como um intruso na seqüência metálica que quebra a estrutura coerente do mito.

Todavia, as análises que nos interessam neste trabalho dizem respeito à tentativa de alguns arqueólogos em relacionar o mito das Cinco Raças com o culto heróico e ainda com a própria “Idade Obscura”. M. L. West¹⁹² observa uma divisão filológica e geográfica nos significados do termo *héros*. O autor argumenta que em termos de filologia a palavra *héros* possui dois significados na literatura grega: uma para designar o herói épico, aquele guerreiro que não possui atenção especial após a morte e outra para se referir ao herói morto e cultuado em seu túmulo. O termo utilizado para descrever o herói épico era dominante na jônia, local onde se deu o desenvolvimento dos poemas épicos durante a “Idade Obscura”. A palavra caracterizada para descrever o herói morto cultuado em seu túmulo era utilizada na Grécia Continental, área em que foram encontrados os depósitos de oferendas em túmulos micênicos no século VIII.

West integra as idéias de Vernant, a partir da qual a raça dos Heróis é fundamental para entender o conjunto do mito, mas o autor discorda complementando com a noção de que as raças de Ouro e Prata são a-históricas. Para ele, a tradição grega está preocupada com a raça dos Heróis e com as pessoas que podem estar associadas a eles por genealogias. Dessa forma, as raças Bronze, Heróis e Ferro seguem corretamente os conceitos gregos de história.

Gregory Nagy em seu livro, *The Best of the Archaeans*, também distingue a categoria de herói – *héros* – em dois tipos, a partir dos atributos *kléos* e *timé*.¹⁹³ O primeiro equivale à glória ou ao renome conferido através da poesia épica e, portanto, diz respeito aos heróis celebrados nos poemas homéricos e nos versos de Hesíodo que adquirem importância pan-helênica. O segundo atributo define a honra conferida a categoria de heróis que são cultuados e constituem, dessa forma, figuras de importância local.

A partir de tais observações, Nagy afirma que, no mito das raças, Hesíodo deixa claro que as raças de Ouro e Prata são merecedoras de *timé*, sendo, assim, objetos de cultos. Apesar da diferença entre os atributos *epikhthónioi* e *hypokhthónioi*, ambas são *dáimones* no destino póstumo e este fato as caracteriza como iguais por complementaridade e oposição. As raças de Bronze e dos Heróis, por outro lado, não

¹⁹² WEST, M. L. *Hesiod's Works and Days*. Oxford, 1978.

¹⁹³ NAGY, G. *The Best of the Archaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore, London, 1979.

merecem o atributo *timé*, porém possuem o atributo *kléos*, são os bravos guerreiros que lutaram e morreram em grandes guerras, como é o caso explícito dos indivíduos da raça dos Heróis que lutaram e tombaram nas batalhas em Tebas e Tróia. Apesar dos integrantes da raça de Bronze serem anônimos, segundo Nagy, configuram o lado “*obsuro*” do herói homérico¹⁹⁴ e, portanto, as duas raças (Bronze e Heróis) são cantadas nos poemas de Homero e de Hesíodo. O autor conclui que a primeira e a segunda raças configuram, dessa forma, um retrato completo do herói no culto, enquanto a terceira e a quarta raças constituem a figura do herói na épica.¹⁹⁵

Nagy concorda com a noção de um mito cíclico de Vernant para a sucessão das Idades das raças e, também, na oposição do tema central *Díke* e *Hýbris* como estrutura lógica do mito, contudo acrescenta que o mito trata, na verdade, da condição humana através do jogo de oposição e complementaridade e diverge do pesquisador francês na interpretação da quinta raça, a do Ferro. Nagy sugere que ela corresponde à quintessência dos quatro tipos opostos da condição humana, constitui o aqui e agora que incorpora as oposições do passado e do porvir.¹⁹⁶

A. Snodgrass¹⁹⁷, fundamentado nas idéias filológicas de West e nas conclusões de Nagy sobre as raças de Ouro e Prata configurando o herói cultuado e as raças de Bronze e dos Heróis, caracterizando o herói épico, reforça a idéia de que a raça dos Heróis não recebe *timé* após a morte e, dessa forma, não correspondem aos heróis cultuados nos túmulos micênicos pelos indivíduos do século VIII. Os integrantes da raça dos Heróis vão para o Hades ou para a Ilha dos Bem-Aventurados, sem qualquer menção à prática ritual, já os integrantes da raça de Prata, após a morte se tornam *dáimones hypokhthónioi*, quer dizer, permanecem embaixo da terra e merecem honras, apesar de serem inferiores em relação à raça de Ouro. O fato de permanecerem embaixo da terra levou Snodgrass a concluir que o culto realizado nos túmulos micênicos pelas comunidades do século VIII era dirigido não à raça dos Heróis de Hesíodo, nem à raça de Ouro, pois seus indivíduos se tornam *epikhthónioi* após a morte, mas sim era executado para a raça de Prata. Os túmulos micênicos eram identificados aos integrantes da distante raça de Prata, que vivia escondida debaixo da terra e era merecedora de honras e, portanto, configurava objeto de culto.

¹⁹⁴ Id. Ibid., p. 159.

¹⁹⁵ Id. Ibid., p. 154-5.

¹⁹⁶ Id. Ibid., p. 169.

¹⁹⁷ SNODGRASS, A. *An Archaeology of Greece: the present state and future scope of a discipline*. Berkeley, 1987.

Ian Morris, para analisar o conceito de “herói” e entender os desdobramentos do culto heróico durante a Idade do Ferro, elabora uma complexa relação cronológica com o aumento, declínio ou estagnação do comércio com o Oriente Próximo, o Egito e a ilha de Chipre,¹⁹⁸ a partir dos vestígios encontrados nos enterramentos da área da “Grécia Central”.¹⁹⁹ Segundo os dados apresentados pelo autor, podemos inferir que durante 1200 e 1050 houve um período de queda no comércio a longa distância, devido à pequena quantidade de objetos importados em bronze enterrados nas sepulturas e à introdução de objetos agora confeccionados em ferro.

A situação se deteriora quando, no intervalo entre 1050 a 1025, a presença desses objetos praticamente cessa nos túmulos. O autor ainda indica que tal situação também é consequência do momento de derrocada do mundo micênico e que as implicações de tal fato geram também uma diminuição e até mesmo o desaparecimento dos objetos micênicos nos túmulos. Além disso, trata-se de uma época em que os próprios costumes micênicos são abandonados, dando espaço para um novo modo de vida mais adequado à situação vigente. Assim, por exemplo, no início da Idade do Ferro, os enterramentos individuais são túmulos em *cistas* revestidos com pedra, as residências possuem, na grande maioria, plantas absidais, a decoração cerâmica ganha novos motivos, o geométrico, entre outras mudanças adotadas.²⁰⁰ De acordo com Morris, os gregos estavam reorganizando a vida e “*dando às costas*” para este passado recente de destruições, invasões, migrações, fome, guerras e queda populacional e este ato é evidenciado pelos vestígios dos enterramentos.²⁰¹

Entre 1025 e 925, o contato com o Oriente e com um remoto passado micênico começa a ser retomado, mas em pequena escala; é o momento em que os objetos importados em bronze e aqueles de origem micênica voltam a aparecer nas sepulturas. Todavia, conforme ressalta Morris, este também se configura o momento de apogeu dos objetos confeccionados em ferro, principalmente os instrumentos de batalha, como

¹⁹⁸ MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece*. Massachusetts, 2000.

¹⁹⁹ Esta denominação, segundo Morris, abrange todas aquelas regiões que são banhadas pelo mar Egeu, incluindo parte da costa do Levante, as ilhas entre o Levante e a Grécia Continental, a ilha da Eubéia, parte da Ática e uma pequena parte do Peloponeso. Para o autor, do século XI até aproximadamente o VI formam-se unidades culturais na Grécia que podem ser divididas geograficamente segundo quatro regiões: a Grécia Central, a Grécia Ocidental, Creta e a Grécia do Norte. Morris enfatiza que as regiões não são homogêneas e que tal divisão serve apenas como recurso interpretativo. Id. *Ibid.*, p. 195-6, ver mapa, Fig. 6.1, p. 196.

²⁰⁰ Id. *Ibid.*, p. 200-01.

²⁰¹ Id. *Ibid.*, p. 206-07.

espadas, lanças, pontas de lança, adagas, escudos e elmos.²⁰² O período posterior, entre 925 e 850 é marcado por um grande aumento dos objetos importados em bronze e em ouro, mas também de objetos cerâmicos e, ainda, do número dos objetos micênicos nos enterramentos.²⁰³ Isto significa que, segundo o autor, houve a intensificação do comércio à longa distância, que passa a concentrar grandes esforços e a reestruturação dos laços com o passado, que é aproximado do presente através da atribuição de novos significados ao mundo micênico, neste momento concebido como um passado glorioso, heróico.

Após este período, entre 850 e 750, Morris chama a atenção para o fato de que há um novo, porém acanhado, declínio tanto no comércio oriental, quanto na relação com o passado micênico.²⁰⁴ Entretanto, o autor destaca a análise dos períodos entre 1025 e 850, argumentando que se trata justamente do momento em que uma nova estrutura social é criada. De um lado, encontramos uma elite aristocrática que fundamenta suas raízes no poder político, reivindicando sua ligação com o passado heróico e com o Oriente, caracterizando-se como uma camada guerreira-comerciante. No lado oposto, temos uma camada de desprovidos, que sustentam esta nova ordem social, persuadidos através do universo mítico e ritual-funerário.

É neste contexto cultural que os gregos criam e definem o conceito de *herói*, de *culto heróico*, definem a “Idade Heróica” descrita em Homero e, conseqüentemente, a “raça dos Heróis”, em contrapartida à “raça de Ferro”, presentes nos poemas hesiódicos.²⁰⁵ Morris afirma que tanto a estrutura dos poemas homéricos, quanto do mito hesiódico das Cinco Raças, surgiu aí, neste processo de reestruturação das relações do presente com passado e entre o presente com o Oriente, que culmina com o nascimento da aristocracia da “Idade Obscura”, entre os séculos XI e IX a.C. Para o autor, as cinco raças de Hesíodo e o universo mítico das três raças metálicas decadentes (ouro, prata e bronze) do Oriente Médio teriam tido uma fonte em comum.²⁰⁶ Os gregos acrescentaram as raças de Ferro e dos Heróis para criar uma genealogia simbólica coerente com o mundo real, aquele que estavam vivenciando.

Dessa forma, segundo Morris, a raça de Ferro era formada pelos próprios gregos dos séculos XI, X e IX a.C. e a raça dos Heróis, que antecederia a raça de Ferro no mito

²⁰² Id. Ibid., p. 212-13.

²⁰³ Id. Ibid., p. 238.

²⁰⁴ Id. Ibid., p. 241.

²⁰⁵ Id. Ibid., p. 231-32.

²⁰⁶ Id. Ibid., p. 234. Para tal conclusão, Morris cita o estudo de M. L. West *The East Face of Helicon*. Oxford, 1997, p. 312-9.

de Hesíodo, representava tudo aquilo que os gregos da “Idade Obscura” não eram. Formada por uma raça de seres semidivinos, a raça dos Heróis era identificada no mundo real a um passado micênico distante, glorioso, mitificado, em que o uso do bronze era generalizado. Através da tradição oral o mito foi conservado e sendo transformado, até que no século VIII, a relação entre bronze e ferro tinha tornado-se histórica: o bronze estava para o ferro, assim como a raça dos Heróis estava para o mundo coevo (a raça de Ferro).²⁰⁷ A “Idade Heróica” era, portanto, um espelho, através do qual as novas elites dos séculos XI ao IX procuraram definir a si próprias.

Todavia, isto não significava que um homem da raça do Ferro não pudesse transcender sua raça e alcançar o status de herói. Evento que se dava principalmente na morte de um indivíduo destacado, pertencente à camada “*guerreira-aristocrática*”, que era “heroicizado”, alcançando o status de herói através da bela morte – *kalós thánatos*.²⁰⁸ O “herói” recebia funeral e “honras homéricas” e sua memória era reverenciada por seus sucessores e consangüíneos. O autor conclui que se trata de uma “*tradição inventada*”²⁰⁹ e que continuou por séculos, atestada, inclusive, pelos depósitos de oferendas do século VIII em túmulos micênicos, conforme já foi observado.

Carla M. Antonaccio²¹⁰ assume uma posição bastante diferenciada em relação a Morris e Snodgrass, tentando localizar em termos cronológicos absolutos as raças de Bronze e dos Heróis. A autora, distintamente de Morris, dá por estabelecido que a raça de Ferro pertence ao período em que Hesíodo viveu, quer dizer, o século VII a.C. Os indivíduos da raça dos Heróis teriam vivido no ápice da Idade do Ferro histórica, isto é, os séculos IX e VIII a.C. Já a raça de Bronze, para a autora, teria povoado a terra durante o Heládico Tardio (correspondentes aos micênicos).

Segundo Antonaccio, esta hipótese é plausível pelo fato de que o Heládico Tardio caracteriza-se por ser um período conturbado, de catástrofes, com invasões, fato que é retratado nos versos hesiódicos. Contudo, a própria pesquisadora lembra que esta interpretação acarreta um fosso temporal histórico que separa a raça de Bronze da raça dos Heróis. Com isso, Antonaccio conclui que o culto às tumbas no século VIII está além do alcance da épica, porém se o culto foi praticado em homenagem à alguma das

²⁰⁷ Id. Ibid., p. 218.

²⁰⁸ MORRIS, I. “Iron Age and the Meanings of ‘Princely Tombs’.” *Les Princes de la Protohistoire et l’Émergence de l’État*. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples (1994). Naples, p. 57-80, 1999.

²⁰⁹ Id. Ibid., p. 67.

²¹⁰ ANTONACCIO, C. M. “Contesting the Past: Hero Cult, Tomb Cult, and Epic in Early Greece.” *AJA* Vol. 98, (1994), p. 389-410.

raças de Hesíodo, teria sido para a raça de Bronze, pois os indivíduos dessa raça foram escondidos por Zeus e se tornaram *nónymnoi* - anônimos -, da mesma forma que os depósitos nos túmulos micênicos também eram dirigidos para indivíduos anônimos.

A. M. Ainian²¹¹ não realiza um estudo aprofundado sobre a obra de Hesíodo e sua relação com o culto heróico e com a Idade do Ferro, contudo faz algumas considerações sobre a raça dos Heróis. Para Ainian, a inserção dessa raça não metálica no mito oriental das Cinco Raças reafirma o interesse dos gregos do final da Idade do Ferro e início do Período Arcaico pelo passado heróico glorioso. De acordo com o autor, a raça dos Heróis foi uma criação baseada na memória confusa do homem excepcional que viveu no início da “Idade Obscura”.

Nas últimas décadas, uma nova abordagem de interpretação do culto heróico durante a Idade do Ferro, fundamentada em estudos antropológicos e etnológicos, vem sendo utilizada por alguns autores. Essa abordagem está intimamente relacionada com as diversificadas formas de poder político, de organização da estrutura social e do exercício das práticas religiosas nas comunidades da “Idade Obscura”. A partir da comparação com modelos antropológicos, esse tipo de abordagem serve como um recurso analítico, considerando as semelhanças, as diferenças e as especificidades de cada comunidade, a fim de auxiliar no entendimento dos diferentes aspectos dos assentamentos da Idade do Ferro. Passemos, dessa forma, ao exame dessas novas perspectivas de interpretação para, por fim, levantar algumas considerações e questões sobre a discussão historiográfica exposta, até então, sobre a investigação do culto heróico durante a Idade do Ferro.

O Culto Heróico e a Analogia Etnográfica: novas perspectivas de interpretação.

Em 1991, J. Whitley²¹² publicou um artigo na revista *The Annual of the British School at Athens*, propondo uma nova perspectiva de análise para os assentamentos da Idade do Ferro. A partir do estudo etnográfico de E. R. Leach,²¹³ sobre a diversidade social e a complexidade política de sociedades pertencentes a uma mesma área geográfica, Whitley concluiu que os registros etnográficos e arqueológicos de

²¹¹ AINIAN, A. M. “From ruler’s dwellings to Temples” *SIMA* Vol. CXXI, 1997, p. 357.

²¹² WHITLEY, J. “Social Diversity in Dark Age Greece” *BSA* Vol. 86, (1991), p. 341-365.

²¹³ LEACH, E. R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia. Um estudo da estrutura social Kachin*. G. G. de Souza; A. P. Danesi e G. C. C. de Souza (tradutores), São Paulo, 1995. Especialmente p. 247-72, Parte III) Variabilidade Estrutural. Capítulo 6 – *Gumlao e Gumsa*.

comunidades pré-literárias, com ausência de Estado e predominantemente agrícolas revelam uma grande diversidade cultural, social e política. Dessa forma, o autor dividiu as comunidades dos Períodos Geométrico Antigo, Médio e Tardio fundamentalmente em dois tipos: os assentamentos “estáveis” (por exemplo, as comunidades de Atenas, Argos e Cnossos) e os “instáveis” (Lefkandi, Dhonoussa, Zagora, Nicória, Empório e Kavousi).

Esta divisão baseia-se no tamanho, na densidade populacional e duração dos assentamentos, principalmente no que diz respeito à continuidade do uso das necrópoles. As comunidades “estáveis” foram, em geral, grandes e importantes centros micênicos, onde se desenvolveram, posteriormente, centros urbanos das *póleis*. Durante a Idade do Ferro, os assentamentos permaneceram ocupados com pouca instabilidade populacional. Em Atenas, por exemplo, I. Morris notou que nos vários cemitérios os enterramentos eram divididos em lotes.²¹⁴ Esses lotes indicavam que um certo número de túmulos de indivíduos representava um grupo particular da comunidade. Segundo Whitley, pode-se concluir que o status era transmitido de geração para geração através dos indivíduos que integravam um mesmo grupo familiar. Dessa forma, havia em Atenas vários grupos de tamanhos e poder, aproximadamente, equivalentes.²¹⁵

Os assentamentos “instáveis” caracterizam-se pelo fato de terem sido ocupados por um curto período e, às vezes, são re-ocupados algum tempo depois. Trata-se de uma categoria bastante abrangente, por exemplo, Zagora e Andros permaneceram ocupados durante os séculos IX e VIII a.C. e Empório, em Chios, apenas no final do século VIII, após estes momentos, os sítios foram abandonados. Em Lefkandi, a situação é bastante particular. O assentamento estava centralizado em Xerópolis durante o final do Heládico Tardio, porém no século X, o povoado parece ter mudado para a área da colina Toumba até por volta da metade do século IX. Neste momento, Xerópolis passa a ser novamente o centro da ocupação até o final do século VIII, quando todo o sítio de Lefkandi é destruído e abandonado.²¹⁶

Whitley propõe dois modelos antropológicos estabelecidos por Schuyler Jones²¹⁷ e Lewis Binford²¹⁸ para estudar as características políticas e sociais de cada

²¹⁴ MORRIS, I. *Burial and Ancient Society*. Cambridge, 1987, p. 72-4; 92-3. O autor usa o termo “grave plots”.

²¹⁵ WHITLEY, J. op. cit., p. 353.

²¹⁶ POPHAM, M. R.; SACKETT, L. H.; TOULOUPA, E. “The Hero of Lefkandi” *Ant* 56 (1982), p. 169-74.

²¹⁷ JONES, S. *Men of Influence in Nuristan*. Londres, 1974.

²¹⁸ BINFORD, L. R. *In Pursuit of the Past* Londres, 1983.

tipo de assentamento, “estáveis” e “instáveis”, respectivamente. Schuyler Jones estudou sociedades do Waigal Valley em Nuristan (atualmente, parte do Afeganistão). Tanto em Nuristan, quanto nas comunidades gregas de tipo “estáveis”, configuram-se exemplos de sociedades patrilineares, patriarcais e, predominantemente, agrícolas. O status social e o poder político são, em parte, conquistados mas, na maior parte dos casos, hereditários. São sociedades competitivas internamente, em que a honra e o orgulho são condições para a posição social e possessões dos “destacados”. O trabalho manual é admirado e valorizado, porém é inferiorizado em relação aos demais. A cultura material produzida reflete os valores dominantes da comunidade como a competição, a honra e a manutenção de um determinado status social e político. Isto faz com que características da decoração de artefatos manufaturados valorizem a reprodução de símbolos que representam determinada ordem social. É desta maneira que o autor interpreta muitos dos motivos geométricos da cerâmica ateniense e indica uma certa estabilidade política expressada pela existência de uma “elite” ateniense no controle social e político. Whitley afirma que o modelo é aplicável, principalmente para Atenas, já para as demais comunidades “estáveis”, o modelo funciona apenas em parte.

Os povoamentos “instáveis” são estudados por Whitley, segundo o modelo do antropológico do “Big Man”, descrito por Binford. Há três comunidades da Idade do Ferro que possuem maior quantidade de pontos convergentes com tal modelo: Lefkandi, Kavousi e Nicória. Zagora e Dhonoussa, entretanto, apesar de serem classificadas como “instáveis” não correspondem ao modelo do “Big Man”. Sociedades do tipo do sistema do “Big Man” possuem característica instabilidade política. Um grupo de pessoas reúne-se sob o domínio de uma figura centralizadora, um chefe, líder, o “Big Man” capaz de, a partir de uma rede de alianças, oferecer segurança econômica, política e manutenção do status social. A competitividade nestes grupos constitui algo presente e fundamental para a sustentação da figura do “Big Man”. Da mesma forma que este atrai seguidores, formando suas alianças, ele atrai também rivais, instigando a competição e a troca de linhagens no poder político.

Não há, portanto, necessariamente, hereditariedade na constituição do poder. Há sim, uma extrema valorização das qualidades e conquistas individuais, associadas de forma geral, às qualificações guerreiras, possíveis oferecedoras de estabilidade. Cabe ao mais destacado guerreiro do grupo aristocrático se esforçar e conquistar seus seguidores, apoiando-se numa grande e poderosa rede de alianças. Contudo, quando este “Big Man” morre, suas alianças perecem com ele e suas prerrogativas de poder não são transferidas

para seus filhos. Isto proporciona uma nova disputa por um novo “Big Man” de uma nova linhagem, mas sempre pertencente à “elite” da comunidade. Trata-se, portanto, de comunidades bastante hierarquizadas.

As comunidades da Idade do Ferro mencionadas para as quais se aplica este modelo antropológico do “Big Man” são regiões que, geralmente, começaram a se formar a partir da reunião de grupos dispersos das áreas mais atingidas pelas invasões e destruição do Sistema Palacial Micênico. A densidade demográfica nestes povoamentos varia muito durante o início da Idade do Ferro.²¹⁹ Assim, conforme aponta Whitley, a figura de um homem destacado e forte por suas relações de parentesco e alianças de fidelidade, pode ter tido grande peso e importância para o desenvolvimento e consolidação política, econômica e social da comunidade no início da Idade do Ferro.

As atividades econômicas características deste modelo do “Big Man” ajustam-se no quadro geral de mobilidade: são sociedades predominantemente pastoris e comerciais. As atividades comerciais são fundamentadas num sistema de reciprocidade e troca de presentes que auxiliam a perpetuar a competitividade e, simultaneamente, a aumentar as alianças do “Big Man”. Devido à mobilidade e à instabilidade populacional, não há uma produção de excedentes destinada exclusivamente ao comércio. Dessa forma, é a troca imediata que satisfaz as necessidades imediatas. Whitley conclui indicando que a configuração da sociedade homérica aproxima-se mais do modelo do “Big Man”.

Discussão.

Após a exposição dessa revisão historiográfica a respeito das definições do termo *herói* e do *culto heróico*, podemos levantar algumas considerações sobre as relações estabelecidas pelos autores analisados entre as diversas fontes documentais disponíveis para o tratamento do nosso tema de pesquisa: a épica homérica, o mito hesiódico e, por fim, os dados fornecidos pela arqueologia.

Inicialmente, constatamos que, apesar das diferentes denominações atribuídas pelos pesquisadores, o culto heróico durante a Idade do Ferro e o início do Período Arcaico é dividido, atualmente, pela historiografia em três categorias distintas: 1) o culto heróico propriamente dito; 2) o culto às tumbas e 3) o culto ao chefe, também

²¹⁹ SNODGRASS, A. M. op. cit., p. 327-29.

denominado de culto aos mortos recentes ou processo de “heroicização”. O primeiro tipo é formado pelo conjunto de evidências arqueológicas e textuais que denotam a execução de práticas rituais direcionadas em homenagem aos heróis épicos ou históricos, como por exemplo, os fundadores de cidades, principalmente colônias, instituídas já na segunda metade do século VIII a.C. O segundo tipo constitui a deposição de objetos em túmulos do Período Micênico sem a identificação (nomeação) do herói. Por fim, o terceiro é configurado pelas evidências materiais que possam denotar um tratamento diferenciado e especial dado a um morto anônimo, mas com grande importância social e política nas comunidades da Idade do Ferro.

Em primeiro lugar, nos deparamos com uma questão bastante complexa: a utilização do termo *culto*, empregado tanto para a denominação mais abrangente (*culto* heróico), quanto para as categorias derivadas do culto heróico (*culto* às tumbas, *culto* ao chefe). Essas denominações devem ser analisadas com mais cautela, pois, em muitos casos, podem ser inadequadas. A expressão *culto* indica a execução de práticas rituais sistemáticas realizadas por um grupo de pessoas em homenagem a um indivíduo (nomeado ou anônimo) com **periodicidade**; do contrário, são apenas ações que integram um **rito**.

Como pudemos observar nos Capítulos 1 e 2, através da análise dos rituais funerários, podemos definir rito como um conjunto de ações padronizadas que explicitam as ficções sociais nos momentos de crise.²²⁰ É exatamente no momento em que essas ações padronizadas perdem o contato com a realidade, estabelecendo o contato com um mundo sobrenatural, que se configura o ritual, “*com todo seu caráter exagerado e exibicionista*”.²²¹ O culto é instituído quando o exercício do ritual se torna uma prática recorrente, geralmente realizada em um local determinado e com datas específicas.²²²

Além disso, o problema de distinção entre os significados de rito e culto também envolve a qualidade e a quantidade dos objetos depositados em homenagem ao indivíduo ou à divindade cultuada e ainda a quantidade de adeptos, se um grupo preciso e fixo da comunidade ou mesmo a inclusão de todos os indivíduos ou apenas alguns familiares, conforme foi assinalado por alguns autores, principalmente Antonaccio.

²²⁰ LEACH, E. R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia. Um estudo da estrutura social Kachin*. G. G. de Souza; A. P. Danesi e G. C. C. de Souza (tradutores), São Paulo, 1995, p. 31-2.

²²¹ BURKERT, W. *A Criação do Sagrado. Vestígios biológicos nas antigas religiões*. V. Silva (trad.) Lisboa, 1996, p. 63.

²²² Id. *Ibid.*, p. 151-54.

O primeiro tipo de “culto” heróico pode ser seguramente designado enquanto tal, pois, na maioria das ocorrências, é praticado em um espaço específico, delimitado para execução de rituais em homenagem a figura do herói grego, que assume uma identidade local, segundo cada comunidade, por exemplo, Odisseu em Ítaca, Academos em Atenas, Agamêmnon em Micenas, em Esparta em homenagem a Menelau e Helena, Amphidamas em Cálcis.²²³ Durante o Período Arcaico, esses rituais são praticados repetidamente pelas *póleis* gregas de acordo com seu calendário religioso. Eles integram a deposição de oferendas, libações, banquetes fúnebres e execução de sacrifícios.

Com as descobertas arqueológicas referentes, principalmente ao século VIII a.C., por exemplo, os depósitos de oferendas nos túmulos micênicos, em associação a difusão dos poemas homéricos, houve um certo anseio pela busca das origens do culto heróico.²²⁴ As evidências levavam à Idade do Ferro e, logo, percebemos que houve uma associação imediata entre o culto heróico do Período Arcaico e as práticas rituais executadas durante a Idade do Ferro. Dessa forma, verificamos em alguns estudos mais recentes a preocupação dos autores em estabelecer diferenças entre o culto heróico propriamente dito e outras manifestações rituais, originando essa gama de denominações distintas. Entretanto, a expressão *culto* permanece como a denominação usual para todas elas.

Conforme examinamos no Capítulo 2, as práticas rituais funerárias em honra aos mortos abrangem as mesmas ações executadas no culto heróico. Assim, preferimos falar em ritual funerário ao invés de culto aos mortos ou aos ancestrais. Na verdade, as práticas rituais fúnebres em homenagem aos mortos sempre existiram na Grécia Antiga e são elas que originaram a religião familiar, do *oikos* grego nos Períodos Arcaico e Clássico. São, portanto, práticas familiares, domésticas e devem ser diferenciadas daquelas práticas rituais efetuadas repetidamente por toda a cidade-estado.

Da mesma forma, o termo utilizado para caracterizar o segundo tipo de culto heróico, *culto às tumbas*, pode ser questionado, pois as deposições de oferendas são esporádicas e não necessariamente podem estar associadas aos túmulos micênicos como

²²³ SARIAN, H. “La Civilisation” P. TREUIL, R.; DARCQUE, P.; POURSAT, Jean-Claude e TOUCHAIS, G. Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de l’Age du Bronze. Nouvelle Clío. L’Histoire et ses Problèmes. Paris: Presses Universitaires de France, 1989, p. 585-93, especialmente, p. 588.

²²⁴ Por exemplo, conforme pudemos observar nas obras de Rohde e Farnell nas páginas anteriores.

uma das práticas de culto, mas apenas uma prática ritual funerária.²²⁵ Conscientes de tal problema, optamos por utilizar as denominações atribuídas pelos autores aos demais tipos de culto heróico, entretanto, elas estarão entre aspas, pois o termo *culto* pode ser inapropriado em alguns casos, inclusive na expressão “culto heróico”, quando entendida como um termo mais geral para designar todas as evidências de práticas rituais durante a Idade do Ferro.

O “culto às tumbas”, conforme podemos observar no **Gráfico 1**, possui algumas poucas ocorrências já no século X, com um pequeno aumento no IX e uma enorme explosão no VIII que, aliás, apresenta-se como momento de maior desenvolvimento da prática. A partir de então, o número de túmulos micênicos que apresentam os depósitos declinam pela metade no século VII e ainda mais no VI (ver **Gráfico 1**).

O “culto ao chefe” constitui uma manifestação característica da Idade do Ferro, que pode ter tido início ainda no final do século XI e início do X e não ultrapassa o século VIII. Este tipo de “culto heróico” pode ter tido sua primeira expressão em Lefkandi, no “*Herôon*” absidal erguido na colina Toumba. Desde sua descoberta, no final da década de 70 do século passado, muitas questões envolvendo a problemática das características religiosas durante a Idade do Ferro vêm sendo levantadas. Conforme explicitamos no Capítulo 1, a forma absidal é recorrente desde o Período Micênico até o final do Geométrico Tardio, entretanto, em proporções mais modestas. As pesquisas mais recentes sobre as comunidades da Idade do Ferro, indicam que essas estruturas, podem ter sido utilizadas tanto como espaços domésticos, quanto locais de práticas rituais em homenagem a um indivíduo ou a um pequeno grupo de indivíduos enterrados ou no interior da construção ou em suas proximidades.²²⁶

Há outras estruturas arquitetônicas absidais, onde, provavelmente, teriam se desenvolvido práticas do “culto ao chefe”, como as Unidades IV-1 e IV-5 em Nicória, o Mégaron A e o Mégaron B em Thermos, o *Daphnephoreion* em Erétria, os Edifícios A e B em Koukounaries na ilha de Paros, os Edifícios C, D e S em Asine, as Construções VIII e XVIII em Lathouresa, os Edifícios A e B em Vondra na ilha de Kavousi, as estruturas A e B em Aigeira, no norte da área do Peloponeso.²²⁷ Na presente pesquisa,

²²⁵ Interpretação que, aliás, também é questionável, pois, conforme a própria autora C. M. Antonaccio afirma, são depósitos próximos às tumbas que parecem ter sido depositados uma única vez. ANTONACCIO, C. M. Op. Cit.

²²⁶ Por exemplo, a obra de AINIAN, A. M. “From ruler’s dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)” *SIMA* Vol. CXXI, 1997.

²²⁷ Id. Ibid. Vide Mapas 2) *Distribution of Rulers’ Dwellings (c. 1100-700)* e 6) *Distribution of Apsidal, oval and circular buildings (c. 1100-700)*.

selecionamos para estudo de caso quatro sítios: Lefkandi, Thermos, Erétria e Asine (ver **Mapa 1** - Introdução). Pretendemos realizar uma análise detalhada dos vestígios arqueológicos formados pelas construções absidais e pelo material associado a elas, incluindo estruturas funerárias, objetos cerâmicos, metálicos, entre outros, buscando entender as características das atividades religiosas que teriam sido desenvolvidas nesses espaços, criticando ou concordando com algumas interpretações já estabelecidas. A importância de um estudo deste tipo de “culto heróico” nos remete não apenas ao entendimento dos aspectos religiosos das comunidades da Idade do Ferro, considerando também suas implicações no âmbito sócio-político, mas ainda às relações entre as evidências arqueológicas e textuais, conforme viemos discutindo até então.

A relação entre os poemas homéricos e hesiódicos com o “culto às tumbas” e o “culto ao chefe” nos remete às questões essenciais sobre as características culturais, políticas e sociais das comunidades da Idade do Ferro, que ainda constituem alvo de grandes debates entre os especialistas. Logo de início, é importante ressaltar que a documentação arqueológica não deve ser tratada como reflexo ou ilustração do registro textual. Dessa forma, a difusão dos poemas homéricos na forma escrita, no final do século VIII e início do VII, pode estar relacionada sim com o número de túmulos micênicos que receberam oferendas no mesmo período. Todavia, os depósitos já existiam durante a Idade do Ferro, da mesma forma que, provavelmente, os poemas também já eram recitados oralmente.

Podemos inferir que, na verdade, tanto os poemas, quanto os depósitos de oferendas nos túmulos micênicos configuram expressões culturais distintas, mas inter-relacionadas, sem que se estabeleçam relações causais entre elas. Assim, Homero já tinha conhecimento das práticas rituais funerárias em homenagem aos heróis, cujas definições e características, aliás, não devem ter sido inventadas pelo rapsodo, mas sim já faziam parte do conjunto do imaginário coletivo dos gregos da Idade do Ferro.

Da mesma forma, muitas das interpretações sobre o mito das Cinco Raças de Hesíodo também acabam por privilegiar o documento escrito em detrimento do registro material. Elas constituem tentativas de encontrar um lugar para o “culto heróico” nos seus diferentes desdobramentos arqueológicos, principalmente o “culto às tumbas”, na estrutura do mito das Cinco Raças de *Os Trabalhos e os Dias*.

Snodgrass utiliza-se do fato dos integrantes da raça de Prata se tornarem *dáimones hypokhthónioi* e merecerem *timé* como argumento para identificá-los com os indivíduos cultuados nos túmulos micênicos. A partir de uma via oposta de

interpretação do mito hesiódico, Antonaccio enfatiza o fato dos guerreiros da raça de Bronze se tornarem *nónymnoi* após a morte, como elemento de semelhança com a prática do “culto às tumbas”. Qual interpretação estaria correta? Qual raça de Hesíodo é cultuada nos túmulos micênicos, a de Prata, a de Bronze, ou nenhuma dessas duas? Por que não seria a raça dos Heróis, já que apenas alguns afortunados merecem viver como deuses durante a eternidade na Ilha dos Bem-Aventurados e são denominados de *hemíttheoi*, conforme sugere West?

As respostas para essas questões revelam, na verdade, análises anacrônicas do mito das Cinco Raças de Hesíodo que tentam identificar a existência histórica das raças, segundo uma seqüência cronológica de Idades. A própria autora Antonaccio depara-se com um problema no exercício desse tipo de análise: como explicar o fosso temporal que separa a raça do Bronze, identificada pela autora ao período Heládico Tardio da raça de Ferro, identificada como aquela que povoou o ápice da Idade do Ferro (séculos IX e VIII a.C.)? Tais interpretações não possuem fundamentos na estrutura do próprio mito de Hesíodo, pois, como indica Vernant, em nenhum momento o poeta estava preocupado em definir a duração da existência de cada raça na terra ou, muito menos, indicar exatamente quando elas povoaram o mundo terreno.²²⁸

A única indicação de tempo presente no mito aparece quando Hesíodo afirma que a raça de Prata viveu durante cem anos como “meninos grandes” (v. 131) junto a suas mães e logo depois que cresciam e atingiam a adolescência “pouco tempo viviam” (v. 133). Entretanto, tal indicação não nos permite estabelecer relações cronológicas entre a duração das raças e seu período de existência histórica. Além disso, essas análises também atestam incongruências na estrutura dos poemas, como por exemplo, a conclusão de West de que as raças de Ouro e Prata são a-históricas. Concordamos com Vernant, indicando que a presença de todas as raças é perfeitamente coerente com o conjunto que dá significado à estrutura do mito, composto sob o modelo de uma hierarquia moral, atemporal e cíclica de função de valores.²²⁹

É interessante lembrar que as obras de Hesíodo, assim como os poemas épicos atribuídos a Homero, trazem elementos e instituições específicas do momento em que foram escritas. Muitos elementos que compõem o mito hesiódico configuram os problemas, as transformações e tensões sociais vividas no próprio tempo de Hesíodo. Isto não significa que Hesíodo não contribua com a construção do passado, porém,

²²⁸ VERNANT, Jean-Pierre op. cit. p. 53-5.

²²⁹ Id. Ibid., p. 51.

trata-se de um passado caracterizado pelo relato mítico e fundamentado nas angústias, críticas e conflitos vividos pelo poeta no presente, o século VII. Tentar transpor essa visão de mundo para práticas de outros períodos, acarreta os mesmos problemas anacrônicos e incoerentes com a identificação dessas práticas rituais como decorrentes da circulação e da difusão dos poemas épicos atribuídos a Homero, idéia que alguns pesquisadores procuram refutar com inúmeros, fortes e importantes argumentos.

Hesíodo, no mito das Cinco Raças, fundamenta, pela primeira vez na tradição literária grega, as três categorias de seres aos quais os homens mortais possuem o dever de prestar culto: os *dáimones*, os heróis e os mortos. Claro que os deuses – *théoi* – se encontram no topo dessa classificação hierárquica, mas já haviam sido tratados na *Teogonia*. A primeira e a segunda raças de homens tiveram a mesma origem que os deuses, mas não estavam separadas deles, viveram entre os deuses, com os deuses e como os deuses. Ambas se tornaram demônios (espíritos) com a diferença que os indivíduos da raça de Ouro vagavam onipresentes pela terra – *epikhthónioi* – e os da raça de Prata permaneciam escondidos debaixo da terra – *hypokhthónioi*. A grande aproximação com os deuses lhes conferiram as reverências de culto, configurando-se como objetos de honras – *timái* – após a morte, enquanto *dáimones*. Tais constatações não indicam que as duas raças correspondam aos indivíduos homenageados no “culto às tumbas”.

Em relação à raça de Bronze, Hesíodo nos elucida sobre a condição daqueles guerreiros que pereceram lutando e, após a morte, integram o mundo do Hades. Lá permanecem como simples mortos anônimos – *nónymnoi* – e não merecem *timái*. Dessa maneira, historicamente, poderíamos afirmar que não há possibilidades de identificar esses indivíduos às práticas do “culto às tumbas”? Não necessariamente. Então qual das raças corresponderia a raça cultuada no século VIII? Responder questões como esta, pode caracterizar-se como uma problemática complexa, de difícil solução, em busca da resposta “correta”, da pretensa “verdade”.²³⁰

A situação dos heróis é um pouco mais complexa. Hesíodo se refere à raça dos Heróis utilizando o termo *hemítheoi* – semideuses – associando um claro significado religioso ao termo, distintamente de Homero, que utiliza o termo *héros* sem uma conotação religiosa precisa. Contudo, Hesíodo não menciona que são alvos de honras – *timái* – em nenhum momento. Há, no mito, uma preocupação histórica e seqüencial

²³⁰ Id. Ibid., p. 126.

explícita de Hesíodo em identificar que essa geração corresponde àquela que precedeu a raça de Ferro (v. 160), da qual o poeta faz parte e que sucedeu a raça de Bronze.

Poderíamos sugerir que a raça dos Heróis integra a memória dos gregos contemporâneos de Hesíodo em relação à poesia épica atribuída a Homero, escrita algumas dezenas de anos antes. Contudo, segundo Vernant, também poderíamos afirmar que, justamente por descrever esta memória heróica, Hesíodo adota a perspectiva temporal característica do culto heróico, aquela em que os heróis são apresentados como os homens de outrora, de um passado abolido, antigo e glorificado.²³¹ Isto não significa, entretanto, que a prática do “culto heróico” durante a Idade do Ferro, em qualquer um de seus desdobramentos, seja identificada à raça dos Heróis de Hesíodo.

A construção e a lógica do mito das Cinco Raças de Hesíodo se situam a uma certa distância histórica e estrutural do mundo de práticas rituais populares do “culto às tumbas” e outros desdobramentos do “culto heróico”, como o “culto ao chefe”. O problema central na identificação das raças de Hesíodo com ambos os cultos se deve ao fato desses tipos de “culto heróico” serem anônimos.

A questão fundamental para entender o “culto heróico” não é buscar seu referente na matriz textual, tentando identificá-lo historicamente a uma das raças de Hesíodo ou como resultado dos poemas épicos atribuídos a Homero, mas sim relacionar as evidências arqueológicas com as obras escritas procurando examinar o contexto maior de produção cultural, seja ela material ou literária. É essencial, contudo, dentro das características e da disponibilidade das evidências da “Idade Obscura”, analisarmos a diversificação de alguns contextos regionais para compará-los entre si e com as fontes textuais para, finalmente, levantarmos reflexões mais amplas sobre os porquês da prática do “culto heróico”, principalmente do “culto às tumbas” e do “culto ao chefe” e quais suas implicações sociais, culturais e políticas no contexto histórico da Idade do Ferro.

Como vimos, durante o século VIII, atestamos uma gama de expressões culturais que estão inter-relacionadas, por exemplo: as imagens com representações de *próthesis* e *ekphorá* nos marcadores funerários áticos, os poemas homéricos se tornam obras escritas e o grande aumento na prática do “culto às tumbas” nas regiões da Argólida, Messênia, Beócia, Ática e nas ilhas de Délos e Kephallenia. Tais evidências não ocorreram ao acaso. Está claro que há especificações e diversidades locais, entretanto,

²³¹ Id. Ibid., p. 130.

pode-se sugerir que neste momento as comunidades da Idade do Ferro vivenciavam transformações culturais e políticas associadas à re-apropriação da tradição cultural, enquanto elementos dos comportamentos tradicionalistas explicitados nos capítulos anteriores. Dessa forma, os gregos criavam, justificavam e legitimavam o presente (uma nova estrutura social e política com a formação da *pólis*), a partir da reafirmação e da utilização com os laços do passado, idealizado e glorificado.

O termo “culto heróico”, destarte, constitui um conceito bastante genérico que abrange diversas formas de expressão arqueológica e textual, porém denota um único tipo de atividade ritual: aquelas qualificadas como “heróicas”, em homenagem a uma espécie de herói, seja ele inventado, local, mítico, lendário, histórico, epônimo, pan-helênico, homérico ou hesiódico. Cabe-nos, então, analisar a documentação arqueológica para entender a questão da problemática do *culto*. Independentemente do “tipo”, é importante ressaltarmos a importância do estudo do “culto heróico” no entendimento não só do processo de origem e emergência da cidade-estado grega, mas no estabelecimento da relação entre o âmbito religioso com a configuração política da *pólis* e principalmente das estruturas rituais e sociais que formam o quadro de aspectos religiosos nas comunidades da Idade do Ferro. Este último ponto constitui um objeto pouco estudado e desenvolvido pelos pesquisadores da Idade do Ferro do ponto de vista arqueológico. Nele, concentramos os esforços reflexivos dessa pesquisa, considerando sempre as discussões e conclusões teóricas levantadas até então.

Utilizar a analogia etnográfica para entender as estruturas sociais e políticas das diversificadas comunidades da Idade do Ferro constitui um novo campo de investigação, possibilitando novas questões sobre a configuração e a extensão do poder do *basiléus* nesses assentamentos. Contudo, é essencial ressaltar que há diferenças entre as características dos dois modelos antropológicos e das comunidades gregas da Idade do Ferro. Podemos perceber algumas incongruências entre o modelo do “Big Man” e as características da sociedade homérica. J. Whitley compara o “Big Man” com o *basiléus* homérico, entretanto, vimos no Capítulo 2 que o poder dos *basiléis* na *Iliada* e na *Odisséia*, apesar de ser em grande medida fundamentado na troca de presentes e nas conquistas individuais, é fundamentalmente, hereditário e monárquico, resquícios, ainda, do poder dos *basiléis* do Período Micênico.

Assim, a analogia etnográfica serve apenas como recurso analítico-metodológico para o estudo das comunidades gregas da Idade do Ferro. Muitas delas não se assemelham a nenhum dos dois modelos ou possuem elementos de ambos. Na

classificação de Whitley, Lefkandi e Thermos corresponderiam a sítios “instáveis”, cujas características aproximam-se do modelo do “Big Man”.²³² Os demais casos, Erétria e Asine, são identificados aos assentamentos “estáveis” e, dessa forma, possuiriam maiores semelhanças com o modelo de Nuristan. Não nos cabe aqui, verificar tais modelos ou os padrões estabelecidos por Whitley para classificar os sítios em “estáveis” e “instáveis”. Pretendemos, ressaltando as diferenças, comparar as características de tais modelos com as interpretações levantadas futuramente sobre os casos selecionados, para tentar alcançar algumas considerações sobre os aspectos sócio-políticos dessas comunidades e o papel da religião na configuração desses aspectos durante a “Idade Obscura”. Preferimos utilizar o termo *basiléus*, ao invés da expressão “Big Man”, procurando examinar sua importância, suas funções e a extensão de seu poder nas quatro comunidades selecionadas para estudo. Partimos, assim, para a análise do material arqueológico.

²³² MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. Massachusetts, 2000, p. 195-256. AINIAN, A. M. “From Rulers’ Dwellings to Temples” *SIMA* Vol. CXXI, 1997, p. 358-62. Id. “Early Greek Temples: Their Origin and Function.” *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 105-19.

CAPÍTULO 4 – Catálogo.

Abreviaturas do Catálogo.

- Periódicos:

AJA – American Journal of Archaeology

AntCl – l'Antiquité Classique

AntK – Antique Kunst

Arch – Archaeology

ArchDelt – Arkaiologikon Deltion

BCH – Bulletin de Correspondance Hellénique

BSA – The Annual of British School at Athens

Hesperia – Hesperia. Journal of the American School of Classical Studies at Athens

MA – Mediterranean Archaeology. Austrália and New Zealand Journal for the Archaeology of the Mediterranean World

MusHelv – Museum Helveticum

OpAth – Opuscula Atheniensa

REG – Revue des Études Grecques

SIMA – Studies in Mediterranean Archaeology

- Publicações de Escavações e Obras Correlatas:

Abreviatura	Referência Bibliográfica
<i>Archaeology as Cultural History</i> . Massachusetts, 1997.	MORRIS, I. <i>Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece</i> . Massachusetts, 2000.
<i>L'Archéologie Aujourd'hui</i> . Paris, 1981.	BÉRARD, C. "Erétrie, l'organisation de l'espace et la formation d'une cite grecque". Schnapp, A. (dir) <i>L'Achéologie Aujourd'hui</i> . Paris: Hachette, 1980, p. 229-50.
<i>Asine II. 1970-1974. Fasc. 1</i> . 1982.	DIETZ, S. <i>Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974</i> . Fasc. 1. General Stratigraphical Analysis and Architectural Remains. <i>Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae</i> . Series in quarto. Stockholm: Astrom Editions, 1982.
<i>Asine II. 1970-1974. Fasc. 4. Part. 1</i> . 1976.	WELLS, B. <i>Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974</i> . Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 1. The Tombs. <i>Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae</i> . Series in quarto. Stockholm: Astrom Editions, 1976.
<i>Asine II. 1970-1974. Fasc. 4. Part. 2</i> . 1983.	WELLS, B. <i>Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974</i> . Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 2. An Analysis of the Settlement. <i>Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae</i> . Series in quarto. Stockholm: Astrom Editions, 1983.
<i>Asine II. 1970-</i>	WELLS, B. <i>Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974</i> .

<i>1974. Fasc. 4. Part. 3.</i> 1983.	Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 3. Catalogue of Pottery and other Artefacts. <i>Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae</i> . Series in quarto. Stockholm: Astrom Editions, 1983.
<i>Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State.</i> Chicago, 1995.	<i>Cults, Territory and The Origins of the Greek City-State. Foreword, Preface and Introduction.</i> J. Lloyd (trad) Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.
<i>Early Greek Cult Practice.</i> Stockholm, 1988.	HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) <i>Early Greek Cult Practice. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 26-29 June, 1986.</i> Stockholm, 1988.
<i>Eretria I.</i> Berne, 1968.	
<i>Eretria III. L'Hérôon à la Porte de L'Ouest.</i> Berne, 1970.	BÉRARD, C. <i>Eretria III – Fouilles et Recherches. L'Hérôon à la Porte de L'Ouest.</i> Éditions Francke: Berne, 1970.
<i>The Greek Renaissance.</i> Stockholm, 1993.	HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) <i>The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tadtition and Inovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981.</i> Stockholm, 1983.
<i>Image of Ancestors.</i> 2002.	ANTONACCIO, C. M. <i>An Archaeology of Ancestors. Tomb Cult and Hero Cult in Early Greece.</i> London: Rowman & Littlefield Publishers, INC., 1995.
<i>Lefkandi I.</i> Oxford, 1980.	POPHAM, M.; SACKETT, L. H.; THEMELIS, P. G. <i>Lefkandi I. The Iron Age. Text. The Settlement. The Cemeteries. The British School of Archaeology at Athens.</i> Supplementary Volume, no. 11. Oxford: Thames and Hudson, 1980.
<i>Lefkandi II. Part 1.</i> Oxford, 1990.	CALLIGAS, P. G.; LEMOS, I. S. <i>Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. Parte 1. The Pottery. The British School of Archeology at Athens.</i> Supplementary Volume, no. 22. Oxford, 1990.
<i>Lefkandi II. Part 2.</i> Oxford, 1993.	POPHAM, M. R.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. (eds.) <i>Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. Parte 2. The Excavation, Architecture and Finds. The British School of Archaeology at Athens.</i> Supplementary Volume, no. 23. Oxford: Alden Press, 1993.
<i>Lefkandi III.</i> Oxford, 1996.	POPHAM, M. R.; LEMOS, I. S. <i>Lefkandi III. The Toumba Cemiteriy. Plates. The excavations of 1981, 1984, 1986 and 1992-4. The British School of Archaeology at Athens.</i> Supplementary Volume, no. 29. Oxford: Alden Press, 1996.
<i>La Mort, les Morts dans les Sociétés Anciennes.</i> Paris, 1982.	GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (direction) <i>La Mort, Les Morts dans Les Sociétés - Anciennes.</i> Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
<i>Les Princes de la Protohistoire et l'Émergence de L'État.</i> Naples, 1999.	MORRIS, I. "Iron Age Greece and the Meanings of 'Princely Tombs'" <i>Les Princes de la Protohistoire et L'Émergence de l'État. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples</i> (1994), Naples, pp. 57-80, 1999.

Parte 1 – Catálogo (Texto).

Introdução.

O presente catálogo tem como objetivo apresentar a descrição das estruturas absidais e os objetos associados, datadas da Idade do Ferro, nos sítios de Thermos, Lefkandi, Asine e Erétria (ver **Mapa 1** - Introdução). Seguiremos essa ordem de apresentação devido à datação estabelecida para as estruturas absidais em cada um dos sítios, respeitando uma certa organização cronológica.

O catálogo integra os seguintes itens com os respectivos dados:

- 1- BIBLIOGRAFIA. Apresentamos, inicialmente, informações sobre as campanhas de escavações realizadas nas estruturas absidais em questão e, a seguir, uma lista com as referências bibliográficas utilizadas para a confecção do catálogo.
- 2- LOCALIZAÇÃO. Neste item, indicamos a localização das estruturas absidais nos respectivos assentamentos, levando em consideração a natureza do conjunto de estruturas que se encontram ao redor das construções absidais, por exemplo, se são caracterizadas como residências ou de uso público com caráter sagrado ou administrativo.
- 3- MEDIDAS. São considerados o comprimento e a largura a partir das reconstituições das paredes dos edifícios absidais incluindo, conforme o caso, as medidas totais com os perípteros, formados pela série de postes ao redor das construções.
- 4- ORIENTAÇÃO. Indicamos a orientação da estrutura em relação à entrada do edifício, localizada em todos os casos analisados na extremidade retangular.
- 5- ESTADO DE CONSERVAÇÃO. Relatamos o estado de preservação em que foram encontradas as paredes das construções absidais no momento das escavações a fim de entender e verificar as reconstituições feitas até então pelos pesquisadores, adotando uma que seja mais coerente e adequada à forma e às medidas conservadas das paredes.
- 6- VESTÍGIOS. Este item compreende o grande conjunto de descrição dos aspectos técnico-morfológicos das construções e do conteúdo associado às mesmas. Primeiramente, há uma descrição da planta dos edifícios, relevando suas características arquitetônicas, como divisões internas e externas, presença de estruturas que indiquem a existência do períptero, de estruturas que sustentem um telhado e um sótão, ou ainda de bases que possam denotar a existência de uma escada, presença de bases e estruturas que indiquem a existência de

batentes e, dessa forma, portas internas, entre outras. Além disso, também apresentamos as técnicas de construção das paredes dos edifícios.

Posteriormente, estabelecemos uma ordem para a descrição dos objetos encontrados no interior das construções, relacionados às camadas estratigráficas datadas do evento de construções dos edifícios ou imediatamente posteriores, podendo indicar o momento de uso e as funções das estruturas absidais.

No próximo subitem desse grande conjunto, ainda são considerados os vestígios que estão na área externa dos edifícios encontrados nessas mesmas camadas estratigráficas que também podem estar diretamente associados à natureza funcional das estruturas.

7- HISTÓRICO. Finalmente procuramos apresentar um histórico das estruturas absidais, indicando as datações dos edifícios e suas cronologias de utilização.

Para algumas estruturas, esses tópicos analítico-metodológicos não são totalmente aplicáveis, sendo necessário algumas adaptações. Por exemplo, para catalogar os vestígios do sítio de Lefkandi, utilizamos uma divisão por compartimentos para facilitar a compreensão e a integração dos dados na etapa futura de análise e revisão das interpretações já realizados pelos estudiosos.

A) *Thermos*.

BIBLIOGRAFIA:

As escavações das estruturas absidais no sítio de Thermos foram conduzidas em duas grandes etapas pelo “Serviço Grego de Arqueologia”. A primeira campanha foi dirigida por G. Soteriades durante os anos de 1898 a 1908 e a segunda pelo pesquisador K. Rhomaios entre 1912 e 1914. Rhomaios retomou as escavações ainda em 1921, 1924 e entre 1931-32. Em 1992, em uma nova etapa de campo sob a direção do arqueólogo J. Papapostolou, a construção denominada *Mégaron B* foi novamente investigada.²³³

²³³ Não tivemos acesso a certos relatórios de escavações dos três pesquisadores mencionados: G. Soteriades *AE* (1900), p. 171-212, id., *Ta ελλειψοειδή κτίσματα του Θέρμου* Athens, 1909, id., *Antike Denkmäler* 2 (1902/08) 3f.; K. Rhomaios “Εκ του προϊστορικού Θέρμου” *ΑΔ* 1 (1915), p. 225-79, 2 (1916), p. 179-85, 6 (1920/21), p. 168; J. Papapostolou, “Ζητήματα των Μεγάρων Α και Β του Θέρμου”

BSA 32 (1932), p. 238.

BCH 70 (1946), p. 51-57.

BCH 108 (1984), p. 669-670.

AntCl 54 (1985), p. 5-48.

BSA 84 (1989), p. 272-75.

SIMA CXXI (1997), p. 44-45; 125-135.

Early Greek Cult Practice. Stockholm, 1988, p. 114-115.

Archaeology as Cultural History. Massachusetts, 1997, p. 169-98.

Ancient Greek Hero Cult. Stockholm, 1999, p. 28.

LOCALIZAÇÃO: Há duas estruturas arquitetônicas absidais no sítio de Thermos (o *Mégaron A* e o *Mégaron B*)²³⁴ que se localizam na parte central da cidade, associadas a um conjunto de residências, que datam desde o Heládico Médio até o Período Arcaico, e ao santuário de Apolo, delimitado por uma muralha a partir do século VIII.

A) *Mégaron A*:

MEDIDAS: 22m de comprimento e 6m de largura. (**Prancha 1**)

ORIENTAÇÃO: Orientado para Sul.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: As paredes possuem 0,55m de largura e encontram-se preservadas entre 0,60 e 0,90m de altura.

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

A partir da planta do *Mégaron* (**Prancha 1** – *Mégaron A*), observamos que a estrutura

AE (1990), p. 191-200, id., *ΠΑΕ* (1992), p. 88-128, id., *Εργον* (1992), p. 44-52; (1993), p. 44-56; (1994), p. 43-49; (1995), p. 36-42.

²³⁴ A expressão *Mégaron* denota uma gama de significados ampla e imprecisa. Conforme afirma P. Darcque, o termo é utilizado tanto para edifícios retangulares e quadrangulares em *anta* (com a frente aberta e com a presença de pórtico), em diferentes períodos da história grega, quanto como sinônimo de residência micênica ou ainda, para nomear as grandes salas dos palácios micênicos que possuíam uma abertura para um pátio. Dessa forma, utilizamos essa denominação para as estruturas absidais em Thermos, apenas devido ao fato de serem os nomes atribuídos pelos pesquisadores, contudo, elas não correspondem ao aspecto arquitetônico dessas duas estruturas e não devem ser utilizadas como características morfológicas e, muito menos, interpretativas (denotando espaço profano ou sagrado). Trata-se apenas de denominação, aliás, incongruentes e inadequadas. DARCQUE, P. “Pour L’Abandon du Terme ‘Mégaron’” *BCH* Supplément XIX, p. 21-31.

possui divisão tripartite simples: separado em pórtico, sala principal e abside.

1.1- Cerâmica associada:

Píthoi e ânforas fragmentados com decoração em motivos geométricos encontrados na Sala Principal, próximos à abside, em posição invertida contendo cinzas e ossos de animais. (**Prancha 1**)

2- Estruturas funerárias:

Dois túmulos encontrados na abside. O Túmulo 1 contendo cinzas e ossos humanos queimados que são, segundo as crônicas de escavações, provavelmente de uma mulher e fragmentos de carvão. A Sepultura 2 compreende ossos humanos queimados, provavelmente de uma criança.

2.1- Cerâmica associada:

Kýathos inteiro (**Prancha 2**) encontrado na abside associado ao Enterramento 1.

2.2- Metais associados:

O Túmulo 1 compreende fragmentos de um *obelós* de bronze e um anel de ouro. O Enterramento 2 contém cinco longas espadas de ferro.

HISTÓRICO:

A cronologia do *Mégaron A* é bastante confusa e imprecisa nos relatórios de escavações de G. Soteriades. A. M. Ainian, a partir das informações de Soteriades indica que a construção está assentada sobre uma camada estratigráfica datada do final do Heládico Médio, por volta de 1600.²³⁵ O autor acredita que o edifício foi constantemente modificado e o pórtico era originalmente aberto. Não há vestígios de cerâmica micênica. A cerâmica encontrada no edifício data entre 1150 e 950. Os túmulos encontrados na abside, descritos pelo pesquisador G. Soteriades, datam da Idade do Ferro Antiga, por volta de 1150 e 1100. Os vasos datados por volta de 950 constituem o *terminus ante quem* do período de utilização do edifício, quando foi abandonado e destruído.

B) Mégaron B:

MEDIDAS: A reconstituição das medidas originais do edifício indica uma planta retangular inicial de 21,40m de extensão e 7,30m de largura. (**Prancha 1**) Com o

²³⁵ AINIAN, A. M. "From Ruler's Dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)" *SIMA*. Vol. CXXI, 1997, p. 132.

períptero formando a abside posterior (**Pranchas 4 e 6**) ele possui aproximadamente 30m de comprimento e 11,60m de largura.

ORIENTAÇÃO: Voltado para Sul. (**Prancha 1**)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: As paredes encontram-se preservadas até 0,90m de altura e 0,55m de largura.

VESTÍGIOS: (**Prancha 7**)

1- Estrutura Arquitetônica:

Podemos observar pela planta retangular na **Prancha 1** e na **Prancha 6**, que o edifício pode ter tido quatro compartimentos ou mais, diferentemente da divisão proposta por Ainian considerando apenas três compartimentos simples: a sala anterior e a principal com medidas aproximadas e um compartimento posterior menor (**Prancha 4**).

Na parte externa, a descrição de 18 estruturas de pedra planas indica a formação de um peristilo em torno do todo edifício, onde teriam sido colocados postes de madeira que sustentavam um telhado e formavam uma abside na parte posterior do edifício (**Prancha 3 - B**). As paredes do *Mégaron B* são feitas de tijolos de barro e se apresentam sutilmente convexas.

1.1- Cerâmica associada:

Camadas de argila queimada de 0,04-0,05 e 0,10m de espessura, correspondentes a dois pavimentos e, provavelmente, resquícios do piso interior do *Mégaron B* foram encontrados na área sul.

Fragmentos de vasos cerâmicos com decoração geométrica estavam associados a uma camada de terra escura misturada com cinzas e ossos queimados de animais abaixo do pavimento de argila queimada, medindo entre 0,20-0,30m de espessura.

Pithos encontrado em uma outra camada de terra escura, acima do piso de argila, medindo 0,10m de espessura na Sala Principal. O vaso estava preenchido com cinzas e ossos queimados de animais (**Prancha 6**).

1.2- Metais associados:

Objetos de bronze, datando do Geométrico Tardio e início do Período Arcaico, foram encontrados em associação à camada de terra acima do piso.

Na parte externa do edifício que podem ou não estar associados a ele:

1- Estruturas funerárias: (**Pranchas 1 e 7**)

Um sepultamento encontrado na frente da construção, sem a presença de cinzas ou ossos humanos.

Quatro túmulos a oeste do *Mégaron* B: A cova 1 de 0,60m de profundidade foi encontrada na área sul-sudeste da entrada do edifício, contendo cinzas e ossos de animais queimados sob uma placa triangular de argila. A cova 2 estava rodeada por um arco de pedra, media 0,30x0,17x0,15m e continha cinzas. A cova 3 media 0,50x0,23x0,23m possuía terra escura e madeira carbonizada. A cova 4 possuía 0,60x0,45x0,37-0,27m, encontrava-se coberta por duas placas de argila contendo poucos vestígios de ossos animais queimados e terra escura.

1.1- Cerâmica associada:

Fragmentos de uma vasilha do Geométrico Médio enterrados no sepultamento na frente do *Mégaron* B.

Fragmentos de uma vasilha decorada com motivos geométricos datada da Idade do Ferro Antiga estavam associados ao preenchimento da cova 3 a oeste do edifício.

1.2- Metais associados:

Cinco longas espadas de ferro enterradas no sepultamento na frente do *Mégaron* B, datadas também do Geométrico Médio.

Nas covas a oeste do edifício: Três pontas de lança de ferro e uma adaga de cabo curto e lâmina curvada, também de ferro foram encontradas imediatamente ao lado da cova 1. Uma adaga de ferro estava no interior da cova 2. Uma ponta de lança de ferro foi encontrada no interior da cova 4.

2- *Bóthros*: (Pranchas 1 e 7)

Provavelmente formando um *bóthros*, duas estruturas circulares de pedra com 0,80m de diâmetro, cada uma formada por 4 ou 5 pedras planas, estavam assentadas sobre o topo de uma camada de ossos animais queimados, próximas às covas.

2.2- Cerâmica associada:

Fragmentos de *píthoi* no interior das estruturas circulares de pedras.

HISTÓRICO:

A construção da planta retangular é datada por H. Drerup²³⁶ da metade do século X. As bases e os postes que formam o períptero e a abside encontram-se numa camada estratigráfica um pouco posterior, datada da segunda metade do século IX²³⁷ (**Prancha**

²³⁶ Id. Ibid., p. 128, seguindo H. Drerup “Zu Thermos B” *MarbWPr* (1963), p. 1-12.

²³⁷ SCHMALTZ, B. *AA* (1980), p. 318-36.

3 - A,B). O *terminus ante quem* do período de utilização do *Mégaron B* é obtido através da datação dos objetos de bronze que estão na camada estratigráfica acima do piso interior, fato que denota uma provável ocupação do edifício até o Geométrico Tardio e o início do Período Arcaico, final do século IX e durante pelo menos a primeira metade do século VIII. No fim do século VIII e início do VII, uma outra estrutura retangular (**Prancha 3 - C**), de maior porte (**Prancha 5**), é construída em cima do *Mégaron B*. Trata-se do Templo C, um edifício dedicado ao culto de Apolo²³⁸ (**Prancha 6**). Neste mesmo momento, toda área foi transformada em um santuário dedicado ao deus.

C) *Lefkandi*.

BIBLIOGRAFIA:

As escavações em Lefkandi se dividem em duas grandes etapas. Uma das campanhas foi realizada pelo “Serviço Arqueológico Grego” em conjunto com a “Escola Britânica em Atenas” entre os anos de 1968 e 1970. Em 1981 a campanha greco-britânica foi retomada até meados de 1983 sendo dirigida por P. Calligas. O lado britânico era dirigido por M. R. Popham e o grego por E. Touloupa. No final de 1984 e 1985 algumas áreas foram retomadas para serem escavadas e, a partir de então, algumas campanhas esporádicas foram realizadas até pelos menos 1997.

AJA 72 (1968), p. 41-50.

Arch 25 (1972), p. 8-19.

Ant 56 (1982), p. 169-74.

BSA 77 (1982), p. 213-48.

AntCl 54 (1985), p. 5-48.

Ant 62 (1988), p. 750-61.

BSA 86 (1991), p. 273-96.

BSA 90 (1995), p. 41-54.

SIMA CXXI (1997).

BSA 93 (1998), p. 379-84.

BSA 95 (2000), p. 239-53.

Lefkandi I. Oxford, 1980.

²³⁸ AINIAN, op. cit., p. 353.

Lefkandi II. Part 1. Oxford, 1990.

Lefkandi II. Part 2. Oxford, 1993.

Lefkandi III. Oxford, 1996.

Early Greek Cult Practice. Stockholm, 1988, p. 114-15.

Cult, Territory, and the Origins of the Greek City-State. Chicago, 1995, p. 18; 134-37.

Archaeology as Cultural History. Massachusetts, 1997, p. 169-98.

Ancient Greek Hero Cult. Stockholm, 1999, p. 25-8; 33.

Les Princes de la Protohistoire et L'Émergence de L'État. Naples, 1999, p. 57-80.

Image of Ancestors. 2002, p. 13-42.

LOCALIZAÇÃO: O edifício situa-se no topo de uma colina que cerca a Planície Lelantina para oeste e constitui o ponto mais alto em relação à costa que se encontra ao sul, onde se localiza a cidade moderna de Lefkandi (**Prancha 8**). Na grande área baixa à leste, havia cinco cemitérios antigos e aproximadamente a uns 500m também para leste encontrava-se o assentamento da Idade do Bronze na colina de Xerópolis (**Prancha 9**).

MEDIDAS: As medidas da construção que incluem as varandas norte, sul e aquela que contorna a absida são 13,80m de largura e 50m de comprimento (**Prancha 10**).

ORIENTAÇÃO: O edifício Toumba é orientado no sentido leste-oeste (**Pranchas 10 e 14**).

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: As paredes se encontram preservadas até aproximadamente 1,50m de altura, principalmente nas áreas nordeste e sudeste, a sessão oeste foi bastante destruída por uma terraplanagem efetuada no final dos anos 70 do século XX para a construção de uma rodovia. Foi neste evento que a parede absidal foi extremamente danificada.

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

A construção é dividida internamente em sete compartimentos (**Prancha 10**). Na entrada há um pórtico fechado por uma pequena parede constituída de rochas com uma espessura de quase 1m e duas passagens, uma ao norte e a outra para o lado sul. O pórtico é formado pelo prolongamento das paredes norte e sul da construção e pode ter

atingido 2,50m de comprimento até a porta da Sala Leste. A Sala Leste constitui-se um compartimento praticamente quadrado medindo 8,80m de largura e 8,30m de comprimento. Em seguida, há a Sala Central, o maior compartimento do edifício, apresenta 22m de comprimento e 9 de largura. A passagem da Sala Central para a abside se faz através do Corredor Oeste, uma pequena passagem de 3,30m de comprimento e 1,52m de largura que também divide dois pequenos quartos, um ao norte outro ao sul. O Quarto Norte é aproximadamente quadrado e mede 3m no sentido N-S e 3,30 no sentido L-O. O Quarto Sul apesar de mais destruído pela terraplanagem mede 2,60m N-S e 3,20 L-O. Finalmente, a Sala Absidal se encontra bastante destruída, a parede da abside elíptica ou semicircular não se encontrava preservada, contudo os pesquisadores M. R. Popham, J. Coulton e P. G. Calligas não têm dúvidas a respeito da forma do edifício²³⁹, pois os dois finais oeste das paredes norte e sul apresentam uma curvatura bastante acentuada, que somente poderia configurar a uma forma arredondada. Para Coulton, o ponto de maior comprimento da Sala Absidal é de 9m e aquele que apresenta a maior largura mede 8,70m.²⁴⁰

O edifício é cercado ao norte, ao sul e a oeste (circundando a Sala Absidal) por uma série de buracos retangulares, cujas medidas variam entre 0,20-0,30m de largura e 0,06-0,10m de espessura, onde eram colocados postes de madeiras sustentando um telhado e um sótão. Na parte interna da construção também há uma série de buracos retangulares imediatamente junta à parede do edifício que servia para abrigar postes de madeira de sustentação da parede e do sótão, formando também o telhado. No centro da construção Toumba, ao longo da linha axial, também há evidência de uma série de buracos onde eram colocados postes de madeira com funções de sustentação, contudo eles diferem daqueles presentes nas varandas e nas paredes internas devido ao fato de serem circulares variando entre 0,18-0,25m de diâmetro. O espaço entre os postes centrais varia de compartimento para compartimento. Não há uma regularidade precisa no espaçamento nos postes, nem mesmo naqueles que formam as varandas ou que sustentam as paredes ou o telhado. Na parte interna a distância entre os postes varia de 0,80 até 2,15m e na área exterior de 1,02 a 2,47m.

As fundações do edifício se encontram em rocha com preenchimento de terra negra, tijolos de barro de argila predominantemente marrom-avermelhada e também amarelo-esverdeada. Em alguns compartimentos há camadas de seixo. As bases das

²³⁹ POPHAM, M. R.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H.; *Lefkandi II. Part 2*. Oxford, 1993, p. 36.

²⁴⁰ Id. *Ibid.*

paredes são constituídas por um conglomerado de rochas maciças em grandes e pequenos pedaços, principalmente mármore cinza, que se estendem até uma altura de 1,15 e 1,30m. No piso a largura das paredes é, em geral, de 0,60m e no topo de 0,50m. Encima desta base de rocha, a parede é constituída de tijolos de barro e ainda revestida por uma espécie de argamassa de 0,04-0,06m de espessura.

Os diversos compartimentos do edifício se apresentam separados por portas, pois há vestígios de batentes de madeiras nas passagens entre a Sala Leste e a Sala Central, a Sala Central e o Corredor Oeste, o Corredor Oeste e os Quartos Norte e Sul e ainda, o Corredor Oeste e a Sala Absidal.

O telhado da construção provavelmente era coberto com sapê, junco e/ou palha, assentado formando um ângulo de 45° de inclinação, onde existiria um sótão de madeira, cujos resquícios arqueológicos foram encontrados no piso (**Prancha 11**). Na esquina nordeste da Sala Central há uma estrutura projetada a partir da parede norte que pode estar diretamente ligada com a estrutura arquitetônica do edifício e também com suas funções. Trata-se de duas pequenas paredes de rochas alinhadas com a parede leste e apresentando covas imediatamente juntas que poderiam servir como sustentação, medindo 0,50m de espessura, provavelmente, formando uma escada que levaria até o sótão.

1.1- Cerâmica associada:

1.1 a) **Sala Leste.**

Um botão cônico de argila (**Prancha 15 - no. 31**), fragmento superior do corpo de uma figurinha de terracota micênica (**Prancha 15 - no. 15**) e 4 discos de argila perfurados (**Prancha 15 - nos. 44-47**).

1.1 b) **Sala Central.**

Uma “caixa” retangular de argila não-queimada foi construída contra a parede leste, a uma distancia aproximada de 0,40m da parede sul. Suas medidas são 1,30m de comprimento, 0,75m de largura e 0,20m de altura. O preenchimento da caixa é formado por cinzas de madeira, fragmentos de ossos queimados, entre eles, identificados os de caprinos e seixos.

Dois botões de argila (**Prancha 15 - nos. 28, 35**) e um disco perfurado de argila (**Prancha 15 - no. 39**) estavam associados ao preenchimento da “caixa”.

Fragmentos de um pé de argila de uma figurinha animal Protogeométrica e de parte de uma figura não identificada (**Prancha 15 - nos. 26a e 26b**), quatro botões cônicos de argila (**Prancha 15 - nos. 29, 30, 32, 36**) e dois discos perfurados de argila (**Prancha 15**

- nos. 38, 40) foram identificados no piso da Sala.

Um *skyphos* (**Prancha 16a**), uma enócoa (**Prancha 16b**) fragmentados e um lécito intacto (**Prancha 16c**) foram encontrados ao longo da parede norte.

Um grande fragmento de um vaso para cozimento (**Prancha 16d**) foi encontrado próximo à esquina nordeste, onde seria localizada a escada.

1.1 c) Quarto Norte.

Fragmentos de duas crateras (**Prancha 19a**) encontrados associados ao preenchimento da cova na esquina nordeste.

Um pólos de cerâmica de uma figurinha de terracota micênica (**Prancha 15** - no. 21), um fragmento de terracota de rabo e pernas de animal (**Prancha 15** - no. 25), dois botões cônicos de argila (**Prancha 15** - nos. 33, 34), dois discos perfurados de argila (**Prancha 15** - nos. 41, 42), , fragmentos de uma cratera (**Prancha 19b**) e de uma taça monocromática (**Prancha 19c**) foram encontrados no piso do Quarto.

1.1 d) Quarto Sul.

Uma taça monocromática praticamente inteira (**Prancha 20a**) e uma outra semelhante (**Prancha 20b**) foram encontradas no piso do Quarto.

1.1 e) Sala Absidal.

Fragmentos de uma taça (**Prancha 21**), fragmentos de vasos de argila (**Prancha 22a**) (**Prancha 23a - j**), de uma ânfora (**Prancha 22b**), partes do ombro e da borda de um *píthos* (**Prancha 23k**), 9 fragmentos de partes diversas de figurinhas de terracota micênicas (**Prancha 15** - nos. 12-13, 16, 18-19, 22-24a), um botão cônico de argila, (**Prancha 15** - no. 27) e um fragmento retangular de argila (**Prancha 15** - no. 43) foram identificados como preenchimento das covas espalhadas pela Sala Absidal.

1.2- Metais associados:

1.2 a) Sala Leste.

Três fragmentos de objetos de bronze (**Prancha 15** - nos. 3, 5, 8) identificados no piso da Sala.

1.2 b) Quarto Norte.

Um disco de bronze (**Prancha 15** - no. 6) encontrado no piso.

1.2 c) Sala Absidal.

Dois fragmentos de bronze próximo ao batente, provavelmente, parte de uma espécie de fechadura (**Prancha 15** - nos. 2 e 4)

1.3- Objetos líticos associados:

1.3 a) Sala Leste.

Um botão cônico e uma placa em calcário (nos. 49, 53) e uma lâmina de obsidiana (**Prancha 15** - no. 54) encontrados no piso.

1.3 b) **Corredor Oeste.**

Um botão cônico de pedra (**Prancha 15** - no. 48) e uma ponta de obsidiana (**Prancha 15** - no. 56) encontrados no preenchimento das covas presentes no Corredor.

1.3 c) **Quarto Norte.**

Dois botões cônicos de pedra (**Prancha 15** - nos. 48, 50) foram identificados no piso.

1.3 d) **Sala Absidal.**

Um polidor de calcário discóide (**Prancha 15** - no. 52) e uma lâmina de obsidiana (**Prancha 15** - no. 55) foram identificados no piso da Sala.

1.4- Objetos em osso associados:

1.4 a) **Sala Leste.**

Um fragmento de objeto não identificado em osso (**Prancha 15** - no. 10) encontrado no piso da Sala.

1.4 b) **Sala Central.**

Um fragmento de um pino de osso (**Prancha 15** - no. 9) encontrado no piso da Sala.

1.5- Covas:

1.5 a) **Pórtico.**

Uma cova circular de 0,55m de diâmetro e 0,28m de profundidade, localizada próxima à parede norte. O preenchimento da cova é constituído apenas de terra escura e avermelhada.

1.5 b) **Sala Leste.**

Neste compartimento foram encontradas 18 covas, sendo 15 circulares variando entre 0,12 até 0,30m de diâmetro e também de 0,12 a 0,30m de profundidade. O preenchimento varia, mas em geral apresenta terra marrom e cinco delas contém cinzas escuras e encontram-se parcialmente queimadas. Na esquina sudeste da sala está localizada uma estrutura circular composta de pequenos seixos de 1,75m de diâmetro. Na esquina nordeste há uma espécie de caixa retangular de 1,95m de comprimento, 0,95m de largura e 0,32m de altura erguida com tijolos de barro e cujo preenchimento é formado por pedaços de argila amarela e seixo. Na esquina sudoeste há ainda uma terceira estrutura que constitui uma plataforma oval de aproximadamente 1,60m de comprimento, 1,30m de largura e 0,14-0,20m de altura. É formada de seixos e pequenas conchas marítimas e encontra-se numa base de argila.

1.5 c) **Sala Central.**

Nesta sala foram encontradas 30 covas circulares e ovais com preenchimentos variados. Nas proximidades da área sudeste localizam-se 13 das 30 covas variando entre 0,12 e 0,27m de diâmetro e de 0,09 a 0,16m de profundidade. O preenchimento delas, em geral, é terra escura com argila amarela e vermelha e ainda rocha desintegrada e queimada. Contudo, três destas covas contém fragmentos de ossos queimados, alguns identificados como ossos de cachorro.

1.5 d) **Corredor Oeste.**

O Corredor Oeste apresenta seis covas que variam de 0,10 até 0,40m de diâmetro e de 0,12 a 0,20m de profundidade. O conteúdo das covas é terra escura e seixos.

1.5 e) **Quarto Norte.**

Este compartimento possui apenas duas covas. Uma delas está situada próximo a esquina nordeste, possui de 0,42 a 0,45m de diâmetro e 0,63m de profundidade. Seu conteúdo inclui fragmentos de tijolos de barro, terra escura, seixos e conchas. A outra cova possui 0,26m de diâmetro e 0,15m de profundidade apresentando em seu interior terra escura.

1.5 f) **Quarto Sul.**

O Quarto Sul também possui apenas duas covas. Uma delas se localiza na região nordeste do quarto medindo 0,26m de diâmetro e 0,15m de profundidade e contém terra escura como material de preenchimento. A outra, praticamente fora da parede sul também possui terra escura no interior, é oval e suas medidas são aproximadamente 0,22m de largura, 0,35m de comprimento e 0,27m de profundidade.

1.5 g) **Sala Absidal.**

Nesta sala foram detectadas 43 covas. Na área sudeste da sala situam-se 11 delas com grande diâmetro variando entre 0,70 até 0,95m e de 0,20 a 0,60m de profundidade. Uma delas possui a base de uma ânfora e havia, além de terra escura como preenchimento, cinzas. Duas delas contém terra escura misturada com ossos e cinzas de animais, as demais continham apenas terra escura e fragmentos de tijolos de barro. Próximo à parede sul havia mais quatro covas retangulares variando de 0,15 a 0,25m de profundidade, de 0,20 a 0,50m de comprimento e 0,23 a 0,30m de largura.

2- Estruturas funerárias:

Dois túmulos (**Prancha 17**) encontram-se aproximadamente no centro do edifício. O túmulo ao norte contém os esqueletos de quatro cavalos. Trata-se de uma cova praticamente retangular de 1,90m no sentido N-S, 2,40m no L-O e 2,23m de profundidade. As cabeças dos cavalos estão posicionadas contra a parede oeste e seus

corpos se estendem na posição leste. O túmulo ao sul possui uma forma mais complexa com 2,63m de profundidade. Nas laterais sudoeste, do fundo até uma altura de 0,95m, há um revestimento de tijolos de barro que se projetam 1,00m no interior do túmulo, formando um L (**Prancha 18a**). A parte maior do L possui 2,20m no sentido N-S e 2,70m no sentido L-O e abriga a inumação de uma mulher em posição estendida e com a cabeça contra a parede oeste do túmulo (**Prancha 18b**). No interior deste túmulo também foi encontrada uma urna funerária tampada onde estavam os restos de tecido, uma mortalha, que envolvia as cinzas e restos de ossos queimados de um homem.

2.1- Cerâmica associada:

Cratera, P. 327 (**Prancha 12**), misturada com componentes do chão e bastante fragmentada, mas reconstituída possui 0,80m de altura e 0,88m de diâmetro foi encontrada em cima dos enterramentos da Sala Central.

2.2- Metais associados:

Cada cabeça do par de cavalos localizados mais acima no túmulo ao norte contém um pino de ferro (**Prancha 15** - no. 1), que constituíam o arreio.

Dois discos peitorais de ferro, inúmeros pinos de ferro e bronze, dois anéis de ouro, um colar, um pingente e outros fragmentos de jóias em ouro espalhados pelos restos ósseos da mulher no túmulo ao sul (**Pranchas 18b e 18c**).

Urnas funerárias de bronze, uma ânfora tampada com uma tigela também de bronze (**Prancha 13**) que abriga os restos do enterramento masculino, onde também se encontravam uma espada, uma ponta de lança de ferro e uma lâmina.

2.3- Ferro com Marfim associados:

Ao lado direito da cabeça da mulher, próximo do ombro havia uma adaga de ferro com cabo de marfim no túmulo ao sul.

2.4- Objetos líticos associados:

Uma pedra de amolar encontrada no interior da ânfora funerária de bronze com as cinzas do homem na sepultura ao sul.

Na área externa do edifício:

1- Covas associadas:

Três covas formando um triângulo que pode ter servido para colocar um tripode foram detectados na entrada leste do edifício (**Prancha 14**).

2- Estruturas funerárias:

Na entrada a leste do edifício está situado o Cemitério Toumba (**Prancha 14**), contendo um total de 43 enterramentos e 10 piras. Conforme já foi mencionado, este Cemitério apresenta enterramentos datados desde o século X até aproximadamente a metade do século IX. Identificados, há três enterramentos infantis, seis de adultos do sexo femininos e sete de indivíduos adultos do sexo masculino, constituindo túmulos de prováveis guerreiros.²⁴¹ A maioria dos enterramentos é inumação, principalmente para os infantis e os femininos. Os masculinos são, em sua grande maioria, cremações. O mobiliário funerário dos túmulos e das piras é bastante rico contendo inúmeros objetos de argila de fabricação local (**Pranchas 26**) e importados e instrumentos de ferro, bronze e ouro (**Prancha 27**). Os demais cemitérios, somando um total de quatro (**Prancha 9**), possuem 125 túmulos e 75 piras para cremação com alguns dos sepultamentos contendo mobiliário funerário bastante rico. No total, compreendem 600 vasos e 400 objetos de diversos tipos, como armamentos, jóias em ferro, bronze e, inclusive, em ouro, fíbulas (**Prancha 29c**) e a grande maioria em artefatos de argila, principalmente vasos cerâmicos de diversas formas(**Pranchas 28a-d e 29a-b**).

HISTÓRICO:

Grande parte dos fragmentos cerâmicos e a enorme cratera de argila que marca os enterramentos na Sala Central P. 327 (**Prancha 12**) que estão associados ao edifício Toumba são datadas do Protogeométrico Médio, quer dizer da primeira metade do século X. Todavia, há 15 fragmentos de figurinhas de terracota micênicas e uma urna funerária de bronze provavelmente originária de Chipre datada do final do século XIII e início do XII (**Prancha 13**). Os fragmentos cerâmicos encontrados nas camadas estratigráficas mais antigas do edifício constituem o *terminus post quem* da data aceita de construção do edifício Toumba; por volta do século X, entre 1000 e 950. A datação dos enterramentos encontrados no interior do edifício também se encontra por volta de 950, podendo ser um pouco anterior à data da construção do edifício Toumba ou imediatamente posterior a edificação do mesmo. A seqüência dos acontecimentos permanece ponto de controvérsia e divergentes interpretações por parte dos pesquisadores atualmente. A análise estratigráfica dos vestígios arquitetônicos nas campanhas de escavações realizadas pelos pesquisadores não foi suficiente para

²⁴¹ MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. Massachusetts, 2000, p. 211-18. Ver também ANTONACCIO, C. M. "Warriors, Traders, and the Ancestors: the "Heroes" of Lefkandi" J. H. Hojte (ed.) *Image of Ancestors*. 2002, p. 13-42, especialmente p. 20-27.

estabelecer com certeza a cronologia dos eventos, pois ainda por volta do final do século X, aproximadamente 900, o edifício foi abandonado e desmantelado em algumas partes, como as paredes superiores de tijolos de barro, principalmente na abside. A data de destruição do edifício é fornecida pelos fragmentos cerâmicos na camada estratigráfica mais recente, contudo bastante danificada pela terraplanagem. Nesta mesma data, o edifício Toumba foi esvaziado, preenchido com terra e transformado em um grande túmulo de 4m de altura. Na área leste ao túmulo, no último quarto do século X começam os enterramentos do Cemitério Toumba, cujas sepulturas datam até a metade do século IX, aproximadamente 850. O assentamento de Xeropolis continua povoado até um pouco depois de 800. Os demais cemitérios presentes nas proximidades ainda continuam recebendo enterramentos até o final do século VIII e início do VII, quando toda a área é destruída e abandonada, segundo alguns pesquisadores²⁴², devido à Guerra Lelantina, uma guerra entre as cidades vizinhas de Erétria e Cálcis e à ocorrência de desastres naturais.

C) *Asine*.

BIBLIOGRAFIA:

As escavações no sítio arqueológico de Asine foram conduzidas em dois grandes momentos pelo “Instituto Suíço em Atenas”. A primeira grande campanha, dirigida por Axel W. Persson e Otto Frodin, foi dedicada às áreas da acrópole e da “Cidade Baixa” entre os anos de 1922 e 1930. Quarenta anos depois, em Maio de 1971, sob a direção de Carl-Gustaf Styrenius, a etapa de campo é retomada até o ano de 1974. O sítio foi dividido em regiões e cada ano uma região diferente era investigada com o auxílio de inúmeros pesquisadores como, por exemplo, Søren Dietz, Berit Wells e Robin Hägg.

OpAth 13 no. 1 (1980), p. 85-9.

OpAth 13 no. 2 (1980), p. 247-54.

AntCl 54 (1985), p. 5-48.

OpAth 18 no. 1 (1990), p. 59-69.

OpAth 18 no. 2 (1990), p. 135-43.

²⁴² POPHAM, M. R., op. cit., p. 11. Ver ainda: POPHAM, M. R.; TOULOUPOU, E.; SACKETT, L. H. “The Hero of Lefkandi” *Ant* 56 (1982), p. 169-74, especialmente, p. 169.

- Hesperia* 59 (1990), p. 157-61.
- SIMA CXXI* (1997).
- OpAth* 25 no.1 (2000), p. 25-35.
- Asine II, 1970-1974. Fasc. 1.* 1982.
- Asine II, 1970-1974. Fasc. 4. Part 1.* 1976.
- Asine II, 1970-1974. Fasc. 4. Part 2.* 1983.
- Asine II, 1970-1974. Fasc. 4. Part 3.* 1983.
- Excavations at Asine. Fasc. 1.* 1993.
- Asine III, 1992-1930.* 1996.
- The Greek Renaissance.* Stockholm, 1993, p. 189-94.
- Early Greek Cult Practice.* Stockholm, 1988, p. 114; 116.
- Cult, Territory, and the Origins of the Greek City-State.* Chicago, 1995, p. 17-8; 53-4.
- Archaeology as Cultural History.* Massachusetts, 1997, p. 204-06; 216.
- Ancient Greek Hero Cult.* Stockholm, 1999, p. 15-8.

Em Asine, escavações dividiram a área do sítio arqueológico em lotes numerados a partir da Colina Barbouna, onde se localiza o Templo Arcaico retangular de Apolo *Pythaeus* (**Pranchas 30 e 31a-b**). À leste da colina Barbouna, no Lote Karmaniola, resquícios de duas estruturas absidais foram reveladas: os Edifícios C e D (**Prancha 32**). Na área sudeste do Templo de Apolo, no Lote Kapsorakhis, foram encontrados também vestígios de um edifício absidal: o Edifício S (**Prancha 33**).

3.1 - LOTE KARMANIOLA

LOCALIZAÇÃO: O Lote Karmaniola está à sudeste da Colina Barbouna numa área mais baixa do sítio de Asine, denominada “Cidade Baixa” e, aproximadamente, a 600m do Templo de Apolo no topo da Colina (**Pranchas 30 e 31a-b**). Os dois edifícios absidais situados nesta área; Edifícios C e D, encontram-se contíguos.

A) Edifício C:

MEDIDAS: As medidas das fundações do edifício, segundo suas reconstituições (**Prancha 34**), variam entre 11,50-12m de comprimento por 7,80-8m de largura para as

bases externas e 11-11,50m de extensão e 6,62m de largura para as fundações mais internas.

ORIENTAÇÃO: Orientado para face sul-sudeste (**Prancha 32**).

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: O Edifício se encontra bastante danificado, apenas as fundações do lado leste estão preservadas, alcançando uma altura de 0,50m.

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

O Edifício C apresenta duas fundações de paredes em pedras e tijolos de barro (**Prancha 32**). A fundação exterior possui 0,50m de largura e consiste em uma única série de pedras. A distância entre as fundações é de aproximadamente 0,30m. Nos relatórios de escavações, Søren Dietz²⁴³ afirma que as fundações correspondem a edifícios distintos pertencentes inclusive a períodos diferentes. Segundo esse pesquisador, parece que a parede mais externa constitui uma construção mais antiga em relação àquela erguida pela parede mais interna. Três manchas circulares podem indicar a existência de postes ao longo da parede interna do edifício mais externo. Duas fundações planas de pedra, localizadas na linha axial do edifício, podem indicar a presença de uma coluna de postes também no interior da construção total. Uma única estrutura formando o piso foi encontrada. A outra fundação de pedra, a mais externa, chega até 0,70m de largura e, segundo A. Mazarakis Ainian²⁴⁴, pode tratar-se não de uma parede que constituiria um outro edifício posterior, mas sim de uma bancada (**Prancha 34**). Não foi identificada nenhuma entrada ou ainda qualquer parede que pudesse indicar divisões internas no edifício.

1.1- Cerâmica associada:

Onze fragmentos de vasos cerâmicos espalhados pelo piso do edifício e um jarro com uma única alça (**Prancha 35**) datados, aproximadamente, da metade do Protogeométrico, um fragmento pertencente ao Geométrico Médio e uma figurinha de terracota do Heládico Tardio III.

1.2- Lareira associada:

Uma lareira feita com tijolos de barro e cercada por uma área de solo queimado misturado com carvão foi encontrada na área sudeste, perto da provável entrada do edifício.

²⁴³ DIETZ, S. *Asine II, 1970-1974. Fasc. 1*. 1982, p. 51.

²⁴⁴ AINIAN, A. M. "From Rulers' Dwellings to Temples." *SIMA CXXI* (1997), p. 69.

Na área externa ao Edifício C:

1- Estruturas funerárias:

Imediatamente ao norte e nordeste do edifício foram encontrados diversos enterramentos (**Prancha 36**), que podem estar associados à estrutura arquitetônica absidal. Havia cinco túmulos de crianças e dois túmulos de adultos, sendo que em um deles existiam dois esqueletos femininos inumados, todos datados do Protogeométrico.

1.1- Cerâmica associada:

O túmulo 1970-15 (**Prancha 36**) estava marcado por um *skyphos* furado no fundo.

2- “Estrutura sacrificial” - *píthos*:

Um *píthos* (**Pranchas 36 e 38**) de grandes dimensões com a base perfurada, contendo em seu interior vários fragmentos cerâmicos e ossos de animais (como boi, ovelha, carneiro, bode, cabra, porco e cachorro) delimita uma “área sacrificial”²⁴⁵. Os vestígios cerâmicos são datados do final do Heládico Tardio III e início do Protogeométrico.

HISTÓRICO:

A data da construção do Edifício C tem como base as conclusões estratigráficas dos pesquisadores Søren Dietz e Berit Wells na campanha entre 1970-1974, dos materiais encontrados no interior da construção, neste caso a cerâmica e também os demais vestígios arqueológicos que possam estar associados ao Edifício C, como os enterramentos vizinhos. Os vasos cerâmicos do Protogeométrico encontrados nos enterramentos são coevos em relação àqueles identificados no interior da estrutura. O nível estratigráfico dos enterramentos e da estrutura arquitetônica é o mesmo, do Protogeométrico.

Dietz²⁴⁶ afirma ter encontrado um vaso inteiro imediatamente abaixo da abside das fundações da parede mais externa datado por volta de 1050/1000 a.C. e que esta data estabeleceria, portanto, o *terminus post quem* da construção mais externa. Para Dietz o edifício mais interno seria um pouco posterior, por volta de 950/900 a.C., mas ambos são datados do Protogeométrico. O *terminus ante quem* é fornecido pela presença de um pavimento circular de pedras contendo vestígios cerâmicos do início Geométrico Tardio encontrados na camada estratigráfica superior às fundações das

²⁴⁵ WELLS, B. *Asine II. Fasc. 4. Part 2.* p. 28-30, 34.

²⁴⁶ DIETZ, S. *op. cit.*, p. 49.

paredes do edifício.

Ainian²⁴⁷ discorda dos pesquisadores citados, afirmando se tratar de uma única construção e não duas. A datação aceita pelo autor para a construção do edifício é por volta de 1000 e sugere que foi utilizado até o final do Geométrico Médio.

B) Edifício D:

MEDIDAS: Apesar da má conservação das paredes, a largura do edifício pode ter alcançado 4,50-5m e a extensão até 11 ou 12m aproximadamente. (**Prancha 32**)

ORIENTAÇÃO: Orienta-se para face sul-sudeste (**Prancha 32**).

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Apenas parte da fundação da parede oeste e da abside se encontram preservadas até 0,30m de altura.

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

As fundações das paredes feitas com pedras e tijolos de barro podem ter dividido o edifício em três compartimentos no mínimo ou mais, separados por um corredor. (**Prancha 37**) Em cada lado pode ter havido pelo menos dois quartos. Não há indicação da camada que formaria o piso do edifício. Devido ao péssimo estado de preservação da parede leste, há controvérsias em relação ao formato da entrada da construção. Segundo Søren Dietz²⁴⁸ o Edifício D seria alargado na entrada, de acordo com a reconstituição de Cathrine Gerner (**Prancha 37-A**). Já para A. Mazarakis Ainian não haveria o alargamento, assim sua reconstituição é um tanto diferenciada (**Prancha 37-B**).

1.1- Cerâmica associada:

Fragmentos de vasos cerâmicos datados do Geométrico Médio (**Prancha 39**) e um fragmento de *skyphos* datado do Geométrico Tardio (**Prancha 40**) foram identificados no mesmo nível estratigráfico das fundações do edifício.

Na parte exterior do edifício, associado ao Edifício D ou ao Edifício C:

1 – Estrutura circular de pedras:

À sudoeste do Edifício D e em cima do Edifício C foi detectada uma estrutura circular

²⁴⁷ AINIAN, A. M. op. cit., p. 68-70.

²⁴⁸ DIETZ, S. op. cit., p. 53-4, 56-7.

de pedras pavimentada com argila, contendo terra e seixo (**Pranchas 32 e 36** – estrutura **74F**), datada do início do século IX e contemporânea à construção do Edifício D, pois encontra-se no mesmo nível estratigráfico.

1.1 – Cerâmica associada:

Apenas fragmentos de vasos cerâmicos datados do final do Geométrico Médio e início do Geométrico Tardio foram encontrados no interior da estrutura circular de pedras **74F** (**Prancha 32 e 36**)

HISTÓRICO:

A cronologia do Edifício D fundamenta-se na análise estratigráfica em associação com os vestígios cerâmicos encontrados na mesma camada estratigráfica e no interior da estrutura. Segundo Dietz²⁴⁹, nenhum vestígio encontrado neste nível estratigráfico é anterior ao Geométrico Médio II e posterior ao Geométrico Tardio I. Esta seria a datação do edifício e também seu período de utilização. O edifício D seria dessa forma, posterior ao Edifício C e aos enterramentos ao redor deste.

3.2 - LOTE KAPSORAKHIS

LOCALIZAÇÃO: O Lote Kapsorakhis se situa no sopé da Colina Barbouna aproximadamente a 300m do Templo de Apolo (**Prancha 30**). O edifício absidal neste local se encontra próximo a enterramentos e várias estruturas retangulares.

A) Edifício S:

MEDIDAS: A reconstituição provável das dimensões originais não foi possível devido às pequenas medidas preservadas das paredes.

ORIENTAÇÃO: A orientação poderia estar voltada para a face sul ou sudeste. (**Prancha 33**)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: As paredes do edifício se encontram preservadas a 5,85m de comprimento e 2,90m de largura.

²⁴⁹ Id. Ibid., p. 33, 54-5.

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

Internamente, há uma parede que separa a abside de uma sala mais ampla principal.

1.1- Cerâmica associada:

Na abside, cerca de mais de 90 vasos cerâmicos inteiros foram detectados, datados do Geométrico Médio e do Geométrico Tardio; entre eles, taças, *skyphoi*, uma ânfora, uma hídria e vasos miniaturísticos.

Na parte exterior do edifício:

1- Estruturas funerárias:

Uma cremação (**Prancha 33 - B54**) foi encontrada imediatamente à oeste da abside do Edifício S e um túmulo contendo duas inumações foi identificado na área noroeste do edifício (**Prancha 33 – B51.53**).

2- “Cercamentos” de pedras e tijolos de barro:

No sentido oeste-noroeste do Edifício S, foram encontradas várias estruturas pequenas retangulares e quadradas que formam determinados cercamentos. São as estruturas **O**, **P** e **Q** (**Prancha 33**), cujo conteúdo é formado por vários fragmentos de ossos de animais. A sudoeste do Edifício S foi descoberta uma área pavimentada (**Prancha 33 – estrutura R**) contendo duas construções circulares de pedras (**Prancha 33 – estruturas A77.253 e A77.251**).

HISTÓRICO:

A datação do edifício e das estruturas retangulares e circulares de pedras localizadas nas proximidades é obtida a partir da cerâmica associada aos mesmos. Os vasos encontrados na camada rente ao piso da abside do Edifício S datam do Geométrico Médio e início do Geométrico Tardio, isto indica que a construção foi utilizada aproximadamente durante o século IX e início do VIII. Os enterramentos **B54** e **B51.53** também datam do Geométrico Médio, assim como os vestígios encontrados no interior das estruturas de pedras **O**, **P** e **Q** e **A77.253** e **A77.251**, pertencentes ao pavimento **R**.

D) *Erétria*.

BIBLIOGRAFIA:

Duas grandes campanhas de campo marcam as escavações nas duas estruturas absidais da Idade do Ferro em Erétria. A primeira delas foi realizada em 1900 e 1910, sob a direção de K. Kourouniotes, pela “Sociedade Grega de Arqueologia”, cujas principais pesquisas foram realizadas nas escavações do Edifício A ou *Daphnephoreion*. A segunda campanha foi realizada pela “Escola Suíça” sob a direção de C. Bérard entre os anos de 1970 e 1973, que se concentrou nas escavações do Edifício D ou *hekatonpedon* e na área do “*Herôon*” próximo a “Portão Oeste”.

AntK 14 (1971), p. 59-73.

AJA 75 (1971), p. 302.

BCH 95 (1971), p. 1003.

BCH 96 (1972), p. 758.

MusHelv 29 (1972), p. 219-27.

BCH 98 (1974), p. 687.

AntK 17 (1974), p. 74-9.

REG 89 (1976), XIII-XIV.

AntCl 54 (1985), p. 5-48.

AntK 30 (1987), p. 24.

MA 1 (1988), p. 58-65.

SIMA CXXI (1997).

Eretria I. Berne, 1968.

Eretria III. L’Hérôon à la Porte de L’Ouest. Berne, 1970, p. 48-71.

L’Archéologie Aujourd’hui. Paris, 1981, p. 229-49.

La Mort, les Morts dans les Sociétés Anciennes. Paris, 1982, p. 88-105.

Early Greek Cult Practice. Stockholm, 1988, p. 110-12.

Cult, Territory, and the Origins of the Greek City-State. Chicago, 1995, p. 17-8; 23; 55-6; 130-38.

Ancient Greek Hero Cult. Stockholm, 1999, p. 17; 20-1; 25; 28-9.

LOCALIZAÇÃO: Os edifícios absidais em Erétria correspondem ao Edifício A e ao Templo D. O Edifício A também é conhecido como *Daphnephoreion* ou ainda como

“cabana”²⁵⁰. O Templo D constitui um dos primeiros templos *hekatonpedon* construídos durante a Idade do Ferro. Localizam-se na área do santuário de Apolo, na parte interna às fortificações construídas no início do século VII, onde se amontoa um conglomerado de construções. Situam-se numa posição central em relação aos demais locais do assentamento e aos cemitérios. (**Prancha 41**) A fundação da ágora arcaica a 150m ao sul desse conjunto de edifícios pode ter sido, em grande parte, determinada pelo estabelecimento dos mesmos.

A) Edifício A ou *Daphnephoreion*:

MEDIDAS: A partir da reconstituição do edifício (**Prancha 46C**), a construção parece ter apresentado 9,75m de comprimento e 6,50m de largura.

ORIENTAÇÃO: O edifício orienta-se para a face sul. (**Prancha 42**)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: As fundações de pedra das paredes encontram-se preservadas a 0,40m de altura e 0,55m de largura (0,70m de espessura no *anta*).²⁵¹

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

Não foi identificada pelos arqueólogos nenhuma divisão interna (**Prancha 46A e B**). Trata-se de uma “cabana” simples, como denominaram. As paredes apresentam apenas as fundações de pedra e não há traços de tijolos de barro na construção delas. A parede da frente é interrompida duas vezes por um par de bases de argila retangulares contendo um espaço entre elas de 3,40m de largura, onde, presumivelmente, pode ter sido a entrada da construção. Originalmente, parece que a fachada era aberta e havia ainda um pórtico, formado por um par de postes. Há também duas estruturas de pedra que se encontram encaixadas em dois pares de bases circulares de argila, provavelmente, demonstrando a existência de uma série de postes de madeira em ambos os lados das paredes (**Prancha 46A e B**). Há ainda três bases de colunas dispostas em forma de

²⁵⁰ O termo em inglês é “bay hut”.

²⁵¹ A expressão *anta* neste caso, refere-se aos edifícios retangulares ou quadrangulares com a frente aberta, formando um pórtico. Ela é entendida como oposto do termo *oikos*, que também corresponde às construções retangulares ou quadrangulares, porém com a frente fechada. Durante a Idade do Ferro, as construções residenciais mais comuns eram os *oikoi* e em menor número os edifícios em *anta*. AINIAN, A. M. “From Rulers’ Dwellings to Temples.” *SIMA CXXI* (1997); Id. “Early Greek Temples: their Origin and Function” *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1999, p. 105-119.

triângulo no centro do edifício (**Pranchas 42, 45 e 46A e B**), identificadas à presença de uma lareira datada do Geométrico Médio.

Na área externa do Daphnephoreion:

1- Estruturas funerárias:

Possivelmente a sepultura de um guerreiro²⁵² cremado, datada da primeira metade do século IX, a respectiva pira, localizada a 60m para leste do mesmo, e ainda uma outra sepultura contendo uma inumação, associada a vestígios do Protogeométrico foram detectados na vizinhança próxima ao Edifício A.

Vários enterramentos masculinos com rico mobiliário funerário (**Prancha 44a**), datados do Geométrico Tardio, foram encontrados no cemitério denominado “Portão Oeste”, à noroeste do edifício e da área total do santuário de Apolo. As sepulturas encontram-se agrupadas e a mais antiga, datada entre 720/715, o Túmulo 6, possui mobiliário funerário bastante rico, incluindo um cetro do Período Micênico. (**Prancha 43a-b**) Por volta de 680 os enterramentos cessam nesta área. Há evidências da construção de um cercamento triangular (**Prancha 44a-b**), oferendas votivas depositadas sobre as sepulturas e execução de sacrifícios na área neste período, devido aos restos de ossos e cinzas de animais encontradas na área. C. Bérard acredita que a estrutura triangular constitui uma espécie de “*Herôon*”, edificado em homenagem aos “heróis” do “Portão Oeste”.²⁵³

HISTÓRICO:

A data aceita de construção do edifício é obtida pela análise estratigráfica das fundações da estrutura absidal e da datação da lareira no interior da estrutura, isto é, o século IX a.C. ou o início do século VIII, pois não há cerâmica no interior da construção. Na segunda metade do século VIII, quando houve a construção do Templo D, o Edifício A foi preservado e parece que o piso no interior do *Daphnephoreion* e

²⁵² A urna funerária contendo as cinzas de um indivíduo do sexo masculino está enterrada com apetrechos de batalha em ferro e bronze. BÉRARD, C. “ERETRIA 1969-1970. Architecture Érétrienne et Mythologie Délphique” *AntK* 14 (1971), p. 59-73, especialmente p. 59-60. Id. *Eretria III. Fouilles et Recherches. L’Hérôon à la Porte de L’Ouest*. Berne, 1970, especialmente p. 48-55.

²⁵³ Id. *Eretria III. Fouilles et Recherches. L’Hérôon à la Porte de L’Ouest*. Berne, 1970, especialmente Chapitre 6 – L’Hérôon, p. 65-70. Id. “Note sur la Fouille au Sud de L’Hérôon” *AntK* 17 (1974), p. 74-9. AINIAN, A. M. “Geometric Eretria” *AntK* 30 (1987), p. 3-24, especialmente p. 14.

também a superfície externa da entrada da construção foram nivelados, tornando-se mais elevados.²⁵⁴

B) Templo D *hekatopedon*:

MEDIDAS: 34,50-35m de comprimento e 7-8m de largura. (**Prancha 42**)

ORIENTAÇÃO: Orientado para face sudeste (**Prancha 42**).

VESTÍGIOS:

1- Estrutura Arquitetônica:

As paredes são levemente curvadas. As fundações de pedra possuem 0,50 a 0,60m de espessura e suas superestruturas eram de tijolos de barro. Ao longo da linha axial, três bases de pedra que formavam uma coluna no eixo do edifício encontram-se preservadas. Não há registros de divisões internas. Há também resquícios de uma fachada em *anta* que provavelmente corresponderia a uma construção mais antiga.

1.1- Cerâmica associada:

Há uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos encontrados no interior do edifício datados do Geométrico Tardio.²⁵⁵

1.2- Metais associados:

Um cavalo de bronze proveniente do norte da Síria, datado da segunda metade do século VIII e um antolho também de bronze, com uma inscrição em aramaico, foram encontrados no piso interior do templo (**Prancha 47**).

Na região externa ao Templo D:

1- *Bóthros*:

Um altar quadrado (**Prancha 45a-c** – principalmente **c**, detalhe da estrutura **F**) com uma cova sacrificial (*bóthros*) no centro foi encontrado na frente do edifício. A data do altar é bastante controversa e incerta, mas parece ter sido construído no século VII. Contudo, o *bóthros* parece datar do final do Geométrico Médio e do Geométrico Tardio e pode ter coexistido durante um certo intervalo com o Edifício A. No seu interior encontram-se

²⁵⁴ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI* (1997), p. 59.

²⁵⁵ A publicação do catálogo dos vestígios cerâmicos ainda não foi concretizada.

cinzas de madeira e ossos animais e fragmentos de carvão e fragmentos de vasos cerâmicos.

HISTÓRICO:

O *hekatonpedon* D é datado do último quarto do século VIII, aproximadamente entre 740-720, a partir dos vestígios cerâmicos e metálicos associados ao nível estratigráfico do piso do edifício. Aparentemente, suas funções foram bem estabelecidas desde o início de construção e uso do edifício: um templo dedicado a Apolo.²⁵⁶ Esta construção absidal do Geométrico Tardio foi o primeiro de uma sucessão de três templos monumentais dentro do santuário de Apolo. Contudo, ele é um dos mais recentes em relação àqueles edifícios que se encontram imediatamente ao seu redor.

²⁵⁶ AINIAN, A. M. op. cit., p. 63. AUBERSON, P. *Eretria I*. Berne, 1968, especialmente p. 11-5. A definição das funções deste edifício, para estes autores, se dá através da associação dos vestígios arqueológicos encontrados no interior do Templo D e de inscrições em templos posteriores no mesmo local.

CAPÍTULO 5 – Thermos, Lefkandi, Asine e Erétria. Interpretando os dados arqueológicos.

Nas últimas décadas, alguns autores que se debruçam sobre os diferentes aspectos da Idade do Ferro incluem algumas considerações sobre as estruturas selecionadas para a nossa pesquisa, principalmente em referência aos sítios de Lefkandi e Erétria. Contudo, o termo “interpretar” nessas obras adquire diferentes conceitos e resultados segundo os objetivos de cada autor. A forma mais corrente de utilização da palavra versa sobre a tentativa de estabelecer as funções das estruturas absidais, buscando definir essencialmente a ordem cronológica dos eventos ocorridos nesses edifícios, desde sua construção, incluindo sua provável forma (em alguns casos, suas prováveis formas) de utilização, até sua destruição, abandono, ou ainda, substituição por outra estrutura com usos distintos.

Buscaremos, a partir de então, analisar os dados descritos no catálogo, entendendo e criticando as posições de alguns autores sobre as funções das estruturas absidais estudadas, com base na contextualização e na discussão teórica realizada nos capítulos anteriores. Por fim, compararemos os quatro casos tentando esboçar algumas considerações sobre as atividades rituais praticadas nessas edificações durante a denominada “Idade Obscura”.

A) *Thermos* (**Pranchas 1-7**).

Em Thermos, os dados das duas estruturas absidais, o *Mégaron A* e o *Mégaron B* (**Prancha 1**), apresentados nos relatórios de escavações e nas obras correlatas, aparecem de maneira confusa. As datações dos edifícios e dos vestígios no interior dos mesmos constituem informações imprecisas e ambíguas nos relatos de G. Soteriades, K. Rhomaios e J. Papapostolou.²⁵⁷

O primeiro teria sido erguido aproximadamente por volta de 1600, ainda durante a Idade do Bronze.²⁵⁸ Já para o *Mégaron B*, com uma análise estratigráfica melhor

²⁵⁷ PAPAPOSTOLOU, J. *Eργον* (1992), p. 44-52; (1993), p. 44-56; (1994), p. 43-49; (1995), p. 36-42; Id. “Ζητήματα των Μεγάρων Α και Β του Θέρμου” *ΑΕ* (1990), p. 191-200, id, *ΠΑΕ* (1992), p. 88-128. SOTERIADES, G. *ΑΕ* (1900), p. 171-212, id, *Τα ελλειψοειδή κτίσματα του Θέρμου* Athens, 1909, id., *Antike Denkmäler* 2 (1902/08) 3f.; RHOMAIOS, K. “Εκ του προϊστορικού Θέρμου” *ΑΔ* 1 (1915), p. 225-79, 2 (1916), p. 179-85, 6 (1920/21), p. 168.

²⁵⁸ Esta data é aceita por alguns autores, como A. M. Ainian e J. Papapostolou e é questionada por outros, como I. Morris.

fundamentada, as bases retangulares do edifício teriam sido construídas por volta de 950.²⁵⁹

De início, um fato que nos chama a atenção na descrição do catálogo diz respeito aos enterramentos na abside do *Mégaron A*; são constituídos por duas cremações, uma feminina e outra infantil, datados por volta de 1150 e 1100 a.C. Conforme apresentamos nos capítulos anteriores, este período é caracterizado pela introdução e difusão da cremação como prática de enterramento nas comunidades gregas. Contudo, principalmente os enterramentos infantis, na maior parte dos assentamentos eram inumações individuais e, quando eram muito novas, as crianças eram colocadas em posição fetal em vasos cerâmicos, na grande maioria dos casos em *pithoi*.²⁶⁰

Podemos observar ainda que, mesmo neste período bastante conturbado, de declínio comercial com o Oriente, de intensas migrações e reorganização da vida²⁶¹, a cremação feminina está associada com objetos de bronze e ouro e a infantil com instrumentos de batalha em ferro. Esses artefatos certamente denotavam prestígio e distinção dos indivíduos enterrados na construção.

Além disso, é interessante chamarmos atenção para a relação entre os instrumentos de batalha e o enterramento infantil. Em muitas comunidades durante a Idade do Ferro as inumações infantis apresentam mobiliário funerário bastante rico, formado por inúmeros tipos de artefatos cerâmicos, como por exemplo, vasos em miniatura e objetos lúdicos e também instrumentos em bronze e ouro, como anéis, colares, pulseiras e, ainda, em ferro e marfim, inclusive instrumentos de batalha, por exemplo, espadas e adagas. Contudo, a presença desses últimos é menor nas sepulturas infantis neste período.²⁶²

A presença das cinco espadas de ferro no túmulo infantil e o conjunto das duas sepulturas (feminina e infantil) na abside, levou o pesquisador A. M. Ainian a concluir que o indivíduo do sexo masculino, chefe da família, teria sido simbolicamente

²⁵⁹ AINIAN, A. M. "From ruler's dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)" *Studies in Mediterranean Archaeology* Vol. CXXI, 1997.

²⁶⁰ WHITLEY, J. *Style and Society in Dark Age Greece. The changins face of a pre-literate society 1100-700 BC*. Cambridge, 1991, p. 97-102.

²⁶¹ SNODGRASS, A. M. *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC*. New York, 2000, p. 28-40.

²⁶² WHITLEY, J. *SSDAG*. 1991.

enterrado em sua própria residência, através dos sepultamentos de sua provável consorte e de seu descendente.²⁶³

O autor fundamenta essa interpretação considerando o fato de toda a área ao redor do *Mégaron A* ser constituído por um complexo de construções domésticas, dessa forma, o edifício teria sido originalmente uma residência de um indivíduo destacado, provavelmente um *basiléus* da Idade do Bronze, já que a construção data do final do Heládico Médio, por volta de 1600.²⁶⁴ Segundo Ainian, o edifício continuou a ser ocupado como residência pelos descendentes desse *basiléus* micênico até aproximadamente 1100, quando os familiares mais próximos desse novo *basiléus* são enterrados na abside. Ainian complementa afirmando que esse *basiléus* do início conturbado da Idade do Ferro teria sido não só um líder político, mas também militar de Thermos. Esse “chefe” teria morrido longe de sua casa e de sua comunidade e, dessa forma, seus seguidores e descendentes resolveram enterrar sua consorte e seu descendente na abside, simbolizando o enterramento do *basiléus* (**Pranchas 1 e 3**).

De fato, o *Mégaron A* está cercado por um conjunto de residências que datam desde o Heládico Médio até o Período Arcaico e dessa maneira, pode ter sido originalmente uma residência. Apesar da divisão interna ser bastante simples – tripartite – as formas absidal e retangular são recorrentes para demais habitações em Thermos, principalmente durante o final do Período Micênico e o início da Idade do Ferro.²⁶⁵ Entretanto, o termo utilizado por Ainian para se referir aos líderes da residência durante seu período de utilização (aproximadamente entre 1600 e 950) suscita uma problemática muito debatida entre estudiosos sobre os conceitos, definições e aplicações da palavra *basiléus* no final da Idade do Bronze, início da Idade do Ferro e ainda no período denominado de Alto Arcaísmo, particularmente o século VIII a.C. Além disso, o enterramento simbólico desse suposto chefe também é duvidoso e questionável a partir da análise dos registros arqueológicos.

²⁶³ AINIAN, A. M. “From Ruler’s Dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)” *SIMA*. Vol. CXXI, 1997, p. 125-26, nota 814; Id. “Late Bronze Age Apsidal and Oval Buildings in Greece and Adjacent Areas” *BSA* 84 (1989), p. 269-288, esp. p. 272-75; 284-85.

²⁶⁴ Id. *Ibid.*, p. 273. Principalmente em: Id. “Late Bronze Age Apsidal and Oval Buildings in Greece and Adjacent Areas” *BSA* 84 (1989), p. 269-288, p. 273; 275; 285.

²⁶⁵ Segundo os próprios pesquisadores que escavaram o local onde se encontram o *Mégaron A* e o *Mégaron B*, G. Soteriades, K. Rhomaios, J. Papapostolou (vide Capítulo 4 – Catálogo, Thermos.) e B. Schmaltz *AA* (1980), p. 318-36. Podemos observar no desenho das plantas de uma parte do conjunto de estruturas arquitetônicas (**Prancha 6**) que há uma grande quantidade de construções identificadas como residências (**α1, α3, α4, α5, α6, α7, β1, β2, β3**) datadas do final do Heládico Tardio, que apresentam formas absidais e retangulares. Há ainda uma estrutura retangular (**α11**) e outra provavelmente absidal (**α8**) que datam da Idade do Ferro Antiga.

Examinando os artefatos descritos no catálogo que foram encontrados no interior do *Mégaron A*, percebemos que o material cerâmico é contemporâneo e alguns vestígios são um pouco posterior em relação à datação dos enterramentos. Essa característica, somada ao fato dos *píthoi* e ânforas com cinzas e ossos de animais estarem de boca para baixo e próximos à abside, é entendida por Ainian como uma evidência de prática de “culto heróico”. O autor argumenta que os vasos invertidos (**Prancha 1**) são frutos do momento em que na ex-residência do “chefe”, atual “*Herôon*”, realizaram-se práticas rituais funerárias dirigidas ao morto simbolicamente enterrado na abside.

Concordamos com a premissa proposta por Ainian segundo a qual a presença dos *píthoi* e ânforas em posição invertida, contendo ossos e cinzas de animais, podem sim, denotar a execução de práticas rituais. O autor Paul Åström demonstra que, a partir do levantamento de diversas áreas do mundo pré-histórico, como no Afeganistão, em Atenas, nos palácios da Creta Minóica, várias localidades em Chipre, em Israel, na Sicília, entre outras, a prática de deposição de vasos invertidos é bastante difundida e recorrente no conjunto das práticas religiosas da antiguidade.²⁶⁶ Åström observa que esses vasos encontram-se associados a estruturas dedicadas como locais sagrados, como santuários, ou ainda aparecem nas proximidades de enterramentos. O autor conclui, dessa forma, que tal prática pode ser entendida como a realização de sacrifícios e libações para divindades, preferencialmente ctônias, ou para os mortos, como parte do ritual funerário que configura um padrão do comportamento humano em relação à morte.²⁶⁷

Aceitar que houve sacrifícios e libações em homenagem aos mortos enterrados na abside do *Mégaron A*, não indica, no entanto, necessariamente, a adoção de práticas rituais sistemáticas e periodicamente realizadas em memória dos mortos, configurando o espaço inicialmente residencial como um espaço específico para “culto heróico”, um “*Herôon*”, conforme defende Ainian. O *kýathos* inteiro (**Prancha 2**) encontrado na abside, associado ao enterramento feminino, pode ter servido como um pequeno *sêma* que marca os enterramentos e, provavelmente, está relacionado ao conjunto das práticas rituais funerárias (como libações) em homenagem aos mortos, ocorridas imediatamente após os enterramentos.

²⁶⁶ ÅSTRÖM, P. “Inverted Vases in Old World Religion” *JPR* 1 (1987), p. 7-16.

²⁶⁷ Id. *Ibid.*, p. 14.

A análise estratigráfica de J. Papapostolou indica que a planta original do edifício teria sido modificada com o passar dos séculos. Originalmente a fachada sul, entrada da construção, era aberta e finalizada numa série de postes de madeira. No século XII, a frente teria sido fechada com uma parede de tijolos de barro.²⁶⁸ Aproximadamente na metade do século X, o *Mégaron A* é abandonado e destruído e neste mesmo período se dá a construção da planta retangular do *Mégaron B*.²⁶⁹

Segundo os pesquisadores B. Schmaltz e J. Papapostolou, que escavaram o local respectivamente em 1980 e 1992, as bases dos postes de madeira do períptero estão assentadas sobre uma camada estratigráfica datada da segunda metade do século IX.²⁷⁰ Papapostolou afirma que se trata de uma fase intermediária entre o *Mégaron B* e o Templo C, erguido sobre o *Mégaron B* e datado do século VII, inaugurando o primeiro templo de Apolo em Thermos e o estabelecimento do santuário do deus nesta área. Para Papapostolou, o *Mégaron A* e o *Mégaron B* devem ter coexistido durante um curto intervalo.

Quando examinamos os dados descritos no catálogo sobre o *Mégaron B*, nota-se uma diferença entre a planta feita por Schmaltz e Papapostolou (**Prancha 6**) e a reconstituição proposta por A. M. Ainian (**Prancha 4**). De acordo com os registros arqueológicos, parece que o edifício era dividido em, no mínimo, quatro compartimentos, devido à presença de três resquícios de paredes laterais internas na fachada leste datados do mesmo período que o restante da estrutura. Há ainda, uma pequena indicação na parede norte de uma possível divisão interna que cortaria a construção no sentido norte-sul e proporcionaria a existência de, pelo menos, mais um cômodo no *Mégaron B* (observe a **Prancha 6**). Percebemos aí, uma primeira diferença entre as estruturas analisadas, o *Mégaron A*, com uma divisão interna mais simplificada e o B, provavelmente mais complexo.

Analisando os vestígios na área interna do *Mégaron B*, reparamos que tanto os fragmentos dos vasos cerâmicos e o *píthos* encontrados na Sala Principal estão associados às camadas de terra escura, misturada com cinzas e ossos queimados de

²⁶⁸ AINIAN, A. M. "From Ruler's Dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)" *SIMA*. Vol. CXXI, 1997, p. 130.

²⁶⁹ Id. *SIMA* CXXI (1997), p. 128, seguindo a datação proposta por DRERUP, H. "Zu Thermos B" *MarbWPr* (1963), p. 1-12.

²⁷⁰ SCHMALTZ, B. *AA* (1980), p. 318-36; PAPAPOSTOLOU, J. *Eργον* (1992), p. 44-52; (1993), p. 44-56; (1994), p. 43-49; (1995), p. 36-42. O autor A. M. Ainian concorda com a datação posterior do períptero proposta pelos pesquisadores Schmaltz e Papapostolou.

animais. Seria difícil estabelecer uma separação específica entre os fragmentos cerâmicos e o *píthos*, caso não estivessem separados pelo piso do *Mégaron B*.

Ainian, a partir dessa constatação, propõe dois momentos distintos de utilização do *Mégaron B*, evidenciados também pela configuração dos vestígios arqueológicos do interior do edifício.²⁷¹ A primeira fase de ocupação do edifício é caracterizada pelo aspecto residencial e é marcada por vestígios dos fragmentos cerâmicos classificados pelo autor como “utilitários”, por exemplo jarros, tigelas e taças, datados entre 950 e 850. Já o *píthos*, a camada de terra escura com cinzas e ossos de animais acima do piso de argila do edifício e a adição do períptero definem uma segunda fase de ocupação do *Mégaron B*, relacionada às práticas rituais de “culto aos ancestrais” realizadas no interior do mesmo, segundo a visão do autor.

Morris concorda com Ainian, argumentando que o *Mégaron B* pode ser uma continuação da tradição que remontaria à utilização do *Mégaron A*, isto quer dizer, uma tradição que recuaria séculos, à Idade do Bronze.²⁷² Todavia, o autor ressalta que, ao contrário de considerar tal dado como mais um fator de continuidade do mundo micênico durante a Idade do Ferro, devemos entendê-lo como a reformulação de uma tradição, aplicada às condições da “Idade Obscura”. A seqüência cronológica proposta pelo autor pode ser sintetizada no seguinte esquema:

- 1) A residência do “Big Man” (*Mégaron B*) é transformada em um espaço de culto em homenagem ao “herói”, um “*Herôon*”.
- 2) No final do século IX a construção é destruída e ergue-se o períptero e a área sacrificial do *bóthros*, em frente ao antigo *Mégaron B*. O “culto heróico” permanece.
- 3) Sobre o “*Herôon*”, ergue-se o Templo C no início do século VII dedicado ao culto de uma divindade políade, Apolo. O culto adquire, então, caráter olímpico.

Através da análise estratigráfica do edifício, é possível que o piso e o *píthos* sejam uma adição posterior à construção das paredes (erguidas aproximadamente em 950) e ainda estejam associados ao momento em que o períptero foi erguido (por volta de 850). Contudo, apenas pelas informações dos relatórios de escavações, a probabilidade de comprovarmos tal hipótese é pequena.

²⁷¹ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI* (1997). Sobre o *Mégaron A* e o *B* ver principalmente p. 44-45; 125-35.

²⁷² MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. Massachusetts, 2000, p. 226.

Da mesma forma, também não é possível estabelecer com segurança a distinção de fases de utilização distintas do edifício reivindicadas por Ainian e Morris, pois as duas camadas de terra escura misturadas com cinzas e ossos queimados de animais, uma abaixo e a outra acima do piso, podem indicar tanto a prática de sacrifícios rituais, quanto o exercício de atividades domésticas. Além disso, os critérios de definição como “utilitários”, atribuída por Ainian para os fragmentos cerâmicos associados à camada de terra acima do piso, não estão claros, principalmente em relação ao *pithos*. Por que defini-lo como elemento utilizado em ritual funerário e não para atividade domésticas, como o cozimento de alimentos? Diferentemente dos *pithoi* encontrados no interior do *Mégaron A*, não há menção da inversão do vaso por parte dos pesquisadores que escavaram o local. Dessa forma, concluir que o edifício foi usado como espaço de “culto aos ancestrais” é duvidoso.

Passando para o exame dos vestígios encontrados na área externa, próximos à construção, observamos a presença de uma cova na frente do *Mégaron B* e quatro covas a oeste do edifício sem qualquer sinal de vestígios ósseos humanos, queimados ou não. Na cova na frente da construção estavam enterrados fragmentos de um artefato cerâmico e cinco espadas de ferro datados do Geométrico Médio, vale dizer, por volta da metade do século IX. Nas quatro covas a oeste, também foram detectados fragmentos cerâmicos e instrumentos de batalha (pontas de lança e adagas) datados do Protogeométrico, isto é, aproximadamente metade do século X. Já o possível *bóthros* localizado nas proximidades das covas é datado da segunda metade do século X e primeira metade do IX, sendo posterior às covas a oeste e coevo ou um pouco anterior em relação à cova na frente do edifício.

Essa constatação leva Ainian a concluir que houve a execução de práticas rituais também na área externa da construção e que as covas estariam certamente relacionadas às funções do *Mégaron B*. Para o autor, as covas correspondem a enterramentos simbólicos de “heróis”, que teriam sido cultuados nas áreas interna e externa do edifício. De acordo com Ainian, o *Mégaron B* teria sido de início uma residência de um *basiléus* da comunidade de Thermos, um “Big Man” bem estabelecido da Idade do Ferro, onde se realizavam banquetes rituais entre familiares e membros da camada aristocrática. O autor complementa indicando que as práticas rituais executadas no edifício devem ter mudado de caráter com a construção do períptero e das construções circulares de pedra, provavelmente um *bóthros* na área externa. O edifício deve ter sido transformado em “*Herôon*” durante um curto período, cuja função seria homenagear

algun (ou até mesmo alguns) herói(s) enterrado(s) nas suas vizinhanças quase concomitantemente com a edificação do períptero e do *bóthros* na área externa.

Todavia, é imprescindível notar que a ausência de cinzas e/ou ossos humanos nas covas dificulta uma relação precisa e segura entre os supostos indivíduos simbolicamente enterrados nas sepulturas e a configuração do edifício como um “*Herôon*”. Da mesma forma, também é muito difícil identificar qual ou quais dos “chefes” enterrados nas proximidades teriam residido no *Mégaron* e para qual deles o “culto heróico” teria sido direcionado. Tal como o *Mégaron A*, o *Mégaron B* também está numa área onde predominam construções residenciais e, provavelmente, possuía uma divisão interna mais complexa. Assim, não eliminamos a premissa que identifica o edifício como um espaço originalmente com funções domésticas, fato que não excluiria a execução de práticas rituais no interior do mesmo. Já a interpretação do edifício como “*Herôon*” e a existência do “culto heróico” na área externa do *Mégaron B* podem ser contestadas.

Dados do mesmo período, podemos afirmar que é provável a relação entre o enterramento na frente do edifício e o *bóthros*. Este tipo de estrutura é frequentemente encontrada durante toda a Idade do Ferro em locais onde se realizam rituais em homenagem às divindades ctônia ou aos mortos, conforme demonstra R. Hägg.²⁷³ Entretanto, nota-se novamente a problemática dos conceitos e do estabelecimento de um “culto heróico”.

Devemos apontar finalmente para a edificação do Templo C (**Pranchas 5 e 6**). Datada do final do século VIII e início do VII, a construção é identificada como um espaço sagrado dedicado a Apolo e neste mesmo momento toda a área é transformada em um santuário dedicado ao deus. Provavelmente, o fato de ter sido construído na mesma área onde estão localizados o *Mégaron A* e o *B* e, sobretudo sobre este último, não é casual. Podemos afirmar que ambos edifícios com medidas relativamente monumentais tiveram certa importância para os indivíduos da Idade do Ferro, principalmente durante o Alto Arcaísmo. Dessa forma, as construções absidais em Thermos podem ter sido locais simbólicos de prestígio, visto que sobre eles é erguido um templo em homenagem a um deus olímpico, cultuado por toda a comunidade.²⁷⁴ Todavia, isto não significa que tenham se configurados como “*Herôa*”.

²⁷³ HÄGG, Robin “Funerary Meals in the Geometric Necropolis at Asine?” *The Greek Renaissance*. 1983, p. 189-94.

²⁷⁴ De POLIGNAC, F. *Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State*. Chicago, 1995, p. 23.

B) *Lefkandi* (**Pranchas 8-29**).

As interpretações do edifício absidal Toumba em Lefkandi (**Pranchas 10 e 14**) são bastante controversas, devido ao próprio estado de conservação do prédio e também aos eventos que se sucederam à sua construção. Conforme observamos na descrição do edifício no catálogo, uma grande terraplanagem no final da década de 70 do século XX, para a construção de uma estrada, destruiu parte do edifício, principalmente a área noroeste. Além disso, o edifício Toumba foi totalmente preenchido com terra, misturada com fragmentos de vasos de argila, tijolos e outros objetos, algumas décadas depois (cerca de 20 ou 25 anos)²⁷⁵ da realização dos enterramentos na Sala Central (**Pranchas 10, 17 e 28**). As camadas depositadas chegaram a formar uma pequena colina de 4m de altura.²⁷⁶ Esses eventos dificultam a interpretação do edifício, principalmente no que diz respeito à identificação da seqüência cronológica dos acontecimentos²⁷⁷ e, conseqüentemente, das funções e da natureza da construção.

São nestes pontos que residem as divergências entre os autores, alinhando-se em duas posições principais. De um lado, podemos agrupar aqueles autores que argumentam a favor do edifício enquanto um “*Herôon*”, erguido com funções especificamente funerárias e sagradas. A seqüência cronológica indicada pelos autores neste caso corresponde ao seguinte esquema:

- 1) Construção do “*Herôon*” com o planejamento das covas para abrigar os enterramentos na Sala Central.
- 2) Enterramento das cinzas do herói e inumação de sua consorte no túmulo ao sul e dos quatro cavalos ao norte, praticamente de forma simultânea.
- 3) Curto período de utilização do edifício para atividades rituais, configuradas como “culto heróico”.
- 4) Destruição do “*Herôon*” e preenchimento com terra formando o túmulo.

²⁷⁵ A data de realização deste evento é aceita pela grande maioria dos autores, que será mencionada neste item, devido à cronologia estabelecida pela análise estratigráfica pelos pesquisadores M. R. Popham e P. G. Calligas nos relatórios de escavações. Ver o item Histórico do Catálogo.

²⁷⁶ M. R. Popham, P. G. Calligas, L. H. Sackett identificaram esta pequena colina a uma grande marca funerária que estaria indicando a presença dos enterramentos da Sala Central. Trata-se portanto, de um túmulo marcado por um montículo de terra em grandes proporções, interpretação também aceita por autores como A. M. Ainian, I. Morris, C. Antonaccio, F. de Polignac, P. Crielaard e J. Driessen. POPHAM, M.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. (eds.) *Lefkandi II. Part 2*. Oxford, 1993, p. 52-6.

²⁷⁷ Se os enterramentos são anteriores, coevos ou posteriores à construção.

5) Transformação de toda área no Cemitério Toumba.

Os críticos dessa linha interpretativa, de outro lado, acreditam que o edifício Toumba possuía inicialmente funções profanas: teria sido erguido como uma residência, onde os habitantes foram posteriormente enterrados. Estes autores utilizam como referência a analogia etnográfica, que encontra no modelo do “Big Man”, as bases para a análise do assentamento de Lefkandi. O habitante teria sido, em vida, um líder político e militar destacado, merecedor de uma residência digna de tal posto e também de homenagens rituais da comunidade após sua morte. Apenas depois dos enterramentos, o edifício teria se tornado um espaço funerário e, provavelmente, local em que se desenvolveram atividades rituais por um curto intervalo de tempo. Todavia, os autores afirmam que a documentação arqueológica e a duração dos rituais não constituem evidências suficientes para classificar a estrutura como um “*Herôon*”, enquanto local de práticas rituais sistemáticas, freqüentes e duradouras. Podemos sistematizar a seqüência dos acontecimentos da seguinte forma:

- 1) Construção da residência do “Big Man”, seguida de um curto período de utilização da mesma por parte dos ocupantes.
- 2) Morte, seguida do enterramento do “Big Man” simultaneamente ao sacrifício dos seus cavalos, porém concomitantemente ou não à morte e ao enterramento de sua consorte.
- 3) Curto período de utilização do edifício para atividades rituais funerárias e até mesmo o estabelecimento de um “culto heróico”.
- 4) Destruição do edifício Toumba e preenchimento com terra formando o túmulo.
- 5) Transformação de toda área no Cemitério Toumba.

A partir do exame dos dados do Catálogo, devemos atentar para um fato, aparentemente óbvio e simples, mas que pode ser de grande relevância para inferências futuras: o edifício está situado em uma posição proeminente e privilegiada, no topo de uma colina, que constitui o ponto mais alto em relação à costa sul e cuja base é composta pela Planície Lelantina (**Prancha 9**). O próprio assentamento da comunidade, Xerópolis, desde o Período do Bronze até sua destruição e abandono no século VIII, está situado na área mais baixa da topografia local, na planície, a 500m da construção absidal. Dessa forma, podemos afirmar que a localização da “residência do chefe”,

“*Herôon*” ou monumento funerário, deve certamente ter sido cuidadosamente planejada e propositalmente executada no momento de sua construção.

Outra característica do edifício Toumba que nos chama a atenção logo de início, é o tipo de estrutura (a absidal). Da mesma forma que no assentamento de Thermos, a forma absidal não é incomum para o período analisado e nem para o local. Na Grécia como um todo, o plano absidal existe desde o Heládico Antigo e se tornou comum no Heládico Médio.²⁷⁸ Em Lefkandi, a construção de residências absidais inicia-se no período Submicênico, no final do século XI e torna-se bastante comum por volta da metade do século X.²⁷⁹ Todavia, é interessante notar que, em geral, essas residências possuem um plano interno bem simples, tripartite e apresentam dimensões mais modestas. Aí, reside mais uma das particularidades do edifício Toumba; apresenta uma complexidade arquitetônica marcante (dividido internamente em sete compartimentos, provavelmente com sótão e ainda com varandas ao redor de todo prédio). Além disso, possui também uma variedade não usual de cores de tijolos de barro que pode ter criado um efeito decorativo significativo.

J. de Waele²⁸⁰, a partir de um estudo detalhado das medidas da construção, seus significados e unidades correspondentes no sistema de medida contemporâneo ocidental, indica que sua divisão interna é semelhante às “*casas de fazenda*” encontradas na Europa Central²⁸¹, embora estas apresentem dimensões diminutas. Waele aponta para uma certa proporcionalidade das medidas dos compartimentos internos, propondo-lhes funções exclusivamente profanas, sem qualquer indicação de práticas rituais.

Jari e Petra Pakkanen²⁸² em um artigo publicado em 2000, criticam a metodologia utilizada por de Waele, indicando que as correspondências entre as medidas gregas e modernas apresentam algumas discrepâncias²⁸³. Os autores realizam um estudo detalhado das proporções das medidas dos compartimentos internos e externos do edifício argumentando que este tipo de análise produz informações mais

²⁷⁸ SNODGRASS, A. M. *DAG*, 2000, p. 408-13. AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, (1997), especialmente p. 48-57; Id. “Early Greek Temples: their Origins and Functions” R. Hägg; N. Marinatos; G. C. Nordquist (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, esp. p. 116; Id. “Reflections on Hero Cults in Early Iron Age Greece” R. Hägg (ed.) *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, esp. p. 25-8; 33-4.

²⁷⁹ POPHAM, M.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. (eds.) *Lefkandi II. Part 2*. Oxford, 1993. Ver Section 4: The Toumba Building: Description and Analysis of the Architecture, by J. Coulton, p. 56.

²⁸⁰ De WAELE, J. A. K. E. “The Layout of the Lefkandi ‘Herôon’” *BSA* 93, p. 379-84, 1998.

²⁸¹ Id. *Ibid.*, p. 384.

²⁸² PAKKANEN, J.; PAKKANEN, P. “The Toumba Building at Lefkandi: some methodological reflections on its plan and function” *BSA* 95, p. 239-53, 2000.

²⁸³ Id. *Ibid.*, p. 243-46.

significativas, sensíveis ao *design* e às implementações arquitetônicas de um período. Todavia, acreditam que as medidas proporcionais dos compartimentos do edifício Toumba são puramente coincidentes. Para os autores, os gregos da Idade do Ferro não consideravam a proporcionalidade de medidas dos compartimentos internos como um aspecto relevante no processo de construção de um edifício, mesmo de caráter monumental e qualquer que seja(m) sua(s) função (funções).²⁸⁴

Outro fator peculiar e relevante para a análise do edifício corresponde às suas dimensões. Trata-se de uma construção monumental quando comparada ao tamanho dos edifícios construídos durante a Idade do Ferro até então descobertos, quer sejam absidais, retangulares ou ovais.²⁸⁵ Edificações com medidas semelhantes às do edifício Toumba (aproximadamente 47m de comprimento por 10m de largura) são datadas apenas do final do século VIII. Apresenta, assim, um tamanho impressionante em relação até mesmo ao *hecatonpedon* do século VIII.

Outro elemento arquitetônico que provavelmente está associado ao caráter monumental da construção é a presença das varandas norte e sul formadas pelo grande número de postes na área externa do edifício. Elas aumentam as medidas da construção (para quase 14m de largura e 50 de comprimento) e podem ter servido, dessa forma, como um recurso puramente visual.²⁸⁶ Esta premissa torna-se bastante provável a partir da análise das estruturas de sustentação do edifício. É interessante notar que as bases de pedra das paredes são bem altas e espessas. A primeira vista, essas características parecem ser anormais para as construções datadas da “Idade Obscura”, pois as bases de pedra das paredes do edifício Toumba apresentam 0,60m de espessura e 1,20-1,30m de altura, enquanto a maioria dos grandes edifícios possui apenas 0,40-0,50m de espessura e de altura.

Todavia, tais medidas são compatíveis e necessárias às grandes dimensões do edifício Toumba. O grande número de postes colocados internamente nas paredes pode sim ter auxiliado a sustentação do sótão, do telhado e do edifício como um todo, mas os postes externos que formam as varandas não são necessários para a segurança e para a

²⁸⁴ Id. *Ibid.*, p. 249.

²⁸⁵ AINIAN, A. M. “From Ruler’s Dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)” *SIMA*. Vol. CXXI, 1997, especialmente p. 48-57; Id. “Early Greek Temples: their Origins and Functions” R. Hägg; N. Marinatos; G. C. Nordquist (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, esp. p. 116; Id. “Reflections on Hero Cults in Early Iron Age Greece” R. Hägg (ed.) *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, esp. p. 25-8; 33-4.

²⁸⁶ POPHAM, M.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. (eds.) *Lefkandi II. Part 2*. Oxford, 1993. Ver Section 4: The Toumba Building: Description and Analysis of the Architecture, by J. Coulton, p. 59.

sustentação da construção.²⁸⁷ Dessa forma, as varandas norte e sul provavelmente devem ter tido uma função puramente visual, para sugerir que as dimensões do edifício Toumba fossem maiores.²⁸⁸

Uma construção de tais proporções requer não só grandes esforços físicos e recursos materiais, mas também a aplicação de conhecimentos e a especialização de funções. O pesquisador M. Popham²⁸⁹ destaca o caráter sagrado do edifício indicando que esse teria um caráter temporário sem ter sido terminado; a presença da estrutura da base de uma escada, mas sem resquícios dos degraus de madeira constituiria um forte argumento para tal afirmação. Popham afirma que, provavelmente, apenas o telhado da área leste foi colocado, enquanto na área mais a oeste, a abside, nem as paredes devem ter sido erguidas por completo. Segundo o pesquisador, a estrutura arquitetônica do edifício deve ter sofrido algum dano antes do seu preenchimento pelo túmulo de 4m de altura e o conseqüente abandono. Esse dano teria sido causado por desmoronamento devido à fragilidade da própria estrutura de construção ou por agentes externos naturais, como um maremoto ou terremoto, bastante comuns na ilha da Eubéia, segundo o autor.²⁹⁰ A autora C. M. Antonaccio concorda com a conclusão de M. R. Popham, indicando que a construção absidal em Lefkandi jamais foi terminada e, apesar do esforço despendido, não foi edificada para ser um monumento permanente.²⁹¹

Entretanto, nos cabe ressaltar que as características arquitetônicas do edifício explicitadas anteriormente, nos levam a indicar que a construção Toumba não deve ter sofrido danos técnicos provenientes do processo de edificação, pois a espessura das paredes e os postes internos de sustentação foram planejados de forma a evitar tal fato. Além disso, também é improvável que o edifício absidal tenha sido descartado por danos naturais ou, ainda, que tenha sido edificado como um monumento temporário. Problemas técnicos na edificação não seria um motivo suficiente para abandonar e destruir uma construção tão imponente. Uma alternativa mais lógica, seria a reparação dos danos.²⁹²

²⁸⁷ Id. Ibid. AINIAN, A. M., *SIMA CXXI* (1997), p. 54.

²⁸⁸ POPHAM, M. R. op. cit., J. Coulton, p. 59.

²⁸⁹ Id. Ibid. Ver Section 7. The Sequence of Events, Interpretation and Date, p. 97-101.

²⁹⁰ Id. Ibid., p. 98.

²⁹¹ ANTONACCIO, C. M. Warriors, Traders, and Ancestors: the "Heroes" of Lefkandi. J. H. Hojte (ed.) *Image of Ancestors*. 2002, p. 13-42, especialmente p. 30. "Lefkandi and Homer" In: ANDERSEN, Øivind and DICKIE, Matthew (eds.) *Homer's World. Fiction, Tradition, Reality*. Papers from the Norwegian Institute at Athens 3 (1995), Bergen, 1995, p. 5-27.

²⁹² AINIAN, A. M., *SIMA CXXI* (1997), p. 54.

Isto indica, contrariamente às conclusões de Popham e Antonaccio, que a construção do edifício certamente foi concluída e, segundo as demais evidências arqueológicas, ele teria sido utilizado, mesmo por apenas um curto período. O problema encontra-se na definição desse momento de uso que suscita, entre os arqueólogos, posições diferenciadas, sendo que alguns deles preferem até mesmo falar em momentos de utilização distintos do edifício Toumba.²⁹³ Todavia, a destruição do edifício constitui um fato intrigante e bastante significativo, pois não só a construção de um edifício com dimensões monumentais requer a concentração de esforços humanos e recursos materiais em grande quantidade, como também sua destruição e mais ainda seu aterro, formando um túmulo de 4m de altura.

De acordo com Antonaccio e os autores que se inserem na primeira linha interpretativa (M. R. Popham e J. Coulton), a transformação da natureza funcional do edifício configura um fato muito improvável e até mesmo impossível. Já para os demais (P. G. Calligas, A. M. Ainian, I. Morris, J. A. K. E. de Waele, Jari e Petra Pakkanen, C. M. Antonaccio e F. de Polignac), que seguem a segunda via interpretativa, somando-se as idéias de J. P. Crielaard e J. Driessen, a mudança de funções certamente ocorreu.

À parte qualquer análise mais cautelosa dos registros arqueológicos encontrados no interior da construção, podemos levantar duas premissas iniciais. Se considerarmos que o edifício Toumba foi erguido de forma planejada e seguramente concluído, nos deparamos com uma única alternativa: a transformação dos usos da construção, pois sua destruição e seu preenchimento formando a colina, modifica qualquer que tenha sido a função original do edifício; como residência, “*Herôon*”, “residência funerária” ou um monumento fúnebre. De outro lado, também podemos descartar a possibilidade dos enterramentos da Sala Central terem sido feitos após o preenchimento do edifício pelo túmulo; a análise estratigráfica da construção jamais permite tal análise.

Está claro que os problemas na análise estratigráfica dos enterramentos da Sala Central e dos danos causados pelas atividades de terraplanagem no século XX dificultam o entendimento do propósito inicial do edifício Toumba, contudo não o tornam impossível e nem relativos à interpretação de cada pesquisador, conforme afirma M. Popham. Já que não é possível saber com segurança se as sepulturas foram feitas antes, de forma concomitante ou depois da construção do edifício, devemos nos centrar

²⁹³ Por exemplo, aqueles autores que argumentam a favor da segunda linha interpretativa: P. G. Calligas, A. M. Ainian, I. Morris, J. A. K. E. de Waele, Jari e Petra Pakkanen, C. M. Antonaccio, J. P. Crielaard e J. Driessen e F. de Polignac.

na análise dos dados materiais encontrados no interior da estrutura e associados ao(s) momento(s) de utilização da mesma.

Examinando os dados do Catálogo, excluindo, de início, os enterramentos da Sala Central, percebemos que foram encontradas quatro categorias de artefatos no interior do edifício Toumba: objetos cerâmicos, metálicos, líticos e ósseos. Em relação aos artefatos cerâmicos, observamos um grande número de fragmentos de figurinhas de terracota, botões e discos perfurados de argila e fragmentos ou vasos inteiros, concentrados principalmente nas Salas Central e Absidal, onde também se encontram as maiores concentrações de covas do edifício. Os fragmentos de vasos cerâmicos constituem-se principalmente de ânforas, *píthoi*, crateras, taças e *skypthoi*, mas também enócoas, lécitos, hídrias e aqueles apenas identificados como “utilitários” para culinária²⁹⁴, em sua grande maioria, de fabricação local.²⁹⁵

Alguns autores utilizam esses dados, somados ao grande número de covas, principalmente na sala absidal, que teriam comportado vasos *píthoi* e ânforas de grandes proporções, para atribuir uma função de estocagem de alimentos e armazenamento de líquidos nos cômodos do edifício. J. Coulton²⁹⁶ ressalta que, apesar da presença das covas com o formato dos vasos, na grande maioria delas, não foram encontrados restos de alimentos que pudessem identificar com segurança a prática de atividades domésticas no interior do edifício Toumba. O autor complementa suas premissas afirmando que não há qualquer evidência material no edifício que revele a presença de uma lareira, elemento indispensável para a realização de atividades culinárias, por exemplo.

Para Coulton, a construção teria sido erguida como uma “*casa para o morto*”,²⁹⁷ quer dizer, uma imitação de uma verdadeira residência magnífica, digna de uma pessoa prestigiada, um “chefe”, porém com propósitos exclusivamente funerários e sagrados: para abrigar as cinzas desse líder destacado, o corpo de sua consorte, seus cavalos, seus instrumentos de batalha e apetrechos do cotidiano. Dessa forma, o casal parece ter sido enterrado imediatamente após a construção do edifício e este não teria se configurado como um “*Herôon*”. As covas e os fragmentos cerâmicos na Sala Absidal, nos Quartos Norte e Sul e no provável sótão sugerem, então, uma função de estocagem simbólica, apropriada tanto para uma residência real quanto uma casa funerária simbólica.

²⁹⁴ CATLING, R. W.; LEMOS, I. S. *Lefkandi II. Part 1*. 1990, p. 58-60.

²⁹⁵ Id. *Ibid.*, p. 9-11.

²⁹⁶ POPHAM, M. R. op. cit. Ver Section 4: The Toumba Building: Description and Analysis of the Architecture, by J. Coulton, p. 33-70.

²⁹⁷ Id. *Ibid.*, p. 49.

O Corredor Oeste, para Coulton, pode ter sido uma simples passagem da Sala Central para os Quartos e a Sala Absidal. Provavelmente, pela presença dos batentes, ele era fechado com uma porta de madeira isolando a Sala Central de uma área mais privativa da casa fúnebre. Na Sala Central há três estruturas que Coulton interpreta como indícios da função do edifício Toumba como uma residência funerária. A primeira delas corresponde à “caixa” de argila na esquina sudeste, contendo madeira e ossos queimados, o que levou Coulton a afirmar que pode ter sido um local para sacrifícios. A segunda é a cratera P. 327 (**Prancha 12**) que deve ter servido como *sêma* (“marcador funerário”) dos enterramentos. A terceira corresponde à estrutura na esquina nordeste da Sala que pode ter sido base para a existência de uma escada que levaria para o sótão; área também com funções de depósito. A presença de uma escada no edifício, é plausível, segundo o autor, em espaços profanos e não sagrados.

As funções da Sala Leste apresentam-se mais obscuras, contudo segundo Coulton, podem estar associadas diretamente ao Pórtico, visto que a separação entre eles deveria ter sido apenas parcial. O círculo de pedras na esquina sudeste à primeira vista parece ser uma lareira, porém não há traços de queima e, de acordo com o pesquisador, pode significar uma lareira inativa, simbólica. No Pórtico, a cova próxima da esquina noroeste pode ter sido, segundo o autor, um contêiner à direita da entrada principal do prédio com funções rituais de purificação, assim como na entrada de muitos templos gregos posteriores.

Jari e Petra Pakkanen argumentam que o edifício Toumba pode até ter servido como uma “*residência luxuosa*” em um primeiro momento, porém esta não constituiu sua função principal.²⁹⁸ Esses autores afirmam que as estruturas presentes no interior do edifício (as quais para M. R. Popham e J. Coulton indicam evidências de práticas de “culto heróico”), como a “caixa” de argila na esquina sudeste da Sala Central e a cratera cerâmica marcando os enterramentos no mesmo compartimento são, na verdade, evidências de atividades rituais efetuadas em uma cerimônia exclusivamente funerária.²⁹⁹ Prática esta, que seria desenvolvida uma única vez, após a morte do ocupante, por um grande número de pessoas da comunidade, provavelmente sendo uma

²⁹⁸PAKKANEN, J.; PAKKANEN, P. “The Toumba Building at Lefkandi: some methodological reflections on its plan and function” *BSA* 95, p. 239-53, 2000, especialmente, p. 249.

²⁹⁹ Id. *Ibid.*, p. 251.

oportunidade para ocorrer uma “*reunião comunal*” com sacrifícios e banquetes rituais em homenagem ao morto.³⁰⁰

O autor A. M. Ainian posiciona-se de uma forma diferenciada às interpretações de Coulton em relação aos vestígios cerâmicos, líticos, ósseos e metálicos no interior do edifício Toumba. Ainian divide-os em dois tipos de acordo com os diferentes períodos de utilização e as diferentes funções da construção. Para o autor, a estrutura absidal teria sido construída originalmente como uma residência de um “chefe”, um guerreiro destacado na comunidade de Lefkandi durante os séculos X e IX a.C.³⁰¹ Apenas após a realização dos enterramentos do líder e de sua consorte na Sala Central, a construção teria assumido funções sagradas, como um local onde, mesmo durante um curto intervalo de tempo, teriam sido executadas práticas rituais em homenagem ao “herói” morto.

Assim, o autor estabelece inicialmente duas fases em que o edifício teria tido funções diferenciadas. A primeira delas, corresponderia ao momento em que a construção teria sido utilizada enquanto residência e, arqueologicamente, é identificada pelo autor aos vestígios materiais classificados como “utilitários”: fragmentos de vasos cerâmicos, principalmente os de *píthoi* e ânforas, as covas com formas de vasos utilizados para estocagem de alimentos e líquidos, objetos de argila, como botões, estatuetas de terracota fragmentadas, instrumentos de pedra e inúmeros itens de metal, inclusive parte de uma fechadura de ferro e bronze (**Prancha 30** – nos. 2 e 4) de uma provável porta entre o Corredor Oeste e a Sala Absidal. Ainian propõe que os vasos cerâmicos utilizados nas atividades culinárias teriam sido retirados das covas no momento em que se deu os enterramentos na Sala Central; fato que explicaria a ausência de restos de alimentos e dos próprios vasos no interior da construção.

A segunda fase, é identificada pelo autor como aquela em que os vestígios arqueológicos denotariam práticas de rituais fúnebres em homenagem ao “herói” morto e enterrado na estrutura absidal. São eles: a “caixa” retangular de argila na área sudeste da Sala Central, testemunho de sacrifícios em homenagem ao casal enterrado; as três covas na frente do edifício indicando o local onde poderia ter sido colocada um trípode de bronze com propósitos purificadores para entrar na área funerária e a cratera P. 327

³⁰⁰ Id. *Ibid.*, p. 250; 252.

³⁰¹ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI*, (1997), especialmente p. 48-57; Id. “Early Greek Temples: their Origins and Functions” R. Hägg; N. Marinatos; G. C. Nordquist (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, esp. p. 116; Id. “Reflections on Hero Cults in Early Iron Age Greece” R. Hägg (ed.) *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, esp. p. 25-8; 33-4.

(**Prancha 23**), cujas funções podem ter sido duas; funerária, como um *sêma* ou para libações em rituais de refeições funerárias.

Entretanto, podemos perceber uma terceira fase estabelecida pelo autor no momento em que se deu a destruição do edifício e seu preenchimento pelo túmulo. Ainian acredita que a edificação do túmulo foi proposital, pois de acordo com as normas sócio-culturais da comunidade de Lefkandi, os familiares e descendentes do casal enterrado não poderiam utilizar a residência do líder. De toda forma, foram sendo enterrados ao lado do monumento erguido em homenagem à memória do “chefe” no Cemitério Toumba. Este fato explica, para Ainian, a presença dos ricos enterramentos no cemitério e a transformação, a partir de 925 aproximadamente, de toda colina numa área agora dedicada, especificamente, a funções funerárias.³⁰²

Contrariamente às conclusões de J. Coulton, e A. M. Ainian, M. Popham nega a possibilidade do edifício ter sido, originalmente, uma residência real, onde os indivíduos enterrados na Sala Central teriam vivido por um curto período e posteriormente, ter se transformado em um espaço com funções sagradas e funerárias. Popham, da mesma forma que Coulton, acredita que a ausência de evidências arqueológicas que comprovem a presença de atividades culinárias (como restos de alimentos e de vasos típicos para estocagem de alimentos e líquidos nas covas da Sala Absidal) e de vestígios da mobília da casa auxiliam a excluir a função profana do edifício. Para Popham, tais vasos utilitários nunca estiveram nas covas e nem foram retirados quando o edifício foi destruído, pois tal ato requereria grande esforço físico.

A partir de tais análises dos vestígios arqueológicos em questão (fragmentos cerâmicos, de instrumentos líticos, ósseos e metálicos), podemos levantar algumas questões relevantes. A classificação de vasos cerâmicos como utilitários com funções profanas específicas, como culinária, é bastante questionável, pois o *píthos*, o *skyhos* e a ânfora são formas que não possuem funções particulares, encontram-se tanto em contextos profanos quanto sagrados; poucas e muito particulares são as formas dos vasos utilizados única e exclusivamente nas práticas rituais, como por exemplo o *kernos*.³⁰³ Assim, apenas o fato dos fragmentos cerâmicos serem de *píthoi*, o *skyhoi* e a ânforas não indica com segurança a prática exclusiva de atividades domésticas nem rituais, podem ter tido as duas funções.

³⁰² Id. Ibid., p. 56-7.

³⁰³ Há ocorrências seguras da utilização desse tipo de vaso somente em contextos sagrados, por exemplo, em Eleusis, nos rituais de mistérios e iniciação que envolvem o culto á Deméter. Ver: MYLONAS, G. E. *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*. Princeton, 1961, p. 221-22.

Além disso, a ausência desses vasos, dos restos de alimentos e do que teria sido a possível mobília da residência também não constitui um indício de que o edifício não tenha servido como casa. Restos de alimentos e madeira possuem baixa visibilidade arqueológica e as covas, principalmente da Sala Absidal apresentam o formato de vasos, contendo inúmeros fragmentos de vasos cerâmicos no interior.³⁰⁴ Excluir a possibilidade da retirada dos objetos devido ao grande esforço despendido para realizar tal tarefa também pode constituir uma premissa equivocada, podendo recorrer novamente à afirmação segundo a qual o edifício não teria sido terminado e ocupado efetivamente de qualquer forma, muito menos enquanto uma residência. Cabe-nos ressaltar que houve um grande esforço despendido na construção e no soterramento do edifício Toumba.

Analisando as demais categorias de objetos, nota-se que os artefatos metálicos restringem-se ao bronze como matéria-prima e provavelmente constituem parte da configuração arquitetônica do edifício, como vestígios da fechadura da provável porta da Sala Absidal. Esta fechadura, associada aos resquícios de madeira que sustentam a existência de um batente, indica a separação proposital entre o restante do edifício e a Sala Absidal. Outros resquícios de madeira de prováveis batentes dos Quartos Norte e Sul, também sugerem a existência de portas que isolavam ambos os quartos do restante dos compartimentos do edifício Toumba. Tais características são mais adequadas à configuração de uma residência do que de um espaço sagrado.

Os objetos líticos caracterizam-se por lâminas, pontas e um polidor, situados na Sala Leste, na Sala Absidal e no Corredor Oeste. As funções de tais artefatos podem estar associadas às atividades domésticas e/ou rituais; lâminas, polidores e pontas são necessários no processo de cozimento de alimentos e na realização de sacrifícios. Já os poucos artefatos ósseos não contribuem de forma relevante para a identificação das prováveis funções dos compartimentos e do edifício como um todo.

A estrutura de argila, a “caixa” na esquina sudeste da Sala Central, chama a atenção de muitos pesquisadores como uma das raras e seguras evidências de rituais sagrados realizados no interior do edifício Toumba. O preenchimento da “caixa” é formado por terra, cinzas de madeira, cinzas e ossos queimados de animais (entre eles caprinos), seixos e fragmentos de botões e discos de argila perfurados. A partir desses dados, podemos afirmar que a “caixa” pode estar relacionada com atividades de

³⁰⁴ Ver catálogo (texto), item **1.1 e Sala Absidal** e catálogo (pranchas) **Pranchas 21, 22a-b, 23a-j**.

cozimento de alimentos e/ou com sacrifícios animais. Entretanto, não é possível estabelecer de forma segura, se ela era utilizada como uma espécie de lareira doméstica para refeições diárias, para banquetes rituais aristocráticos ou comunais, realizados sob o comando do ocupante da residência, ou ainda para homenagear os residentes enterrados no meio da Sala Central em práticas rituais funerárias.

A grande quantidade de covas nos demais compartimentos de interior do edifício constitui um fato intrigante. Excluindo-se a função de abrigar vasos para armazenamento, provavelmente caracterizada pelas covas da Sala Absidal e algumas presentes na Sala Central e na Sala Leste, restam inúmeras covas cujos usos são bastante incertos. Três covas na Sala Central apresentam cinzas e ossos queimados de animais, inclusive de cachorro. É interessante notar que alguns estudos sobre “culto aos mortos” e “cultos ctônios” indicam a presença freqüente de ossos de cachorro nos locais de sacrifícios, sejam em covas simples, em estruturas circulares de pedras, pavimentos de argila ou ainda em *bóthros* e altares.³⁰⁵

As covas da Sala Absidal e da Sala Leste que apresentam cinzas e ossos queimados de animais também podem estar relacionadas às atividades de cozimento, sejam elas de caráter doméstico ou ritual. A única cova encontrada no Pórtico pode ter abrigado um contêiner para purificação como afirma J. Coulton, contudo, não há vestígios mais concretos que sustentem tal indicação. Já as covas presentes na entrada do edifício formando um triângulo e que provavelmente abrigaram um trípode, certamente conectam o edifício com funções sagradas. Está claro que o trípode também não constitui uma forma típica, necessariamente utilizada em contextos sagrados, porém, localizada na entrada do edifício que contém dois enterramentos, constituem indícios que denotam não só seu uso para purificação dos vivos, como simbolizam o local onde os mortos são lamentados (integrando parte dos rituais funerários) e, principalmente, pode estar relacionada aos jogos fúnebres como prêmios, simbolizando o status de guerreiro e de “herói” destacado entre seus iguais.³⁰⁶

³⁰⁵ Ossos caninos também foram encontrados no *píthos* da “área sacrificial” próxima ao Edifício C em Asine. Há outras ocorrências de ossos caninos encontrados associados a edifícios absidais da Idade do Ferro, como a Unidade IV-1 em Nicória, que pode também ter sido uma “residência do chefe”, MACDONALD, W.; COULSON, W.D.E. *Excavations at Nichoria in Southwest Greece III*, Mineapolis, 1983, p. 26. Muitos autores acreditam que a execução de sacrifícios de cachorros está relacionada com “culto ctônio”, seja em homenagem às divindades ctônicas ou aos mortos, ancestrais e heróis: ANTONACCIO, C. M. *An Archaeology of Ancestors*. Boston, 1995. HÄGG, R. “Funerary Meals in the Geometric Necropolis at Asine?” R. Hägg (ed.) *The Greek Renaissance*. Stockholm, 1983, p. 189-194. BURKERT, W. *Homo Necans*. Berkeley, Los Angeles and London, 1983, p. 108. Id. *The Orientalizing Revolution*. Cambridge, Massachusetts and London, 1992, p. 75-7.

³⁰⁶ Ver Capítulo 2.

Podemos concluir parcialmente, dessa forma, que os vestígios arqueológicos denotam uma primeira função que diz respeito ao propósito segundo o qual ela foi edificada: como um edifício com características domésticas cujos vestígios podem ter sido utilizados apenas para tal função ou ainda para a execução de atividades rituais dirigidas pelo ocupante da residência em vida.

Quando passamos para a análise dos dados dos enterramentos, percebe-se, primordialmente, que a grande cratera em cima das sepulturas, a P. 327 (**Prancha 12**), certamente foi utilizada como *sêma*, um “marcador funerário” sem a presença do fundo para a realização de libações, assim como as enormes ânforas e crateras que marcavam os enterramentos em Atenas no século VIII a.C.³⁰⁷ M. Popham utiliza a cratera e a “caixa” argila para fundamentar sua interpretação central da função do edifício, identificando-o como um “*Herôon*”. Apesar do próprio autor ressaltar que as evidências materiais seguras que proporcionam o estabelecimento do “culto heróico” serem escassas, a denominação é justificada pelo fato de que este indivíduo, segundo Popham, deve ter tido uma importância para a comunidade de Lefkandi, sendo provavelmente um “rei” – *basiléus*. Popham afirma que o Cemitério Toumba, utilizado com maior frequência após o abandono do edifício, pode ter se tornado uma área especial destinada aos descendentes e a família do guerreiro sepultado no interior da construção absidal, pois os enterramentos contêm mobiliário funerário bastante rico (**Pranchas 25-29**).³⁰⁸

A deposição da cratera sobre os túmulos constitui uma evidência clara da execução de rituais funerários em homenagem ao casal morto e enterrado no interior da estrutura, porém não constitui um fato seguro que permita a premissa segundo a qual o local teria se configurado neste momento (após os enterramentos e antes da destruição e construção do túmulo) como um “*Herôon*”.

Há algumas características do preenchimento dos enterramentos que auxiliam a sustentar nossa análise. O piso de argila do edifício não foi detectado no material que compõe os túmulos da Sala Central. Tal fato, conforme afirma A. Ainian,³⁰⁹ provavelmente indica que o piso teria sido cortado para que as covas pudessem ser feitas e, assim, enterramentos seriam posteriores à construção do edifício. Contudo, a autora C. M. Antonaccio chama a atenção para outros dois aspectos do preenchimento das sepulturas que suscitam algumas questões relevantes. Afirma, inicialmente, que as

³⁰⁷ Vide Capítulo 2 sobre a análise das fontes imagéticas.

³⁰⁸ POPHAM, M. R. op. cit., p. 99-101.

³⁰⁹ AINIAN, A. M. *SIMA*. Vol. CXXI, 1997, p. 54.

sepulturas foram feitas no mesmo nível do piso da construção, em uma única cova e portanto, os dois enterramentos (o masculino e o feminino) teriam sido planejados. Todavia, a autora menciona também que o preenchimento das covas é diferente e que, dessa forma, os sepultamentos masculino e feminino teriam sido realizados em momentos distintos; já os cavalos podem ter sido enterrados em qualquer uma das ocasiões.

O fato do preenchimento das covas dos túmulos masculino e feminino ser diferente pode indicar que os enterramentos foram feitos em dois momentos distintos, contudo, não revela qual deles ocorreu primeiro. Esta questão é importante, pois ela nos remete aos usos do edifício após o primeiro enterramento, caso tenham sido realmente realizados em momentos diferentes. Se considerarmos que o homem foi sepultado antes, concomitante com sacrifício dos cavalos e apenas depois o túmulo foi reaberto para abrigar o corpo da mulher, podemos nos indagar: onde a mulher teria vivido durante este intervalo (da morte de seu consorte até a sua)? Na própria residência, transformada agora em local funerário, ou em outro local? Onde teria sido essa local? Caso tenha vivido no edifício Toumba, mesmo depois de abrigar o enterramento masculino, a construção ainda continuou servindo com propósitos domésticos?

Poderíamos pensar ainda em outra hipótese. Caso o homem tenha morrido primeiro e tenha sido cremado e suas cinzas depositadas na urna funerária de bronze, a mulher poderia ter permanecido na residência, guardando as cinzas do “herói”. No momento em que ela morre, os dois são sepultados simultaneamente e o edifício é finalmente transformado em monumento funerário. Quando refletimos sobre a seqüência cronológica dos enterramentos masculino, feminino e dos cavalos, percebemos que a questão torna-se bem mais complexa e as alternativas possíveis são abundantes.

O outro elemento dos enterramentos apontado por C. Antonaccio, entretanto, aponta para uma interpretação totalmente oposta. Ambos os sepultamentos, o masculino e o feminino, estão no mesmo nível e possuem o mesmo fundo. Além disso, há uma clara separação entre as covas dos enterramentos humanos em relação ao túmulo dos cavalos, porém entre os sepultamentos masculino e feminino esta divisão é incerta. A sepultura que contém a cremação masculina e a inumação feminina é formada por uma única cova em L toda revestida com tijolos de barro. Estes dados favoreceriam a hipótese segundo a qual os enterramentos ocorreram ao mesmo tempo, entretanto, isto não significa que a mulher e os cavalos tenham sido, necessariamente, sacrificados.

A. M. Ainian trata sinteticamente sobre este problema, afirmando que os sepultamentos dos cavalos e da mulher teriam sido executados no mesmo momento em que se deu o enterramento das cinzas do “herói”. Isto ocorreria apenas se considerarmos que o casal faleceu simultaneamente, independente das causas que tivessem ocasionado suas mortes, ou ainda se a mulher, assim como os cavalos, tivessem sido sacrificados no momento do enterramento das cinzas do homem, contidas na urna funerária de bronze. Esta alternativa é a mais difundida entre os pesquisadores, todavia comprová-la é uma tarefa bem mais árdua e complicada. Talvez, este problema seja até mesmo insolúvel, pois não há nenhuma publicação dos dados da análise osteológica da mulher, que poderia revelar (ou não) marcas de agressão responsáveis pela sua morte no caso de sacrifício. Mesmo assim, é importante lembrar que esses dados não eliminariam a hipótese de sacrifício da mulher, pois há formas não verificáveis arqueologicamente de sacrifício, como o envenenamento.

A simultaneidade das mortes, além de bastante improvável, também é difícil de encontrar argumentos materiais que a sustente. Mesmo assim, muitos autores preferem aderir à hipótese do sacrifício sem questioná-la, apoiando-se na premissa de que o papel da mulher na sociedade grega teria sido secundário em relação ao do homem. Atualmente, discute-se e questiona-se bastante esta premissa, atribuindo uma maior importância e participação da mulher nas esferas social e cultural.

C. M. Antonaccio, em uma análise inovadora, questiona esta premissa instigando os pesquisadores do mundo grego a refletirem sobre o papel e a influência da mulher durante a Idade do Ferro, principalmente em relação àquela pertencente à camada aristocrática, que gerava guerreiros destacados e “heróis”. A autora enfatiza o fato da mulher ser o indivíduo que está ao lado de todos os objetos valiosos do enterramento, como os peitorais, a adaga, a espada e o anel de ouro e lembra que, em outras comunidades da Idade do Ferro grega (como em Atenas) e da Pré-História europeia, há inúmeros enterramentos femininos com mobiliário funerário rico e associados às inumações de cavalos.³¹⁰ Neste sentido, Antonaccio conclui afirmando que se deve repensar a importância do papel da mulher neste período, assim como também devem ser melhores investigadas as relações das comunidades da “Idade Obscura” com o Oriente e com o passado grego. Neste último caso, através da prática

³¹⁰ ANTONACCIO, C. M. op. cit., p. 33.

ritual funerária, alguns poucos indivíduos teriam se tornado ancestrais, justificando o poder da camada “*guerreira comerciante*” no presente.³¹¹

A hipótese alternativa da autora fundamenta-se, portanto, no fato da mulher estar enterrada com os apetrechos de grande valor simbólico³¹² e na diferença do material de preenchimento das duas covas, a masculina e a feminina. A partir do exame dos objetos que estão enterrados com a mulher, percebemos claramente que podem ser agrupados em dois tipos: instrumentos de batalha, como a adaga e o escudo de ferro e acessórios de toucador, como os pinos de ferro e bronze (provavelmente para vestimentas), o anel de ouro, o colar e o pingente. As armas também estão presentes no enterramento masculino, ao lado da urna funerária de bronze: trata-se de uma espada e a ponta de lança. Tentar interpretá-los como símbolos de supremacia feminina, sem outros documentos que permitam tal associação, é temerário. Os objetos de toucador não aparecem no sepultamento masculino, estão intimamente ligados às atividades femininas e são oferendas comuns em túmulos femininos e infantis de todos os períodos da história da Grécia antiga. Todavia, é interessante lembrarmos que em inúmeras comunidades da Idade do Ferro, os enterramentos femininos, de fato, apresentam um rico mobiliário funerário, constituído por inúmeros tipos e categorias de objetos,³¹³ dado que, a partir de um estudo mais detalhado, poderia sugerir uma reavaliação no papel da mulher nessas sociedades desse período.

Os cavalos constituem, por excelência, um símbolo de poder militar aristocrático masculino, fundamentado nos vestígios arqueológicos encontrados por toda a Grécia durante a Idade do Ferro e principalmente no século VIII a.C.³¹⁴ É importante lembrar ainda que H. W. Catling, em um estudo sobre cenas em vasos micênicos no mundo grego, ressalta a frequência com que representações de cavalos já aparecem associadas a carros de batalhas e a indivíduos do sexo masculino armados com lanças e espadas e portando elmos, assim como nas cenas de *próthesis* e *ekphorá* dos vasos funerários atenienses do século VIII. As cenas com carros de batalha estão presentes inclusive em

³¹¹ Id. *Ibid.*, p. 35.

³¹² Os artefatos são os discos peitorais de ferro, inúmeros pinos de ferro e bronze, dois anéis de ouro, um colar, um pingente e outros fragmentos de jóias em ouro espalhados pelos restos ósseos da mulher no túmulo ao sul, vide Capítulo 4, Catálogo, item **2.2) Metais Associados do Catálogo de Lefkandi**.

³¹³ WHITLEY, J. *SSDAG*, 1991.

³¹⁴ MORRIS, I. *ACH*, 2000, p. 228-38. Id. “Iron Age Greece and the Meanings of ‘Princely Tombs’” *Les Princes de la Protohistoire et L’Émergence de l’État. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples* (1994), Naples, p. 57-80, 1999, especialmente, p. 61-2. Id. “Tomb Cult and the ‘Greek Renaissance’: the Past in the Present in the 8th century B.C.” *Antiquity*. Vol. 62, p. 750-61, 1988, especialmente, p. 753-54. Ver também De POLIGNAC, F. *CTO*, 1995.

dois fragmentos de vasos cerâmicos encontrados no assentamento de Xerópolis em Lefkandi, datados do final da Idade do Bronze.³¹⁵

Isto não significa, entretanto, que a mulher não tenha desempenhado um papel relevante na comunidade, pois foi enterrada junto com seu consorte no interior do edifício. As conclusões de Antonaccio são bastante pertinentes para que futuras pesquisas reflitam e investiguem mais sobre a importância e a participação da mulher na sociedade grega da Idade do Ferro, principalmente em relação àquela representante da elite local nas comunidades que era consorte e mãe de um “herói”.

A partir da análise desses dados e do levantamento dessas questões, podemos apontar para uma segunda conclusão, que está relacionada com as funções do edifício após o enterramento do casal e dos cavalos e a subsequente destruição e preenchimento do edifício Toumba formando o túmulo. Esta função caracteriza-se pela utilização da construção enquanto monumento funerário, para abrigar os restos mortais dos residentes e para a realização de rituais, como libações e possíveis banquetes fúnebres com a execução de sacrifícios.

O estabelecimento do túmulo está diretamente relacionado com a fundação do Cemitério Toumba, no local onde se localizava a entrada do edifício. A presença do túmulo com grandes dimensões marca de forma acentuada não só a existência dos resquícios do edifício embaixo dele, mas também o sepultamento do casal no interior da construção. É apenas neste momento que toda área da Colina é caracterizada como local de enterramentos, o Cemitério Toumba. O autor M. Popham e a pesquisadora C. Antonaccio interpretam o fato da estrutura absidal estar situada junto ao cemitério Toumba como um elemento contrário à identificação do edifício como uma residência, pois acreditam que uma construção com tais funções jamais poderiam ser erguidas numa área dedicada aos mortos.

Todavia, é necessário ressaltarmos um fator aparentemente óbvio e que pode esclarecer esta questão. Segundo os relatórios de M. Popham, L. H. Sackett e P. G. Themelis, nenhuma das sepulturas é datada antes de 925 a.C.³¹⁶ Isto significa que o cemitério não coexistiu com a construção absidal e, portanto, concluir que o edifício

³¹⁵ CATLING H. W. “A Mycenaean Puzzle from Lefkandi in Euboea.” *AJA* Vol. 72, no. 1, p. 41-9, Plates 21-24, 1968.

³¹⁶ POPHAM, M.; SACKETT, L. H.; THEMELIS, P. G. *Lefkandi I. The Iron Age. Text. The Settlement. The Cemeteries. The British School of Archaeology at Athens. Supplementary Volume, no. 11.* Oxford: Thames and Hudson, 1980.

Toumba não pode ter sido uma residência por se encontrar em uma área de cemitério, configura-se uma visão equívoca e anacrônica dos acontecimentos.

Resta-nos discutir um ponto já indicado anteriormente: Quais os motivos que teriam levado os habitantes da comunidade de Lefkandi a destruir e sobrepor o edifício com um túmulo de 4m? O mesmo esforço despendido para a edificação da estrutura absidal foi necessário para a destruição e para o soterramento do mesmo, acrescido ainda pela possível retirada dos grandes vasos que estariam nas covas da Sala Absidal e da suposta mobília que teria sido utilizada pelos ocupantes enquanto o edifício constituía-se como residência. Tal ação, aparentemente drástica e inexplicável para uma construção tão importante (inicialmente a “casa do chefe” e posteriormente o local de seu enterramento), imponente, segura e durável como foi apontado, torna-se mais concreta e inteligível quando refletimos sobre a relação entre o túmulo e a fundação do Cemitério Toumba no local. Comparando as sepulturas da Sala Central com os enterramentos do Cemitério Toumba verificamos inúmeros pontos de semelhança entre eles. A grande maioria dos túmulos do Cemitério também possui mobiliário funerário bastante rico e diversificado, conforme indicado no Catálogo, os sepultamentos são, em sua maioria, cremações masculinas contendo instrumentos de batalha em ferro (espadas, adagas, lanças, escudos e elmos), objetos importados em bronze, em cerâmica, de fabricação local e alguns de origem micênica (**Prancha 13**).³¹⁷

Alguns autores procuram fundamentar suas análises sobre o edifício Toumba em Lefkandi a partir da relação entre os ricos enterramentos da Sala Central com os do Cemitério Toumba, inserindo-os uma problemática maior e extremamente complexa e, de certa maneira, duvidosa, sobre o problema da definição e dos limites entre religião e sociedade durante a Idade do Ferro grega e da formação da *pólis* no século VIII a.C. P. G. Calligas, em um artigo publicado no *Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens*³¹⁸, em 1988, propõe que, durante o intervalo do século X ao IX a.C, Lefkandi vivenciou um período de grande florescimento econômico e político, que denomina de “*O Período Lefkandi*”.³¹⁹ Neste

³¹⁷ Para consultar os dados catalogados dos túmulos do Cemitério Toumba vide: POPHAM, M.; SACKETT, L. H.; THEMELIS, P. G. *Lefkandi I. The Iron Age. Text. The Settlement. The Cemeteries. BSA. Supplementary Volume*, no. 11. Oxford, 1980, p. 109-41. Para uma comparação mais detalhada entre os enterramentos do Cemitério e as sepulturas da Sala Central ver: ANTONACCIO, C. M. “Warriors, Traders, and Ancestors: the ‘Heroes’ of Lefkandi” J. H. Hojte *Image of Ancestors*. 2002, p. 13-42, especialmente p. 22-6; MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. Chicago, 2000, p. 211-56.

³¹⁸ CALLIGAS, Peter. G. “Hero-Cult in Early Iron Age Greece.” R. Hägg; N. Marinatos; G. C. Nordquist (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 229-34.

³¹⁹ Id. *Ibid.*, p. 230.

momento a comunidade de Lefkandi teria presenciado o nascimento de uma nova ordem social estruturada principalmente pelo sistema pastoril, pelo poder patriarcal e pelo estabelecimento de residências permanentes (*oïkos / mégaron*) para os líderes (*basiléis*) dessas pequenas comunidades seminômades. Estas habitações, em geral, configuravam-se como construções absidais de grande porte, não fortificadas. Para Calligas, esses *basiléis* reuniam tanto funções administrativas e militares, sendo destacados guerreiros, quanto religiosas, que eram desenvolvidas em seus próprios *oïkoi*.

“*O Período Lefkandi*” termina por volta de 830-800, quando cessam os enterramentos em todos os cemitérios na comunidade. Este momento marca, de acordo com o pesquisador, uma tendência geral na Grécia em abandonar as velhas estruturas patriarcais não fortificadas e fundar novos assentamentos em sítios fortificados, seja em uma nova acrópole ou reutilizando aquelas do período Micênico. É neste momento também, que se fundam os cemitérios comunitários e se estabelecem locais de culto para uso da comunidade como um todo. Para Calligas, este é o processo que deu origem à *pólis*.

O autor ainda complementa afirmando que a aristocracia teria encabeçado este processo e procurado, por razões políticas e ideológicas, estabelecer vínculos de ancestralidade com aquele passado glorioso, através da prática do “culto heróico”. Dessa forma, para Calligas, é somente no século VIII que podemos identificar evidências do “culto heróico” e isto ocorre paralelamente ao movimento de glorificação do passado heróico, cujas expressões correspondem à “Idade dos Heróis” cantada pelos poemas épicos de Homero, aos feitos da raça dos Heróis no mito das Cinco Raças de Hesíodo e às cenas figuradas da decoração dos vasos funerários atenienses. Calligas conclui que o “*corpo*” da “Idade dos Heróis”, retratado por Homero e Hesíodo, corresponde ao denominado “*Período Lefkandi*”, vale dizer, aos séculos X e IX, enquanto a “*alma*” dela é identificada ao século VIII.³²⁰ Destarte, para Calligas, o edifício Tomba não pode ser considerado um “*Herôon*”. Trata-se apenas de um enterramento honorário a duas pessoas importantes na comunidade de Lefkandi, pois o conceito de “herói” denotando figura de adoração e objeto de culto surge apenas no século VIII, pois durante a Idade do Ferro Antiga, esta noção e sua conseqüente prática eram totalmente estranhas.³²¹

³²⁰ Id. Ibid., p. 233.

³²¹ Id. Ibid., p. 234.

Ian Morris também busca uma interpretação que vai além do estabelecimento do histórico de utilização da estrutura absidal e sua relação com os enterramentos da Sala Central. O autor concorda com a segunda linha interpretativa, porém não se preocupa em discutir os argumentos que o levaram a aceitar tal hipótese.³²² O relevante da análise de Morris sobre Lefkandi, diz respeito a um âmbito maior de estudo inserindo a existência de uma estrutura monumental (que pode ter servido como espaço de culto mesmo por um curto período), os vestígios associados aos enterramentos presentes na Sala Central e também aos sepultamentos do Cemitério Toumba, no contexto sócio-econômico dos séculos XI ao IX a.C. Os fundamentos teórico-metodológicos do autor baseiam-se em uma análise histórico-cultural em Arqueologia que busca integrar microanálises de interações sociais em processos de longa duração, com base nas abordagens de P. Bourdieu, M. Sahlins e A. Guiddens.³²³

É desta forma que Morris interpreta as evidências arqueológicas em Lefkandi, inserido-as em um processo simbólico de reestruturação das relações entre o presente com o passado e entre o presente com o Oriente, processo este vivido pela área que denomina de “Grécia Central”,³²⁴ durante o intervalo entre séculos XI e IX. Essas relações caracterizavam-se, no âmbito econômico, pelo comércio a longa distância com o Egito, Chipre e o Oriente Próximo, principalmente para obtenção de objetos em bronze. No aspecto sócio-cultural, as relações ocorriam entre o presente e o passado e configuravam-se por momentos de afastamento e aproximação ao que os gregos da Idade do Ferro acreditavam ter sido o “mundo micênico”.³²⁵

Segundo Morris, no caso do edifício Toumba em Lefkandi, os habitantes que enterraram o ocupante da residência, sua consorte com seus cavalos e objetos cujo valor simbólico de poder era enorme (como a urna funerária de bronze originária de Chipre, os instrumentos de batalha em ferro, o anel de ouro etc.) proclamavam que o “Big Man” teria ultrapassado a fracassada raça de Ferro para o mundo glorioso dos heróis.³²⁶ Além disso, a deposição da enorme cratera cerâmica marcando os túmulos e servindo como objeto utilizado em rituais funerários, a destruição da construção absidal para a

³²² MORRIS, I. *ACH*, 2000, p. 195-256, ver p. 221.

³²³ Id. *Ibid.*, p. 4-6. P. Bourdieu *Outline of a Theory of Practice*. R. Nice (trad) Cambridge, 1977; A. Giddens *Central Problems in Social Theory*. Cambridge, 1979; M. Sahlins *Islands of History*. Chicago, 1985.

³²⁴ Para a definição do conceito da denominação “Grécia Central” utilizada por I. Morris, ver Capítulo 3, p. 88, nota 199.

³²⁵ Os momentos de aproximação e distanciamento do “mundo micênico” reivindicados pelos gregos da Idade do Ferro nas idéias de I. Morris são apresentados no Capítulo 3.

³²⁶ MORRIS, I. *ACH*, 2000, p. 232.

construção do túmulo e, acima de tudo, a transformação de toda área em cemitério constituem fatos que revelam a utilização do mito das raças de Hesíodo e do culto desse “novo herói” para manter e reforçar o status social e político dos sucessores e consangüíneos do “herói de Lefkandi”, na nova ordem social criada na comunidade durante os séculos XI e IX a.C. Assim, o controle dessa elite mantinha-se intacto. Os ricos enterramentos encontrados no próprio Cemitério Toumba, como os Túmulos 49, 68, 12B e 79, são entendidos por Morris, como as sepulturas daqueles que reivindicavam a descendência do “herói de Lefkandi”.

Nas idéias do autor, o exemplo de Lefkandi é único, singular, pelo fato do “herói de Lefkandi” inaugurar, já no século XI, uma tradição cultural na Grécia que culmina na segunda metade do século IX e na primeira metade do século VIII e encontra seu final no século VII a.C.: a “heroicização”³²⁷. O pesquisador não acredita que a denominação “herói de Lefkandi” seja anacrônica ou ainda incorreta, apesar de argumentar que a estrutura absidal não se trata de um “*Herôon*” propriamente dito, pois não é possível identificar vestígios que comprovem a execução de rituais sistematizados e constantes em homenagem ao “herói”. Todavia, há evidências claras de que o homem cremado e enterrado na estrutura recebeu honras e rituais dignos de um “herói” e seus descendentes o reivindicavam enquanto tal. Para Morris, o simples fato dos pesquisadores Popham e Coulton não terem encontrado vestígios de práticas de culto, seja no interior do edifício Toumba, ou na superfície do túmulo de 4m, não constitui argumento suficiente para negar que tais práticas rituais não tenham ocorrido. O autor lembra que, durante toda a “Idade Obscura”, as evidências que comprovam atividades de culto possuem baixa visibilidade arqueológica³²⁸ e, além disso, os próprios pesquisadores citados mencionam inúmeros problemas na análise estratigráfica do túmulo e da estrutura como um todo devido às atividades de terraplanagem na área. Assim, de acordo com Morris, Lefkandi configura o primeiro exemplo de “heroicização”, definindo o universo mítico-cultural pelo próximo milênio, segundo os interesses sócio-políticos da nova elite aristocrática dominante.³²⁹

³²⁷ Ao conceito de “heroicização” Morris refere-se exatamente ao tipo de “culto heróico” praticado durante a “Idade Obscura”. Ver Capítulo 3.

³²⁸ MORRIS, I., op. cit., p. 236.

³²⁹ Id. Ibid., p. 235.

Ressaltando também as relações entre presente com o passado e presente com o Oriente, C. M. Antonaccio³³⁰ entende as evidências arqueológicas em Lefkandi como uma indicação da importância da identidade feminina e como a realização de rituais funerários com vistas à reivindicação de ancestralidade e ligação com um passado heróico, que é utilizado em momentos de crise para atender aos interesses políticos, sociais e territoriais dos *basiléis* da Idade do Ferro.

A autora não se posiciona a favor nem da primeira nem da segunda linha interpretativa³³¹, mas busca uma interpretação alternativa. Concorde com a afirmação de Popham e Coulton, de que o edifício Toumba teria sido erguido imediatamente após ou até mesmo concomitantemente aos enterramentos da Sala Central, mas acredita que a construção absidal não constituiu um “*Herôon*”. Isto porque o funeral do poderoso *basiléus* marca a fundação do Cemitério Toumba e a delimitação de toda área como um cemitério, principalmente depois do preenchimento da construção pelo túmulo. Antonaccio concorda com Popham que o fato da construção se encontrar numa área de cemitério, também desqualifica a interpretação do edifício com funções sagradas; a construção absidal teria funções de natureza especificamente funerárias.

De acordo com a autora, os *basiléis* da “Idade Obscura”³³² teriam assumido o topo da hierarquia social após a queda do sistema palacial da Idade do Bronze, com o desaparecimento do *wanax*. O poder dos *basiléis* seria fundamentado no consenso, no carisma, nas conquistas individuais e ao mesmo tempo, na coerção, na hereditariedade e nas riquezas obtidas através do comércio à longa distância com o Oriente. Esta situação pode ter gerado comunidades em que não apenas uma única figura individual se destacava como “Big Man”, mas vários deles formavam uma camada dominante com poder político e militar. Esta espécie de heterarquia caracterizava a natureza do poder em Lefkandi e as evidências materiais que comprovam esta conclusão estão na riqueza dos achados dos enterramentos do Cemitério Toumba, especialmente nos Túmulos 49, 55, 68 e 79, seriam os “*guerreiros comerciantes*”,³³³ responsáveis pelo afluxo de bens de prestígio do Oriente para a Grécia.

Antonaccio afirma que tal camada não era exclusiva de Lefkandi; em Creta, Chipre e Atenas também haveria exemplos de cremações de indivíduos masculinos em

³³⁰ ANTONACCIO, C. M. “Warriors, Traders, and Ancestors: the ‘Heroes’ of Lefkandi”. J. H. Hojte (ed.) *Image of Ancestors*. 2002, p. 13-42.

³³¹ Veja p. 141-42.

³³² Id. *Ibid.*, p. 13; 15. O termo aqui é especificado por Antonaccio como “rei”, “chefe”, “líder” ou “Big Man”.

³³³ Id. *Ibid.*, p. 21-22.

associação aos sacrifícios de cavalos e aparato funerário semelhante, como a grande quantidade de objetos importados em bronze, de origem micênica, de instrumentos de batalha em ferro. Estes paralelos indicam que o caso de Lefkandi não é tão singular quanto Morris argumenta e a autora conclui que deve ter existido, durante a Idade do Ferro na Grécia, uma certa tradição cultural que era exteriorizada através dos vestígios materiais as definições simbólicas de uma “*identidade guerreira*”.³³⁴

O edifício Toumba, para a autora, deve ter servido, durante um curto período, para banquetes fúnebres em honra aos indivíduos enterrados no seu interior, onde muito provavelmente devem ter sido desenvolvidas *performances* épicas.³³⁵ Antonaccio utiliza o estudo antropológico de Jane Carter³³⁶ para concluir que em Lefkandi existiu uma espécie de “culto aos ancestrais” e este pode ter originado as práticas rituais do “culto heróico”, com os banquetes, danças, música, sacrifícios e recitação de poesia épica.

A. M. Ainian também entende o edifício Toumba como um espaço doméstico onde teriam ocorrido refeições rituais envolvendo uma determinada camada da comunidade composta apenas pelos “homens bons” (*agathói*) e que possuísem laços sanguíneos com o ocupante da grande residência.³³⁷ Após a morte desse líder, essa camada é enterrada no cemitério na frente do monumento funerário erguido em homenagem ao “chefe”, o túmulo.

Jan Paul Crielaard e J. Driessen³³⁸ também buscam soluções alternativas para definir a natureza funcional do edifício Toumba. Indicam que o edifício teria, originalmente, se constituído em uma residência, porém depois teria sido transformado em um “*Herôon*” propriamente dito. Como C. M. Antonaccio e I. Morris, Crielaard e Driessen ressaltam as relações comerciais entre a Grécia da Idade do Ferro, principalmente a Eubéia, com o Oriente, em particular com a ilha de Chipre. Os autores acreditam que os vestígios arqueológicos encontrados nos enterramentos em Lefkandi e em Chipre denotam a existência de uma relação de reciprocidade comercial de trocas de presentes caracteristicamente homérica entre as duas ilhas.³³⁹ Isto significa, segundo

³³⁴ Id. Ibid., p. 24.

³³⁵ Id. Ibid., p. 30.

³³⁶ Id. Ibid. J. Carter realizou um estudo sobre a instituição denominada *marzeah* no Levante. Trata-se de práticas rituais funerárias realizadas em homenagem aos ancestrais heróicos, em que também ocorrem banquetes e músicas com danças e encenações na própria residência do morto. Carter voltando-se para a Idade do Bronze e a “Idade Obscura” na Grécia concluiu que os cultos funerários podem ter providenciado a oportunidade de difundir as épicas, recitadas oralmente.

³³⁷ AINIAN, A. M. *SMA* CXXI, 1997, p. 51; 55.

³³⁸ CRIELAARD, J. P.; DRIESSEN, J. “The Hero’s Home: some reflections on the building at Toumba, Lefkandi.” *TOIIOI* 4 / 1, p. 251-70, 1994.

³³⁹ Id. Ibid., p. 255.

Crielaard, que membros da elite aristocrática da Eubéia e de Chipre compartilhavam de um mesmo modo de vida e trocavam presentes que eram passados de gerações em gerações, até que se tornavam relíquias estrangeiras. Enterrar um membro dessa elite com um objeto desse significava aumentar seu valor simbólico e, em conseqüência, atribuía status heróico ao indivíduo que era sepultado com ele.

F. de Polignac.³⁴⁰ centra sua análise da definição das funções do edifício Toumba em função da determinação do caráter sagrado ou profano dos espaços.³⁴¹ O processo de delimitação entre o espaço sagrado e profano teria sido, inclusive, um dos principais elementos mediadores das transformações que levaram ao nascimento da *pólis* no final da Idade do Ferro.³⁴² Entre os séculos XI ao IX, no entanto, esta delimitação ainda não estava clara e dessa forma, os limites entre o mundo religioso e o universo profano eram bastante flexíveis³⁴³. O autor afirma que as formas absidais constituem uma das principais formas arquitetônicas que funcionavam tanto como residências (natureza profana), quanto como santuários (natureza sagrada).

O edifício Toumba em Lefkandi teria sido um “*mégaron real*”, onde, segundo o autor, ocorriam refeições rituais compartilhadas pela aristocracia local.³⁴⁴ Esta linhagem aristocrática local teria sido fundada por uma figura destacada, o *basiléus* ocupante da residência que, segundo Polignac, pode ter sido até mesmo o fundador da comunidade de Lefkandi³⁴⁵. Quando este *basiléus* morre, ele é “heroicizado” pelos demais integrantes dessa família dinástica, através da transformação da natureza funcional do espaço absidal: a residência teria servido de abrigo funerário e, logo em seguida, teria sido destruída e transformada em túmulo, enquanto marco fúnebre, um *sêma* em homenagem à memória do *basiléus*.

Entretanto, as evidências arqueológicas associadas ao edifício não constituem, para o autor, fator suficiente para indicar que o “herói de Lefkandi” tenha sido “herói” no sentido religioso do termo, quer dizer; merecedor de reverências rituais constantes e sistemáticas que definissem um culto comum, mobilizando a maioria da comunidade. Segundo Polignac, caso as práticas rituais tenham realmente existido, foram executadas apenas por um curto período e foram desenvolvidas por um número restrito de pessoas,

³⁴⁰ De POLIGNAC, F. *CTO*, 1995.

³⁴¹ Id. *Ibid.*, p. 16-20.

³⁴² Id. *Ibid.*, p. 15-6; 20-1.

³⁴³ Id. *Ibid.*, p. 18.

³⁴⁴ Id. *Ibid.*, p. 134.

³⁴⁵ Id. *Ibid.*, p. 136.

uma pequena fração da sociedade: o grupo aristocrático ou simplesmente os descendentes do morto.³⁴⁶

Este grupo aristocrático era essencialmente guerreiro e se organizava sob a liderança dos *basiléis* da “Idade Obscura”. Os *basiléis* por sua vez, são entendidos por Polignac, como líderes militares e políticos dos *oikoi*, cuja base de poder se encontrava na autonomia, na competitividade, na dependência de seus *primi inter pares*, na quantidade de riquezas e na troca de presentes. Estes dois últimos elementos estão associados diretamente às expedições navais e ao comércio a longa distância³⁴⁷. Durante a “Idade Obscura”, esses *basiléis* buscaram identificar-se como “príncipes”, herdeiros de um passado micênico distante. Dessa forma, teriam sido enterrados com “reliquias” micênicas (objetos de origem micênica) e objetos antigos em bronze importados do Oriente, como ocorre nos enterramentos do edifício e do Cemitério Toumba. Polignac ressalta que “heroicizar” um *basiléus* significava dar os primeiros passos para a separação do espaço sagrado em relação ao espaço profano.

As premissas de A. M. Ainian, C. M. Antonaccio e F. de Polignac em relação aos ricos enterramentos do Cemitério Toumba atestando a existência de uma camada guerreira, cujo poder não se restringia ao âmbito militar, mas era exercido também nas esferas social, político e muito, provavelmente, religiosa na comunidade de Lefkandi é bastante plausível e provável. Enterrados ao lado do local onde estava sepultado seu “chefe”, esses guerreiros reivindicavam laços legítimos ou inventados que os conectassem ao líder promovendo a consolidação e a manutenção dessa camada no domínio da comunidade. Dessa maneira, a localização do Cemitério Toumba também deve ter sido um ato proposital. Esta escolha deve ter ocasionado a reestruturação das funções do edifício Toumba, transformado em um grande marco funerário, a fim de servir aos novos propósitos de toda a colina: um cemitério onde se enterrariam os guerreiros destacados da comunidade. Todavia, seria necessário também um exame mais detalhado dos enterramentos do próprio Cemitério Toumba e dos demais cemitérios de Lefkandi, análise esta que requereria um tempo maior de pesquisa, indisponível para os objetivos do presente pesquisa de mestrado.

C) *Asine*. (Pranchas 30-40)

³⁴⁶ Id. Ibid.

³⁴⁷ Id. Ibid., p. 7.

O primeiro dado que nos chama a atenção no Catálogo de Asine, diz respeito ao Edifício C, caracterizado pela ausência de divisões internas. Conforme examinamos até o momento, todas as estruturas absidais em Thermos e em Lefkandi possuem divisões internas bastante simples ou, no caso do edifício Toumba, relativamente complexa. A área da trincheira, estabelecida pelos pesquisadores nas campanhas de escavações principalmente do Lote Karmaniola em Asine, proporcionou poucos dados sobre a entrada do edifício, provavelmente aberta, e sobre a continuação da parede para o extremo sudoeste.³⁴⁸ Isto nos leva a crer que futuros trabalhos de campo talvez permitissem o levantamento de informações relevantes e mais seguras para o entendimento da própria configuração arquitetônica e ainda das prováveis funções do edifício. Entretanto, a partir da análise dos dados apresentados no Catálogo de Asine, podemos levantar alguns pontos de reflexão sobre a caracterização das funções dos três edifícios absidais estudados, datados da Idade do Ferro: o Edifício C, o Edifício D no Lote Karmaniola e o Edifício S no Lote Kapsorakhis.

S. Dietz classifica as duas estruturas absidais do Lote Karmaniola em Asine, o Edifício C e o D (**Prancha 32**), como residências pertencentes respectivamente ao final do Protogeométrico e do Geométrico Médio, segundo a cronologia correspondente à região da Argólida³⁴⁹. Conforme já apontamos no Catálogo, os pesquisadores que escavaram o Edifício C, o consideraram como duas construções distintas e erguidas em momentos distintos. A análise de Dietz é breve e se fundamenta na comparação com casas absidais em outras localidades, como Nicória, Lefkandi, Erétria, Peracora, Elêusis, nas ilhas do Egeu, como Lesbos, Danousa etc. Além disso, o autor afirma que há uma grande quantidade de residências absidais encontradas nos demais lotes na própria comunidade de Asine e datadas desde o Período Micênico.³⁵⁰

Para o autor, as estruturas absidais em Asine, distintamente da grande maioria das descobertas nos outros assentamentos da Idade do Ferro, possuem apenas uma série de postes na linha axial da construção para sustentação do telhado; é raro o caso nesta comunidade em que as paredes também apresentam postes de madeira nas faces interna e externa para auxiliar e reforçar a sustentação do telhado. Este fato, segundo Dietz pode ter ocasionado uma certa fragilidade nas construções absidais e teria provocado a

³⁴⁸ DIETZ, S. *Asine II. Fasc. 1*. Stockholm, 1982, p. 22-5. WELLS, B. *Asine II. Fasc. 4. Part 2*. Stockholm, 1983, p. 25-30.

³⁴⁹ Vide quadro cronológico, no Capítulo 1, p. 13.

³⁵⁰ DIETZ, S. *Asine II. Fasc. 1*. Stockholm, 1982, p. 54-55.

construção de uma outra fundação contígua mais interna, como uma nova parede de sustentação do edifício.³⁵¹

Dietz não se preocupa em discutir as funções da estrutura, porém a partir da comparação das estruturas arquitetônicas absidais datadas do período Heládico Tardio, Submicênico e do Geométrico Tardio em Asine, conclui que as paredes das residências absidais vão se tornando maiores, mais alongadas, a da abside com uma curvatura mais acentuada e a entrada cada vez mais larga, como é o caso do Edifício D (**Prancha 37A**), um pouco posterior em relação ao Edifício C. Todavia, o autor afirma que há também uma transformação na utilização desse tipo de construção; no início da Idade do Ferro funcionam como residências de líderes da comunidade de Asine e no Geométrico Tardio, são transformadas em “templos”.³⁵² Assim, a mudança de função explica o aumento do tamanho dessas edificações.

B. Wells concorda com Dietz nos relatórios de escavações, indicando que o Edifício C abrange duas construções absidais distintas. Contudo, Wells associa a presença dos enterramentos nas proximidades do edifício e principalmente a presença da “área sacrificial” com o *pithos* (**Pranchas 36, 38**) às possíveis funções do Edifício C. Wells sugere que a execução de sacrifícios, libações e refeições sagradas teriam ocorrido na “área sacrificial” configurando atividades rituais realizadas durante uma espécie de “culto aos mortos”. Dessa forma, o autor sugere que tais atividades podem ter atribuído funções especiais para a residência no período de utilização em que, provavelmente, teria sido a “casa do chefe”.³⁵³

A. M. Ainian discorda dos dois pesquisadores mencionados, argumentando que o Edifício C no Lote Karmaniola constitui uma única construção; a “parede” mais interna corresponde, segundo o autor, à construção de uma bancada de pedras (**Prancha 34**), prática usual em casas em todo o mundo grego durante a Idade do Ferro.³⁵⁴ Atualmente, esta mesma posição é adotada por S. Dietz³⁵⁵, porém B. Wells, em um artigo mais recente, apresenta alguns argumentos contra a interpretação do Edifício C como um único prédio com a presença de uma bancada interna³⁵⁶:

³⁵¹ Id. *Ibid.*, p. 56.

³⁵² Id. *Ibid.*, p. 57.

³⁵³ WELLS, B. *Asine II. Fasc. 4. Part 2*. Stockholm, 1983, p. 27-30.

³⁵⁴ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI* (1997), p. 68-72, especialmente p. 69. Id. *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, p. 15-8. Id. *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 114; 116.

³⁵⁵ Id. *Ibid.*, p. 69, nota 239.

³⁵⁶ WELLS, B. “Early Greek Building Sacrifices” *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 259-266, especialmente p. 265-66.

- 1) O fato de não haver resquícios da continuação da parede (cuja técnica usual seria a utilização de tijolos de barro), não significa, necessariamente, que a fundação de pedra não teria sido a base de uma parede. Wells acredita que, com uma possível destruição posterior do edifício, os tijolos de barro podem não ter deixado vestígios.
- 2) A presença de postes na face interna da parede mais externa indica, para Wells, a impossibilidade de construção de uma bancada. A este fator soma-se a existência de uma falha entre as duas fundações do Edifício C, falha esta que, não estaria presente caso a fundação de pedras mais interna fosse realmente uma bancada.
- 3) A fundação de pedra mais interna é muito larga para a constituição de uma bancada. Wells afirma que as bancadas usuais da Idade do Ferro não eram tão largas.
- 4) As fundações de pedra são muito comuns durante a Idade do Ferro para se erguer paredes das construções em geral, sejam residências ou espaços sagrados. Contudo, neste período não há registros materiais freqüentes que atestem a presença de bancadas nos edifícios residenciais.

Ainian discorda dos argumentos utilizados por Wells, contrapondo que:³⁵⁷

- 1) Mesmo no caso de conflagrações, é possível identificar algum resquício do restante da parede de tijolos de barro, como no caso da destruição do “*Herôon*” em Lefkandi.
- 2) Os postes de sustentação na face interna da parede mais externa do edifício não impossibilitariam a construção da bancada, aliás, este fato explica, segundo Ainian, a existência da falha entre as fundações.
- 3) Em vários edifícios de outros sítios arqueológicos do mesmo período, há evidências concretas de bancadas (inclusive de pedras), cujas espessuras possuem as mesmas medidas ou são, até mesmo, maiores do que estas encontradas em Asine, por exemplo nas casas do Geométrico em Erétria, em Zagora, em Lathouriza, Himetos, Délos e um edifício de culto em Tourkivinea. Essas evidências já invalidam, segundo Ainian, o último argumento apresentado por B. Wells.

³⁵⁷ AINIAN, A. M. op. cit., p. 69.

Podemos notar, que o período de utilização do Edifício C, independente do fato das fundações de pedras constituírem duas paredes erguidas em momentos distintos, está bem estabelecido durante o século X e, provavelmente, o início do IX a.C., momento em que se deu a destruição do Edifício C, a construção do Edifício D e da estrutura circular de pedras **74F** em cima do Edifício C (**Pranchas 32 e 36**). A hipótese de B. Wells indicando que a fundação mais interna do Edifício C constitui uma outra parede erguida para compensar uma certa fragilidade da construção absidal, torna-se bastante improvável caso as covas encontradas entre as duas fundações correspondam justamente à presença de postes internos de sustentação, conforme o próprio Wells e S. Dietz afirmam nos relatórios de escavações.³⁵⁸ O edifício não teria sido uma estrutura arquitetonicamente frágil, pois suas fundações de pedra são bastante espessas, a construção apresenta postes de sustentação ao longo da face interna da parede mais externa e, ainda, postes ao longo da linha axial identificados pela presença de covas no centro da estrutura.

Além disso, as duas fundações de pedra estão situadas no mesmo nível estratigráfico e, durante a etapa de campo, apenas um piso foi detectado. Estes dados reforçam a premissa de Ainian, indicando que as duas fundações do Edifício C corresponderiam a uma única construção. Dessa forma, a teoria da bancada de A. M. Ainian para a fundação mais interna constitui uma explicação mais viável, fundamentadas em bases arqueológicas, inclusive em outras localidades do mundo grego na Idade do Ferro, conforme foi apontado nos argumentos apresentados pelo autor nos parágrafos acima.

Outro vestígio que pode auxiliar a hipótese da unicidade do edifício é o vaso cerâmico encontrado abaixo da construção na abside, datado por volta de 1050/1000 a.C. S. Dietz não apresenta argumentos seguros que sustentem a premissa segundo a qual o vaso constituiria o *terminus post quem* apenas da parede de pedras mais externa.³⁵⁹ Exatamente devido ao fato das duas bases estarem alinhadas no mesmo nível estratigráfico, o vaso pode, muito provavelmente, ser utilizado como o *terminus post quem* das duas fundações.

Continuando a análise dos vestígios internos, percebemos no catálogo que há a indicação de uma possível lareira constituída de tijolos de barro situada próxima à

³⁵⁸ DIETZ, S. Ibid., p. 32-3; 43-51, especialmente 45.

³⁵⁹ DIETZ, S. op. cit., p. 49, fig. 48.

entrada do edifício. Ainian sugere que tal dado proporciona a identificação do local, originalmente, como uma residência, apesar da ausência de divisões internas.³⁶⁰ Para fundamentar sua interpretação, o autor busca relacionar o Edifício C com os túmulos e com a “estrutura sacrificial” presentes nas proximidades do mesmo (**Prancha 36**). Ainian chama a atenção para o fato de que essas estruturas também se encontram na mesma camada estratigráfica que as bases da fundação do Edifício C e o *píthos* da “área sacrificial” apresenta um conteúdo cerâmico também datado do Protogeométrico. Para o autor, a presença dos túmulos e, principalmente, da “área sacrificial”, revelam a execução de práticas rituais na área externa do edifício, mas estas teriam sido executadas simultaneamente ao período de ocupação residencial da construção.

Ainian conclui que o Edifício C deve ter sido certamente a residência de um líder, um *basiléus* destacado na comunidade de Asine no início da Idade do Ferro, onde eram realizadas refeições rituais, associando o espaço interno ao espaço externo da casa, na área sacrificial. A presença de atividades rituais indica que a construção pode ter sido utilizada para eventos comunais, restritos à camada aristocrática. Os túmulos ao redor da edificação podem estar associados aos descendentes e familiares desse “chefe” e o pesquisador ainda afirma que os rituais praticados na área do *píthos* também podem ter sido em homenagem aos indivíduos enterrados nos túmulos, caracterizando uma espécie de “culto aos mortos”, ou cultos ctônios às divindades subterrâneas,³⁶¹ devido à quantidade de ossos animais queimados e em especial ossos de cachorro.³⁶²

Ainian afirma que, quando se deu a destruição do Edifício, por volta do início do século IX, foi erguida a estrutura circular de pedras em cima da construção (**Pranchas 32, 36 – estrutura 74F**). Esta estrutura, cujo conteúdo é formado apenas por vestígios cerâmicos, teria sido um local onde se realizariam rituais, como as libações, caracterizados como um “culto aos ancestrais” ou, até mesmo, como um “culto heróico”, em honra dos indivíduos que teriam vivido no edifício e cujos familiares teriam sido enterrados em suas vizinhanças. Este culto, teria sido estabelecido já no início do Geométrico Tardio, momento em que tal tipo de prática ritual difunde-se.

Essas premissas levantadas por Ainian, entretanto, são questionáveis. De um lado, a presença da lareira constitui um dado bastante incerto, pois S. Dietz apenas menciona a existência de uma estrutura circular interna próxima à entrada do Edifício C,

³⁶⁰ Id. op. cit., p. 16.

³⁶¹ Id. “Reflections on Hero Cults in Early Iron Age Greece” R. Hägg (ed.) *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, p. 9-36, ver p. 18.

³⁶² Ver nota 305 acima.

mas não há qualquer descrição mais detalhada da composição e do conteúdo dessa suposta lareira e nem qualquer registro gráfico ou fotográfico da mesma. Em relação à estrutura **74F**, de outro lado, S. Dietz e B. Well ressaltam o fato da estrutura não apresentar evidências materiais seguras de execução de práticas rituais, contudo Wells acredita que possam ter sido realizadas libações no local.³⁶³

R. Hägg, a partir de um estudo das estruturas circulares de pedras utilizadas durante a Idade do Ferro em Asine,³⁶⁴ sugere que a estrutura circular de pedras **74F** (**Pranchas 32, 36**) não estaria localizada em cima do grande Edifício absidal C por acaso. A estrutura circular revelaria que a construção deve ter servido como a “casa do chefe”, onde também se realizavam rituais religiosos durante o momento de uso residencial sob a direção do ocupante. Hägg argumenta que a estrutura **74F** certamente não constitui uma sepultura ou uma lareira, pois continha apenas terra, seixos e alguns fragmentos cerâmicos, isto quer dizer que ela pode muito bem ter sido utilizada para práticas rituais em homenagem aos ancestrais que viveram no Edifício C. O autor conclui que tais estruturas circulares de pedras, bastante comuns em Asine³⁶⁵ estão diretamente associadas a banquetes rituais, envolvendo comida, bebida e libações em honra aos mortos.

Todavia, conforme já foi apontado, não foram indicados quaisquer elementos nos relatórios de escavações, que pudessem indicar o estabelecimento de atividades rituais configurando um “culto aos ancestrais” ou, muito menos, “culto heróico”, realizadas na plataforma circular. A estrutura **74F** erguida em cima dos restos do Edifício C pode até estar relacionada com a existência e a importância desta estrutura, porém seu período de utilização coincide com a construção e o uso do Edifício D, durante o início do Geométrico Tardio.

Já a “área sacrificial” formada pelo grande *píthos* a nordeste do edifício pode estar seguramente relacionada com o momento de utilização do Edifício C, pois apresenta vestígios datados também entre os séculos XI e IX a.C. Devido aos resquícios de ossos animais encontrados no interior do vaso, podemos concluir que esta área deve ter sido utilizada como local onde eram executados sacrifícios e práticas rituais em

³⁶³ DIETZ, S. op. cit., p. 53-7 e WELLS, B. op. cit., 1988, p. 265. Id. Op. cit., 1983, p. 89-90.

³⁶⁴ HÄGG, R. “Funerary Meals in the Geometric Necropolis at Asine?” *The Greek Renaissance*. 1983, p. 189-194.

³⁶⁵ Hägg analisa outras estruturas semelhantes na colina Barbouna e no Lote Kapsorakhis (a área pavimentada **R** com as duas estruturas circulares de pedras, **A77.251** e **A77.253**) as quais podem ter servido para o mesmo propósito. O autor também compara com estruturas circulares em Tróia e em Nicória, que certamente estão relacionadas com “culto aos ancestrais”. Id. *Ibid.*, p. 189-190; 191; 192.

homenagem aos mortos, provavelmente àqueles enterrados nas proximidades (túmulos datados do mesmo período que o Edifício C) (**Prancha 36**).

Isto significa que a relação entre o edifício, os enterramentos e o *píthos* pode estar bem estabelecida, contudo não revela de forma segura que a construção foi utilizada como “residência do chefe”, conforme reivindica Ainian e Hägg. À ausência de divisões internas e outros elementos que auxiliem a identificação da construção como um espaço doméstico, soma-se à ausência do enterramento do “chefe” nas proximidades, a não ser que este esteja simbolicamente representado através dos demais enterramentos. Todavia, a cerâmica classificada como “utilitária” encontrada no interior do Edifício C, associada à presença da bancada, pode indicar que o espaço era utilizado tanto para fins profanos (domésticos), como para refeições rituais que incluíam danças e cantos e eram complementadas pelos sacrifícios realizados na área externa da construção, no *píthos*, em homenagem aos mortos enterrados nas proximidades.

Examinando os dados do Edifício D, notamos que sua configuração arquitetônica pode se ter apresentado, no mínimo, como uma construção tripartite e, provavelmente, a continuação das paredes para a entrada do edifício não são alargadas, mas retas, segundo a reconstituição de Ainian (**Prancha 37B**), pois não há elementos nas fundações de pedras da parede leste e nem no pequeno trecho da parede oeste que indique o alargamento proposto por Dietz e Wells. Os vestígios cerâmicos encontrados no interior do edifício são classificados por Dietz e Wells, como “utilitários”. Esse dado leva os dois autores e também A. M. Ainian a interpretarem o Edifício D como a “residência do chefe”, porém indicam que não há estruturas de culto associadas à residência.

É interessante notar, entretanto, que a função do Edifício D ainda constitui uma questão incerta, pois os dados arqueológicos associados ao edifício não sustentam a teoria de execução de práticas rituais nem dentro e nem fora da construção. Apesar das considerações de R. Hägg, a estrutura circular **74F** não apresenta evidências seguras de culto e as possíveis divisões do Edifício D, provavelmente indicam que a construção deve ter sido uma residência de grandes proporções. Contudo, não há nenhum outro vestígio material associado à edificação que possa assegurar a prática de rituais no interior da construção e, muito menos, qual a natureza dessa prática.

Ainian sugere ainda uma outra interpretação para a estrutura circular, afirmando que ela pode ter servido para fins rituais ou profanos associados ao Edifício D, o qual pertence ao mesmo nível estratigráfico do pavimento circular **74F**. A construção absidal

D data do final do Geométrico Médio e início do Geométrico Tardio, sendo um pouco posterior ou coevo à destruição do Edifício C. O Edifício D está em cima dos enterramentos e ao lado dos vestígios do Edifício C. Seja “residência do chefe” ou espaço sagrado, sua localização deve ter sido relevante e este fato atribui uma certa importância ao antigo Edifício C.

No que diz respeito ao Edifício absidal S, no Lote Kapsorakhis, Ainian interpreta como mais um exemplo de um espaço de “culto heróico” ou aos “mortos recentes” durante um certo período, devido à presença de uma enorme quantidade de vasos cerâmicos no interior da abside, dos enterramentos (**Prancha 33 – B54**, especialmente, pois se trata de uma cremação e do túmulo **B51.53**, contendo duas inumações) próximos ao edifício e à presença das estruturas retangulares **O**, **P** e **Q** e das estruturas circulares de pedras **R**, situadas na área a oeste do Edifício S (**Prancha 33**). Estas estruturas, para Ainian, indicam práticas rituais em homenagem aos mortos dos túmulos **B54** e **B51.53**. Todavia, o autor não exclui a idéia de que o edifício possa ter sido, originalmente, uma residência, onde se realizavam também banquetes rituais entre os membros da “elite” desse lote de Asine e outros tipos de “culto” (por exemplo, “culto aos ancestrais”), desenvolvidos na área externa da construção, nas estruturas retangulares **O**, **P** e **Q** e na área pavimentada **R**.³⁶⁶

R. Hägg também analisa a estrutura circular de pedras pavimentada (estrutura **R**), associada a duas outras estruturas semelhantes no Lote Kapsorakhis, a **A77.251** e a **A77.253 (Prancha 33)**, a oeste do Edifício S. As três teriam sido utilizadas, segundo o autor, para execução de “culto aos ancestrais / mortos” e estariam relacionadas com o Edifício S. O autor acrescenta que as três estruturas quadradas **O**, **P** e **Q**, com os fragmentos ósseos animais, também integraram cerimônias rituais aos mortos dos túmulos **B54** e **B51.53**. Na opinião de Hägg, o Edifício S pode ter tido apenas funções religiosas, pois o conteúdo da abside, constituído por uma enorme quantidade de vasos cerâmicos, assemelha-se mais a objetos votivos do que domésticos.³⁶⁷

Todavia, é interessante notar que Hägg estabelece uma importante distinção entre este tipo de estrutura circular e um verdadeiro *bóthros*, que pode ser formado também por um cercamento circular de pedras ou ainda por algum vaso cerâmico de grandes proporções sem o fundo, como o *píthos* a nordeste do Edifício C. O *bóthros*,

³⁶⁶ AINIAN, A. M. *SIMA* CXXI (1997), p. 71-2.

³⁶⁷ HÄGG, R. “Funerary Meals in the Geometric Necropolis at Asine?” *The Greek Renaissance*. 1983, p. 189-194, especialmente, p. 193.

segundo Hägg, na grande maioria das ocorrências, contém ossos e cinzas de animais, fragmentos de vasos cerâmicos utilizados para libações, armazenamento e cozimento de alimentos. Nestes casos, o local constituiria uma “área sacrificial”, conforme interpretam S. Dietz, B. Wells e A. M. Ainian, e estão associados aos cultos ctônios, seja em homenagem aos mortos, a heróis ou às divindades do mundo subterrâneo.³⁶⁸

Podemos ressaltar que estruturas de pedras **O**, **P** e **Q** (**Prancha 33**) contendo ossos de animais no interior e o pavimento **R** formado por duas estruturas circulares de pedras; **A77.253** e **A77.251**, estão situados próximos aos dois túmulos, o **B54** e o **B51.53**, e no mesmo nível estratigráfico, datados do mesmo momento. Esses dados, provavelmente indicam de uma forma mais segura, as premissas de Hägg e Ainian, configurando-os como locais onde teriam sido realizadas práticas rituais funerárias.

Edifício absidal S, ao lado leste desse conjunto de estruturas, também deve estar conectado a elas, principalmente pelo fato de apresentar uma imensa quantidade de vasos em seu interior concentrados na área da abside, incluindo vasos em miniatura. A configuração desses vestígios, de fato, assemelha-se mais a oferendas votivas do que a vasos “utilitários” com funções puramente domésticas, conforme argumenta Hägg. Podemos inferir, dessa forma, que o Edifício S deve ter servido durante um certo período como espaço sagrado e tais atividades religiosas podem estar relacionadas à execução das práticas rituais funerárias na área externa. Todavia, a fundação de um “culto aos mortos” e, sobretudo, “culto heróico” é bastante duvidosa e incerta; da mesma maneira, concluir que o edifício deve ter tido uma função doméstica anterior, enquanto “residência do chefe”, constitui uma hipótese difícil de ser confirmada.

D) *Erétria*. (**Pranchas 41-47**)

As estruturas absidais (os Edifícios A e D), na área do santuário de Apolo em *Erétria*, discriminadas no catálogo foram investigadas, principalmente, por Claude Bérard.³⁶⁹ A partir de um primeiro exame dos dados do Edifício A, constatamos um fato relevante para a análise do conjunto das estruturas da Idade do Ferro pesquisadas no

³⁶⁸ Id. *Ibid.*, p. 194.

³⁶⁹ BÉRARD, C. “ERETRIA 1969-1970. Architecture Érétrienne et Mythologie Délyphique” *AntK* 14 (1971), p. 59-73. Id. “Note sur la Fouille au Sud de L’Hérôon” *AntK* 17 (1974), p. 74-9. Id. *Erétria III. Fouilles et Recherches. L’Hérôon à la Porte de L’Ouest*. Berne, 1970. Id.; ALTHERR-CHARON, A. “Erétria. L’organisation de L’espace et la Formation d’une Cité Grecque” A. Schnapp (org.) *L’Archéologie Aujourd’hui*. Paris, 1981, p. 229-49. Id. “Le Sceptre du Prince” *MusHelv* 29 (1972), p. 219-27. Id. “Récupérer la Mort du Prince: Héroïsation et la Formation de la Cité” J.-P. Vernant; G. Gnoli *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge, London, Paris, 1982, p. 89-105.

sítio de Erétria (os Edifícios A e D, as sepulturas do Proto e Geométrico ao norte dos limites do santuário de Apolo, os enterramentos do “Portão Oeste”, a construção triangular e a estrutura F – *bóthros* e altar): a ausência de vestígios materiais, que possam estar associados ao edifício. Isto dificulta o estabelecimento de uma data mais precisa para a construção do Edifício A.

A análise estratigráfica das suas fundações, apresentada por C. Bérard nos relatórios de escavação, indica a adoção de datas bastante abrangentes para este evento, pois a datação apresentada pelo autor é muito ampla; desde o século IX até o início do século VIII a.C. A única estrutura interna presente no edifício é a provável lareira, que é datada do Geométrico Médio.³⁷⁰ Estas indicações do pesquisador, fazem com que os autores que analisaram a estrutura apontem datações bastante divergentes para a construção do Edifício A.

Para Bérard, a construção é datada do primeiro quarto do século VIII, sendo abandonado ainda no final desse mesmo século. A. M. Ainian recua a data para a metade do século IX, por volta de 850 e concorda com Bérard, afirmando que o edifício teria existido até o final do século VIII. Apesar dessa divergência temporal, verificaremos mais adiante que ela não interfere de modo essencial no levantamento das prováveis funções do Edifício A. No momento, deixemos essa discussão de lado.

O Edifício A possui características bastante relevantes que constituem um elemento excepcional quando comparadas aos demais edifícios absidais da Idade do Ferro encontrados no próprio sítio de Erétria³⁷¹ e também às demais estruturas examinadas até então, em Thermos, Lefkandi, principalmente.³⁷² A construção é relativamente pequena e não possui divisões internas. Todavia, apresenta um aspecto semelhante às construções de grande porte, monumentais: a série de postes ao longo das duas faces das paredes, interna e externa (**Prancha 46A e B**).

Ainian ressalta que utilizar tal técnica, não usual para uma estrutura absidal de dimensões relativamente pequenas, só pode ser explicado de duas formas: ou devido à natureza instável do solo ou, muito mais provável, devido à altura excessiva das paredes, fato que teria dado a impressão visual de monumentalidade.³⁷³ Podemos

³⁷⁰ Ver a Cronologia estabelecida para a região da Eubéia no Capítulo 1, p. 13. C. Bérard concorda com a referência cronológica indicada por Snodgrass para o sítio de Erétria, contudo prefere datar a construção do Edifício A já no final do Geométrico Médio, início do século VIII a.C., apesar de não apresentar bases arqueológicas seguras que comprovem a realização deste evento em tal data.

³⁷¹ AINIAN, A. M. *AntK* 30 (1987), p. 3-24, especialmente p. 4-10.

³⁷² Id. “Eretria. 1969-1970” *AntK* 14 (1971), p. 59-73, especialmente p. 59-61.

³⁷³ Id. *SIMA* CXXI (1997), p. 59.

concluir inicialmente que os postes poderiam servir para sustentação do edifício, caso as paredes fossem muito altas. Isto indica que, apesar de diminuto, o edifício era imponente visualmente.

Bérard interpreta essa monumentalidade como um argumento que auxilia a classificá-lo um “templo”.³⁷⁴ O autor ressalta que o Edifício A, ou por ele denominado *Daphnephoreion*, constitui um verdadeiro marco na problemática da delimitação do espaço sagrado em relação ao espaço profano e da formação da cidade-Estado grega. Bérard relata que próximo ao Edifício A foi encontrada uma inscrição em rocha, sem datação específica contendo o epíteto *Daphnéphoros*.³⁷⁵ Bérard associa a inscrição a uma passagem do Hino Homérico (v. 220-221) em que Apolo tinha como tarefa construir seu primeiro templo em Delfos com a madeira da árvore sagrada (o loureiro) do vale de Tempê, na Tessália. O itinerário de Apolo no retorno a Delfos passava por uma cidade na Eubéia, situada na Planície Lelantina, entretanto o nome da cidade não é discriminado no poema. O autor entende que a comunidade de Erétria, para competir com Delfos, construiu uma reprodução fiel do templo de Apolo em Delfos e dessa forma, o Edifício A em Erétria poderia ser considerado um dos primeiros templos em homenagem a Apolo *Daphnéphoros*.

Ainian diverge das conclusões de Bérard indicando que, não necessariamente, o caráter monumental do edifício constitui um argumento seguro para caracterizá-lo como um templo.³⁷⁶ Podemos complementar notando que a associação entre a inscrição encontrada por Bérard e o edifício é questionável. Apesar da referência literária sobre um possível templo de Apolo em alguma cidade na Eubéia, não há outros elementos materiais que proporcionem uma datação para a inscrição e, principalmente, devido à ausência de possíveis oferendas votivas no interior da construção, não podemos utilizar a Arqueologia para ilustrar o documento textual.

Ainian procura ressaltar a relação entre o Edifício A com outras construções contemporâneas na comunidade de Erétria, argumentando que os pequenos edifícios absidais com pátio ao seu redor, localizados em quarteirões residenciais, são bastante comuns.³⁷⁷ Além disso, Ainian também relaciona o Edifício A com o Edifício D,

³⁷⁴ Id. “Eretria. 1969-1970. Architecture Érétrienne et Mythologie Délphique” *AntK* 14 (1971), p. 59-73.

³⁷⁵ Id. *Ibid.*, p. 70. Id. “Érétrie. L’Organisation de l’Espace et la Formation d’une Cité Grecque.” A. Schnapp (org.) *L’Archéologie Aujourd’hui*. Paris, 1981, p. 229-49, especialmente p. 239. Do grego, δάφνης (*dáfnēs*): loureiro.

³⁷⁶ AINIAN, A. M. *SIMA CXXI* (1997). Id. *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, p. 17; 20-1; 25. Id. *Early Greek Cult Practice*. Stockholm, 1988, p. 111-12.

³⁷⁷ Id. “Geometric Eretria” *AntK* 30 (1987), p. 3-24, especialmente p. 4-10.

indicando que o primeiro foi preservado quando se deu a edificação do segundo. Dessa forma, ambas construções devem ter coexistido durante um certo período e as funções do Edifício A devem ter mudado de caráter.

A datação atribuída à construção do Edifício D está estabelecida na segunda metade do século VIII, por volta de 740-720 a.C. A interpretação de Ainian atribuída ao Templo D não destoa em relação àquela defendida por C. Bérard: como um templo de grandes dimensões dedicado a Apolo *Daphnéphoros*, erguido ainda durante o século VIII. Ambos argumentam que a presença de oferendas de cerâmica e bronze, como o cavalo do norte da Síria e o antolho com a inscrição em aramaico (**Prancha 47**), evidencia a função da construção como um espaço sagrado. Inscrições posteriores neste local, demonstram que o Templo D se constitui em um dos primeiros, numa série de três, templos monumentais consecutivos em homenagem ao deus Apolo dentro da área do santuário. Dessa maneira, Ainian conclui que esta área do santuário de Apolo foi sendo transformada; de um centro profano importante (local onde residiam os líderes), foi se expandindo e adquirindo funções especificamente religiosas (local de culto ao deus).

Caracterizado como um dos primeiros templos *hekatopedon*³⁷⁸ e em homenagem a Apolo na cidade de Erétria, essa estrutura absidal é posterior ao Edifício A e ambas as construções foram erguidas sobre edifícios bastante antigos, datados do Período Micênico. É interessante notar que, no final do século VIII, toda a área é considerada um santuário em homenagem ao deus Apolo e, no início do Período Arcaico, o estabelecimento da ágora arcaica se dá a apenas 150m ao sul do local.³⁷⁹ Contudo, não é só a área do santuário de Apolo que fica próxima ao centro de desenvolvimento urbano (a *asty*) da *pólis* arcaica de Erétria, mas também duas outras estruturas também expostas no catálogo: a estrutura F (**Prancha 45**), situada a sudeste do Edifício A e a estrutura triangular localizada em cima dos enterramentos do “Portão Oeste” (**Prancha 44**), a noroeste dos Edifícios A e D.

Conforme podemos observar, a estrutura F é composta por um *bóthros* e um altar. O conteúdo do *bóthros* é constituído por vestígios de fragmentos cerâmicos, cinzas de madeira, carvão e ossos queimados de animais datados desde o final do Geométrico Médio, no último quarto do século IX, até o final do século VII a.C. O altar,

³⁷⁸ Do grego: ἑκατόν – (medida) cem e πέδον-ου – chão, solo. Portanto, seria uma medida equivalente a cem pés.

³⁷⁹ Id. *SIMA CXXI* (1997), p. 63.

apesar das divergências entre os estudiosos, parece ser um pouco posterior em relação ao *bóthros*, sendo datado do final do século VIII e início do VII e, portanto, contemporâneo à edificação do *hecatonpedon* D. Dessa forma, neste momento, a estrutura F, provavelmente, está relacionada com as funções do Edifício D, local onde teria se desenvolvido, parte das práticas rituais em homenagem a Apolo. Entretanto, em sua origem, o *bóthros* pode estar conectado às funções do Edifício A, pois ambos coexistiram durante um intervalo de tempo, do final do século IX até a construção do altar e do *hecatonpedon*.

Ainian associa o Edifício A, ao *bóthros* e, ainda, aos dois conjuntos de sepulturas; aquelas que se situam ao norte das construções, nos limites do santuário de Apolo, datadas do Protogeométrico,³⁸⁰ por volta da primeira metade do século IX e aquelas que formam os enterramentos do Cemitério do “Portão Oeste”, datados do intervalo entre 720-715 a 680 a.C. Segundo o autor, as duas sepulturas do Protogeométrico comprovam a premissa segundo a qual a ocupação de Erétria teria se dado muito antes do século VIII e podem indicar a presença de uma camada aristocrática que vivia nas proximidades. Já os abastados enterramentos do “Portão Oeste” são identificados a um grupo aristocrático um pouco mais tardio, que desde o século IX era responsável pelo controle político e militar da comunidade. Este grupo e, principalmente, seu líder deve ter residido no quarteirão do santuário de Apolo, mais especificamente no próprio Edifício A. Dessa forma, a construção absidal deve ter servido como a “*residência do príncipe*”.³⁸¹ Ainian ressalta que essa área (originalmente residencial) só teria sido dedicada como um local de culto ao deus, quando o Templo D ou *hecatonpedon* foi construído já no final do século VIII, data que coincide com o enterramento do “príncipe” do Túmulo 6 na “Portão Oeste”. Para o autor, o Edifício A, neste momento, deve ter adquirido um caráter sagrado em homenagem à memória do “herói” enterrado no Túmulo 6, mesmo que não tenham sido efetuadas práticas rituais no interior da estrutura.

³⁸⁰ Trata-se especificamente do dois sepultamentos, um datado da metade do século IX, é formado por uma cremação masculina contendo instrumentos de batalha e uma pira situados a 60m para leste dos Edifícios A e D e o outro túmulo, localizado a 200m para sudeste, é constituído por uma inumação também masculina e contendo instrumentos de batalha e fragmentos cerâmicos datados do Protogeométrico Médio. Esses enterramentos são descritos por J. Touchais *BCH* 104, 1980, p. 657; por C. Krause *AntK* 25, 1982, p. 139 e ainda por A. Altherr-Charon *AntK* 24, 1981, p. 83, contudo Claude Bérard nos relatórios de escavações publicados sobre Erétria não faz nenhuma menção sobre tais sepulturas.

³⁸¹ AINIAN, A. M. *SIMA* CXXI (1997), p. 61-2.

A função residencial do Edifício A é assegurada, de acordo com Ainian, pela presença da lareira no interior da construção, com as três colunas em formato de triângulo. Para ele, a presença da lareira indicaria, tanto práticas domésticas (culinárias), quanto à possibilidade de banquetes rituais dirigidos pelo líder da residência e oferecidos a seus pares e familiares. Esses rituais também eram exercidos na área externa da “residência do chefe”, pois o *bóthros* teria sido utilizado, durante um certo período, concomitantemente ao Edifício A. No *bóthros* teriam sido realizadas atividades sagradas em homenagem ou a divindades ctônias ou talvez aos ancestrais da camada aristocrática.³⁸² O altar quadrado a redor do *bóthros*, construído apenas quando se ergueu o Templo D, indica que a natureza das práticas rituais exercidas no local transformou-se. O altar passou a ser utilizado como local de sacrifícios em homenagem a Apolo.

A conservação do Edifício A também pode ser interpretada, segundo o autor, como uma forma de preservar a memória do ocupante, constituindo uma espécie de “*Herôon*”. Ainian afirma que, dessa forma, teria sido estabelecido um “culto heróico”, ocorrido antes do século VII, no Edifício A e restrito à camada aristocrática. Quando se deu a construção do monumento triangular e do perílobo teria havido apenas uma intensificação do “culto heróico” (a partir de então, considerado comunal), principalmente, na área oeste da comunidade. Para Ainian, este processo é reforçado através dos atestados empreendimentos coloniais da cidade-Estado de Erétria, que também promoviam o estabelecimento do “culto heróico” em homenagem aos fundadores das colônias e colaboravam para a intensificação e difusão deste tipo de culto por toda a Grécia do final do Geométrico Tardio.³⁸³

Essas premissas estabelecidas por Ainian são bastante questionáveis quando examinamos mais detalhadamente os vestígios arqueológicos apresentados no catálogo. Os dois enterramentos masculinos nas vizinhanças do Edifício A são um pouco anteriores à sua edificação, pois datam do Protogeométrico (por volta da primeira metade do século IX). Devido a este fato, podemos levantar algumas questões que auxiliam no estabelecimento de prováveis funções do edifício. Logo de início, podemos excluir a possibilidade do edifício ter sido a residência dos indivíduos enterrados nas proximidades. Por outro lado, interpretar a construção como um local sagrado,

³⁸² Id. *Ancient Greek Hero Cult*. Stockholm, 1999, p. 28. No caso dos ancestrais, Ainian se refere àqueles indivíduos enterrados nas vizinhanças do Edifício A, datados do século IX.

³⁸³ Id. *Ibid.*, p. 25.

sobretudo, um “*Herôon*” erguido em homenagem a estes indivíduos ou onde teriam sido realizadas práticas rituais no interior (refeições rituais ao redor da lareira) e na área externa (sacrifícios e libações no *bóthros*), constitui uma alternativa sem fundamentos arqueológicos, devido à ausência de outros dados que atestem a execução de tais atividades principalmente na área interna do edifício.

A relação estabelecida por Ainian entre o Edifício A e os ricos enterramentos próximos do “Portão Oeste”, datados entre 720 a 680 a.C., também é passível de questionamento, pois quando se deram os primeiros enterramentos nessa área, a construção estava sendo abandonada e destruída. A identificação do local como residência do “príncipe” enterrado no Túmulo 6 do cemitério é difícil de se comprovar, também devido à ausência de vestígios arqueológicos seguros, que indiquem o aspecto doméstico da construção. A lareira pode ter sido sim, um elemento característico doméstico, sendo utilizada para o cozimento de alimentos e/ou aquecimento do edifício em épocas frias do ano. Concordamos também que ela pode ter servido ainda como um centro onde se reuniam indivíduos destacados da comunidade para banquetes rituais. Conforme já apontamos, não há qualquer traço material associado a estrutura absidal que torne tanto a hipótese da residência quanto do “*Herôon*” em uma premissa provável.

C. Bérard analisa os enterramentos do cemitério no “Portão Oeste” inserido-os em uma problemática maior, caracterizada pela relação entre o ato de “heroicizar” especificamente *fundadores de cidades*, sejam eles *reais* ou *inventados* (anônimos ou míticos), com a formação da *pólis* grega no final da Idade do Ferro e nos primórdios do Período Arcaico.³⁸⁴ Bérard afirma que, em algumas comunidades do Geométrico Tardio, houve um processo sócio-político de “*crise da soberania*”,³⁸⁵ resultante do desaparecimento do *wanax* micênico; o “rei” que reunia funções políticas, militares, jurídicas, econômicas e religiosas. Com a repartição das funções nas mãos dos *basiléis*, ocupados com funções religiosas, os polemarchas e arcontes, dividindo poderes militares e políticos, teria havido um momento do desequilíbrio e de instabilidade na comunidade de Erétria. Esta situação teria sido acirrada com o surgimento de uma nova estrutura social, com as falanges hoplíticas, no início do Período Arcaico, impedindo a glória individual aristocrática.

³⁸⁴ BÉRARD, C. “Récupérer la Mort du Prince: Héroïsation et la Formation de la Cité” J.-P. Vernant; G. Gnoli *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge, London, Paris, 1982, p. 89-105.

³⁸⁵ Id. *Ibid.*, p. 97-8.

O autor afirma que a solução encontrada por essa camada aristocrática para regulamentar e conservar seus prestígios e poderes, sem provocar tensões à nova ordem “igualitária”, foi a “heroicização”; vale dizer, “*recuperar a morte do príncipe*”.³⁸⁶ A aristocracia utilizava um recurso ideológico para fins político e militar. A partir do uso da imagem de um soberano, um grande “rei” ou “príncipe” fundador da comunidade, que, após sua morte, teria sido enterrado e reverenciado com honras dignas de um verdadeiro “*herói democratizado*” (cultuado por toda comunidade). Dessa forma, o último “príncipe” da Idade do Ferro tornava-se o primeiro “herói”.³⁸⁷ Erguia-se um monumento (o “*Heróon*”) e realizavam-se práticas rituais em homenagem à memória desse herói buscando, na verdade, fins políticos.

Além disso, o monumento e o túmulo do herói deveriam ser bem localizados para fins militares, pois em vida, o soberano também teria defendido a comunidade e o continuaria fazendo na morte. É desta forma, que Bérard explica o fato de que nem sempre os “*Heroa*” e túmulos de heróis estão situados no interior dos muros e nos grandes centros das cidades, mas sim próximos às muralhas, às portas, aos caminhos que levam às cidades rivais, ou até mesmo fora dos muros com função de proteção e de delimitação territorial.

A partir dessas considerações, o autor interpreta os enterramentos do “Portão Oeste” (datados do século VIII e início do VII) como sepulturas de indivíduos pertencentes à camada aristocrática-guerreira de Erétria, que podem ter sido os “*re-fundadores da cidade-Estado*”.³⁸⁸ O mobiliário funerário dos sepultamentos é bastante rico, contendo objetos de origem micênica, incluindo um cetro no Túmulo 6 (**Prancha 43**), objetos importados do Oriente em bronze e ouro e instrumentos de batalha em ferro, como espadas, adagas, pontas de flecha, lanças, escudos e elmos. Os enterramentos formam dois grupos, um deles configura um semicírculo em cujo centro situa-se o Túmulo 6 e onde está localizada a grande maioria das cremações dos adultos (“guerreiros” e enterramentos femininos), o outro grupo de sepulturas é formado, na grande maioria, por inumações infantis.³⁸⁹

Segundo Bérard, toda esta área de cemitério foi cercada por uma construção triangular datada do início do século VII (**Prancha 44**), posteriormente reconstruída e

³⁸⁶ Id. *Ibid.*, p. 100.

³⁸⁷ Id. “Le Sceptre du Prince” *MusHelv* 29, (1972), p. 219-27, especialmente, p. 225.

³⁸⁸ Id. *Ibid.*, p. 101.

³⁸⁹ Id. *Eretria III*, p. 48.

modificada no século V³⁹⁰ e considerada como um tipo de “*Herôon*”.³⁹¹ Bérard argumenta que tal conjunto de enterramentos constitui um caso exemplar de “heroicização”. As evidências de culto, para o autor, são obtidas pela presença de um *bóthros* (Prancha 44 – estrutura C), contendo fragmentos cerâmicos e ossos de animais datados do século VII e VI a.C.³⁹² Para o autor, esse *bóthros*, apresentando material votivo coevo em relação a construção do monumento triangular, dessa forma, pode ser entendido como um local onde teriam sido praticados rituais em homenagem aos “heróis” enterrados próximos ao “Portão Oeste”.

Bérard identificou vestígios de um períbolo, construído um pouco depois do monumento triangular, ainda na primeira metade do século VII. Afirma se tratar de mais um documento material que confirma sua hipótese do “*Herôon*”³⁹³ e da “heroicização” desses indivíduos, que reivindicavam descendência micênica (devido ao cetro encontrado na sepultura principal, o Túmulo 6) e ainda correspondiam aos *re-fundadores* de Erétria no final da Idade do Ferro.

Bérard conclui que a localização do “*Herôon*”, intramuro, auxiliou o processo de urbanismo em Erétria e, conseqüentemente, de definição da área de assentamento residencial, da ágora e da acrópole arcaicas, pois o bairro mais denso da Época Arcaica em Erétria se desenvolveu a partir e ao redor do monumento.³⁹⁴ Isto indicaria, para o estudioso, que a ideologia do “*príncipe-herói*” do Túmulo 6 assegurou a “*continuidade étnica*” e dinástica de seus sucessores, tanto no âmbito político quanto no militar, pois a sepultura do guerreiro guardava a porta da cidade, característica essencial para Bérard, do processo de formação da *pólis*, que une aspectos da velha cidade micênica e da nova cidade-Estado histórica.³⁹⁵ Bérard conclui que a construção do monumento triangular e o estabelecimento do “culto heróico” no século VII ocorreram apenas para

³⁹⁰ Id. *Ibid.*, p. 59.

³⁹¹ Id. *Ibid.*, p. 65-71. Id. “Récupérer la Mort du Prince: Héroïsation et la Formation de la Cité” J.-P. Vernant; G. Gnoli *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge, 1982, p. 101.

³⁹² Id. “Note sur la Fouille au Sud de L’Hérôon” *AntK* 17 (1974), p. 74-9, especialmente p. 74; Id. *Eretria III*. Berne, 1970, p. 63. Bérard afirma que no *bóthros* pode ter se desenvolvido tanto práticas rituais funerárias familiares ou heróicas em homenagens aos mortos “heroicizados”, quanto práticas dedicadas a cultos ctônios, p. 64.

³⁹³ Id. *Eretria III*. Berne, 1970, p. 56.

³⁹⁴ Id. “Erétrie. L’Organisation de l’Espace et la Formation d’une Cité Grecque.” A. Schnapp (org.) *L’Archéologie Aujourd’hui*. Paris, 1981, p. 229-49, especialmente p. 237; 243.

³⁹⁵ Id. “Récupérer la Mort du Prince: Héroïsation et la Formation de la Cité” J.-P. Vernant; G. Gnoli *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge, London, Paris, 1982, p. 102.

complementar à formação da *pólis* de Erétria, consolidando seu quadro religioso, social e político.³⁹⁶

A partir de algumas argumentações semelhantes, F. de Polignac afirma que o caso de Erétria ilustra o mais claro exemplo de interação entre práticas funerárias “heroicizantes” e o estabelecimento de um verdadeiro “culto heróico”. O autor entende que o enterramento do guerreiro “heroicizado” do Túmulo 6, nas proximidades do “Portão Oeste”, por volta de 720, é similar ao que se imagina dos jogos fúnebres em homenagem a Anphidamas de Cálcis, cantados na poesia de Hesíodo.³⁹⁷ Erétria teria instalado uma cerimônia funerária, seguida de um enterramento esplêndido, para competir com a cidade rival, Cálcis. Esta hipótese seria reforçada pela localização da sepultura próxima ao rio, que, segundo Polignac, delimitava as fronteiras da cidade de Erétria para oeste, onde se encontrava a estrada que levava para Cálcis. O autor concorda com Bérard indicando que o guerreiro - “herói” também protegeu a cidade após a morte durante cerca de 40 anos, até aproximadamente 680 a.C., intervalo em que uma pequena necrópole familiar se desenvolveu ao redor de seu túmulo, como uma manifestação clara de reivindicação dos laços sangüíneos com o ilustre ancestral.

Polignac concorda ainda com a hipótese do “*Herôon*” de Bérard, indicando que, com a construção do monumento triangular, do períbolo e do *bóthros* (estrutura C) houve a instalação de práticas rituais que se estenderam durante todo o Período Arcaico. Através dessas práticas, o guerreiro do Túmulo 6, enterrado próximo ao “Portão Oeste”, foi considerado um dos “heróis” da cidade de Erétria, não só pelo fato de ter lutado contra Cálcis, mas também por ser diretamente um dos fundadores da cidade e herdeiro da camada aristocrática guerreira de Lefkandi.³⁹⁸ Contudo, Polignac difere de Bérard no sentido de que o fundador da cidade não é o último príncipe e o primeiro “herói” que quebra a continuidade do poder aristocrático, fundamentado nos privilégios monárquicos micênicos, e estabelece a “ordem igualitária” idealizada da *pólis* aristocrática. Para Polignac, o “herói” queria estabelecer laços com a tradição épica e promover continuidade, real ou simulada, mantendo os privilégios da aristocracia.³⁹⁹

Dessa maneira, o autor conclui que, apesar de constituir um “*verdadeiro culto heróico*”, as práticas rituais executadas no “*Herôon*” do “Portão Oeste” envolveram

³⁹⁶ Id. *Eretria III*. Berne, 1970, p. 65.

³⁹⁷ De POLIGNAC, *CTO*, 1995.

³⁹⁸ Id. *Ibid.*, p. 131. Polignac, seguindo as idéias de Claude Bérard, chama a atenção para o fato de que o assentamento de Xerópolis – Lefkandi é abandonado com a Guerra Lelantina, entre Cálcis e Erétria no século VIII e é justamente após este período que Erétria começa a surgir como cidade-Estado.

³⁹⁹ Id. *Ibid.*, p. 133-34.

apenas uma fração da sociedade, um grupo aristocrático restrito aos seus familiares e descendentes, mas não a cidade como um todo, enquanto *pólis*. Todavia, afirma que tal premissa não diminui a importância que este culto assumiu na vida pública da cidade, pois banquetes rituais realizados por esse grupo aristocrático constituem parte essencial das práticas religiosas características da *pólis* Arcaica.⁴⁰⁰ De qualquer forma, Polignac argumenta que este “culto heróico” possuía fins políticos, pois contribuiu sobremaneira para a constituição da identidade da aristocracia em Erétria e, conseqüentemente, para a formação da própria *pólis* durante o início do Período Arcaico.

Polignac menciona que há vestígios de ocupação no sítio muito antes do século VIII, mas as construções urbanas, traços característicos da fundação da cidade-Estado grega para o autor (como o primeiro templo de Apolo *Daphnéphoros* - Edifício A, **Pranchas 45, 46**), datam apenas da segunda metade do século VIII. Assim, não seria errôneo concluir que o grupo de guerreiros “heroicizados” enterrados próximos do “Portão Oeste” corresponderiam aos fundadores da cidade, principalmente devido à instalação do “culto heróico” no início do Período Arcaico.

Notamos que, apesar das diferenças, tanto C. Bérard quanto de F. de Polignac argumentam que o grupo de enterramentos do “Portão Oeste” corresponde aos “fundadores da cidade” de Erétria. Esta afirmação, à primeira vista, é contraditória, pois há inúmeros indícios materiais que revelam que o assentamento de Erétria era ocupado desde o período micênico. No entanto, isto não significa que a ocupação do sítio tenha sido ininterrupta durante toda a Idade do Ferro. Os autores reforçam que Erétria foi capaz de mobilizar forças, armas e número de indivíduos para realizar uma guerra contra Cálcis com dimensões suficientes para destruir e promover o abandono de um povoamento riquíssimo como o de Xerópolis – Lefkandi, ainda no início do século VIII. Para tanto, seria necessária uma estruturação política, econômica, social e militar formada, no mínimo, algum tempo antes do século VIII.

Contudo, a premissa estabelecida, principalmente por Polignac, concluindo que os enterramentos do “Portão Oeste” seriam os guerreiros que defenderam Erétria na guerra tiveram uma importância fundamental para a formação da *pólis*, apesar de cativante, é duvidosa e difícil de ser comprovada. A construção da estrutura triangular leva, de fato, a uma outra premissa muito provável, indicada pelos dois autores, segundo a qual o local teria sido um “*Heróon*”, onde teriam ocorrido práticas rituais que

⁴⁰⁰ Id. *Ibid.*, p. 136.

integram um verdadeiro culto heróico. A partir dos dados apresentados nos relatórios de escavação, podemos concluir que a estrutura triangular é certamente posterior aos enterramentos, fato que sustenta a teoria do “culto heróico”.

O *bóthros* (a estrutura **C** da **Prancha 44**) constitui uma estrutura oval, cujo conteúdo é formado por fragmentos de vasos cerâmicos que podem ter sido utilizados em libações e ossos de animais, principalmente, de carneiro. Contemporâneo em relação aos últimos enterramentos do cemitério do “Portão Oeste” e situado, em grande parte, embaixo do *oikos* **B** (**Prancha 44**) pode estar relacionado com ambos. Apesar dessa estrutura arquetônica não integrar o grupo de objetos de estudo selecionados para a pesquisa, percebemos que Bérard e Polignac sugerem que o *bóthros* seria um local onde teriam sido desenvolvidas práticas rituais que caracterizam, integram e dão continuidade ao culto heróico, fundado na estrutura triangular, até o final do século VI.

A construção B caracteriza-se por uma estrutura retangular datada por C. Bérard do Período Arcaico, por volta do século VII. Aparece descrita como um *oikos* e foi erguida sobre a estrutura **C**, conservando parte dela na entrada do edifício. Tanto Bérard, quanto Polignac chamam a atenção para o fato de que o material encontrado no interior do *oikos* **B** é bastante semelhante (só que um pouco posterior) àquele evidenciado no *bóthros* **C**. De fato, a conexão entre as três estruturas é possível e, devido às características dos vestígios arqueológicos encontrados no *bóthros* e no *oikos*, é provável que ambos devem ter servido como local onde as atividades rituais que configuram o “culto heróico” teriam sido praticadas desde o final do século VIII até o final do século VI, quando tais evidências cessam.⁴⁰¹

Podemos concluir, dessa forma, que a hipótese do “*Herôon*”, neste caso específico, é comprovada pelos dados arqueológicos que indicam a recorrência dessas práticas no local dos enterramentos, cercados pela estrutura triangular. Conforme observamos, há índices no conteúdo da estrutura que denotam a utilização do local durante todo o século VII e VI; no século V ela provavelmente teria passado por um processo de reconstrução e modificação.⁴⁰²

Por fim, nos cabe enfatizar que a estrutura triangular engloba apenas a parte dos enterramentos do “Portão Oeste” formados pela grande maioria dos indivíduos masculinos e femininos adultos, incluindo o Túmulo 6. Assim, apesar de anônimo, os indivíduos sepultados no cemitério do “Portão Oeste” devem ter sido considerados

⁴⁰¹ BÉRARD, C. *Eretria III*. Berne, 1970.

⁴⁰² Id. Ibid. “Le Sceptre du Prince” *MusHelv* 29, (1972), p. 219-27.

como “heróis”, a comunidade pode ter se apropriado ideologicamente de sua imagem tornando-os, conforme propõe Bérard, os “re-fundadores da cidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estudo da documentação textual, o levantamento dos dados arqueológicos e a revisão historiográfica realizada até este momento, nos permite finalizar a presente pesquisa, apontando algumas questões essenciais tratadas no conjunto do trabalho e levantando algumas reflexões sobre as práticas rituais exercidas em estruturas absidais em sítios gregos da Idade do Ferro (séculos XI ao VIII a.C.), fundamentadas nas relações entre as fontes textuais e materiais e na discussão teórica realizada nos três primeiros capítulos.

Em primeiro lugar, gostaríamos de expor algumas considerações sobre a comparação das características arquitetônicas entre os quatro casos analisados. Segundo um dos próprios critérios de seleção, todas as oito estruturas catalogadas e examinadas correspondem a construções absidais de grande porte. Na revisão historiográfica e interpretação das evidências arqueológicas expostas no Capítulo 5, fizemos referência a dois edifícios retangulares que podem estar diretamente relacionados aos significados das estruturas absidais analisadas: o Templo C, em Thermos (**Pranchas 5 e 6**), construído como um templo em homenagem a Apolo em cima do *Mégaron B* e *oïkos B*, em Erétria (**Prancha 44a**), construído nas proximidades do *Herôon* do “Portão Oeste” e em cima de uma parte do *bóthros C*.

A construção do Templo de Apolo em cima do *Mégaron B* e próximo ao *Mégaron A* denota a importância, o prestígio dessas duas estruturas absidais, provavelmente, residenciais, para a comunidade de Erétria no final do século VIII, influenciando no processo de urbanização da cidade-estado em formação. A construção do *oïkos B* reforça a importância dos enterramentos do “Portão Oeste” e o estabelecimento do culto heróico nessa área, estabelecido ainda no Alto Arcaísmo.

Uma das estruturas pertencentes ao *corpus* documental da pesquisa, o *Mégaron B* em Thermos (**Pranchas 1, 3 e 4**), em sua estrutura constitutiva primordial também corresponde a um edifício retangular, contudo, com a adição do períptero, notamos que se configura como uma construção absidal (**Pranchas 3 e 4**). A adição do períptero, em muitos casos, corresponde a um dispositivo visual apenas, pois proporciona a impressão monumental dos edifícios. Por exemplo, no próprio Edifício B em Thermos e no Edifício A ou *Daphnephoreion* em Erétria (**Pranchas 42 e 45**), em que a série de postes colocada ao longo das paredes e da linha axial não é necessária para a sustentação do edifício.

Quando mencionamos acima a importância da localização das estruturas absidais nos assentamentos, podemos notar que a situação geográfica de todas as construções constitui um fator fundamental na determinação de suas funções. O “*Herôon*” de Lefkandi (**Pranchas 8, 10 e 11**) é um caso exemplar dessa associação, pois além de ser uma construção monumental, está situado no topo de uma colina geograficamente inserida em uma planície. Constitui-se, portanto, um monumento de prestígio, imponente, para ser visto. O mesmo valor de prestígio também pode ser encontrado na localização dos *Mégara* A e B em Thermos (**Pranchas 1, 3, 4, 6 e 7**), pois foram edificadas em um local que apresenta vestígios de ocupação residencial desde o Período Micênico.

Outra característica de comparação entre os quatro casos diz respeito à presença de estruturas que indiquem divisões internas dos edifícios em diversos cômodos e ainda com parte superior. Esta questão é delicada, pois pelas estruturas analisadas não podemos estabelecer padrões de diferenciação das funções dos edifícios apenas pela contraposição entre ausência e presença de divisões internas. Está claro que os edifícios mais complexos com muitos compartimentos internos são mais recorrentes para o uso enquanto residências. Entretanto, através da análise dos Edifícios C e D em Asine (**Pranchas 32, 34, 36 e 37**), é provável que as estruturas com poucas divisões internas também tenham servido como residências.

Em segundo lugar, devemos comparar os vestígios materiais que estariam associados aos edifícios, dados, aliás, que constituem um dos elementos mais importantes para a compreensão das atividades rituais que podem ter se desenvolvido nessas estruturas. Quando comparamos os contextos funerários, observamos que em duas das oito estruturas absidais as sepulturas encontram-se no interior dos próprios edifícios: uma feminina e uma infantil, na abside do *Mégaron* A em Thermos (**Prancha 1**) e dois sepultamentos (masculino e feminino na mesma cova) e a inumação de quatro cavalos na Sala Central do “*Herôon*” de Lefkandi (**Pranchas 10, 17 e 18**). Nota-se uma diferença em relação aos túmulos femininos das duas estruturas, pois, em Thermos, ele configura-se uma cremação e, em Lefkandi, uma inumação.

As sepulturas que podem estar associadas às outras estruturas absidais estão localizadas nas proximidades dos edifícios: uma classificada como “simbólica”, constituída por uma cova contendo espadas de ferro e um fragmento cerâmico na frente do *Mégaron* B em Thermos (**Pranchas 1 e 7**), várias sepulturas nas proximidades dos Edifícios C (**Prancha 36**) e do Edifício S (**Prancha 33**) em Asine e, por fim, nas

proximidades do Edifício A, em Erétria, detectamos uma cremação e uma inumação masculinas e vários túmulos com cremações masculinas e inumações infantis cercadas pelo monumento triangular na área do “Portão Oeste” (**Pranchas 43, 44**).

As sepulturas próximas ao Edifício C correspondem a cinco inumações infantis e três femininas, sendo que duas das mulheres estavam enterradas no mesmo túmulo. Já as sepulturas a noroeste do Edifício S correspondem a uma cremação masculina e duas inumações também masculinas na mesma cova. É essencial lembrarmos que as práticas funerárias na Argólida durante este período (Protogeométrico e Geométrico Médio) correspondem, em sua grande maioria, inumações individuais para adultos e crianças, conforme vimos no Capítulo 1. Já para os demais locais, na Eubéia principalmente, a cremação constitui a prática mortuária mais comum para adultos e a inumações em *píthoi* para as crianças durante todos os períodos da Idade do Ferro, exceto em Erétria, onde desde o final do Geométrico Médio, observa-se a utilização de cremações e inumações em números semelhantes para adultos.

Todavia, é importante ressaltar que a associação entre as sepulturas localizadas nas proximidades das estruturas e aquelas classificadas como “simbólicas” é duvidosa e incerta. Dessa forma, faz-se necessária uma análise dos demais vestígios arqueológicos encontrados em associação com as estruturas analisadas. Percebemos que na grande maioria dos casos há estruturas ou objetos específicos que podem denotar a execução de práticas rituais funerárias. Por exemplo, a grande cratera que marca os enterramentos no “*Herôon*” de Lefkandi (**Prancha 12**) e o pequeno *Kýathos* marcando os enterramentos na abside do *Mégaron A* em Thermos (**Prancha 2**). Notamos, dessa forma, que essa prática assemelha-se à utilização de grandes vasos cerâmicos como marcadores de túmulos detectada principalmente em Atenas durante todo o século VIII. Podemos inferir que marcar as sepulturas com vasos cerâmicos e utilizá-los para libações como parte dos rituais funerários, já ocorriam em um período bastante recuado e em outras regiões da Grécia.

Devemos apontar também para as demais estruturas funerárias que podem indicar a execução de rituais funerários como libações, sacrifício de animais e banquetes fúnebres como no caso do *bóthros* na frente do *Mégaron B* em Thermos (**Prancha 1**), o *píthos* nas proximidades do Edifício C (**Pranchas 36, 38**) e as estruturas **O**, **P** e **Q** e o pavimento **R** próximas do Edifício S (**Prancha 33**), em Asine e, ainda, o *bóthros C* junto ao *Herôon* do “Portão Oeste” (**Prancha 44**) e a estrutura **F** em frente ao Templo D (**Prancha 45**) em Erétria.

Além disso, podemos destacar também o significado sagrado da presença de vasos invertidos contendo terra misturada com cinzas e ossos queimados de animais, principalmente de cachorro, como ocorre no interior do *Mégaron A*, próximos à abside, em Thermos (**Prancha 1**). Conforme apresentamos no Capítulo 5, essa prática é bastante comum quando há realização de rituais em homenagem aos mortos ou às divindades ctônias. É notável que em uma das várias covas da Sala Central do “*Herôon*” de Lefkandi e no *píthos* adjacente ao Edifício C também foram encontrados ossos de cachorro e essa prática, segundo alguns autores, é característica de rituais aos mortos ou ctônios.

Podemos inferir, dessa forma, que os vestígios arqueológicos associados aos edifícios (os vasos marcadores de túmulos, o *bóthros*, o *píthos* e os vasos invertidos contendo ossos queimados de animais) denotam o exercício de práticas rituais funerárias, da mesma forma que os vasos marcadores de túmulos com cenas dos rituais de *próthesis* e da *ekphorá* no Cemitério do Cerâmico em Atenas durante o século VIII. Essas práticas rituais, aliás, podem estar relacionadas com os próprios rituais de *próthesis* e *ekphorá*, como aparece nos funerais dos heróis épicos.⁴⁰³

Os locais em que podemos seguramente identificar a ocorrência das práticas rituais funerárias são: o *Mégaron A* em Thermos, o “*Herôon*” de Lefkandi, o *píthos* da “área sacrificial” próximo ao Edifício C e as estruturas **O**, **P** e **Q** e o pavimento **R** juntos ao Edifício S em Asine e o *bóthros C* e a estrutura **F** em Erétria. As estruturas absidais nesses sítios, provavelmente, eram residências, em que tais práticas funerárias foram efetuadas. Esta premissa levanta uma das principais problemáticas de nossa pesquisa, vale dizer, a configuração das atividades religiosas praticadas durante a Idade do Ferro relacionada intimamente à questão dos limites entre os espaços sagrado e profano neste período. O edifício S em Asine constitui um caso complexo, de difícil identificação das funções, pois apresenta uma grande quantidade de oferendas votivas em seu interior e pode estar associado aos enterramentos **B.51.53** e **B.54 (Prancha 33)** e as estruturas **O**, **P** e **Q** e o pavimento **R**. Contudo, há dificuldades de comprovar o uso estritamente sagrado da construção e, por outro lado, também é difícil indicar que tal estrutura absidal tenha sido utilizada como a “residência do chefe”.

Entretanto, conforme indicamos no Capítulo 3, esses ritos funerários não constituem necessariamente o estabelecimento de um culto, pois não há evidências

⁴⁰³ Veja a apresentação detalhada desses rituais nas obras épicas e os significados das cenas de *próthesis* e *ekphorá* nos vasos funerários atenienses nos Capítulos 1 e 2.

materiais seguras que indiquem a periodicidade dessas práticas. Apenas em um dos casos analisados, podemos indicar a delimitação de um espaço destinado especificamente para a prática de rituais em homenagem a um herói (ou vários heróis), isto é um *Herôon*. Trata-se de uma estrutura arquitetônica associada às sepulturas que, certamente, constitui uma prática recorrente de rituais funerários: a construção triangular em Erétria no local dos túmulos do “Portão Oeste” que estaria também relacionada com o *bóthros* C e o *oikos* B. Observamos que nessa estrutura triangular teria sido fundado um verdadeiro culto heróico, pois há evidências de deposição de oferendas votivas e execução de sacrifícios durante, no mínimo, um século.

Conforme mencionamos anteriormente, para entendermos as funções das estruturas absidais dos sítios selecionados, nos deparamos com a problemática dos limites entre os usos do espaço: profano e/ou sagrado durante a Idade do Ferro. Sugerimos que não, necessariamente, uma função exclui a outra. Seria apropriado falar no conjunto de funções sagradas e profanas e não em sagradas *ou* profanas.

A grande maioria dos autores que analisou as estruturas define essas práticas rituais como um tipo específico de “culto heróico”, denominado de “culto ao chefe”, “culto aos mortos recentes” ou, ainda, de processo de “heroicização”. Percebemos que tais denominações relacionam-se diretamente com a configuração do poder político e social nas comunidades da Idade do Ferro. Sobre este aspecto, utilizamos a analogia etnográfica como recurso teórico-metodológico para a comparação entre as características das comunidades da Idade do Ferro com aquelas definidas nos modelos antropológicos estabelecidos por L. Binford e S. Jones, conforme expusemos no Capítulo 3.

Nos casos de Thermos e Lefkandi (os quais possuem a maior quantidade de semelhanças e são classificados como assentamentos “instáveis”), os autores tratados utilizam com frequência a definição do termo *basiléus* como sinônimo de “Big Man”. Conforme discutimos, a figura do *wanax* micênico (rei supremo) deve ter desaparecido logo após a derrocada do Sistema Palacial e as invasões dos povos indo-europeus. Todavia, é importante lembrarmos que as funções desse personagem durante a Idade do Bronze não eram exercidas apenas no âmbito político, mas também militar e religioso. O *wanax* era uma figura divina e era no grande *hall* dos palácios micênicos, o *mégaron*, que se desenvolviam as atividades sagradas. Os sub-reis que governavam localmente, os *basiléis* da Idade do Bronze configuravam a “elite” que participava dos rituais.

Com o momento de crise, transformações, migrações freqüentes e instabilidade econômica e política, os *basiléis* podem ter assumido, em escala local, a centralização do poder político em suas mãos, originando os “chefes” (ou os “Big Men”) da Idade do Ferro, contudo, não havia conotação divina nos tipos de poder exercido pelo *basiléus* e em sua própria figura. A partir dos estudos de casos realizados nessas pesquisas, podemos inferir que esses chefes adquiriram sim grande importância social, pois suas residências possuíam lugar de destaque e eram monumentais.

A análise do mobiliário funerário de suas sepulturas, nos permite indicar que os *basiléis* eram destacados guerreiros da Idade do Ferro, mas queriam deixar explícito seu status “nobre”, tentando estabelecer suas ligações com o glorioso passado micênico. Tal premissa fundamenta-se na riqueza do mobiliário funerário, formado por grande quantidade de apetrechos de batalha em ferro (espadas, adagas e escudos), de objetos em ouro e bronze (anéis, fíbulas, brincos etc. – **Prancha 27**), artefatos cerâmicos de fabricação local e importados (**Pranchas 25, 26 e 28**) e, acima de tudo, de objetos de origem micênica (por exemplo, a urna funerária onde se encontram as cinzas do *basiléus* de Lefkandi – **Prancha 13**). Estes últimos artefatos constituem uma categoria essencial nesse processo de apropriação do passado para legitimação e manutenção do status social e político no presente, pois certamente atribuem prestígio aos indivíduos com eles sepultados.

Tal riqueza é incomum para as características dos enterramentos em geral na Grécia neste período, pois como vimos no Capítulo 1, os séculos XI e X a.C. são caracterizados por muitos autores como um período de declínio do contato com o Oriente, queda da produção material e um certo “isolamento” da Grécia. Verificamos essa aparente contradição não só nas sepulturas desses “chefes”, mas também dos seus pares, formando uma camada de destacados guerreiros, como os enterramentos nas demais das necrópoles em Lefkandi, principalmente aquela localizada na frente do túmulo do “chefe”.

Durante o século IX e o VIII a.C., a situação muda significativamente, pois o ideal do passado glorioso, heróico já estava difundido pelo mundo grego. Conforme analisamos nos Capítulos 2 e 3, o “isolamento” inicial provavelmente nunca aconteceu por completo, pois quando no século VIII houve a transcrição das obras épicas e essas se tornaram a referência pan-helênica para o conhecimento da sociedade heróica, a poesia oral encenada e cantada pelos rapsodos, que se apresentavam em diferentes

regiões, já estava sendo difundida pelas comunidades da Idade do Ferro, da mesma forma que os significados da “Idade Heróica”.

Apesar da dificuldade de comprovarmos a existência de um *culto* heróico no sentido mais específico do termo, os casos analisados são de profunda importância para o conhecimento da configuração das atividades religiosas exercidas durante a Idade do Ferro. Este tema encontra-se distante de qualquer forma de conclusões seguramente estabelecidas. Como lembra Morris, a visibilidade de práticas rituais desse tipo é baixa e, além disso, os próprios vestígios desse período ainda foram pouco evidenciados pelas escavações e estudos sobre a Idade do Ferro.

Terminamos retornando à problemática das “continuidades” e “rupturas” ou preferivelmente denominada como os elementos da tradição e das transformações. Sugerimos que o poder do *basiléus* era, acima de tudo, hereditário, apesar das conquistas individuais e não se restringia à esfera militar e à política, mas incluía tarefas religiosas. Justificamos, dessa maneira, a caracterização dessas estruturas absidais como um espaço sagrado e profano.

Podemos sugerir, portanto, que o estudo do “culto ao chefe” desperta a questão inicial exposta nesta pesquisa sobre as origens do templo grego clássico. O *basiléus* era encarregado das cerimônias religiosas, caracterizadas por banquetes rituais com participação da “elite” da comunidade; ocasiões propícias para que ocorresse, conforme afirma Antonaccio, a difusão dos feitos heróicos através da recitação da poesia épica, acompanhada de cantos e danças. Essas atividades teriam se manifestado na própria residência do *basiléus*, nas estruturas absidais monumentais, como em Thermos, Lefkandi, Erétria e Asine, durante grande parte da Idade do Ferro, principalmente nos séculos IX e VIII a.C.

Dessa forma, entendemos que, tentar recuperar os laços com esse passado glorioso constitui uma apropriação ideológica do passado como uma forma de legitimar o estatuto social e político no presente. Daí, a circulação e a “imitação” das práticas mortuárias e das honras dos rituais funerários dos grandes heróis épicos. Concordamos que tais rituais adquirem um caráter heróico, mas não há evidências arqueológicas seguras que sustentem a hipótese do estabelecimento de um “culto heróico”, como por exemplo, a periodicidade das práticas rituais, ausente nos casos analisados, com exceção do *Herôon* próximo ao “Portão Oeste” em Erétria e do Edifício S em Asine.

Sugerimos, assim, que o templo grego encontra suas raízes aí, nas práticas rituais exercidas nessas estruturas pelos *basiléis* da Idade Obscura.⁴⁰⁴ È o exercício dessas práticas rituais que levaram, algum tempo depois, ao estabelecimento de espaços destinados especificamente para culto, processo que tem suas origens durante os séculos IX e VIII a.C., ou até mesmo um século antes, de acordo com os exemplos em Thermos e Lefkandi.

“Imitar” os rituais funerários heróicos não significa dizer que a difusão dos poemas ocasionou as práticas dos diversos desdobramentos do “culto heróico”, como reivindicam alguns autores. Propomos que essas práticas rituais já existiam e eram transmitidas pela tradição oral nas atividades religiosas executadas nas residências dos *basiléis* da Idade do Ferro. Concordamos, entretanto, com a premissa de que com a transcrição dos poemas, a difusão das práticas pode ter sido facilitada. Neste sentido, o debate das fontes textuais, imagéticas e arqueológicas constitui condição *sine qua non* para o estudo do “culto heróico”. A transcrição dos poemas épicos, a ocorrência de diferentes práticas rituais funerárias (os depósitos nos túmulos da Idade do Bronze e o “culto ao chefe”) fazem parte deste contexto de transformações do século VIII que, apropriando-se do passado, vai gerar em última instância as *póleis*.

⁴⁰⁴ Premissa esta já indicada por SARIAN, H. “L’héritage mycénien: la civilisation” TREUIL, R.; DARQUE, P.; POURSAT, J-C.; TOUCHAIS, G. *Lês Civilisations Égéennes du Néolithique et de l’Age du Bronze*. Paris, 1989, p. 587.

Abreviaturas dos Periódicos.

AEGEUM – Annales d'Archéologie Égéeenne de l'Université de Liège

AION – Annali dell'Intituto Universitario Orientali di Napoli

AJA – American Journal of Archaeology

Ant – Antiquity. A Quarterly Review of Archaeology

AntCl – l'Antiquité Classique

AntK – Antique Kunst

Arch – Archaeology. An Official Publication of the Archaeological Institute of America

ArchDelt – Arkaiologikon Deltion

BCH – Bulletin de Correspondance Hellénique

Boreas – Boreas. Münstersche Beiträge zur Archäologie

BSA – The Annual of British School at Athens

CAJ – Cambridge Archaeological Journal

ClasAnt – Classical Antiquity

ClQ – The Classical Quarterly

DossPar – Histoire et Archéologie. Les Dossiers [Paris]

Ergon – To Ergon tes Arkaiologuikes Etaireias

GaR – Greece and Rome

Hesp – Hesperia. Journal of the American School of Classical Studies at Athens

Hist – Historia. Zeitschrift für alte Geschichte

JHS – The Journal of Hellenic Studies

MA – Mediterranean Archaeology. Austrália and New Zealand Journal for the Archaeology of the Mediterranean World

Mnemosyne – Mnemosyne. Bibliotheca Classica Batava

MusHelv – Museum Helveticum

OJA – Oxford Journal of Archaeology

OpAth – Opuscula Atheniensa

PP – La Parola del Passato

Prakt – Praktika tese n Athenais

SIMA – Studies in Mediterranean Archaeology

RA – Revue Archéologique

REG – Revue des Études Grecques

TAPA – Transactions of the American Philological Association

Abreviaturas da Bibliografia Geral.

AHLBERG, G. PEGGA, 1971.	AHLBERG, G. <i>Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art</i> . Goteborg, 1971.
AINIAN, A. M. SIMA CXXI, 1997.	AINIAN, A. M. "From ruler's dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)" <i>Studies in Mediterranean Archaeology</i> Vol. CXXI, 1997.
COLDSTREAM, J. N. GG, 1976.	COLDSTREAM, J. N. <i>Geometric Greece</i> . London: Methuen, 1976.
DESBOROUGH, V. GDA, 1972.	DESBOROUGH, V. R.d'A. <i>The Greek Dark Ages</i> . London: Ernest Benn Limited, 1972.
MORRIS, I. ACH, 2000.	MORRIS, I. <i>Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece</i> . Massachusetts, 2000
MORRIS, I. BAS, 1987.	<i>Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
De POLIGNAC, F. CTO, 1995.	<i>Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State</i> . Chicago, 1995.
SNODGRASS, M. A. DAG, 2000.	SNODGRASS, A. M., <i>The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC</i> . New York: Routledge, 1971 (reprint 2000)
WHITLEY, J. SSDAG, 1991.	<i>Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C</i> . Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Referências Bibliográficas:

A) Fontes Antigas.

- **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2000. Dn 2, 31-35.
- HERÓDOTO *História. O retrato clássico da Guerra entre Gregos e Persas*. J. Brito Broca (trad.) Clássicos Ilustrados, São Paulo: Prestígio Editorial, Ediouro, 1998.
- HESÍODO *Os Trabalhos e os Dias*. M. C. Neves Lafer (trad.) Biblioteca Pólen, São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____ *Teogonia. A Origem dos Deuses*. J. Torrano (trad.) Biblioteca Pólen, São Paulo: Iluminuras, 1992, 2ª. edição.

- HOMERO *Ilíada*. Trajano Vieira (org.) e Haroldo de Campos (trad.), Volumes I e II, São Paulo: Editora Arx, 2002.
- _____ *Odisséia*. M. Odorico Mendes (trad.) Texto & Arte, São Paulo: EDUSP, 1996, 2ª. edição.
- TUCÍDIDES *História da Guerra do Peloponeso*. M. Gama Kury (trad.) Clássicos IPRI, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

B) Obras de Referência.

- *L'Année Philologique. Bibliographie Critique et Analytique de l'Antiquité Gréco-Latine*. Societé Internationale de Bibliographie Classique. Paris, 1967 – .
- *Archäologische Bibliographie*. Deutschen Archäologischen Instituts. Berlin, 1918 – .
- Bulletin Archéologique. Metzger, H., *Revue des Études Grecques*. Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France. Paris, 1888 – .
- *Corpus Vasorum Antiquorum*. Union Académique Internationale.
- DAREMBERG, Ch.; SAGLIO, E. (dir.) *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Librairie Hachette, 1877-1919.
- *Fasti Archeologici*. International Association for Classical Archaeology. Firenze, 1946 – .

C) Publicações de Escavações.

- ALTHERR-CHARON, Antoinette “Chantier du Temple D’Apollon” *AntK* 24 (1981), p. 81-83.
- AUBERSON, P. *Eretria I - Fouilles et Recherches*. Éditions Francke: Berne, 1968.
- BACKE-FORSBERG, Yvonne; FOSSEY, John M.; FRIZELL, Barbro and HÄGG, Robin (eds.) *Excavations in the Barbouna Area at Asine*. Fascicle 2. Finds from the Levendis Sector, 1970-1972. Uppsala, *Boreas* 4,2 (1978).

- BÉRARD, C. *Eretria III – Fouilles et Recherches. L'Hérôon à la Porte de L'Ouest*. Éditions Francke: Berne, 1970.
- _____ “Le Sceptre du Prince” *MusHelv* XXIX (1972), p. 219-27.
- CALLIGAS, P. G.; LEMOS, I. S. *Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. Parte 1. The Pottery. The British School of Archeology at Athens. Supplementary Volume, no. 22*. Oxford, 1990.
- DIETZ, S. *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974. Fasc. 1. General Stratigraphical Analysis and Architectural Remains. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae. Series in quarto*. Stockholm: Astrom Editions, 1982.
- HÄGG, Robin “Geometrische Gräber von Asine” *OpAth* VI (1965), p. 117-38, tafels I-IV.
- HÄGG, Robin and HÄGG, Inga “Asine. Barbouna Area” *ArchDelt* 28, B1 (1973), p. 155-59.
- _____ (eds) *Excavations in the Barbouna Area at Asine. Fascicle 1*. UPPSALA, 1993.
- FRÖDIN, Otto and PERSSON, Axel W. *Asine. Results of the Swedish Excavations 1922-1930*. Stockholm, 1938.
- HUBER, Sandrine “Les Fouilles dans le Sanctuaire D'Apollon à Éréttrie” *AntK* 34 (1991), p. 128-32.
- _____ “Un Atelier de Bronzier dans le Sanctuaire D'Apollon à Éréttrie?” *AntK* 34 (1991), p. 137-54.
- KAHIL, Lilly “Quartier de Maisons Géométriques” *AntK* 24 (1981), p. 85-6.
- KRAUSE, Clemens “Eretria. Ausgrabungen 1981” *AntK* 25 (1982), p. 150-60.
- PAPAPOSTOLOU, John “ΘΕΡΜΟΣ” *Ergon* (1992), p. 41-52.
- _____ “ΘΕΡΜΟΣ” *Ergon* (1993), p. 44-56.

- _____ “ΘΕΡΜΟΣ” *Ergon* (1994), p. 43-49.
- _____ “ΘΕΡΜΟΣ” *Ergon* (1995), p. 36-42.
- POPHAM, M.; SACKETT, L. H.; THEMELIS, P. G. *Lefkandi I. The Iron Age. Text. The Settlement. The Cemeteries. The British School of Archaeology at Athens. Supplementary Volume, no. 11.* Oxford: Thames and Hudson, 1980.
- POPHAM, M. R.; CALLIGAS, P. G.; SACKETT, L. H. (eds.) *Lefkandi II. The Protogeometric Building at Toumba. Parte 2. The Excavation, Architecture and Finds. The British School of Archaeology at Athens. Supplementary Volume, no. 23.* Oxford: Alden Press, 1993.
- POPHAM, M. R.; LEMOS, I. S. *Lefkandi III. The Toumba Cemetery. Plates. The excavations of 1981, 1984, 1986 and 1992-4. The British School of Archaeology at Athens. Supplementary Volume, no. 29.* Oxford: Alden Press, 1996.
- POPHAM, M. R.; TOULOUPA, E.; SACKETT, L. H. “Further Excavations of the Toumba Cemetery at Lefkandi, 1981” *BSA* 77 (1982), p. 213-48; plates 15-34.
- REBER, Karl “Die Gräbungen in Haus IV von Eretria” *AntK* 34 (1991), p. 133-36.
- WELLS, B. *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 1. The Tombs. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae. Series in quarto.* Stockholm: Astrom Editions, 1976.
- _____ *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 2. An Analysis of the Settlement. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae. Series in quarto.* Stockholm: Astrom Editions, 1983.
- _____ *Asine II. Results of the Excavations East of the Acropolis 1970-1974. Fasc. 4. The Protogeometric Period. Part 3. Catalogue of Pottery and other Artefacts. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae. Series in quarto.* Stockholm: Astrom Editions, 1983.
- WELLS, B.; HAGG, R.; NORDQUIST, G. C. (eds.) *Asine III. Supplementary Studies on the Swedish Excavations 1922-1930. Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae. Series in quarto.*

Stockholm: Astrom Editions, 1996.

D) Bibliografia Geral.

- AHLBERG, G. *Prothesis and Ekphora in Greek Geometric Art*. Goteborg, 1971.
- AINIAN, A. M. "Contribution à l'Étude de l'Architecture Religieuse Grecque des Âges Obscurs" *AntCl* 54 (1985), p. 5-47.
- _____ "Early Greek Temples: Their Origin and Function." HÄGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. C. (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986, Stockholm: Paul Astroms Forlag, 1988, p. 105-19.
- _____ "From ruler's dwellings to Temples. Archaeology, Religion and Society in Early Iron Age Greece (1100-700)" *Studies in Mediterranean Archaeology*. Vol. CXXI, 1997.
- _____ "Late Bronze Age Apsidal and Oval Buildings in Greece and Adjacent Areas". *The Annual of The British School at Athens*. No. 84 (1989), p. 269-88.
- _____ "New Evidence for the Study of the Late Geometric – Archaic Settlement at Lathouriza in Attica" In: *Klados – Essays in Honour of J. N. Coldstream*. BICS – Suppl. 63 (1995), p. 143-55.
- ANDREWES, A. *The Greeks*. 1967.
- ANTONACCIO, C. M. *An Archaeology of Ancestors. Tomb Cult and Hero Cult in Early Greece*. London: Rowman & Littlefield Publishers, INC., 1995.
- _____ "Contesting the Past: Hero Cult, Tomb Cult, and Epic in Early Greece." *American Journal of Archaeology*. Vol. 98, (1994), p. 389-410.
- _____ "Lefkandi and Homer" In: ANDERSEN, Øivind and DICKIE, Matthew (eds.) *Homer's World. Fiction, Tradition, Reality*. Papers from the Norwegian Institute at Athens 3 (1995), Bergen, 1995, p. 5-27.

- _____ Warriors, Traders, and Ancestors: the “Heroes” of Lefkandi. HOJTE, H. (ed.) *Image of Ancestors*. Aarhus University Press, 2002, p. 13-42.
- ARIAS, P. E. *A History of Greek Vase Painting*. London: Thames and Hudson, 1962.
- ARIÈS, P. “A História das Mentalidades” LE GOFF, J., CHARTIER, R. E REVEL, J. (direção) *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1978, p. 455-79.
- ÅSTRÖM, Paul “Inverted Vases in Old World Religion” *Journal of Prehistoric Religion* 1 (1987), p. 7-16.
- BÉRARD, Claude “Entre Temples et Tombes: Urbanisation d’une Cité Grecque” In: *Érétrie. Cité de la Grèce Antique. DossPar* 94 (Mai/1985), p. 26-31.
- _____ “Érétrie, l’organisation de l’espace et la formation d’une cite grecque”. Schnapp, A. (dir) *L’Archéologie Aujourd’hui*. Paris: Hachette, 1980, p. 229-50.
- _____ “L’Héroïsation et la Formation de la Cité: un Conflit Ideologique” In: *Architecture et Société de l’Archaisme Grec à la République Romaine. Actes du Colloque International organisé par le Centre National de la Recherche Scientifique et l’École Française de Rome. Collection de l’École Française de Rome*, vol. 66 (1983), p. 43-62.
- _____ Récupérer la Mort du Prince: Heroisation et la Formation de la Cite. GNOLI, G.; VERNANT, Jean-Pierre (direction) *La Mort, Les Morts dans les Sociétés Anciennes*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1990, p. 89-105.
- BINFORD, L. R. *In Pursuit of the Past* Londres, 1983.
- BINTLIFF, J. “The Origins of the Greek City-state and the Significance for the World Settlement History”. In: Ruby, P. (ed) *Les Princês de la Protohistoire et l’émergence de l’État. Actes de la Table Ronde Intenational de Naples (1994)*, Naples, Coll. EFR, 252, 1999:43-56.
- BLEGEN, Carl W. “Post-Mycenaean Deposits in Chamber-Tombs” *AE* vol.1 (1937), p. 377-90.
- _____ *Prosymna*. Cambridge, 1937.

- BLOMART, Alain “Les Manières Grecques de Déplacer les Héros: Modalités Religieuses et Motivations Politiques” In: *Héros et Héroïnes*. KERNOS, Suppl. 10 (2000), p. 351-64.

- BOARDMAN, J. *Greek Art*. London: Thames and Hudson, 1964.

- _____ *Early Greek Vase Painting – 11th to 6th BC*. London: Thames and Hudson, 1998.

- BOARDMAN, J.; KURTZ, D. *Greek Burial Customs*. London: Thames and Hudson, 1971.

- BOHEN, B. “Aspects Athenian Grave Cult in the Age of Homer” In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1997, p. 44-55.

- BURKERT, W. *A Criação do Sagrado. Vestígios biológicos nas antigas religiões*. V. Silva (trad.) Lisboa: Edições 70, 1996

- _____ *The Orientalizing Revolution. Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

- CALLIGAS, Peter. G. “Hero-Cult in Early Iron Age Greece.” HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. C. (eds.) *Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986*. Stockholm, 1988, p. 229-34.

- CARLIER, Pierre *Homère*. Paris: Fayard, 1999.

- _____ “Palais et Sactuaires dans le Monde Mycénien” In: LÉVY, E. (ed.) *Le Système Palacial en Orient, en Grèce et à Rome*. Actes du Colloque de Strasbourg 19-22 Juin 1985. Université des Sciences Humaines de Strasbourg. Travaux du Centre de Recherche sur le Proche-Orient et la Grèce Antiques 9 (1987), p. 255-82.

- _____ *La Royauté en Grèce avant Alexandre*. Strasbourg: AECR, 1984.

- CAVANAGH, William; MEE, Christopher “Mourning Before and After the Dark Age” In: *Klados – Essays in Honour of J. N. Coldstream*. BICS – Suppl. 63 (1995), p. 45-61.

- COLDSTREAM, J. N. *Geometric Greece*. London: Methuen, 1976.

- _____ *Greek Geometric Pottery*. (Tese), 1968.
- _____ "Hero-Cults in the Age of Homer" *The Journal of Hellenic Studies*. Vol. 96, (1976), p. 8-17.
- COOK, J. M. *The Annual of British School at Athens*. Vol. 48 (1953).
- COULTON, J. J. "Post Holes and Post Bases in Early Greek Architecture". *Mediterranean Archaeology*. Vol. I, (1988), p. 58-65.
- COUCOUZELI Alexandra "Architecture, Power, and Ideology in Dark Age Greece: a new interpretation of the Lefkandi Toumba building" In: *Classical Archaeology towards the Third Millennium: Reflections and Perspectives*. Proceedings of the XVth International Congress of Classical Archaeology, Amsterdam, July 12-17, 1998. Allard Pierson Series, vol. 12, p. 126-29, figs. 38-42.
- CRIELAARD, Jan Paul "Cult and Death in Early 7th-Century Euboea. The Aristocracy and the Polis" In: MARCHEGAY, Sophie; Le DINAHET, Marie-Thérèse et SALLES, Jean-François (eds.) *Nécropoles et Pouvoir. Idéologies, pratiques et interprétations*. Actes du Colloque Théories de la Nécropole Antique, Lyon 21-25 Janvier 1995. Paris: De Boccard, 1998, p. 43-58.
- _____ "The Hero's Home: some reflections on the building at Toumba, Lefkandi" *TOIHOI* 4 (1994), p. 251-70.
- _____ (ed.) *Homeric Questions*. Essays in Philology, Ancient History and Archaeology, including the Papers of a Conference organized by the Netherkands Institute at Athens (15 May 1993), Amsterdam: J. C. Gieben Publisher, 1995, p. 309-12.
- _____ "Homer, History and Archaeology. Some Remarks on the Date of the Homeric World" In: CRIELAARD, J. P. (ed.) *Homeric Questions*. Essays in Philology, Ancient History and Archaeology, including the Papers of a Conference organized by the Netherkands Institute at Athens (15 May 1993), Amsterdam: J. C. Gieben Publisher, 1995, p. 201-88.
- DALBY, A. "The Iliad, the Odyssey and their Audiences". *The Classical Quarterly*. Vol. 45, no. 2 (1995), p. 269-79.

- DARCQUE, P. "Pour L'Abandon du Terme 'Mégaron'" *Bulletin de Correspondance Hellénique*. Supplément XIX, p. 21-31.
- DAVISON, J. M. *Attic Geometric Workshops*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, 1968.
- DESBOROUGH, V. R.d'A. *The Greek Dark Ages*. London: Ernest Benn Limited, 1972.
- _____ *The Last Mycenaeans and Their Successors*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- _____ *Protogeometric Pottery*. (Tese), 1952.
- DICKIE, Matthew "The Geography of Homer's World" In: ANDERSEN, Øivind and DICKIE, Mathew (eds.) *Homer's World. Fiction, Tradition, Reality*. Papers from the Norwegian Institute at Athens 3 (1995), Bergen, 1995, p. 26-56.
- DIETRICH, B. C. *Death, Fate and the Gods. The Development of a Religious Idea in Greek Popular Belief and in Homer*. London: The Athlone Press University of London, 1965.
- _____ "Some Evidence of Religious Continuity in the Greek Dark Age" *Institute of Classical Studies – Bulletin no. 17* (1970), p. 16-31.
- DONLAN, Walter "The Homeric Economy" In: MORRIS, Ian; POWELL, B.B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 649-67.
- DREWS, R. *Basileus. The Evidence for Kingship in Geometric Greece*. New Haven and London: Yale University Press, 1983.
- DUCREY, Pierre "Éretrie, une Cté de la Grèce Antique" In: *Éretrie. Cité de la Grèce Antique*. *DossPar* 94 (Mai/1985), p. 8-11.
- DUNCAN, J. S. *The City as a Text. The Politics of Landscape in Interpretation in the Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- EHRENBERG, Victor "When Did the Polis Rise?" *JHS* LVII (1937), p. 147-59.

- EKROTH, Gunnel "Altars in Greek Hero-Cults. A Review of the Archaeological Evidence" In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno (eds.) *Ancient Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, June 26-29, 1986. Stockholm. *ActaInstAthenSueciae* 15 (1988), p. 118-30.
- _____ "Offerings of Blood in Greek Hero-Cults" In: *Héros et Héroïnes*. KERNOS, Suppl. 10 (2000), p. 263-80.
- FAGERSTRÖM, Kåre "Greek Iron Age Architecture" *SIMA* LXXXI (1988), Göteborg – Paul Åströms Förlag.
- FARNELL, L. R. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford: The Oxford University Press, 1921.
- FINKELBERG, M. "Royal Succession in Heroic Greece". *The Classical Quarterly*. Vol. 41, no. 2 (1991), p. 303-16.
- FINLEY, M. I. *O Mundo de Ulisses*. Portugal, Brasil: Livraria Martins Fontes, 1965.
- _____ *Early Greece. The Bronze and Archaic Ages*. New York, London: W W Norton, 1970.
- _____ "Homer and Mycenae: property and tenure" *Historia* VI (1957), p. 133-59.
- FOLEY, Anne "Ethnicity and the Topography of Burial Practices in the Geometric Period" In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. Recherches Franco-Helléniques III, 1998, p. 137-43.
- FOLEY, John Miles "Oral Tradition and its Implications" In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. Powell (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 146-73.
- GARLAND, R. *The Greek Way of Death*. New York: Cornell University Press, 1985.
- GASKIN, R. "Do Homeric Heroes Make Real Decisions?". *The Classical Quarterly*. Vol. 40, no. I (1990), p. 1-15.

- GEDDES, A. G. "Who's Who in 'Homeric' Society?". *The Classical Quarterly*. Vol. 34, no. I (1984), p. 17-36.

- GISLER, Jean-Robert "La Céramique Géométrique" In: *Éretrie. Cité de la Grèce Antique. DossPar 94* (Mai/1985), p. 36-7.

- GNOLI, G. et VERNANT, Jean-Pierre (direction) *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés - Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- GOODY, J. R. "Inheritance, Property and Marriage in Africa and Eurasia." *Sociology*. Vol. 3, p. 55-76, 1969.

- GRIFFITHS, J. Gwyn "Archaeology and Hesiod's Five Ages." *Journal of the History of Ideas*. Vol. 17, (1956), p. 109-19.

- HADZISTELIOU-PRICE, Theodora "Hero-Cult and Homer" *Historia* XXII, 2 (1973), p. 129-44.

- HÄGG, R. "Gift to the Heroes in Geometric and Archaic Greece" In: LINDERS, Tullia and NORDQUIST, Gullög (eds.) *Gift to the Gods*. Proceedings of the Uppsala Symposium 1985. *Boreas* 15 (1987), p. 93-99.

- _____ "Osteology and Greek Sacrificial Practice" In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno (eds.) *Ancient Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, June 26-29, 1986. Stockholm. *ActaInstAthenSueciae* 15 (1988), p. 49-56.

- HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) *Early Greek Cult Practice. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 26-29 June, 1986*. Stockholm, 1988.

- _____ *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981*. Stockholm, 1983.

- _____ *Greek Sanctuaries. New Approaches*. London, New York:

Routledge, 1993.

- _____ *The Role of the Religion in the Early Greek Polis. Proceedings of the Third International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Swedish Institute in Athens, 16-18 October, 1992.* Stockholm, 1996.
- _____ *Sanctuaries and Cults in the Aegean Bronze Age. Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 12-13 May, 1980.* Stockholm, 1981.
- HALBWACHS, M. *Mémoires Collectives.* Paris, P.U.F., 1950.
- HALL, J. Approaches to Ethnicity in Early Iron Age Greece. In: SPENCER, N. (ed.) *Time, Tradition and Society in Greek Archeology. Bridging the "Great Divine"*. London, New York, 1995, p. 6-17.
- _____ *Ethnic Identity in Greek Antiquity.* Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- HAVELOCK, E. A. *The Greek Concept of Justice.* Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- _____ *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais.* SERRA, J. Ordep (trad.) São Paulo: Paz e Terra, s/ data.
- HUBER, Sandrine "Une aire sacrificielle proche du Sanctuaire d'Apollon Daphnéphoros à Érétrie. Approches d'un Rituel Archaïque" In: HÄGG, Robin; MARINATOS, Nanno (eds.) *Ancient Greek Cult Practice.* Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute in Athens, June 26-29, 1986. Stockholm. *ActaInstAthenSueciae* 15 (1988), p. 141-55.
- HUMPHREYS, S. C.; KING, Helen (eds.) *Mortality and Immortality: the anthropology and archaeology of death. Proceedings of a meeting of the Research Seminar in Archaeology and related subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980.* London: Academic Press, 1981.

- HURWIT, J. M. Art, Poetry, and the Polis in the Age of Homer. LANGDON, S. (ed.) *From Pasture to Polis: Art in the Age of Homer*. Columbia, London: University of Missouri Press, 1994, p. 14-42.

- JANKO, R. *Homer, Hesiod, and the Hymns: Diachronic Development in Epic Diction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

- _____ "The Homeric Poems as Oral Dictated Texts". *The Classical Quarterly*. Vol. 48, no. I (1998), p. 1-13.

- JONES, S. *Men of Influence in Nuristan*. Londres, 1974.

- _____ "Homer and Modern Oral Poetry" *CIQ* X, 1 (1960), p. 271-81.

- KAHIL, Lilly "Cultes, Habitats et Colonisation au VIIIe s" In: *Éretrie. Cité de la Grèce Antique. DossPar* 94 (Mai/1985), p. 32-5.

- KIRK, G. S. "Objective Dating Criteria in Homer" *MusHelv* 17 (1960), fasc. 4, p. 189-205.

- _____ *The Songs of Homer*. 1962.

- KILIAN, Klaus "L'Architecture des Résidences Mycéniennes: Origine et Extension d'une Structure du Pouvoir Politique Pendant l'Âge du Bronze Récent" In: LÉVY, E. (ed.) *Le Système Palacial en Orient, en Grèce et à Rome. Actes du Colloque de Strasbourg 19-22 Juin 1985*. Université des Sciences Humaines de Strasbourg. Travaux du Centre de Recherche sur le Proche-Orient et la Grèce Antiques 9 (1987), p. 203-18.

- KRAUSE, Clemens "Naissance et Formation d'une Ville" In: *Éretrie. Cité de la Grèce Antique. DossPar* 94 (Mai/1985), p. 17-25.

- _____ "Remarques sur la Structure et l'Évolution de l'Espace Urbain d'Éretrie" In: *Architecture et Société de l'Archaisme Grec à la République Romaine. Actes du Colloque International organisé par le Centre National de la Recherche Scientifique et l'École Française de Rome. Collection de l'École Française de Rome*, vol. 66 (1983), p. 63-73.

- LANGDON, Susan LANGDON, S. "Gift Exchange in the Geometric Sanctuaries" In: LINDERS, Tullia and NORDQUIST, Gullög (eds.) *Gift to the Gods*. Proceedings of the Uppsala Symposium 1985. *Boreas* 15 (1987), p. 107-13.

- _____ "The Pottery of the Early Iron Age and Geometric Periods" In: RUNNELS, C.; PULLEN, D. J.; LANGDON, S. (eds.) *Artifacts and Assemblage. The Finds from a Regional Survey of the Southern Argolid, Greece. Vol. 1*. Stanford: Stanford University Press, 1995, p. 57-73.

- LEACH, E. R. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia. Um estudo da estrutura social Kachin*. SOUZA, G. G.; DANESI, A. P.; SOUZA, G. C. C. (trad.) São Paulo: EDUSP, 1995.

- LEMOS, Irene S.; HATCHER, Helen "Protogeometric Skyros and Euboea" *OJA* 5 (1986), p. 323-37.

- LÉVÊQUE, Pierre "Continuités et Innovations dans la Religion Grecque de la première moitié du Ier Millénaire" *PP* XXVIII (1973), p. 23-50.

- LÉVY, Edmond "Lien Personnel et Titre Royal: *Anax* et *Basileus* dans l'Iliade" In: LÉVY, E. (ed.) *Le Système Palacial en Orient, en Grèce et à Rome*. Actes du Colloque de Strasbourg 19-22 Juin 1985. Université des Sciences Humaines de Strasbourg. Travaux du Centre de Recherche sur le Proche-Orient et la Grèce Antiques 9 (1987), p. 291-314.

- LORD, A. B. *The Singer of Tales*. Harvard: Harvard University Press, 1960.

- _____ *The Singer Resumes Tale*. Ithaca, New York, 1995.

- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista*. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

- MAGDALENO, A. S. "*Thánatos* e *Psyché*: entre a morte do herói e do hoplita". Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/UFRJ, 1999.

- MARINATOS, N. What were Greek Sanctuaries? A Synthesis. MARINATOS, N.; HAGG, R. (eds) *Greek Sanctuaries. New Approaches*. London, New York: Routledge, 1993, p. 228-33.

- MORGAN, C. "Ethne, Ethnicity, and Early Greek States, ca. 1200-480 BC: An Archaeological Perspective" In: MALKIN, I. (ed.) *Ancient Perceptions of Greek Ethnicity*. Cambridge: Harvard University Press, 2001, p. 75-112.

- MORRIS, I. "The Archaeology of Ancestors: The Saxe/Goldstein Hypothesis Revisited". *Cambridge Archaeological Journal*. Vol. I, no. 2 (1991), p. 147-69.

- _____ *Archaeology as Cultural History. Words and Things in Iron Age Greece*. Massachusetts, 2000.

- _____ "The Art of Citizenship" In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1997, p. 9-43.

- _____ "Attitudes Toward Death in Archaic Greece" *Classical Antiquity*, Vol. 8, no. 2, (1989), p. 269-320.

- _____ *Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

- _____ "Burial and Ancient Society After Ten Years" In: MARCHEGAY, Sophie; Le DINAHET, Marie-Thérèse et SALLES, Jean-François (eds.) *Nécropoles et Pouvoir. Idéologies, pratiques et interprétations*. Actes du Colloque Théories de la Nécropole Antique, Lyon 21-25 Janvier 1995. Paris: De Boccard, 1998, p. 21-36.

- _____ *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- _____ "The Early Polis as City and State" In: RICH, J.; WALLACE, H. (eds.) *City and Country in the Ancient World*. London and New York: Routledge, 1991, p. 25-58.

- _____ "Homer and the Iron Age" In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 534-59.

- _____ "Iron Age Greece and the Meanings of 'Princely Tombs'" *Les Princes de la Protohistoire et L'Émergence de l'État. Actes de la Table Ronde Internationale de Naples*

(1994), Naples, p. 57-80, 1999.

- _____ The Past, the East and the Hero of Lefkandi. MORRIS, I. *Archaeology as Cultural History*. London, 1997, p. 169-98.

- _____ Periodization and The Heroes: Inventing a Dark Age. GOLDEN, M.; TOOHEY, P. (eds.) *Inventing Ancient Culture. Historicism, periodization, and the ancient world*. London, New York: Routledge, 1997, p. 96-131.

- _____ "Tomb Cult and the 'Greek Renaissance': the Past in the Present in the 8th century B.C." *Antiquity*. Vol. 62, (1988), p. 750-61.

- _____ "The Use and Abuse of Homer." *Classical Antiquity*. Vol. 5, no. 1, (1986), p. 81-138.

- MORRIS, Sarah "Homer and the Near East" In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 599-623.

- MYLONAS, George E. *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*. Princeton and New Jersey: Princeton University Press, 1969.

- _____ "Homeric and Mycenaean Burial Customs." *American Journal of Archaeology*. Vol. 52, no. 1, (1948), p. 56-81.

- NAGY, G. *The Best of the Archaeans. Concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry*. Baltimore, London: The Johns Hopkins University, 1979.

- PARKER, R. *Athenian Religion. A History*. New York: Oxford University Press, 1997.

- _____ *Miasma. Pollution and Purification in Early Greek Religion*. New York: Oxford University Press, 1996.

- PARRRY, A. *The Making of Homeric Verse*. Oxford: The Oxford University Press, 1971.

- PIÉRART, Marcel "Héros Fondateurs. Héros Civilizateurs. La Rivalité entre Argos et Athènes vue par Pausanias" In: *Héros et Héroïnes*. KERNOS, Suppl. 10 (2000), p. 409-34.

- De POLIGNAC, F. "Cité et Territoire   l'époque Géométrique: un modèle argien?" In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5

- _____ *Cults, Territory and The Origins of the Greek City-State. Foreword, Preface and Introduction*. J. Lloyd (trad) Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.

- _____ "Entre les Dieux et les Morts. Statut Individuel et Rites Collectifs dans la Cité Archaique" In: *The Role of Religion in the Early Greek Polis*. Proceedings of the Third International Seminar on Ancient Greek Cult, organized by the Swedish Institute at Athens, 16-18 October, 1992. *ActaInstAthenSueciae* 14 (1996), p. 31-40.

- _____ *La Naissance de la Cite Grecque*. La D couverte: Paris, 1984.

- _____ "Offrandes, M moire et Comp tition Ritualis e dans les Sanctuaire Grecs   l' poque Géométrique" In: *Religion and Power in the Ancient Greek World*. Proceedings of the Symposium 1993. *Boreas* 24 (1996), p. 59-66.

- POPHAM, M. "Precolonization: Early Greek Contact with the East" In: TSETSKHLADZE, G. R.; De ANGELIS, F. (eds.) *The Archaeology of Greek Colonization*. Essays Dedicated to Sir John Boardman, Oxford, 1994, p. 11-34.

- POPHAM, M. R. & SACKETT, L.H. "Lefkandi: A Euboean Town of the Bronze Age and the Early Iron Age (2100-700 B.C.)" *Archaeology*, Vol. 25, p. 8-19, 1972.

- _____ "The Hero of Lefkandi" *Antiquity*, Vol. 56, p. 169-174, 1982.

- POWELL, B. B. "From Picture to Myth, from Myth to Picture" In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1997, p. 154-93.

- _____ *Homer and the Origins of the Greek Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

- _____ “Homer and Writing” In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 3-32.

- PRICE, T. H. “Hero-Cult and Homer.” *Historia*. Vol. 22, p. 129-44, 1973.

- RAAFLAUB, Kurt A. “Homeric Society” In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 624-48.

- RATINAUD-LACHKAR, Isabelle “Les Argiens et leurs Ancêtres. À Propos des Objets d’Époque Géométrique trouvés dans Quelques Tombes Mycéniennes” In: *Le Péloponnèse. Archeologie et Histoire*. Actes de la Rencontre Internationale de Lorient (12-15 Mai 1998). Presses Universitaires de Rennes, 1999, p. 87-108.

- _____ “Héros Homériques et Sanctuaires d’Époque Géométrique” In: *Héros et Héroïnes*. KERNOS, Suppl. 10 (2000), p. 247-62.

- ROHDE, E. *Psyche: The Cult of Souls and Belief in Immortality Among the Greeks*. W. B. Hillis (trad.) New York, 1925.

- RUTKOWSKI, B. *The Cult Places of the Aegean*. Londres, 1986.

- SAÏD, Suzanne “Tombes Épiques D’Homère a Apollonios” In: MARCHEGAY, Sophie; Le DINAHET, Marie-Thérèse et SALLES, Jean-François (eds.) *Nécropoles et Pouvoir. Idéologies, pratiques et interprétations*. Actes du Colloque Théories de la Nécropole Antique, Lyon 21-25 Janvier 1995. Paris: De Boccard, 1998, p. 9-20.

- SAKELLARIOU, Michel “La Situation Politique en Attique et en Eubée de 1100 a 700 avant J.-C.” *REA* 78-79 (1976-77), p. 11-21.

- SARIAN, H. “Culto Heróico, Cerimônias Fúnebres e a Origem dos Jogos Olímpicos” In: *Clássica*, São Paulo, v. 9/10, p. 45-60, 1996-1997.

- _____ “A Escrita Alfabética Grega: uma invenção da *pólis*? A contribuição da arqueologia” In: *Clássica*, v. 11/12, n. 11/12, 1998/1999, p. 159-77.

- _____ “A Expressão Imagética do Mito e da Religião nos Vasos gregos e de tradição grega. In: Pinto, N. F. & Brandão, J. L. (orgs) *Cultura Clássica em Debate*. Belo Horizonte: UFMG/CNPq/SBEC, 1987: 15-50.
- _____ “Morte e Sono na Arte Grega: notas de iconografia funerária. *Clássica*. V. 7/8, 1994/95: 63-74.
- SARKADY, J. “Outlines of the Development of Greek Society in the Period between the 12th and 8th Centuries B.C.” *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 23 (1975), p. 107-25.
- SHAPIRO, H. A. *Myth into Art. Poet and Painter in Classical Greece*. London: Routledge, 1994.
- SHERRATT, E. S. “‘Reading the Texts’: Archaeology and the Homeric Question.” *Antiquity*. Vol. 64, (1990), p. 807-24.
- SIMON, C. G. “The Archaeology of Cult in Geometric Greece” In: LANGDON, S. (ed.) *New Light on a Dark Age. Exploring the Culture of Geometric Greece*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1997, p. 125-43.
- SNODGRASS, A. M. *Archaic Greece: the Age of Experiment*. Berkeley: University of California Press, 1981.
- _____ *Arqueología de Grecia*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.
- _____ *An Archaeology of Greece: the present state and future scope of a discipline*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- _____ “The Archaeology of the Hero” *AION* 10 (1988), p. 19-26.
- _____ *Archaeology and the Rise of the Greek State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____ “Archaeology and the Study of the Greek City” In: RICH, J.; WALLACE, H. (eds.) *City and Country in the Ancient World*. London and New York: Routledge, 1991, p. 1-24.

- _____ *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC.* New York: Routledge, 2000.
- _____ "An Historical Homeric Society?" *The Journal of Hellenic Studies.* Vol. 94, p. 114-25, 1974.
- _____ *Homer and the Artists. Text and Picture in Early Greek Art.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- _____ "Homer and the Greek Art" In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer.* Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 560-97.
- _____ "Iron Age Greece and Central Europe" *American Journal of Archaeology.* Vol. 66, no. 4, (1962), p. 408-10.
- _____ *Narration and Allusion in Archaic Greek Art.* The Eleventh J. L. Myres Memorial Lecture. London: Leopard's Head Press, 1982.
- _____ "Les Origines du Culte des Héros dans la Grèce Antique." GHERARDO, Gnoli; VERNANT, Jean-Pierre (direction) *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés Anciennes.* Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 107-119.
- _____ "The Rise of the Polis" In: HANSEN, Mogens H. (ed.) *The Ancient Greek City-State.* Symposium on the Occasion of the 250th Anniversary of the Royal Danish Academy of Sciences and Letters. July, 1-4, 1992. *Historisk-filosofiske Meddelelser* 67 (1993), Copenhagen, p. 30-40.
- _____ "Towards the Interpretation of the Geometric Figure-Scenes" *AM* 95 (1980), p. 51-8; tafeln 11-14.
- SOURVINOU-INWOOD, C. Early Sanctuaries, the Eighth Century and Ritual Space. Fragments of a discourse. MARINATOS, N.; HAGG, R. (eds.) *Greek Sanctuaries. New approaches.* London, New York: Routledge, 1993, p. 1-17.
- _____ "Reading" *Greek Death. To the end of the Classical Period.* Oxford,

1995.

- _____ “The Decline of the Early Greek Kings” *Historia* X (1961), p. 129-38.
- STARR, Chester G. “The Early Greek City-State” *PP* XII (1957), p. 97-108.
- _____ *The Origins of Greek Civilization. 1100-650 B.C.* New York e London: W W Norton & Company, 1991 (reprint).
- THOMAS, Carol G. “Homer and the Polis” *PP* XXI (1966), p. 5-14.
- _____ “The roots of Homeric Kingship” *Historia* XV, 4 (1966), p. 387-407.
- TURNER, Frank M. “The Homeric Questions” In: MORRIS, Ian; POWELL, B. B. (eds.) *Mnemosyne. A New Companion to Homer*. Bibliotheca Classica Batava, 163 (1997), Leiden, Netherlands: Brill, 1997, p. 123-45.
- VERNANT, Jean-Pierre *Figures, Idoles, Masques*. Paris, Julliard, 1990.
- _____ *Mito e Pensamento entre os Gregos*. SARIAN, H. (trad.) 2ª. edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____ *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Brasileira, 1977.
- VLACHOS, Georges C. *Les Sociétés Politiques Homériques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- WALKER, Keith G. *Archaic Eretria. A Political and Social History from Earliest Times to 490 BC*. London and New York: Routledge, 2004.
- WELLS, B. Early Greek Building Sacrifices. HÄGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. C. (eds.) *Early Greek Cult Practice*. Proceedings of the Fifth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 26-29 June, 1986, Stockholm: Paul Astroms Forlag, 1988, p. 259-66.
- WEST, M. L. *Hesiod’s Works and Days*. Oxford: Clarendon Press, 1978.

- _____ "The Rise of the Greek Epic" *The Journal of Hellenic Studies*. Vol. 108 (1988), p. 151-72.
- _____ "The Descent of Greek Epic: A Reply" *The Journal of Hellenic Studies*. Vol. 112 (1992), p. 173-75.
- _____ "The Date of the *Iliad*" *Museum Helveticum*. Vol. 52 (1995), p. 203-19
- WHITLEY, J. "Early States and Hero Cults: a re-appraisal." *The Journal of Hellenic Studies*. Vol. 108, (1988), p. 173-82.
- _____ "Objects with Attitude: Biographical Facts and Fallacies in the Study of Late Bronze Age and Early Iron Age Warrior Graves". *Cambridge Archaeological Journal*. Vol. 12, no. 2, (2002), p. 217-32.
- _____ *Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C.* Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- _____ "Social Diversity in Dark Age Greece" *The Annual British School at Athens*. Vol. 86, p. 341-365, 1991.
- _____ Tomb Cult and Hero Cult: the Uses of the Past in Archaic Greece. In: SPENCER, N. (ed.) *Time, Tradition and Society in Greek Archeology. Bridging the "Great Divine"*. London, New York, 1995, p. 43-63.
- WHITTAKER, H. *Mycenaean Cult Buildings*. Bergen, 1997.
- WRIGHT, J. C. The Spatial Configuration of Belief: The Archaeology of Mycenaean Religion. ALCOCK, S. E.; OSBORNE, R. (eds.) *Placing the Gods. Sanctuaries and Sacred Space in Ancient Greece*. Oxford: Clarendon Paperbacks, 2001, p. 37-78.
- YATES, F. *The Art of Memory*. Paris: Gallimard, 1975.
- ZERVOS, C. *La Civilisation Hellénique. Tome I – XIe-VIIIe S.* Paris : Éditions "Cahiers D'Art", 1969.

ERRATA

Não há p. 65 devido a uma falha ocorrida no processo de paginação. Não há perda de conteúdo.

São Paulo

2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

*Estruturas e Artefatos:
o culto heróico em sítios gregos
da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a.C.).*



Volume II

Camila Diogo de Souza

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA**

***Estruturas e Artefatos:
o culto heróico em sítios gregos
da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a.C.).***

Camila Diogo de Souza

Volume II

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia no
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de mestre.**

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

**São Paulo
2005**

ÍNDICE

Referência das Pranchas do Catálogo..... 01

A) *Thermos.* (p. 4-9)

Prancha 1	4
Prancha 2	5
Prancha 3	5
Prancha 4	6
Prancha 5	7
Prancha 6	8
Prancha 7	9

B) *Lefkandi.* (p. 10-38)

Prancha 8	10
Prancha 9	11
Prancha 10	12
Prancha 11	13
Prancha 12	14, 15
Prancha 13	16, 17
Prancha 14	18
Prancha 15	19, 20
Prancha 16	21
Prancha 17	22
Prancha 18	23, 24
Prancha 19	25
Prancha 20	25
Prancha 21	26
Prancha 22	26
Prancha 23	27, 28
Prancha 24	28
Prancha 25	29, 30, 31
Prancha 26	32
Prancha 27	33
Prancha 28	34, 35, 36
Prancha 29	37, 38

C) *Asine.* (p. 39-47)

Prancha 30	39
Prancha 31	40
Prancha 32	41
Prancha 33	42
Prancha 34	43

Prancha 35	43
Prancha 36	44
Prancha 37	45
Prancha 38	46
Prancha 39	47
Prancha 40	47

D) *Erétria*. (p. 48-60)

Prancha 41	48
Prancha 42	49
Prancha 43	50, 51
Prancha 44	52, 53
Prancha 45	54, 55, 56
Prancha 46	57, 58, 59
Prancha 47	60

Referências das Pranchas do Catálogo:

- *Thermos*.

Prancha 1	Plantas do <i>Mégaron A</i> e <i>Mégaron B</i> . (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 45a)
Prancha 2	<i>Kýathos</i> do Protogeométrico pertencente ao enterramento feminino na abside do <i>Mégaron A</i> . (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 49)
Prancha 3	Reconstituição do <i>Mégaron B</i> em suas diferentes fases: A) antes da adição do períptero, B) com a abside e C) após sua substituição pelo Templo C. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , fig. 47)
Prancha 4	Desenho da planta do <i>Mégaron B</i> . (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 48)
Prancha 5	Resquícios das estruturas das Plantas do Templo C e do <i>Mégaron B</i> . (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 41)
Prancha 6	Plantas das estruturas arquitetônicas presentes na área do Santuário de Apolo. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 40)
Prancha 7	Planta do <i>Mégaron B</i> e dos vestígios associados. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 44)

- *Lefkandi*.

Prancha 8	Vista da Planície Lelantina, apontando o local onde se situa o edifício Toumba em Lefkandi, destacado. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 2)
Prancha 9	Mapa localizando Lefkandi, o edifício Toumba, os cemitérios e o assentamento de Xerópolis. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 1)
Prancha 10	Planta do edifício Toumba, divisões internas. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 5)
Prancha 11	Reconstituição do edifício Toumba em Lefkandi. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 28)
Prancha 12	(a) e (b) faces da cratera que marca os enterramentos da Sala Central, (c) reconstituição. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part 1</i> , 1990, Plates 17-18; Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 54)
Prancha 13	(a) Urna funerária de bronze (ânfora) contendo as cinzas do homem no enterramento da Sala Central, ao lado, a tigela também de bronze que tampava a urna; (b) e (c) detalhes da decoração da borda da urna e da tigela. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plates 18, 19)
Prancha 14	Planta do edifício e do Cemitério Toumba. (Popham, M. <i>Lefkandi III</i> , 1996, Plate 4)
Prancha 15	(a) e (b) Objetos encontrados no interior do edifício Toumba. (Popham, <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plates 32-33)
Prancha 16	(a) <i>Skyphos</i> , (b) Enócoa, (c) Lécito em miniatura e (d) Fragmentos de um jarro, todos encontrados na Sala Central. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part 1</i> , 1990, Plate 5h, P. 120; Plate 7e, P. 644; Plate 5k, P. 723; Plate 40, P. 828)
Prancha 17	Perfil dos enterramentos da Sala Central. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plate 12)
Prancha 18	(a) desenhos dos enterramentos da Sala Central, (b) foto da inumação da mulher, destacando os peitorais de ferro, (c) desenhos dos objetos de ferro encontrados nos enterramentos da Sala Central. (Popham, M. <i>Lefkandi II, Part 2</i> , 1993, Plates 13, 15, 18)

Prancha 19	(a) Fragmentos cerâmicos, (b) Fragmento de uma cratera e (c) <i>skyphos</i> monocromático; todos encontrados no Quarto Norte. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plates 14, 21 e 5e)
Prancha 20	(a) e (b) taças monocromáticas encontradas no piso do Quarto Sul. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plate 5c e a)
Prancha 21	Taça encontrada na Sala Absidal. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plate 5g, P. 184)
Prancha 22	– (a) Fragmento de vaso cerâmico; (b) fragmentos de uma ânfora, ambos encontrados em covas da Sala Absidal. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plates 51, 6c, Ps. 249, 462)
Prancha 23	Fragmentos de vasos cerâmicos encontrados nas covas da Sala Absidal. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plates 9 – Ps. 30-34 – Plate 24 – P. 379 – Plate 41 – P. 822 – Plate 43 – P. 899 – Plate 38 – P. 507 – Plate 21 – P. 354 – Plate 24 – P. 390 – Plate 40 – P. 845 – Plate 51 – P. 262 – Plate 30 – P. 491 – Plate 42 – P. 869)
Prancha 24	Fragmento cerâmico encontrado na Varanda Sul do edifício Toumba. (Catling, R. <i>Lefkandi II, Part I</i> , 1990, Plate 41, P. 823)
Prancha 25	(a) Foto da visão lateral, (b) Foto da visão frontal e (c) Foto do detalhe da colagem da cabeça do Centauro, datado do Protogeométrico, encontrado nos Túmulos 1 e 3 no Cemitério Toumba , Lefkandi. Fotos, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 26	Cavalo de cerâmica sobre rodas carregando duas ânforas, datado do Protogeométrico, encontrado no Túmulo 51 do Cemitério Toumba , Lefkandi. Foto, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 27	Fíbula, anéis e brincos em ouro, datados do final do Protogeométrico, encontrados no Túmulo 13 do Cemitério Toumba , Lefkandi. Foto, arquivo pessoal, Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 28	(a) Cantil bicromático de cerâmica originário de Chipre; (b) Vasos em forma de pato e baú importados; (c) detalhe do baú; (d) <i>Pyxide</i> ático. Parte do mobiliário funerário, datado do Protogeométrico, encontrado no Túmulo 22 no Cemitério Palia Perivolia , Lefkandi. Fotos, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 29	(a) <i>Skyphos</i> decorado com semi-círculos concêntricos; (b) <i>Pyxide</i> ático e (c) Fíbula de bronze em estilo ático-beócia, todos datados do Protogeométrico, encontrados no Túmulo 59 do Cemitério Skoubris , Lefkandi. Fotos, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.

- *Asine*.

Prancha 30	Mapa de Asine. 1) Colina Barbouna: Santuário de Apolo, 2) Lote Gogonas, 3) Lote Kapsorakhis, 4) Lote Levendis, 5) Lote Sâmaras, 6) Cidade Baixa, 7) “Terraço Geométrico” e 8) Área de Karmaniola. (Dietz, S., <i>Asine II. Fasc. I</i> , 1982, fig. 2, p. 10)
Prancha 31	(a) Foto da vista da Colina Barbouna e (b) Foto da vista da encosta da Colina Barbouna, observando os túmulos do Período Micênico; ambas do topo da acrópole antiga, em Kastraki, Asine. Fotos, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 32	Lote Karmaniola, Asine. Plantas dos edifícios C e D. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 222)
Prancha 33	Lote Kapsorakhis, Asine. Planta do edifício S, estruturas O, P, Q, R, A77.253, A77.253 e enterramentos B51.53 e B54. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 231)
Prancha 34	Lote Karmaniola, Asine. Desenhos das estruturas das paredes do Edifício C.

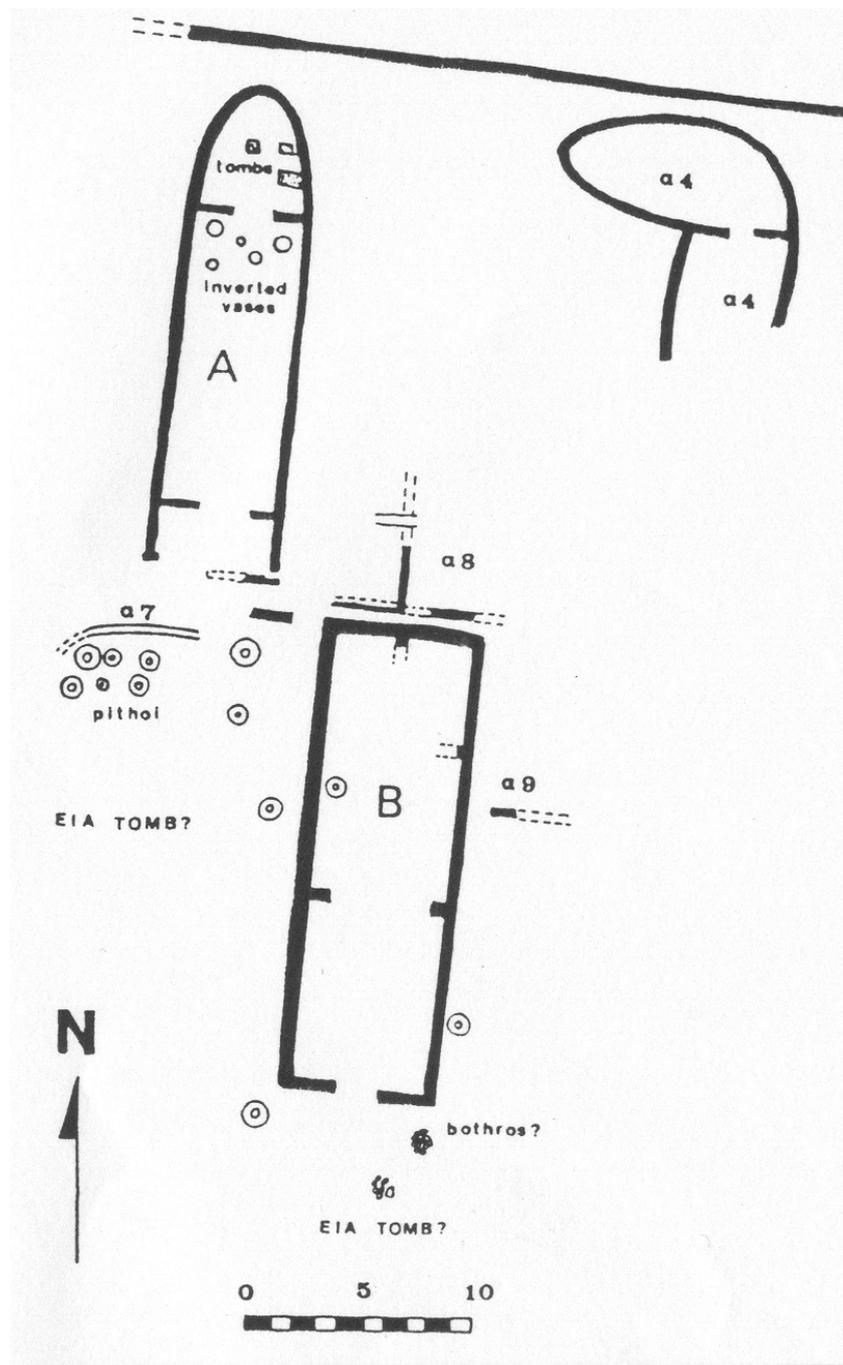
	(Dietz, S. <i>Asine II. Fasc. I</i> , 1982, fig. 53, p. 52)
Prancha 35	Lote Karmaniola, Asine. Jarro associado ao Edifício C. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 225)
Prancha 36	Lote Karmaniola, Asine. Plantas dos edifícios B e C, dos enterramentos, a área do <i>píthos</i> e a estrutura 74F. (Ainian, M., <i>Ancient Greek Hero Cult</i> . Stockholm, 1999, fig. 3, p. 16)
Prancha 37	Lote Karmaniola, Asine. Plantas restauradas do Edifício D. A) Restaurado por C. Gerner e B) Reconstituição de M. Ainian. (Dietz, S. <i>Asine II. Fasc. I</i> , 1982, fig. 55, p. 54; Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 230)
Prancha 38	Foto do <i>píthos</i> da “área sacrificial”. (Wells, B. <i>Asine II. Fasc. 4, Part 2</i> , 1983, fig. 10, p. 29)
Prancha 39	Fragmentos cerâmicos encontrados no mesmo nível estratigráfico e no interior do Edifício D. (Dietz, S. <i>Asine II. Fasc. 1</i> , 1982, fig. 18, p. 36)
Prancha 40	Fragmento de um skyphos encontrado no interior do Edifício D. (Dietz, S. <i>Asine II. Fasc. 1</i> , 1982, fig. 18, p. 36)

- *Erétria*.

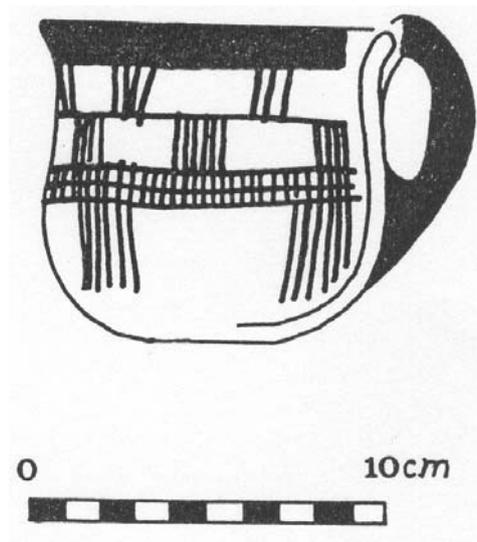
Prancha 41	Planta do assentamento do Geométrico em Erétria. (Bérard, C.; Alther-Charon, A. <i>L'Archéologie Aujourd'hui</i> . Paris, 1981, fig. 4, p. 235)
Prancha 42	Planta da área do Santuário de Apolo. Destaques aos Edifício A e ao Templo D. (Ainian, M., <i>SIMA CXXI</i> , 1997, fig. 105)
Prancha 43	(a) Foto da urna funerária que abrigavam as cinzas de um indivíduo masculino e da ponta de lança e (b) Desenho da ponta de lança de ferro pertencente a um provável <i>cetiro</i> micênico, encontrada no Túmulo 6 no Cemitério do “Portão Oeste” , Erétria. Foto, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004. (Bérard, C. <i>MusHelv</i> 29, 1972.)
Prancha 44	(a) Planta dos enterramentos e da estrutura triangular do Geométrico Tardio e Arcaico Antigo no Cemitério do “Portão Oeste” (Bérard, C. <i>AntK</i> 17, 1974, fig. 1); (b) Foto da base do “ <i>Herôon</i> ” – na horizontal, na parte mais baixa da foto. Foto, arquivo pessoal. Área do “Portão Oeste”, Erétria, Grécia. 11/2004.
Prancha 45	(a) Planta dos edifícios na área do Santuário de Apolo. Destaque a estrutura F (altar e <i>bóthros</i>) e a lareira do Protogeométrico Médio a nordeste do Templo C (Ainian, M., <i>AntK</i> 30, 1987, fig. 10, p. 15); (b) Foto aérea das estruturas arquitetônicas da área do Santuário de Apolo (<i>Eretria. Site and Museum</i> . Archaeological Receipts Fund Direction of Publications, 2000, fig. 30, p. 48.) e (c) Foto detalhando a estrutura F. (Foto, arquivo pessoal. Área do Santuário de Apolo, Erétria, Grécia. 11/2004)
Prancha 46	(a) Foto do Edifício A ou <i>Daphnephoreion</i> , (b) Planta da estrutura, (c) Reconstituição. (Michaud, J.-P. <i>BCH</i> 95, 1971, fig. 456, p. 1006. Bérard, C. <i>AntK</i> 14, 1971, fig. 2, p. 61. Lawrence, A. W., <i>Arquitetura Grega</i> . 1998, fig. 83, p. 63)
Prancha 47	(a) Oferendas, datadas do Geométrico Tardio, associadas ao Templo D; (b) detalhe do antolho de bronze importado. Fotos, arquivo pessoal. Museu de Erétria, Grécia. 11/2004.

Catálogo – Pranchas.

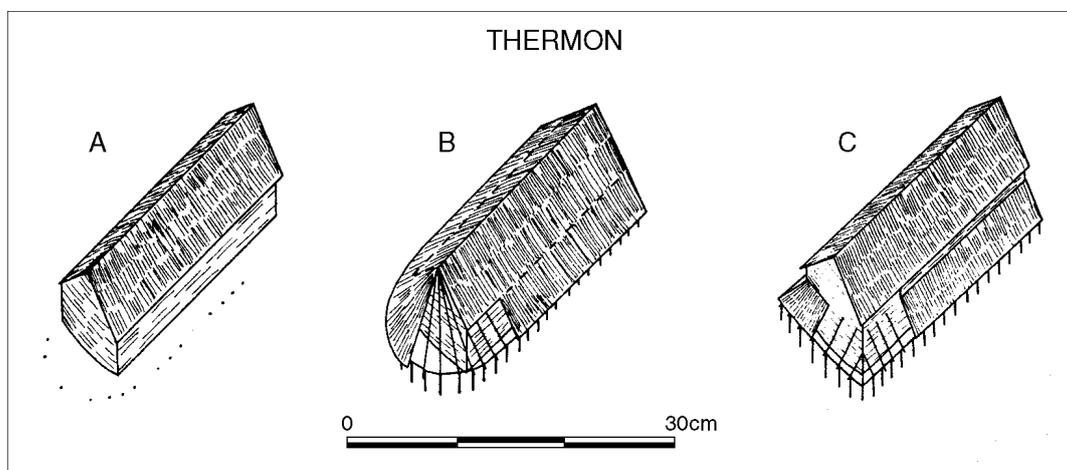
A) *Thermos.*



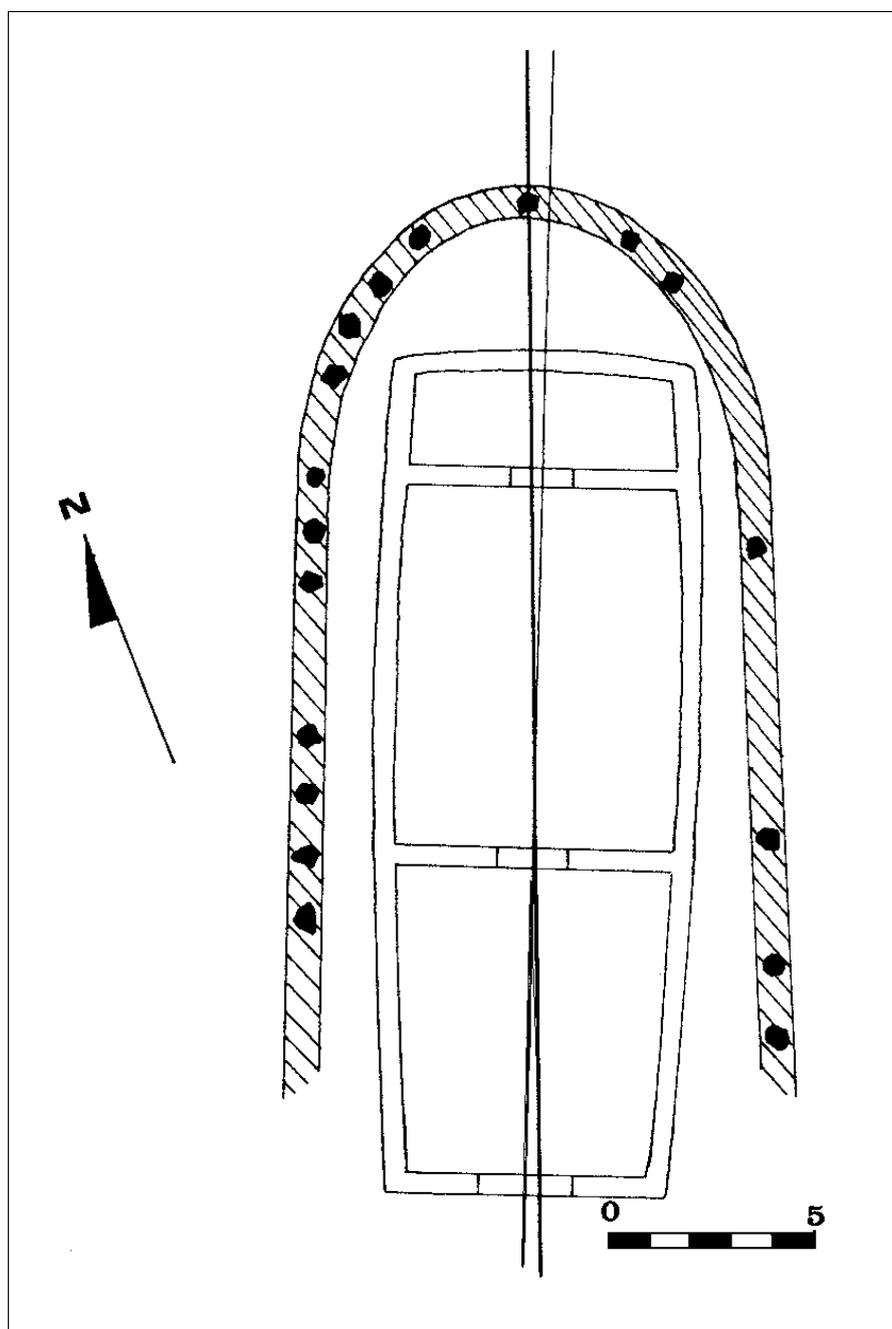
Prancha 1 – Plantas do *Mégaron A* e *Mégaron B*.



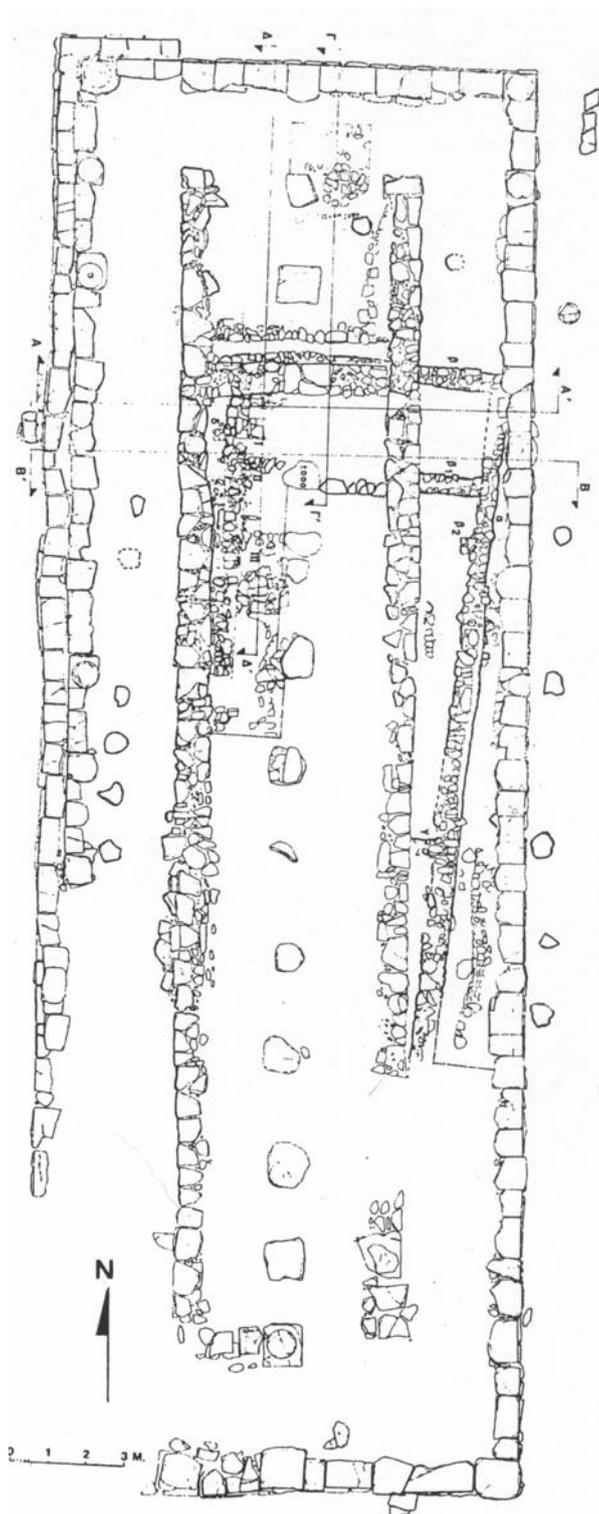
Prancha 2 – *Kýathos* do Protogeométrico pertencente ao enterramento feminino na abside do *Mégaron A*.



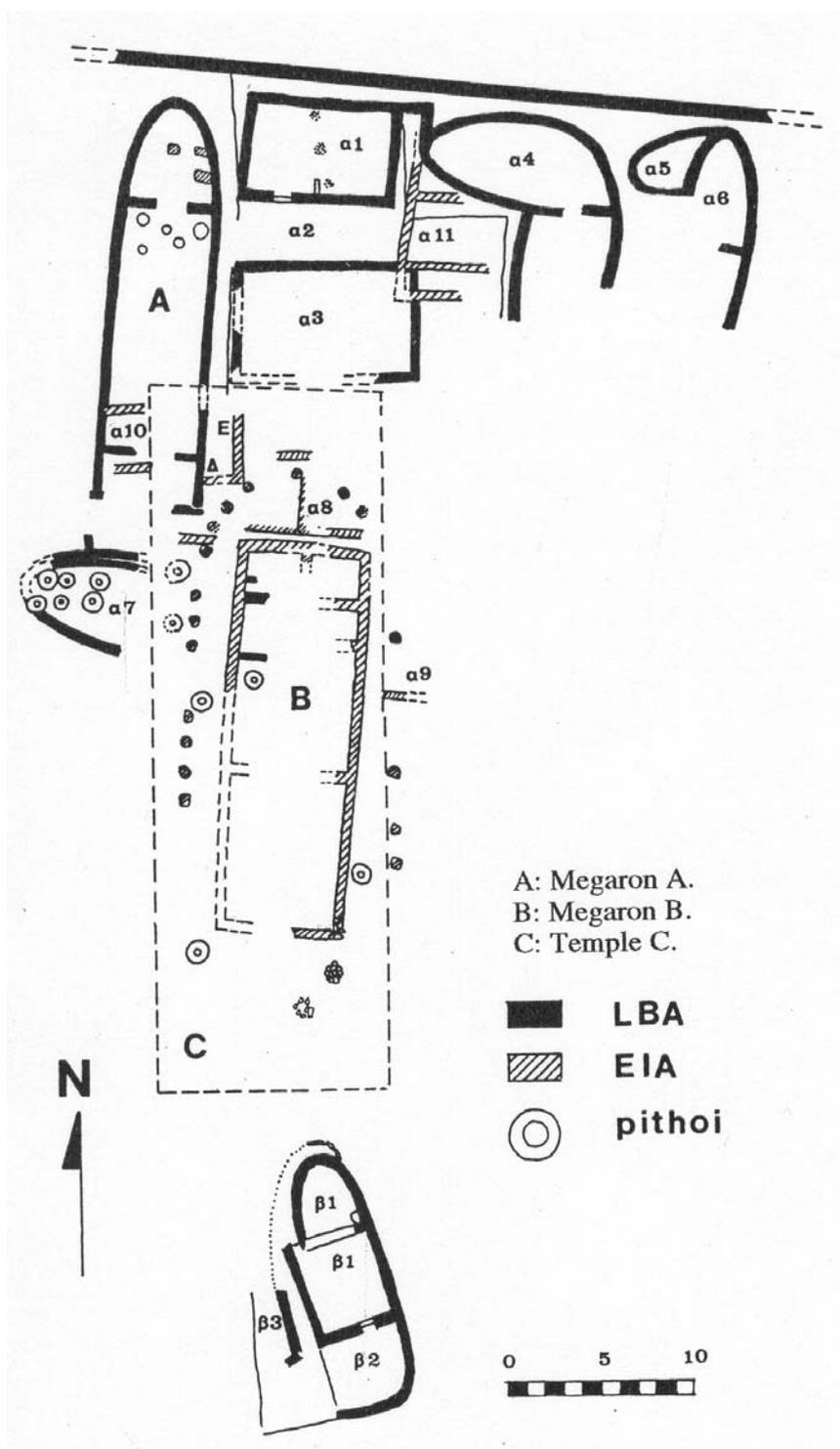
Prancha 3 – Reconstituição do *Mégaron B* em suas diferentes fases: A) antes da adição do períterio, B) com a abside e C) após sua substituição pelo Templo C.



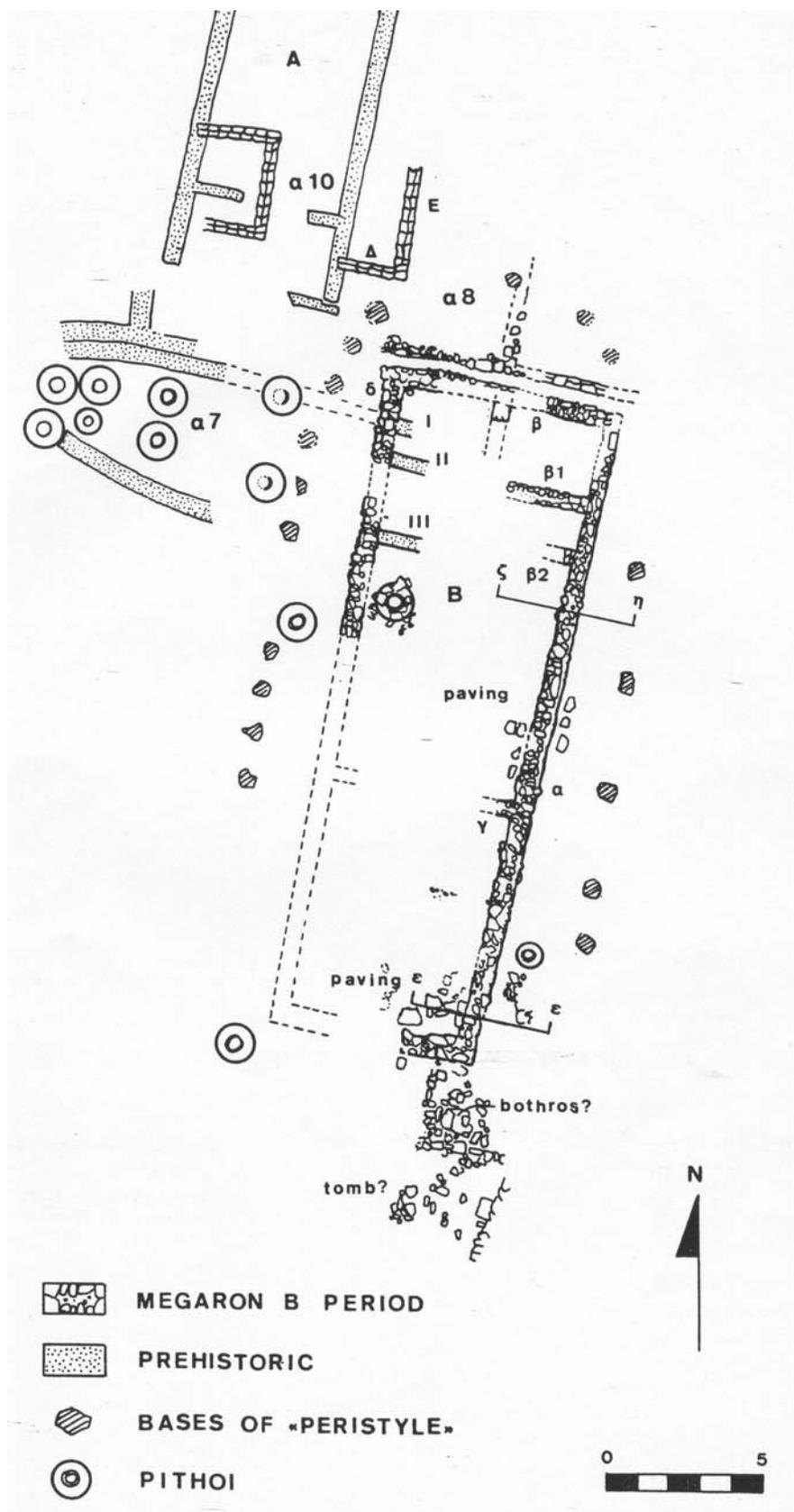
Prancha 4 – Desenho da planta do *Mégaron B*.



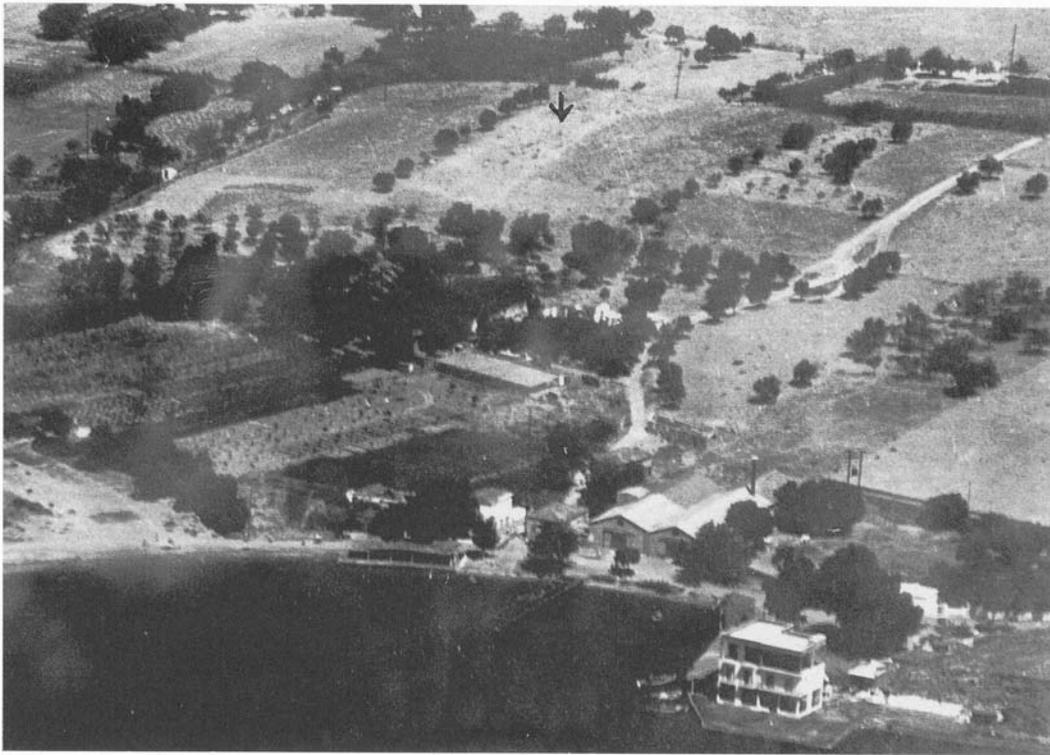
Prancha 5 – Resquícos das estruturas das Plantas do Templo C e do *Mégaron* B.



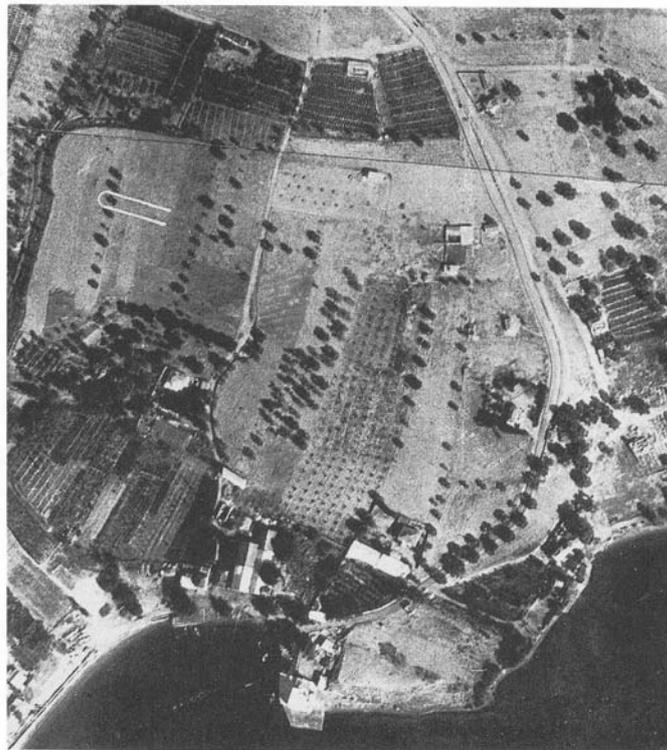
Prancha 6 – Plantas das estruturas arquitetônicas presentes na área do Santuário de Apolo.



Prancha 7 – Planta do *Mégaron* B e dos vestígios associados.

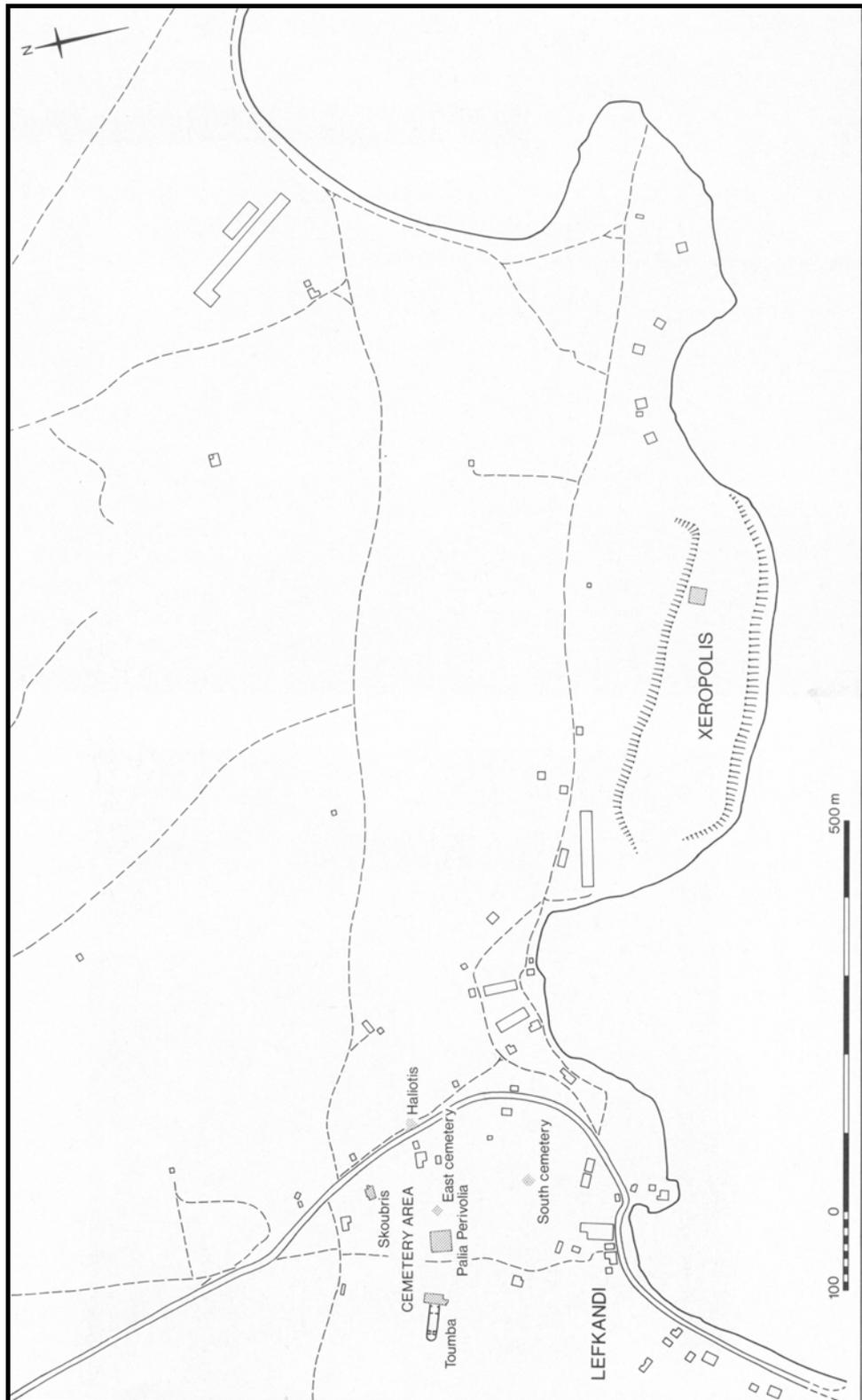
B) *Lefkandi*.

(a)

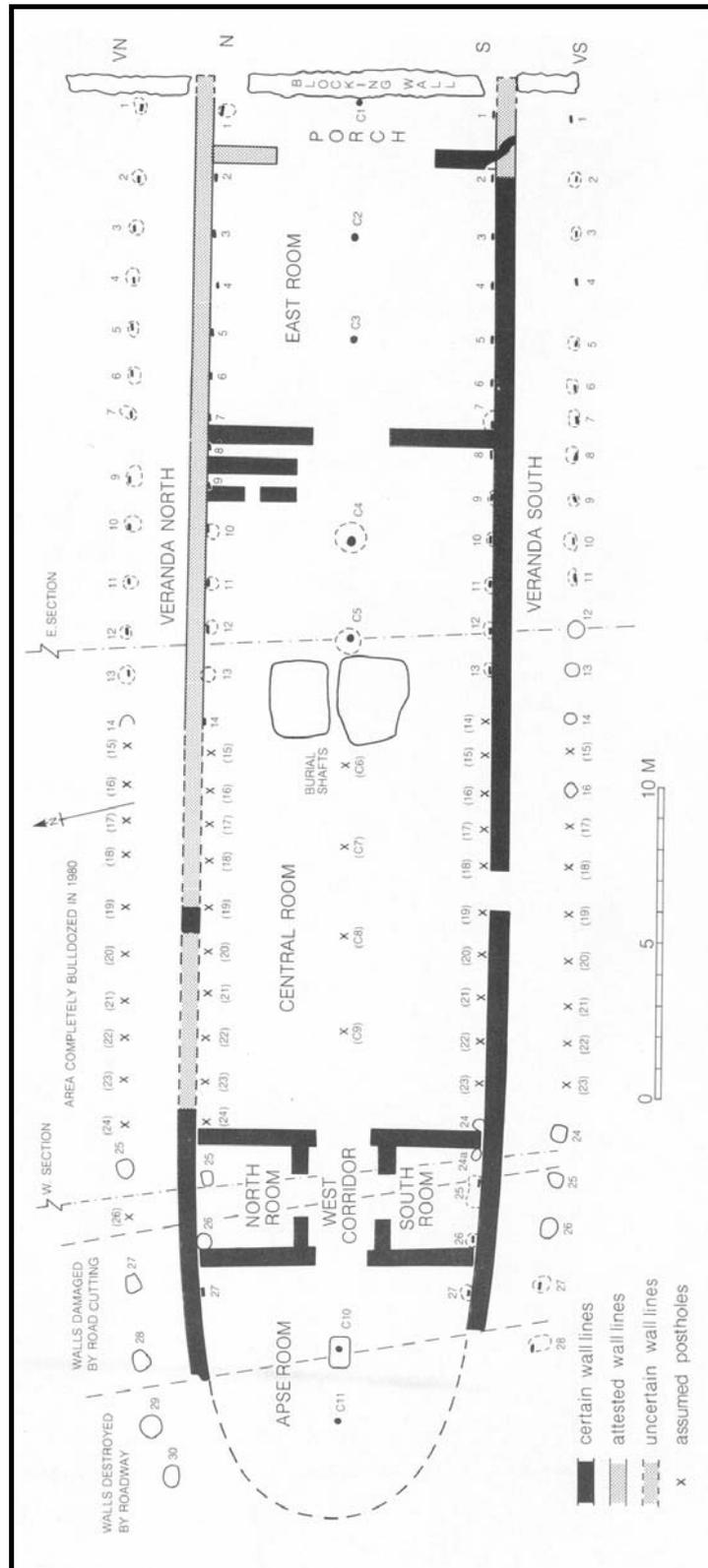


(b)

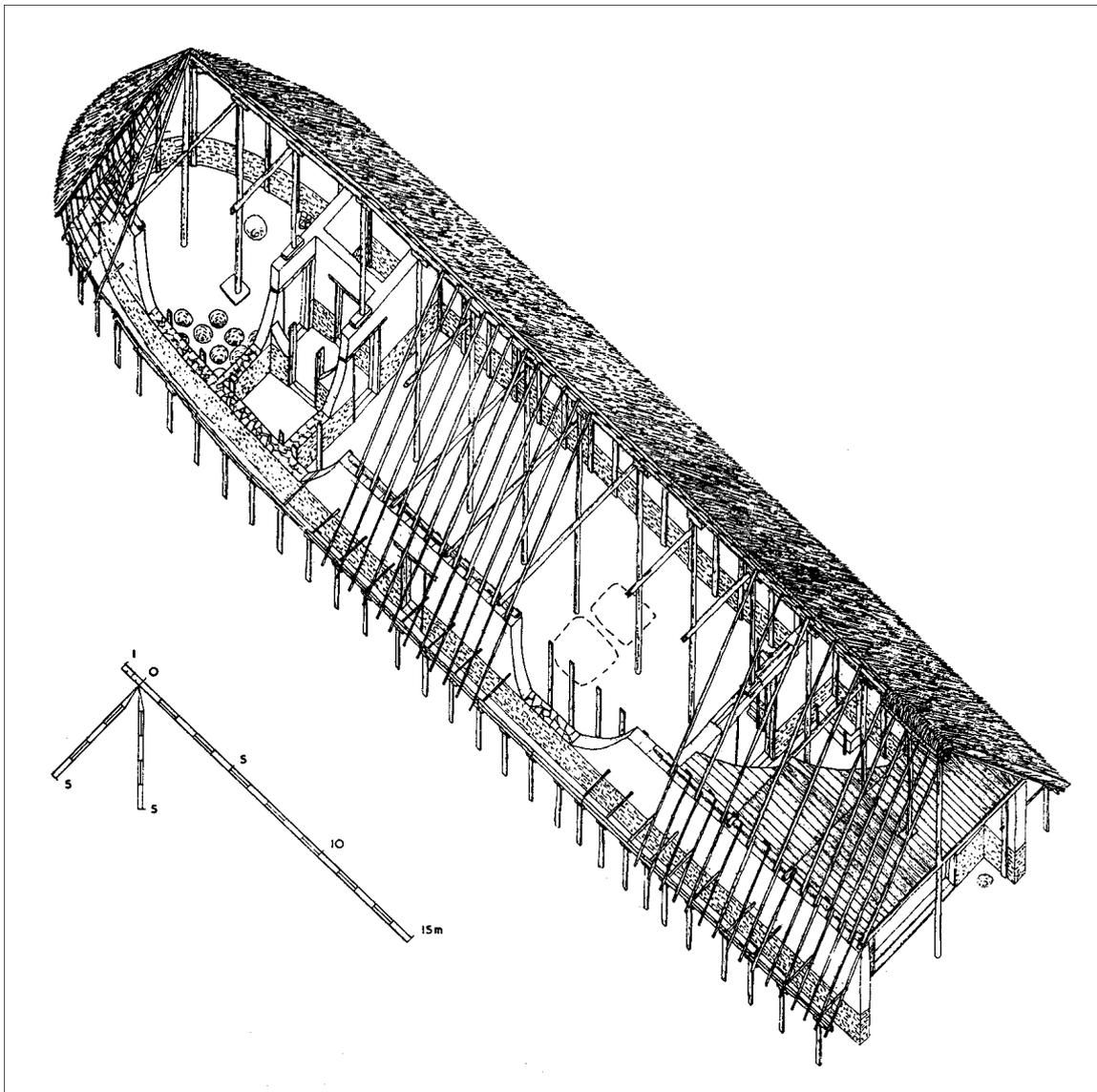
Prancha 8 – Vista da Planície Lelantina, apontando o local onde se situa o edifício Toumba em Lefkandi, destacado.



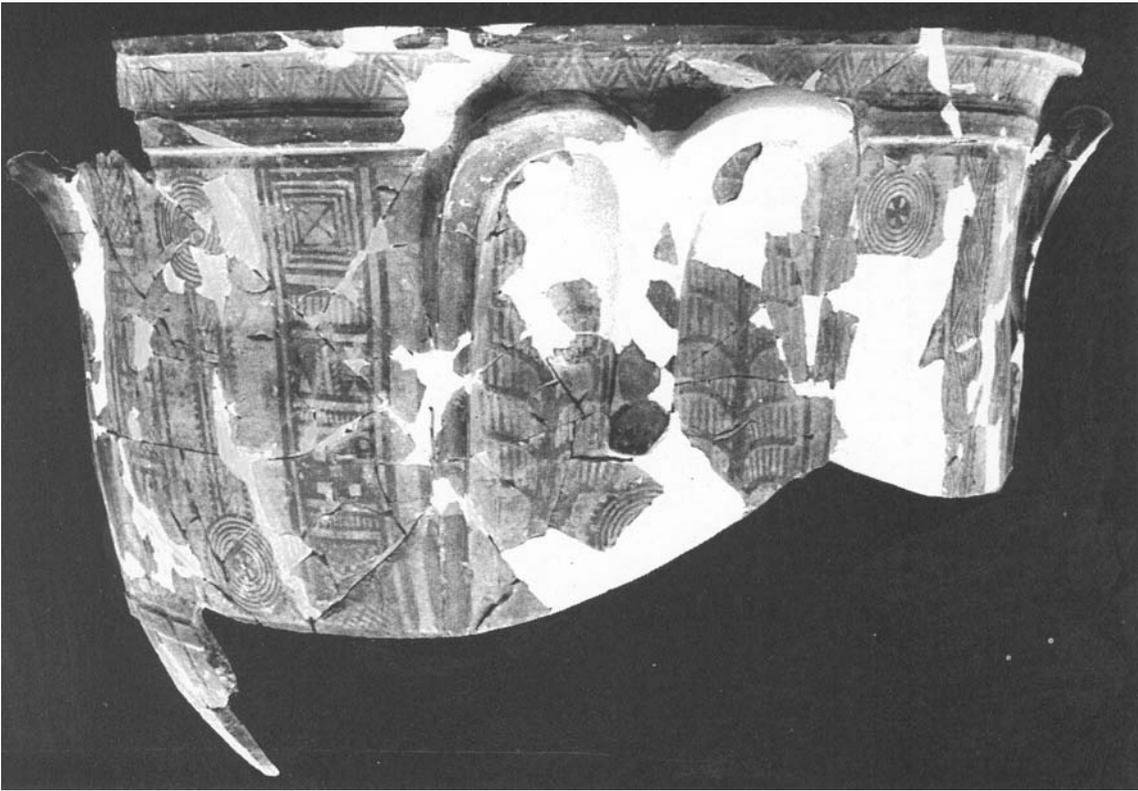
Prancha 9 – Mapa localizando Lefkandi, o edifício Toumba, os cemitérios e o assentamento de Xerópolis.



Prancha 10 – Planta do edifício Toumba, divisões internas.



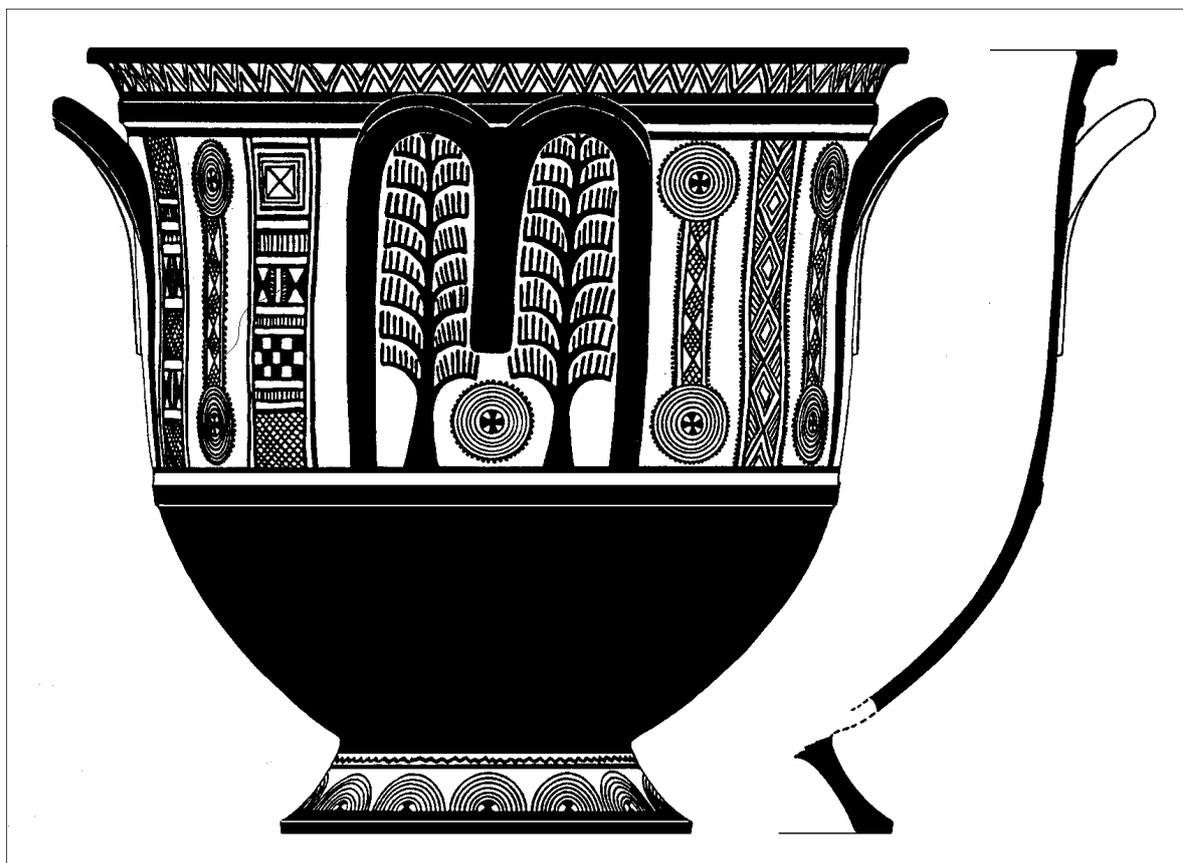
Prancha 11 – Reconstituição do edifício Toumba em Lefkandi.



a

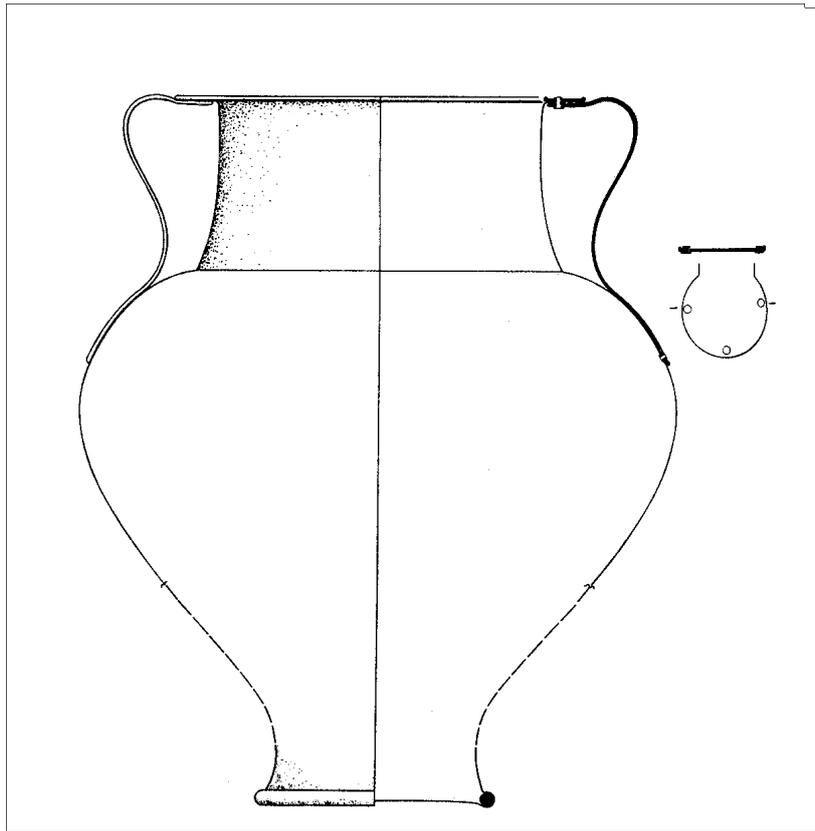


b

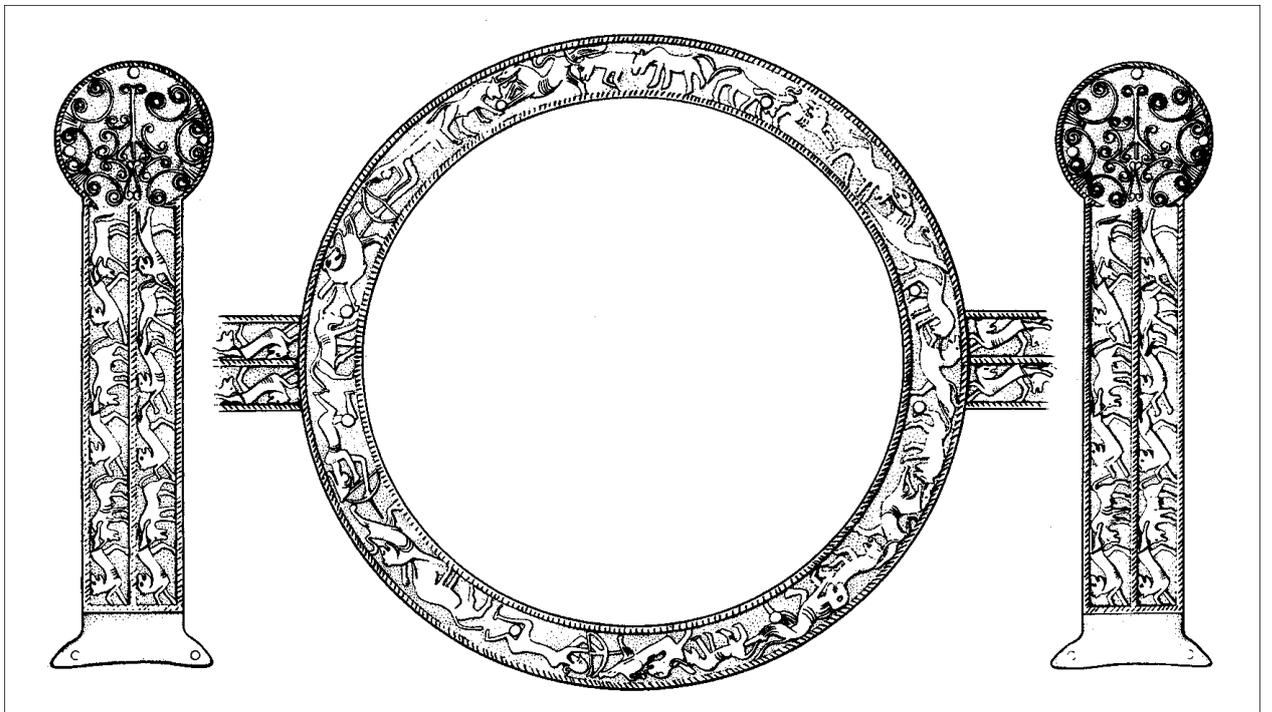


c

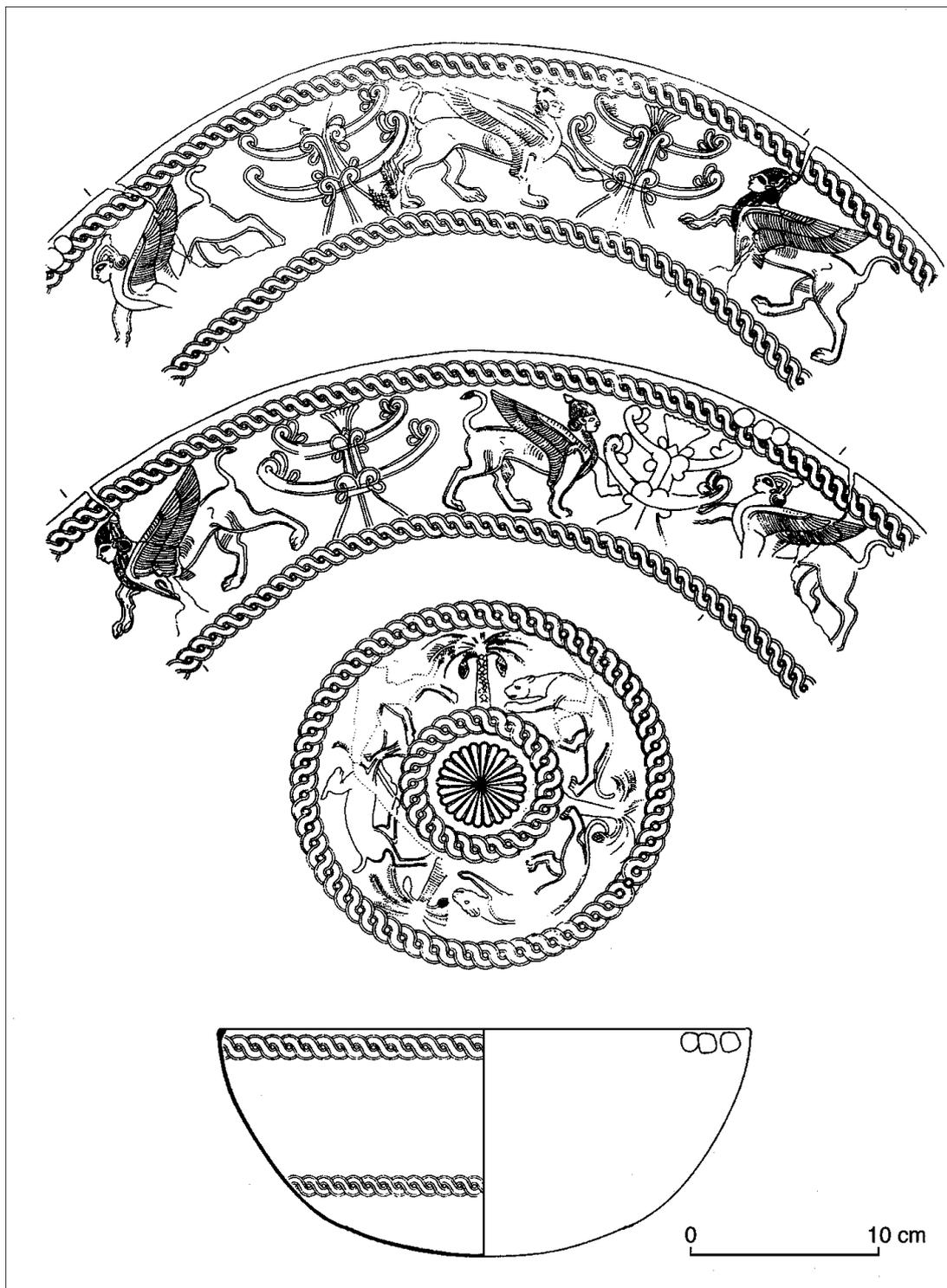
Prancha 12 – (a) e (b) faces da cratera que marca os enterramentos da Sala Central, (c) reconstituição.



a

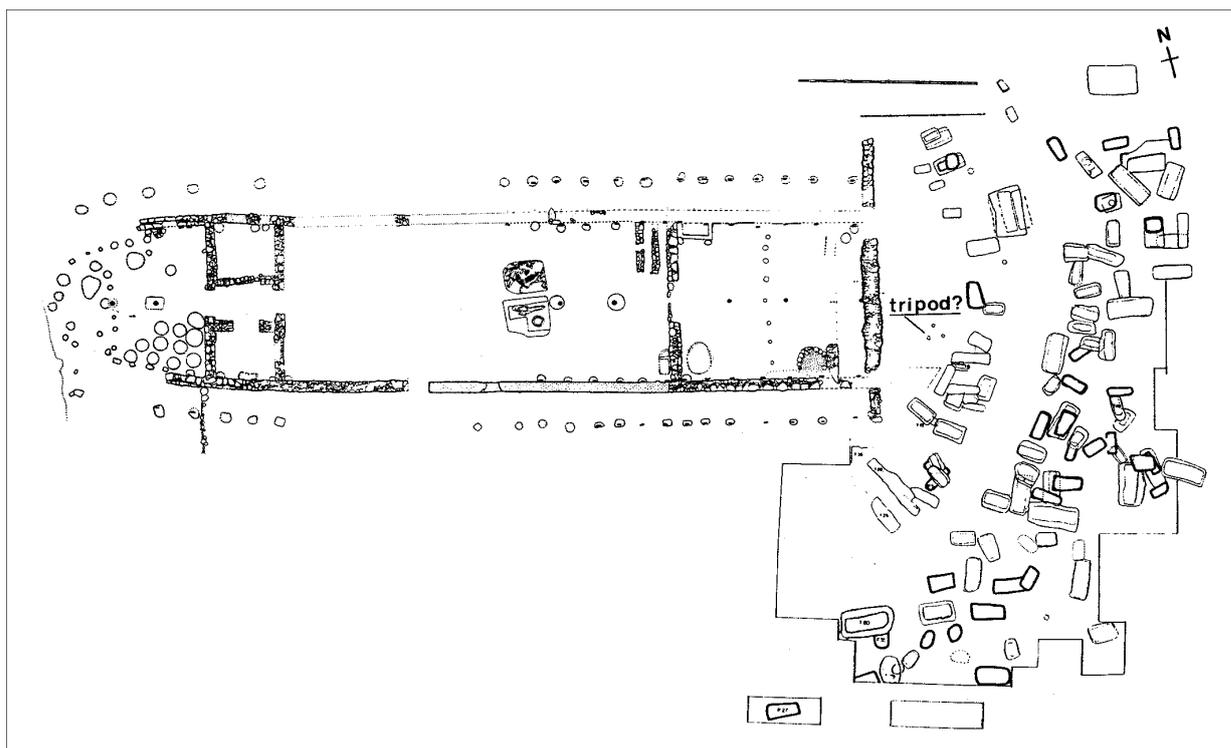


B

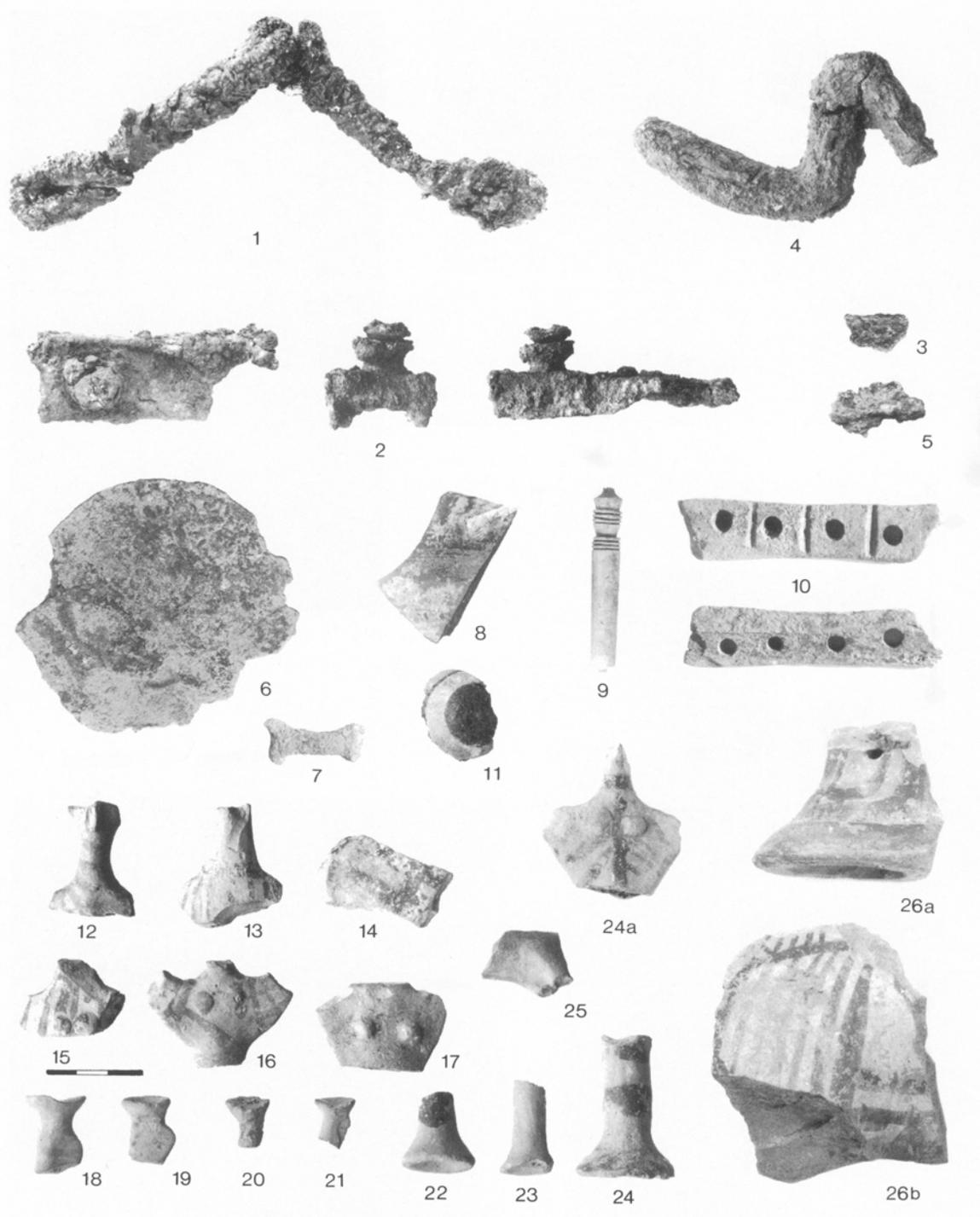


c

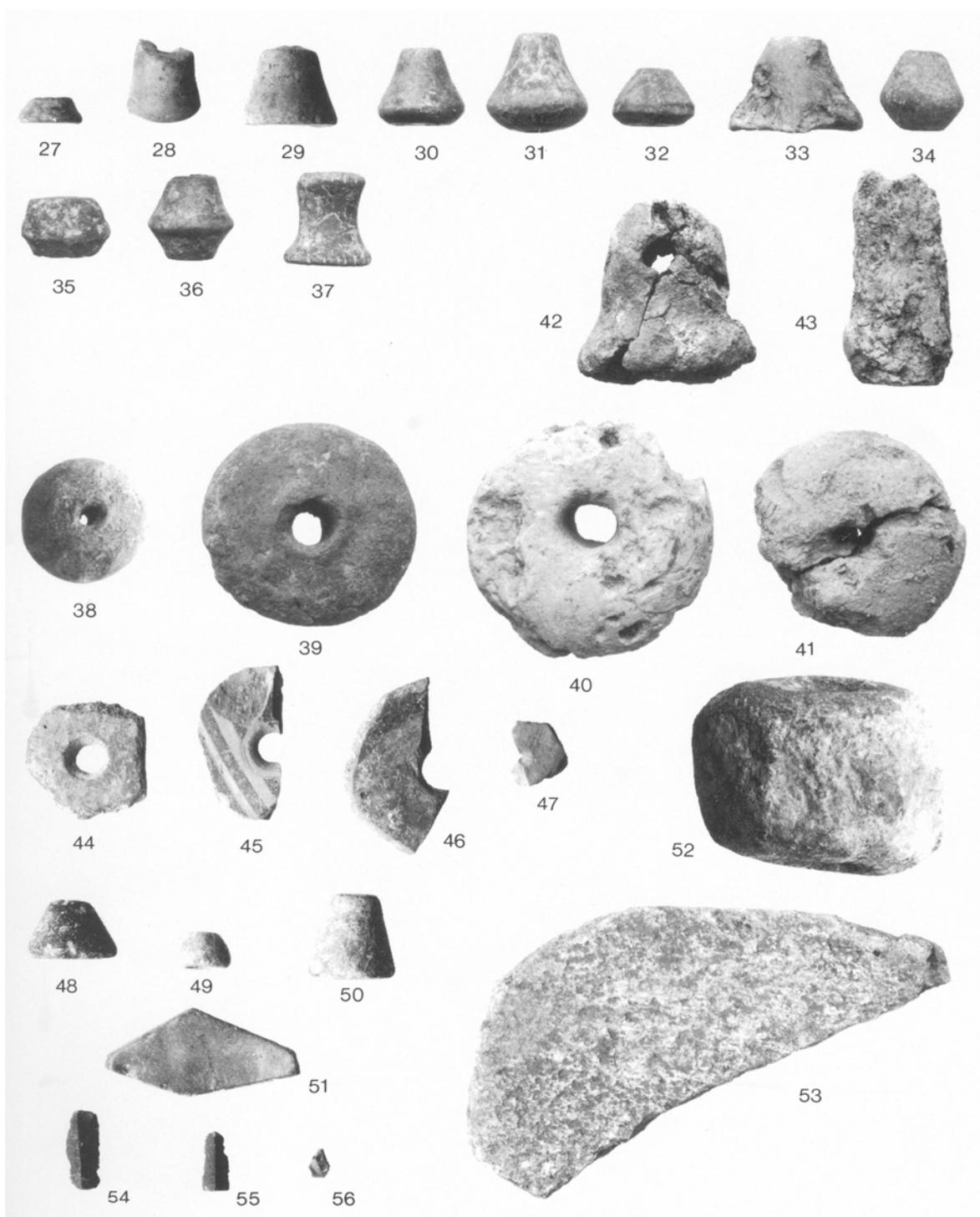
Prancha 13 – (a) Urna funerária de bronze (ânfora) contendo as cinzas do homem no enterramento da Sala Central, ao lado, a tigela também de bronze que tampava a urna; (b) e (c) detalhes da decoração da borda da urna e da tigela.



Prancha 14 – Planta do edifício e do Cemitério Toumba.



a

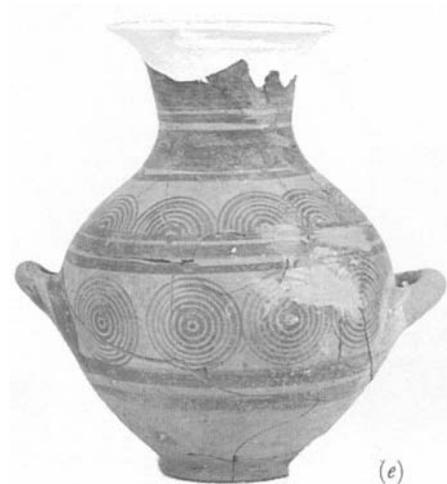


b

Prancha 15 – (a) e (b) Objetos encontrados no interior do edifício Toumba.



a



b

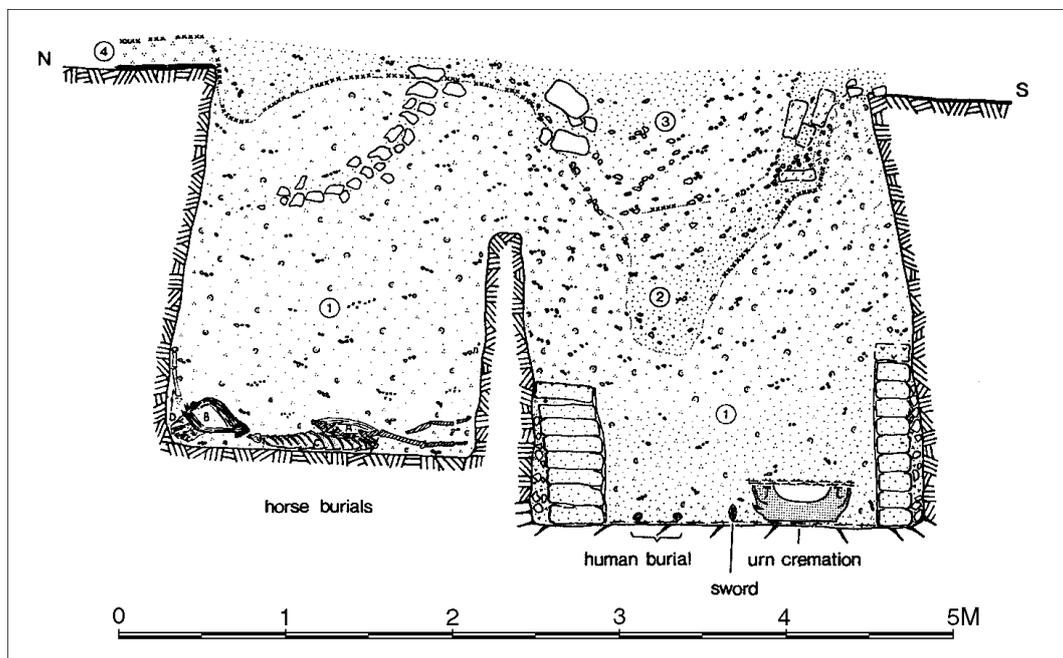


c

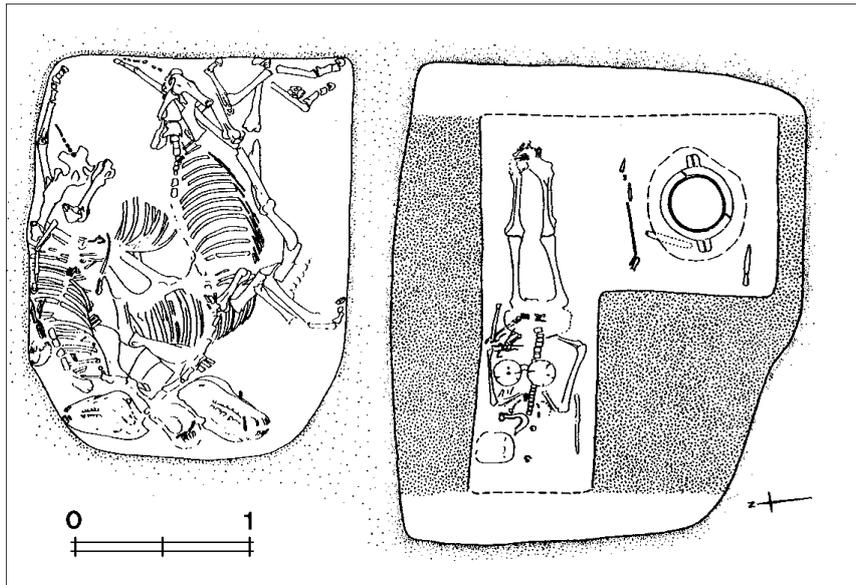


d

Prancha 16 – (a) *Skyphos*, (b) *Enócoa*, (c) *Lécito* em miniatura e (d) Fragmentos de um jarro, todos encontrados na Sala Central.



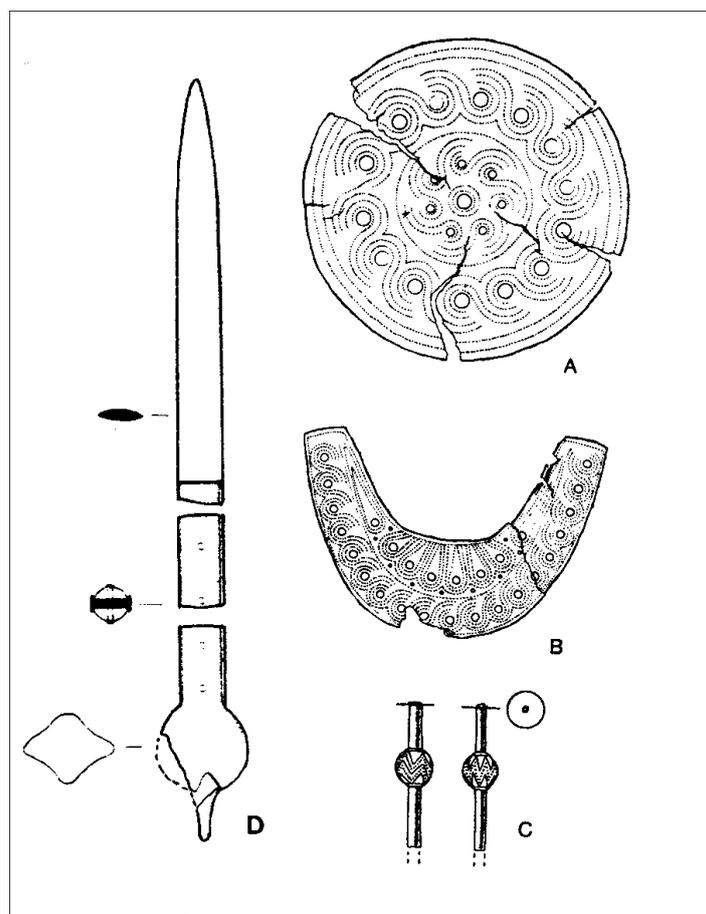
Prancha 17 – Perfil dos enterramentos da Sala Central.



a

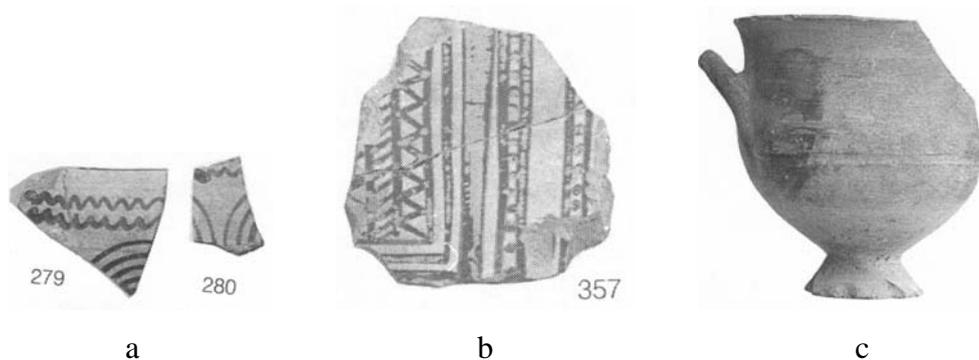


b



c

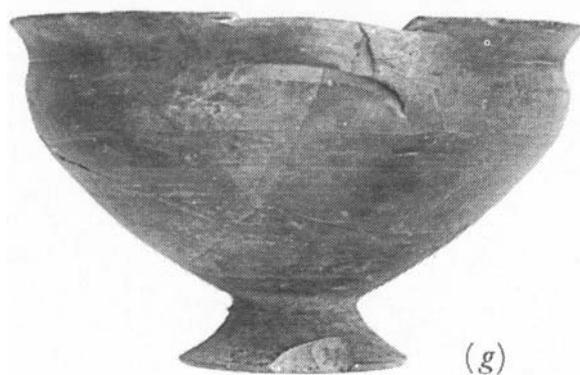
Prancha 18 – (a) desenhos dos enterramentos da Sala Central, (b) foto da inumação da mulher, destacando os peitorais de ferro, (c) desenhos dos objetos de ferro encontrados nos enterramentos da Sala Central.



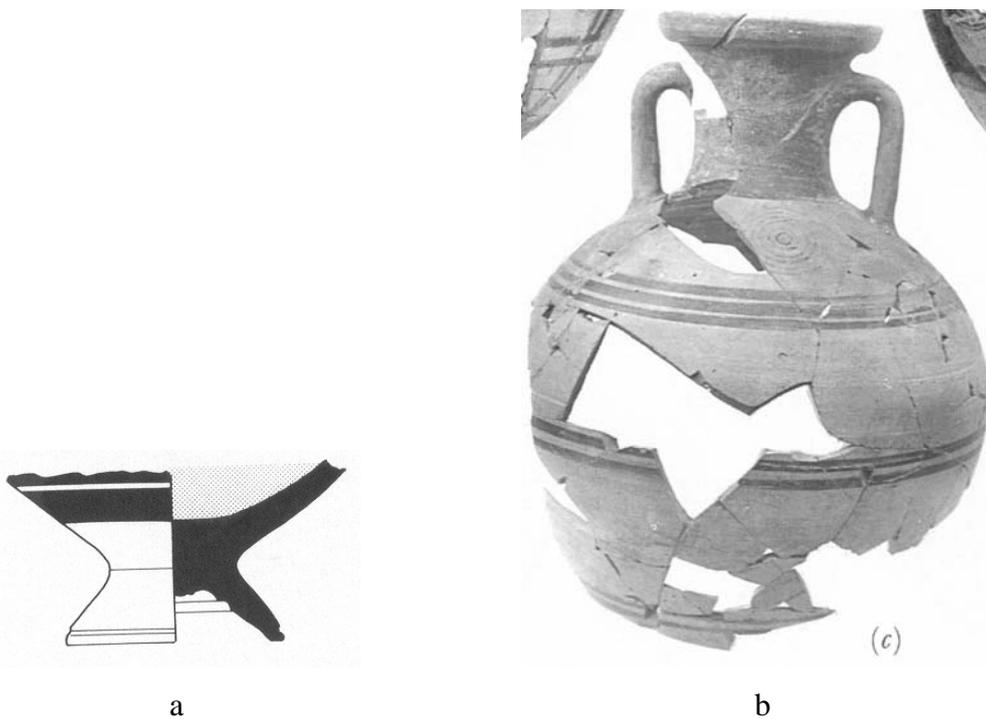
Prancha 19 – (a) Fragmentos cerâmicos, (b) Fragmento de uma cratera e (c)) *skyphos* monocromático; todos encontrados no Quarto Norte.



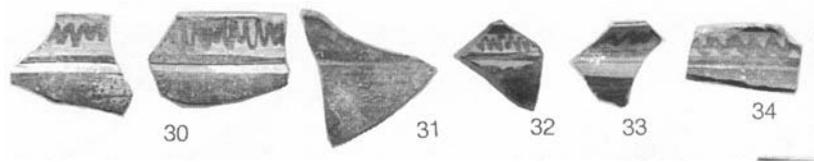
Prancha 20 – (a) e (b) taças monocromáticas encontradas no piso do Quarto Sul.



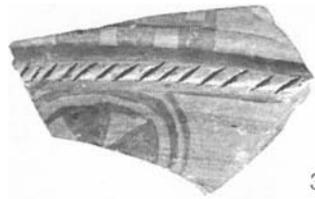
Prancha 21 – Taça encontrada na Sala Absidal



Prancha 22 – (a) Fragmento de vaso cerâmico; (b) fragmentos de uma ânfora, ambos encontrados em covas da Sala Absidal.



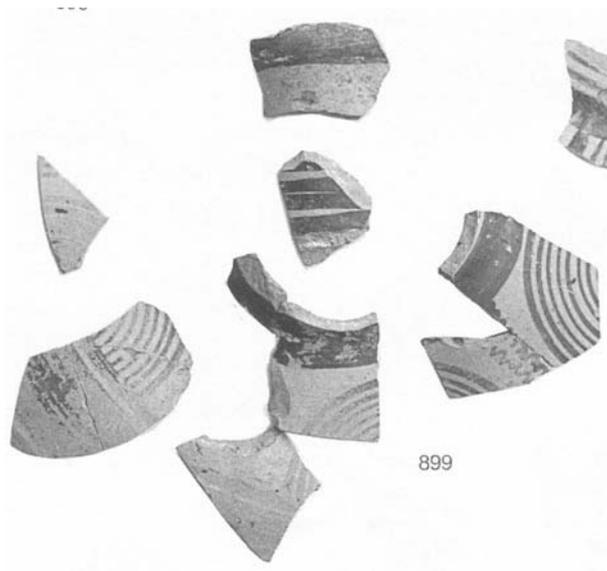
a



b



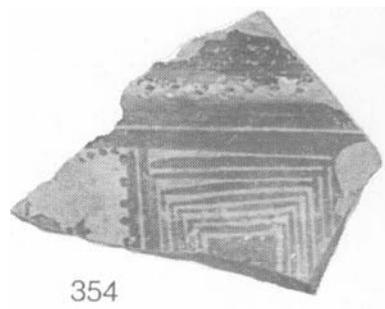
c



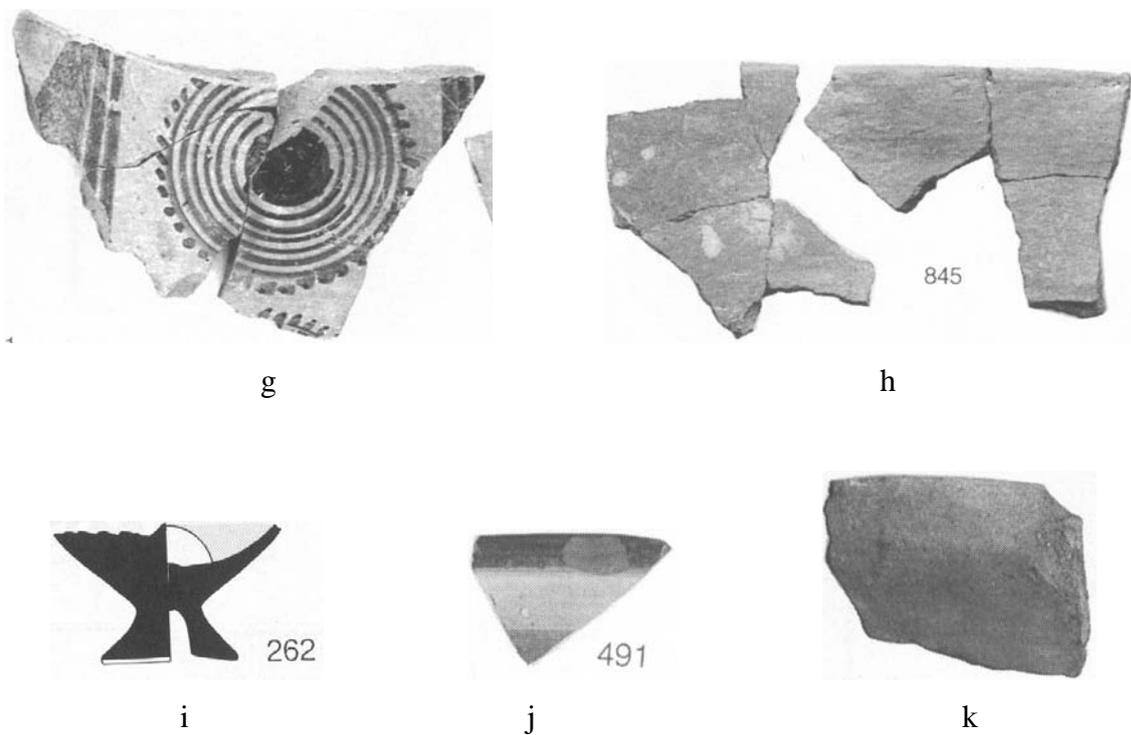
d



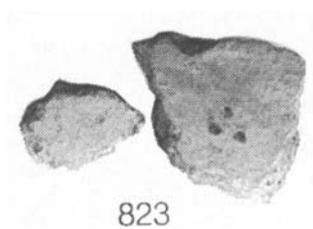
e



f



Prancha 23 – Fragmentos de vasos cerâmicos encontrados nas covas da Sala Absidal.



Prancha 24 – Fragmento cerâmico encontrado na Varanda Sul do edifício Toumba.



a



b



c

Prancha 25 – (a) Foto da visão lateral, (b) Foto da visão frontal e (c) Foto do detalhe da colagem da cabeça do Centauro, datado do Protogeométrico, encontrado nos **Túmulos 1 e 3 no Cemitério Toumba, Lefkandi.**



Prancha 26 – Cavalos de cerâmica sobre rodas carregando duas ânforas, datado do Protogeométrico, encontrado no **Túmulo 51** do **Cemitério Toumba**, Lefkandi.



Prancha 27 – Fíbula, anéis e brincos em ouro, datados do final do Protogeométrico, encontrados no **Túmulo 13** do **Cemitério Toumba**, Lefkandi.



a



b



c



d

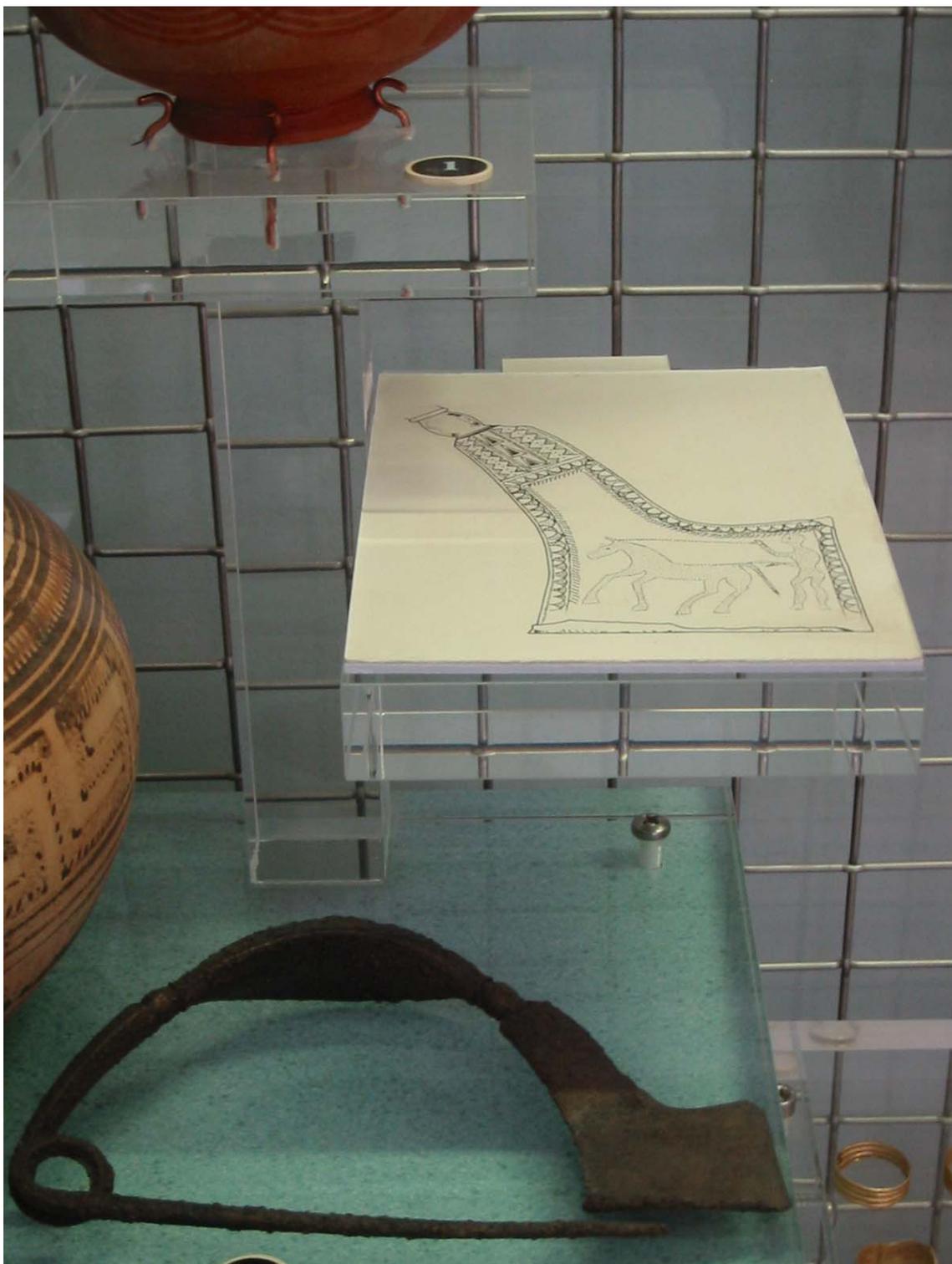
Prancha 28 – (a) Cantil bicrômico de cerâmica originário de Chipre; (b) Vasos em forma de pato e baú importados; (c) detalhe do baú; (d) *Pyxide* ático. Parte do mobiliário funerário, datado do Protogeométrico, encontrado no **Túmulo 22** no **Cemitério Palia Perivolia**, Lefkandi.



a



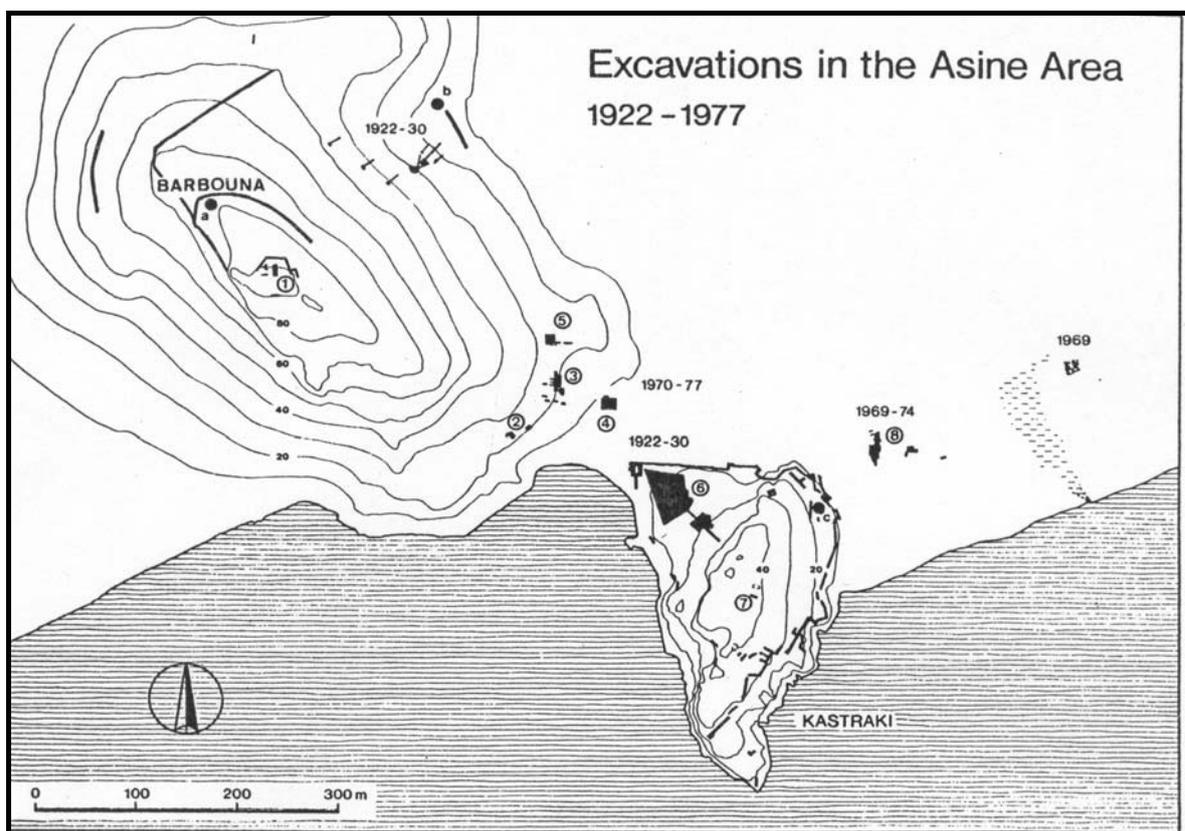
b



c

Prancha 29 – (a) *Skyphos* decorado com semi-círculos concêntricos; (b) *Pyxide* ático e (c) Fíbula de bronze em estilo ático-beócia, todos datados do Protogeométrico, encontrados no **Túmulo 59** do **Cemitério Skoubris**, Lefkandi.

C) *Asine*.



Prancha 30 – Mapa de Asine. 1) Colina Barbouna: Santuário de Apolo, 2) Lote Gogonas, 3) Lote Kapsorakhis, 4) Lote Levendis, 5) Lote Sâmaras, 6) Cidade Baixa, 7) “Terraço Geométrico” e 8) Área de Karmaniola.

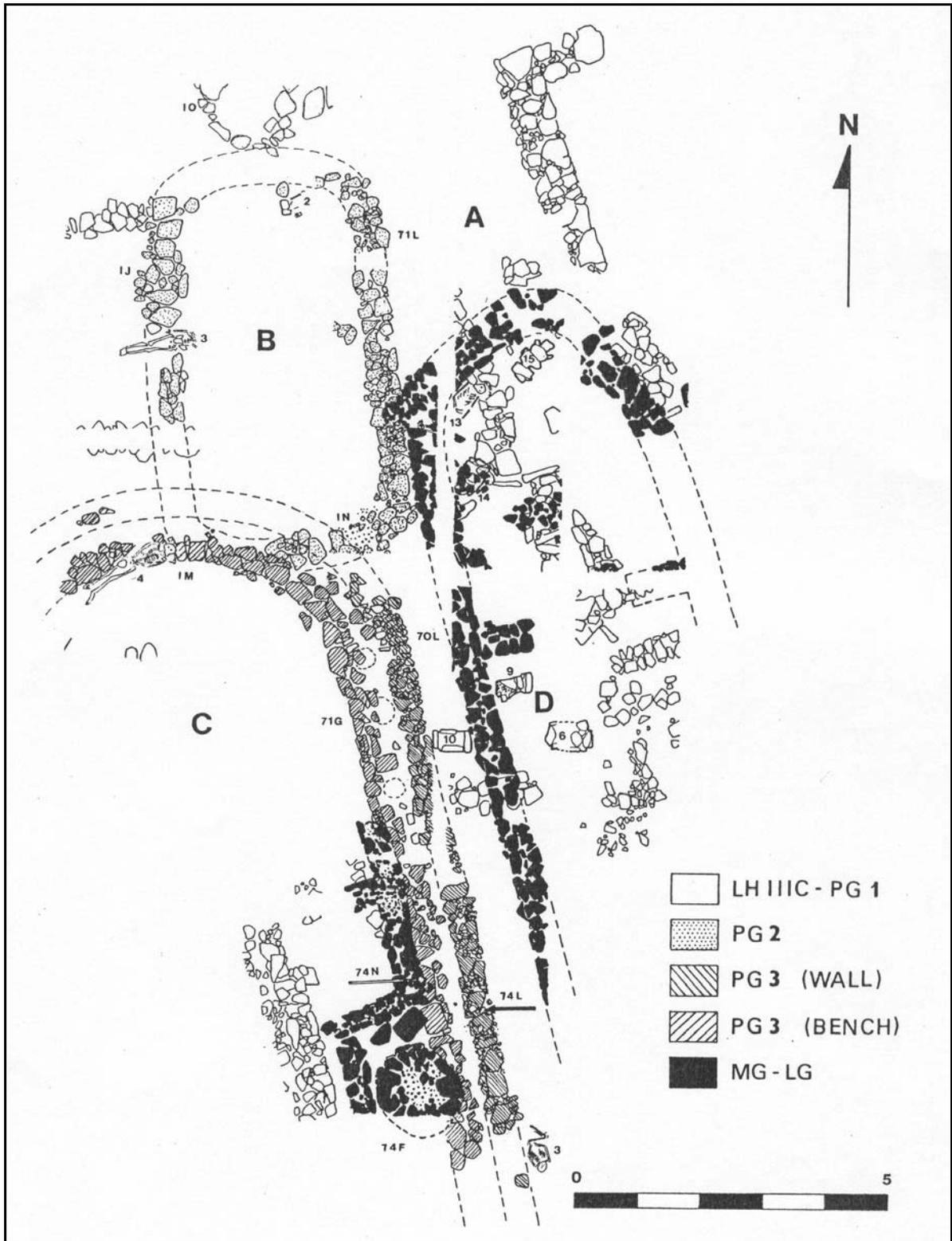


a

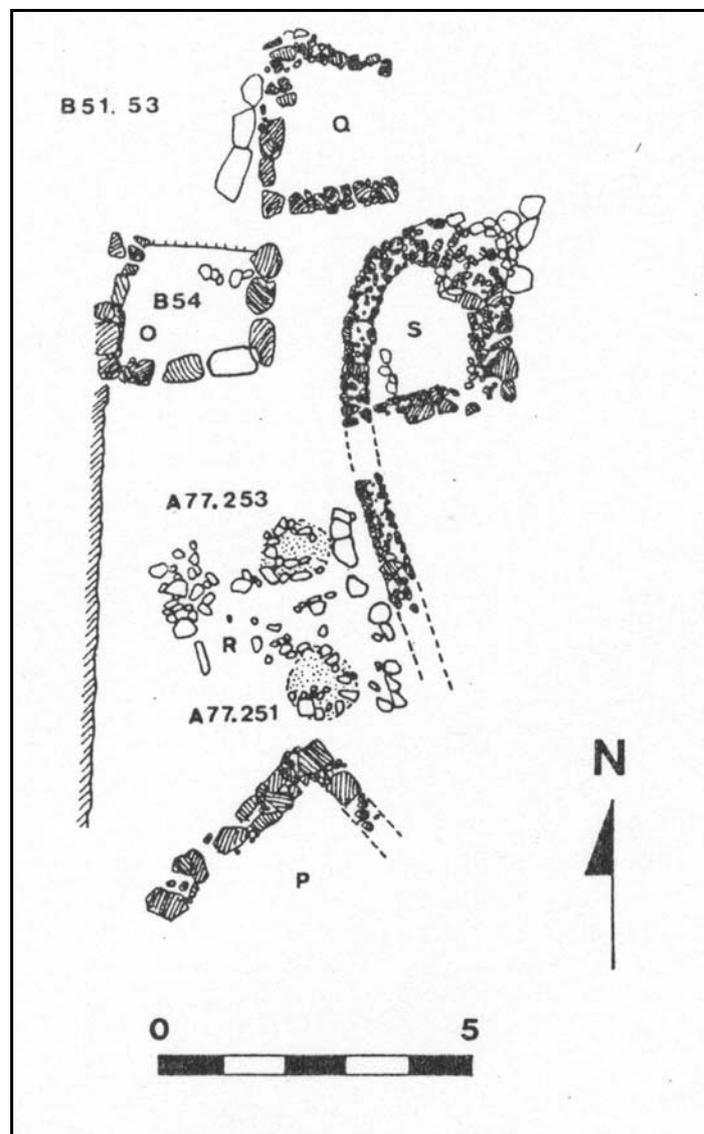


b

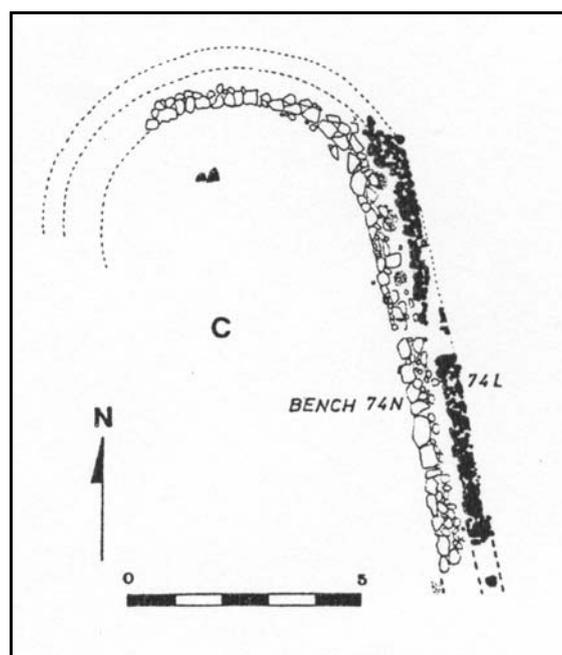
Prancha 31 – (a) Foto da vista da Colina Barbouna e (b) Foto da vista da encosta da Colina Barbouna, observando os túmulos do Período Micênico; ambas do topo da acrópole antiga, em Kastraki, Asine.



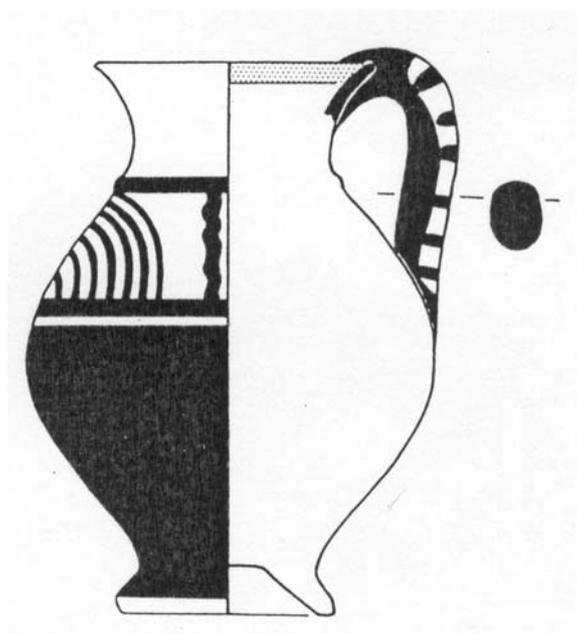
Prancha 32 – Lote Karmaniola, Asine. Plantas dos edifícios C e D.



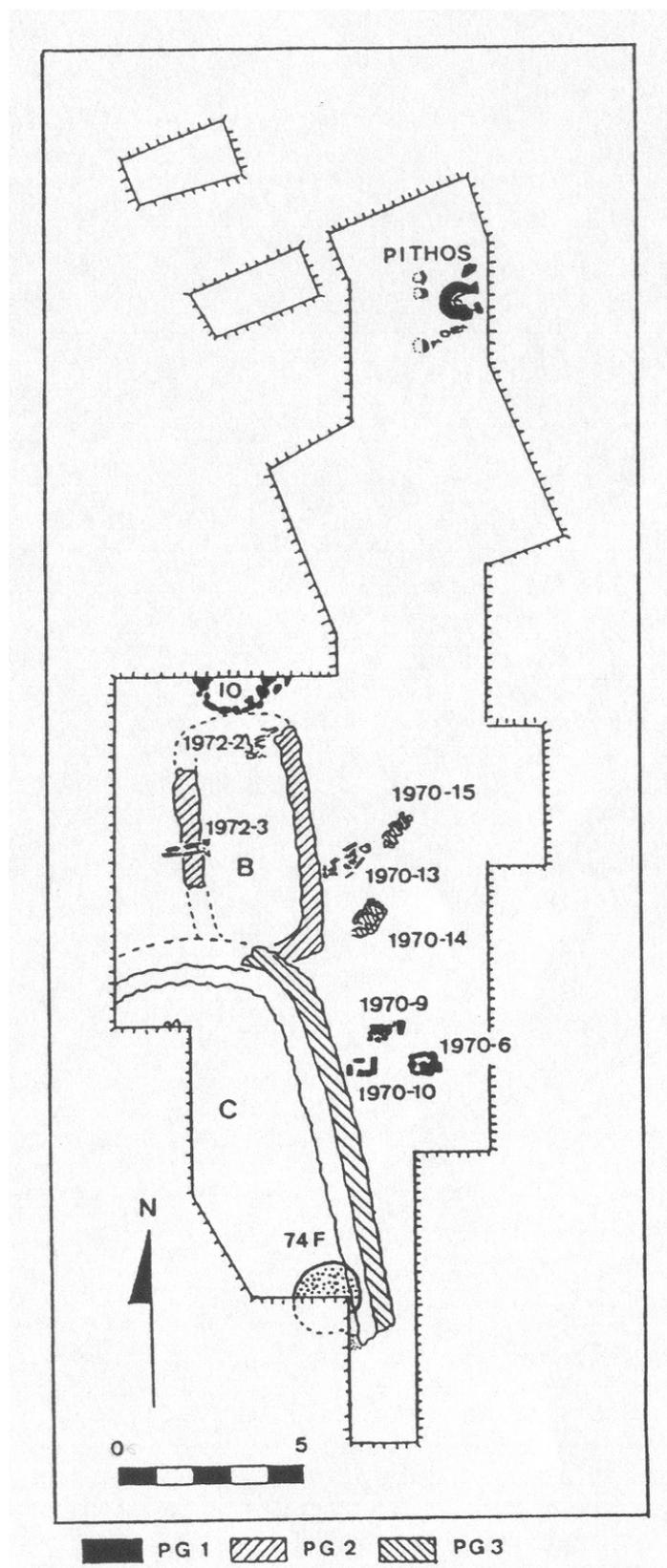
Prancha 33 – Lote Kapsorakhis, Asine. Planta do edifício S, estruturas O, P, Q, R, A77.253, A77.251 e enterramentos B51.53 e B54.



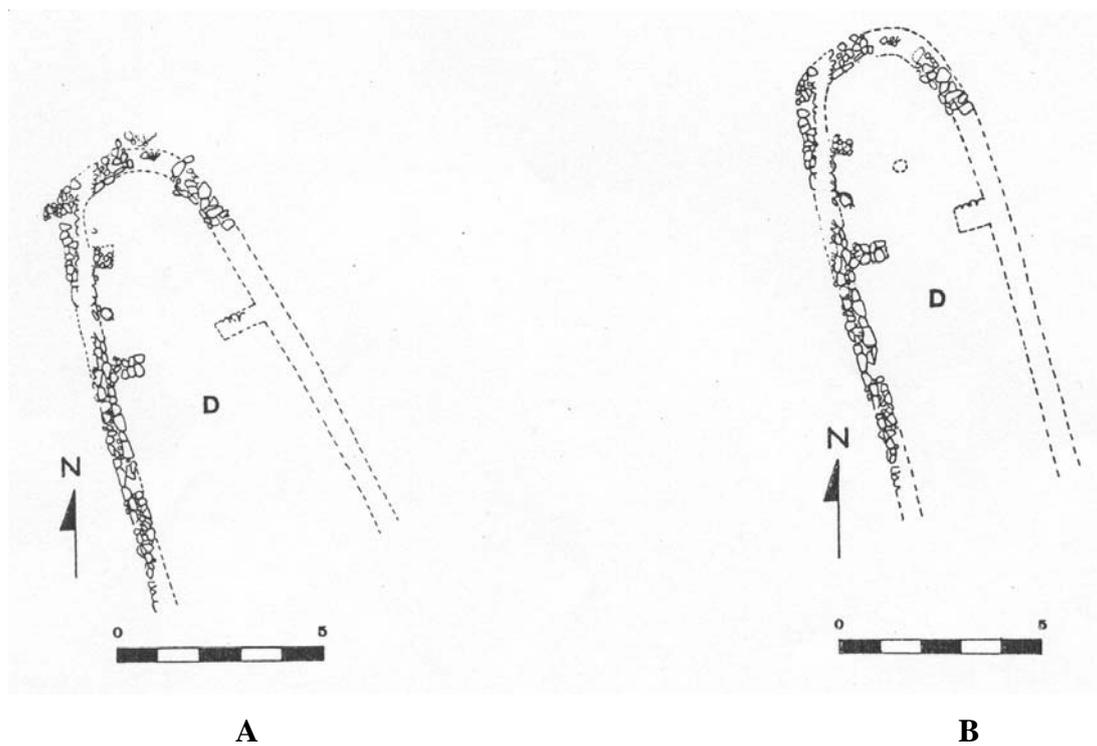
Prancha 34 – Lote Karmaniola, Asine. Desenhos das estruturas das paredes do Edifício C.



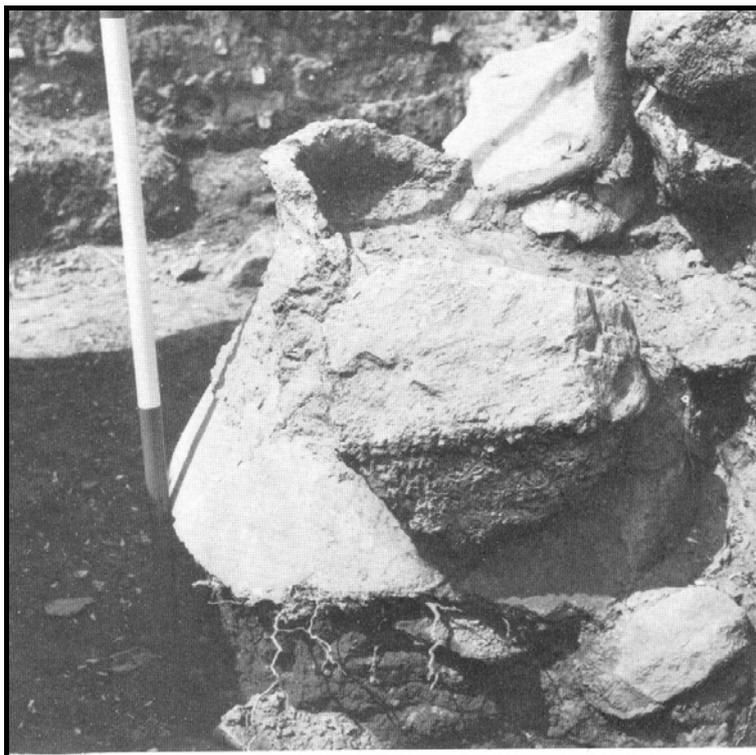
Prancha 35 – Lote Karmaniola, Asine. Jarro associado ao Edifício C.



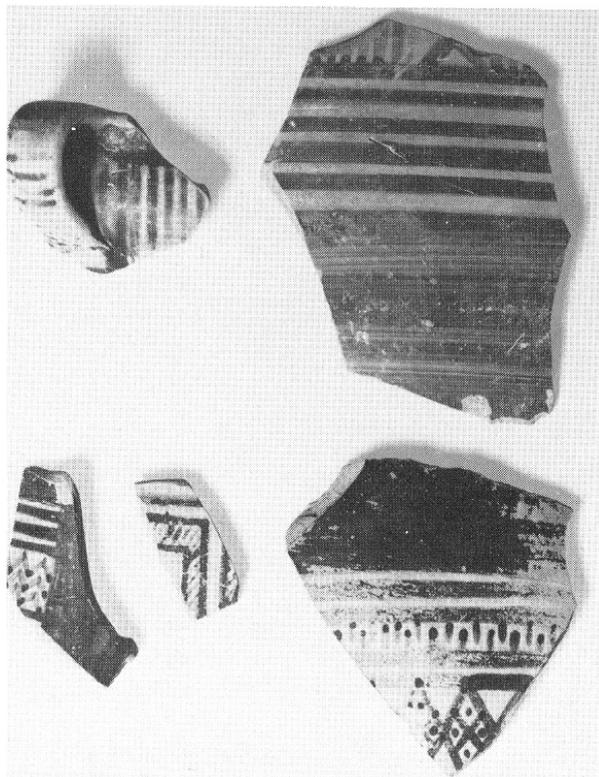
Prancha 36 – Lote Karmaniola, Asine. Plantas dos edifícios B e C, dos enterramentos, a área do *píthos* e a estrutura 74F.



Prancha 37 – Lote Karmaniola, Asine. Plantas restauradas do Edifício D. A) Restaurado por C. Gerner e B) Reconstituição de M. Ainian.



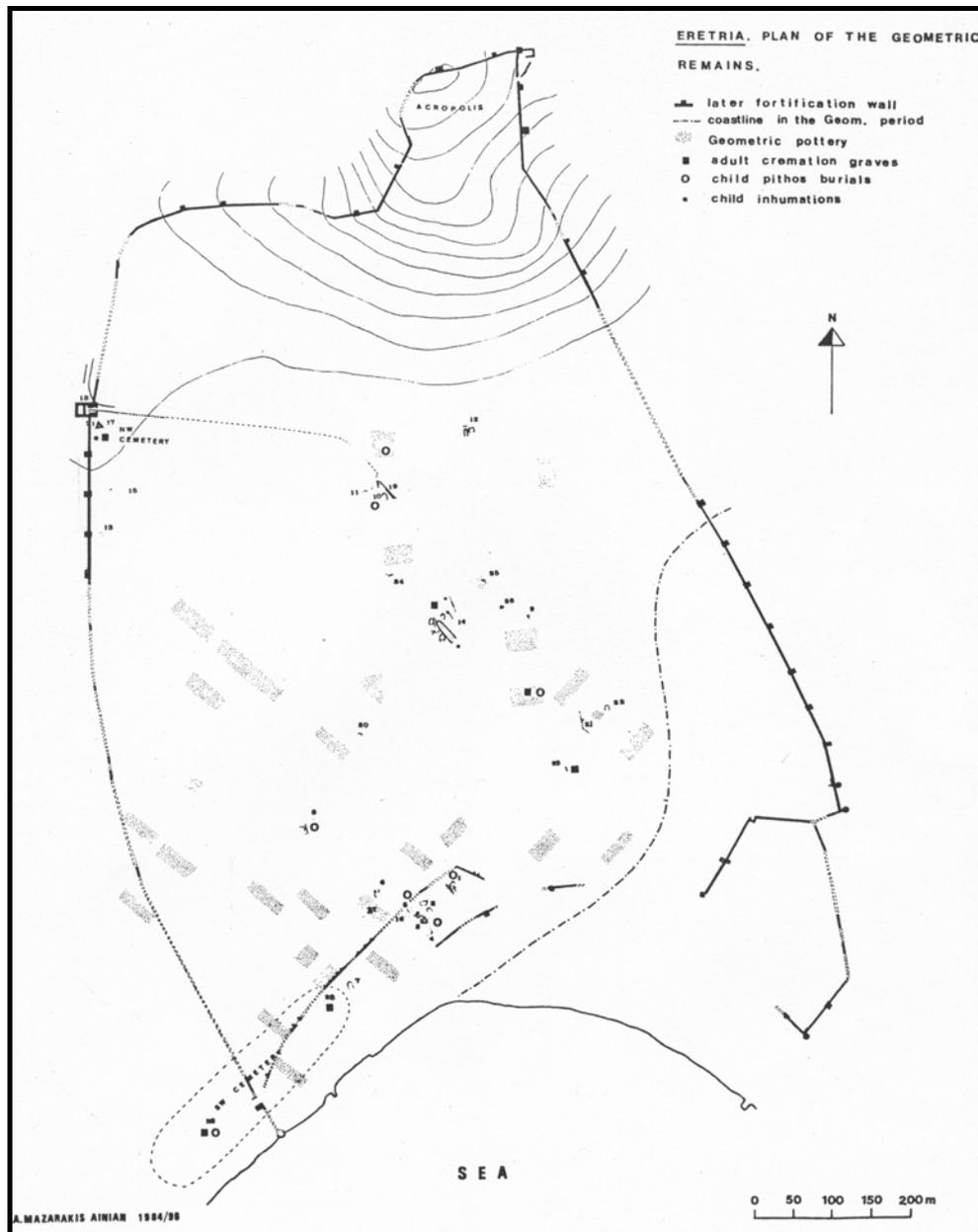
Prancha 38 – Foto do *píthos* da “área sacrificial”.



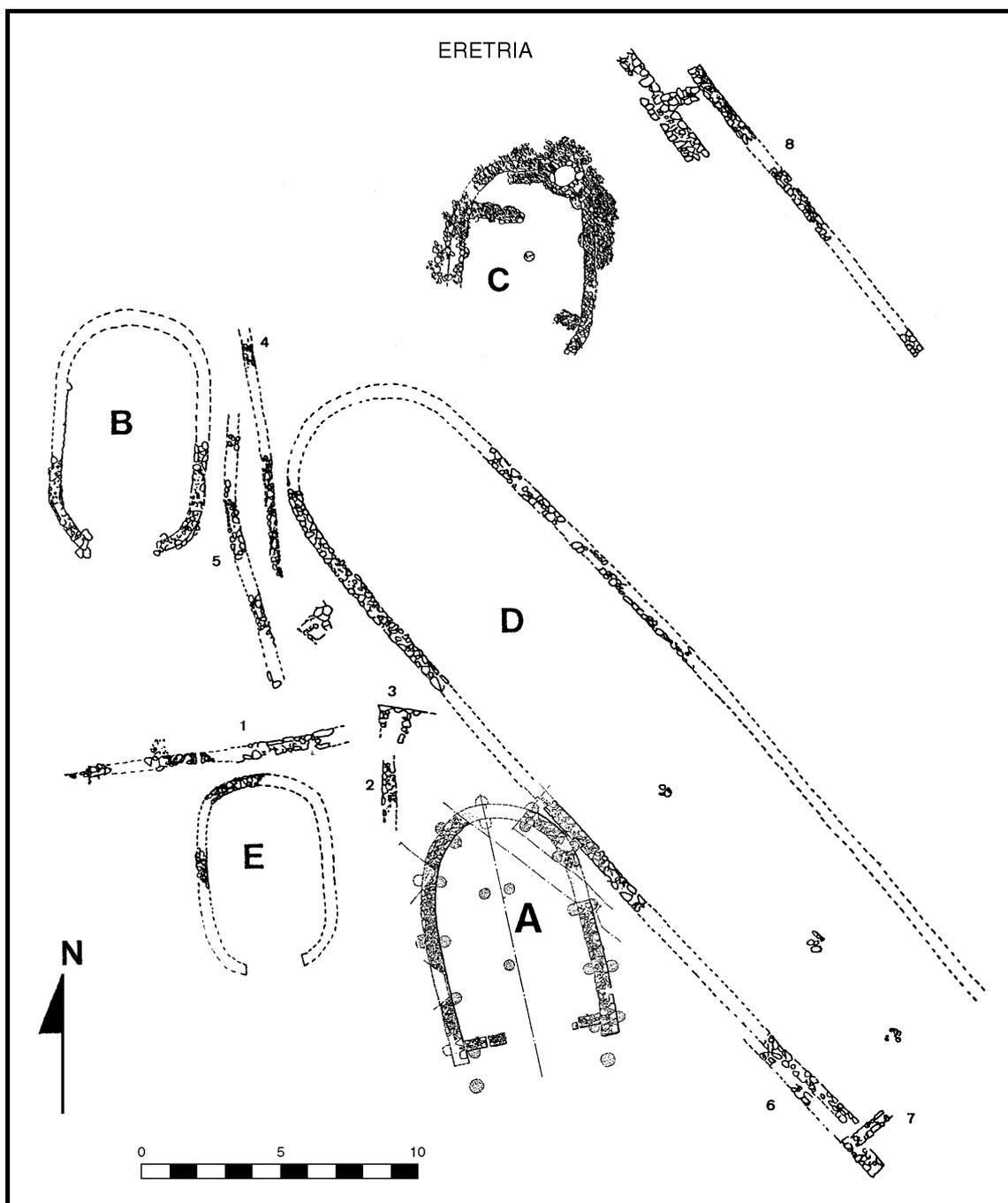
Prancha 39 – Fragmentos cerâmicos encontrados no mesmo nível estratigráfico e no interior do Edifício D.



Prancha 40 – Fragmento de um *skyphos* encontrado no interior do Edifício D.

D) *Erétria*.

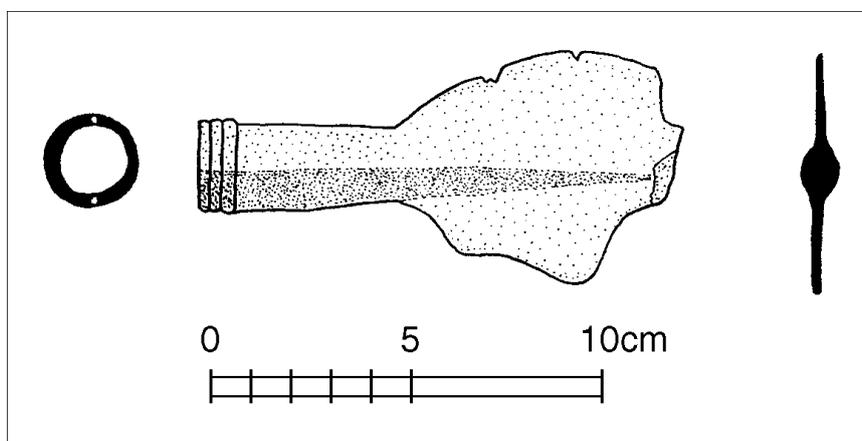
Prancha 41 – Planta do assentamento do Geométrico em Erétria.



Prancha 42 – Planta da área do Santuário de Apolo. Destaques aos Edifício A e ao Templo D.

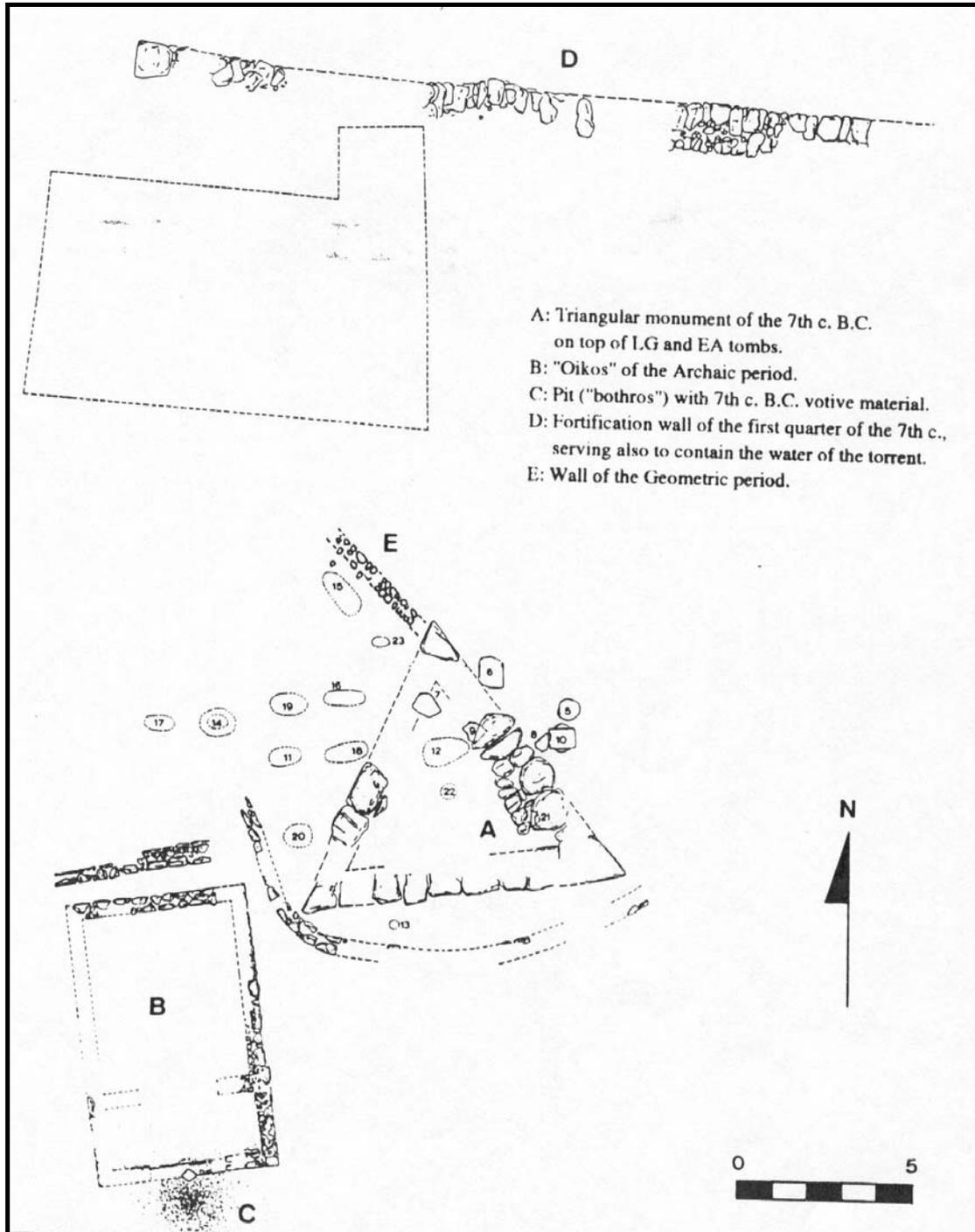


a



c

Prancha 43 – (a) Foto da urna funerária que abrigavam as cinzas de um indivíduo masculino e da ponta de lança e (b) Desenho da ponta de lança de ferro pertencente a um provável *cetiro* micênico, encontrada no **Túmulo 6** no **Cemitério do “Portão Oeste”**, Erétria.

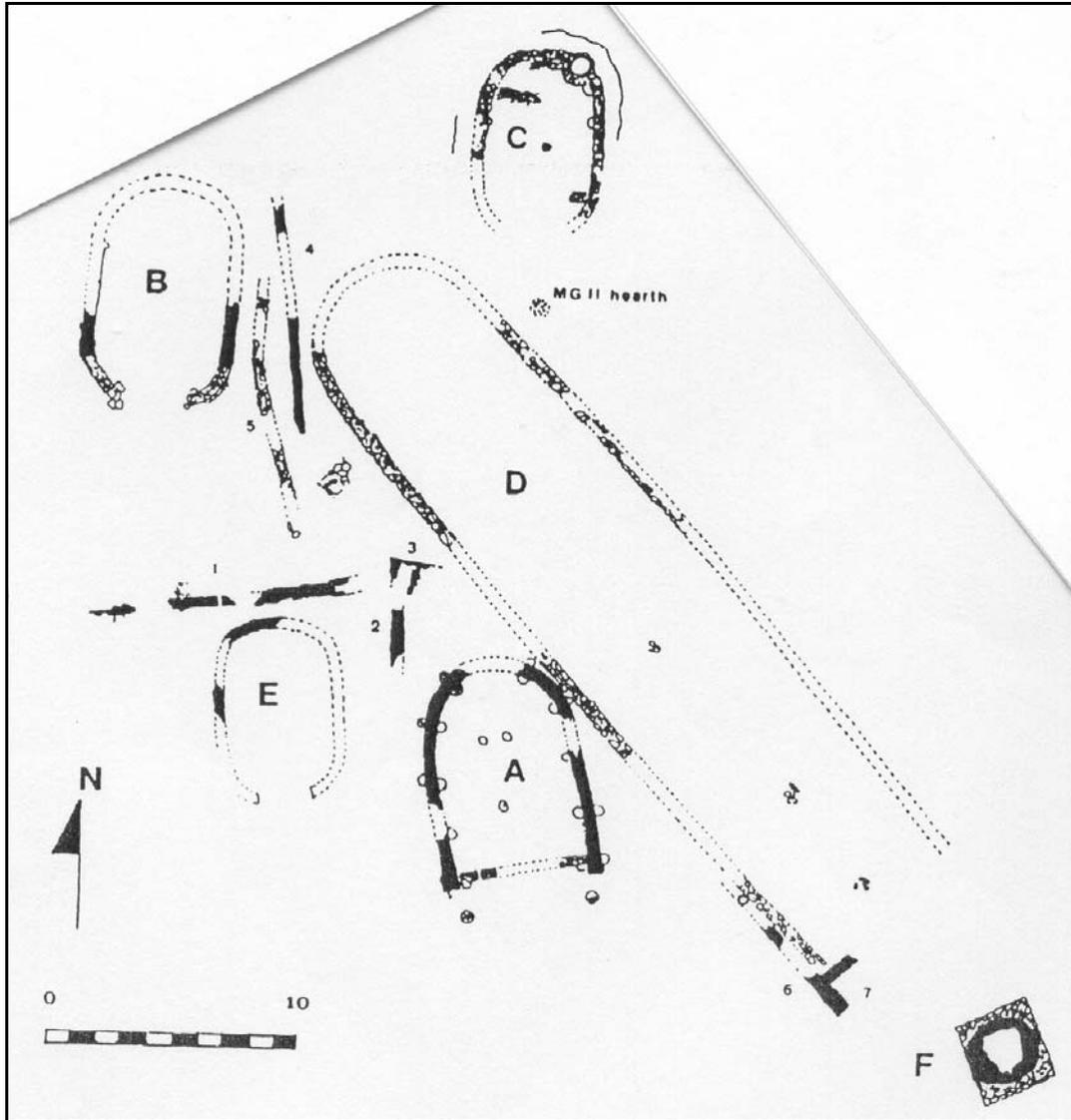


- A: Triangular monument of the 7th c. B.C.
on top of I.G and EA tombs.
- B: "Oikos" of the Archaic period.
- C: Pit ("bothros") with 7th c. B.C. votive material.
- D: Fortification wall of the first quarter of the 7th c.,
serving also to contain the water of the torrent.
- E: Wall of the Geometric period.



b

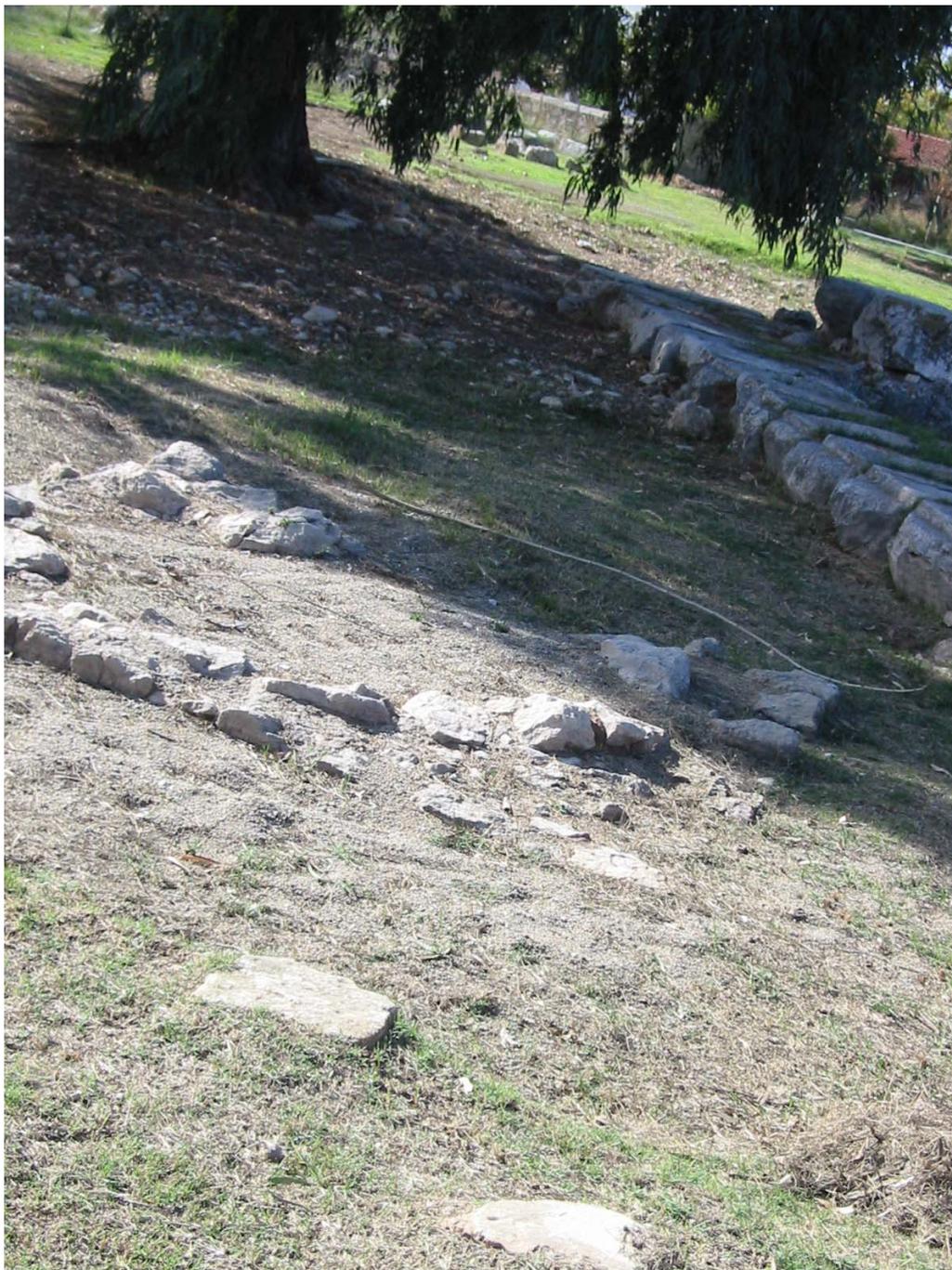
Prancha 44 – (a) Planta dos enterramentos e da estrutura triangular do Geométrico Tardio e Arcaico Antigo no Cemitério do “Portão Oeste”; (b) Foto da base do “*Herôon*” – na horizontal, na parte mais baixa da foto.



a



b

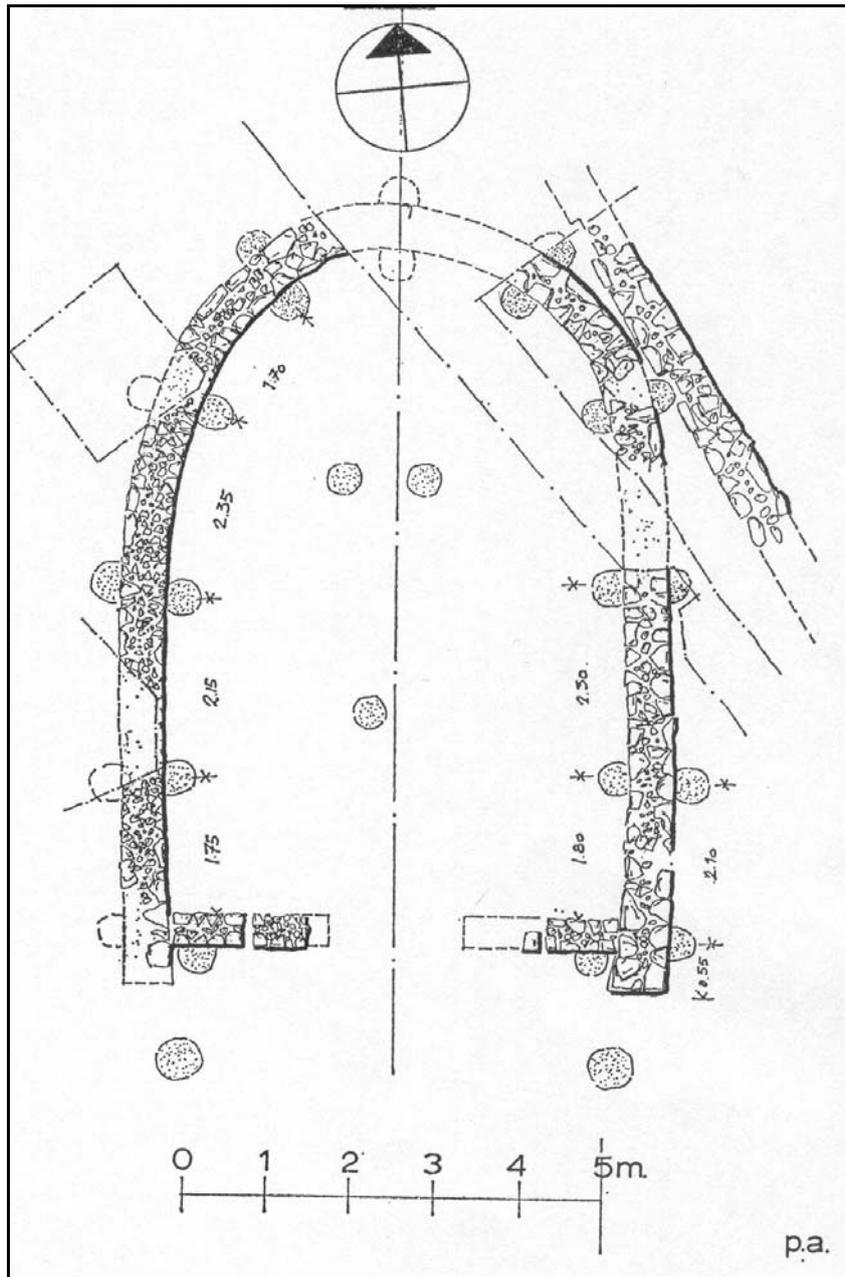


c

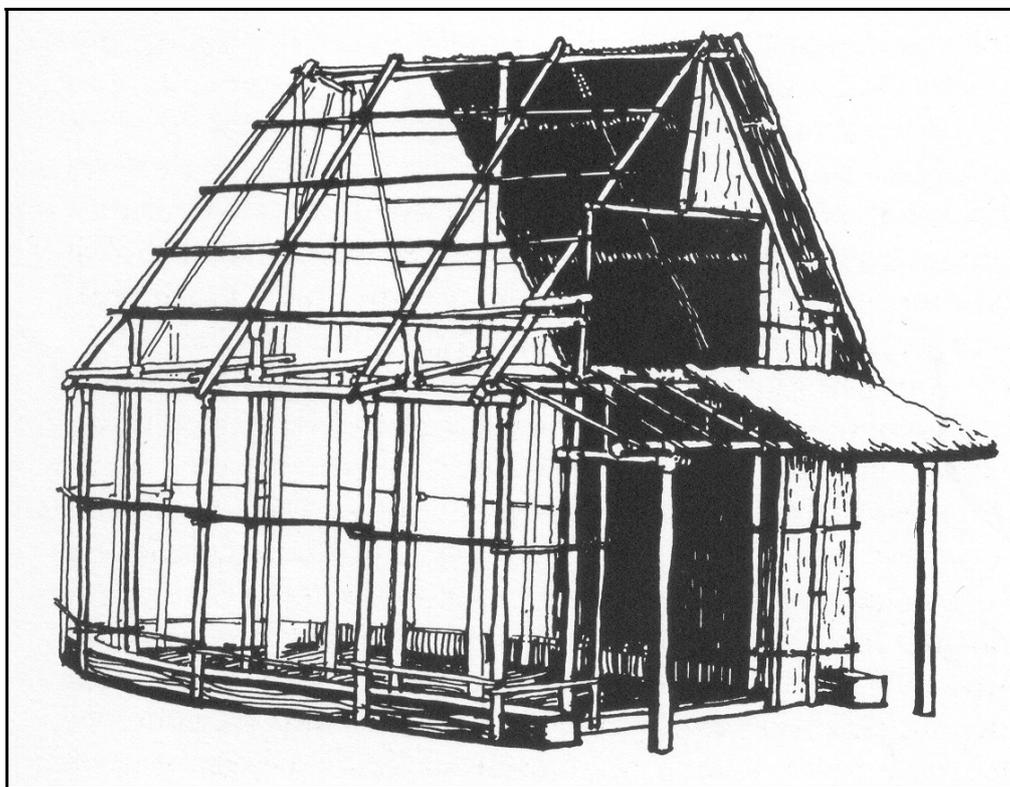
Prancha 45 – (a) Planta dos edifícios na área do Santuário de Apolo. Destaque a estrutura F (altar e *bóthros*) e a lareira do Protogeométrico Médio a nordeste do Templo C; (b) Foto aérea das estruturas arquitetônicas da área do Santuário de Apolo e (c) Foto detalhando a estrutura F.



a



b



c

Prancha 46 – (a) Foto do Edifício A ou *Daphnephoreion*, (b) Planta da estrutura, (c) Reconstituição.



a



b

Prancha 47 – (a) Oferendas, datadas do Geométrico Tardio, associadas ao Templo D;
 (b) detalhe do antolho de bronze importado.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)